JONATHAN EDWARDS

UMA FÉ MAIS FORTE QUE AS EMOÇÕES

DISCERNINDO A ESSÊNCIA DA VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE



EDITADO POR
JAMES M. HOUSTON

INTRODUÇÃO DE
CHARLES W. COLSON

UMA FÉ MAIS FORTE QUE AS EMOÇÕES

Tradução *Cláudia Ziller Faria*

Supervisão editorial *Marcos Simas*

Capa

Oliverartelucas

Revisão *Carlos Buczynski*

Diagramação *Clara Simas*

- UMA FÉ MAIS FORTE QUE AS EMOÇÕES
- PARTE I
- PARTE II
- PARTE III
  - Capítulo V
  - Capítulo vii
  - Capítulo IX
  - Apêndice

UMA FÉ MAIS FORTE QUE AS EMOÇÕES

DISCERNINDO A ESSÊNCIA DA VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE

Jonathan Edwards

Resumido e editado por James M. Houston

Introdução Charles W. Colson



PALAVRA

Brasília © 2005, 1997, 1982 by James M. Houston Cook Communications Ministries, 4050 Lee Vance View, Colorado Springs, Colorado 80918 U.S.A. Originally published 1982 by Multnomah Press, Portland, Oregon 92766

Título original *Faith Beyond Feelings*

Impressão *Imprensa da Fé, SP*

1ª Edição brasileira *Abril de 2007*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da NVI — *Nova Versão Internacional*, da Sociedade Bíblica Internacional. Copyright © 2001, salvo indicação em contrário.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem o consentimento prévio, por escrito, dos editores, exceto para breves citações, com indicação da fonte.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os diretos reservados pela EDITORA PALAVRA CLN 201 Bloco “C” subsolo Brasília - DF CEP. 70832-530

www.editorapalavra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sumário

O objeto e o fundamento dos afetos da graça

Este livro foi impresso em Abril de 2007, pela Imprensa da Fé para a Editora Palavra. Composto nas tipologias Goudy OldStyle e Lucida Console. Os fotolitos da capa e do miolo foram feitos pela Imprensa da Fé.

O papel do miolo é Chamois Fine 67g/m^2 e o da capa é Cartão Supremo 250g/m^2

Prefácio

Prefácio à série Clássicos da Espiritualidade Cristã

Com a profusão de livros sendo agora publicados, grande parte dos leitores cristãos necessita de alguma orientação acerca de uma coleção básica de obras espirituais que permaneçam como companheiras para toda a vida. Esta nova série de clássicos da espiritualidade cristã está sendo editada para oferecer uma biblioteca básica para o lar. As obras selecionadas podem não ser todas conhecidas na atualidade, mas cada uma delas possui um interesse central de relevância para o cristão contemporâneo.

Outro objetivo desta coletânea de livros é o de um des-pertamento. Um despertamento para os pensamentos e meditações espirituais dos séculos esquecidos. Muitos cristãos, hoje, não têm noção do passado. Se a Reforma é importante para suas convicções, eles saltam da Igreja apostólica para o século XVI, esquecendo-se de catorze séculos da obra do Espírito Santo entre muitos que se dedicaram a Cristo. Estes clássicos retirarão o fosso, e

enriquecerão seus leitores por meio da fé e da consagração de santos de Deus através de toda a história.

E assim, nos voltamos para os livros, e ao seu propósito. Alguns deles mudaram a vida de seus leitores. Observe como A *Vida de Antônio,* de Atanásio, afetou Agostinho ou *Um Cha-*

mado Sério para a Vida Santa, de William Law, influenciou John Wesley. Outros, tais como as *Confissões,* de Agostinho, ou a *Imitação de Cristo,* de Thomas à Kempis, têm permanecido como fontes perenes de inspiração através dos séculos. Esperamos de coração que as obras selecionadas nesta série tenham um efeito semelhante sobre nossos leitores.

Cada um dos clássicos escolhidos para esta série é profundamente significativo para o leitor cristão contemporâneo. Em alguns casos, os pensamentos e reflexões do escritor clássico se espelham nas ambições e desejos genuínos do leitor atual, uma identificação de corações e mentes incomum de se encontrar. Assim, alguns indivíduos foram convidados a escrever a introdução do livro que teve um significado tão importante para sua própria vida.

Editando os clássicos

Alguns clássicos de espiritualidade tiveram seus obstáculos. Sua linguagem original, o estilo arcaico das edições mais recentes, sua extensão, as digressões, as alusões a culturas ultrapassadas - tudo isso torna seu uso desestimulante para o leitor moderno. Reimprimi-los (como feito em larga escala no século passado e ainda hoje) não supera estas deficiências de estilo, extensão e linguagem. A fim de buscar pelo grão e remover a casca, o trabalho desta série envolve resumir, reescrever e editar cada um dos livros. Ao mesmo tempo, procuramos manter a mensagem essencial da obra, e manter, tanto quanto possível, o estilo original do autor.

Os princípios de edição são os seguintes: manter as sentenças curtas. Também diminuir os parágrafos. O material é resumido quando há digressões ou alusões a questões específicas de seu tempo. As palavras arcaicas são atualizadas. As conexões lógicas podem ser acrescentadas ao

material resumido. A identidade do tema ou do argumento é mantida o tempo todo em

Os afetos sáo a principal evidência da sinceridade

SALVADORA NA VERDADEIRA RELIGIÃO

mente. Alusões a outros autores recebem uma breve explicação. E textos de rodapé são acrescentados a fim de fornecer resumos concisos de cada seção principal.

Para o cristão, a Bíblia é o texto básico para a leitura espiritual. Todas as outras leituras devocionais são secundárias e jamais deveriam substituí-la. Portanto, as alusões às Escrituras nestes clássicos de espiritualidade e devoção são pesquisadas e mencionadas no texto. É neste ponto que outras edições desses livros ignoram as suas qualidades bíblicas, que são inspiradas e conduzidas pela Bíblia. O foco nas Escrituras é sempre a marca registrada da verdadeira espiritualidade cristã.

O PROPÓSITO PARA OS CLÁSSICOS: LEITURA ESPIRITUAL

Uma vez que nossa cultura impaciente e guiada pelos sentidos torna a leitura espiritual algo estranho e difícil para nós, o leitor deveria estar pronto a ler esses livros com vagar, estar disposto a meditar e a refletir. Não se pode lê-los de maneira afobada, como se lê uma história de detetive. Em lugar da novidade, eles se concentram na recordação, em nos lembrar de valores de conseqüências eternas. Podemos apreciar muitas coisas novas, mas valores são tão antigos quanto a criação de Deus.

O alvo do leitor desses livros não é o de buscar informação. Ao contrário, esses volumes nos ensinam acerca de viver sabiamente. Isso demanda obediência, submissão da vontade, mudança de coração e um espírito dócil e terno. Quando João Batista viu Jesus, reagiu, “Convém que ele cresça e que eu diminua”. Do mesmo modo, a leitura espiritual diminui nossos instintos naturais para permitir que o Seu amor cresça dentro de nós.

Esses livros também não são textos ou pacotes de “como fazer” algo. Eles nos recebem como somos - ou seja, como pessoas, e não como

funcionários. Eles nos guiam para que “sejamos” autênticos, e não necessariamente nos ajudam a promover mais

atividades profissionais. Tais livros demandam tempo para sua digestão vagarosa, espaço para que seus pensamentos entrem em nossos corações e disciplina para deixar que novas percepções “grudem” e tornem-se parte de nosso caráter cristão.

James M. Houston

Nota do Editor

A obra de Jonathan Edwards e a relevância deste clássico

Esta obra de Jonathan Edwards tem valor especial hoje devido à falta de cultivo espiritual da vida interior e seus afetos[1] entre os cristãos. Espero que você, leitor, não perca a paciência nem rejeite o exame profundo de seu coração e seus afetos realizado por Edward. Chegará o momento em que ele o ajudará a ver como a verdadeira vida cristã depende do cultivo das inclinações certas da vontade e dos afetos na direção de uma vida santa. Os pragmáticos não têm amigos porque se limitam a “usar” os outros. O mesmo acontece com os cristãos pragmáticos - que são muito numerosos hoje. Eles usam Deus e não percebem que precisam conhecê-lO intimamente. Limitam-se a falar em nome dEle, usando a Sua autoridade, sem permitir que seus próprios afetos se inclinem para Ele.

De vez em quando temos o privilégio de encontrar príncipes. Jonathan Edwards é aclamado como príncipe tanto no mundo do pensamento quanto na esfera da fé cristã. Como Agostinho e Calvino, ele se coloca como um dos maiores líderes do cristianismo em todo o mundo.

VIDA

Jonathan Edwards (1703-1758) foi o único filho que sobreviveu dos doze que nasceram em uma família de pioneiros numa região distante de East Windsor, estado de Connecticut, nos Estados Unidos. O pai, Timothy, era pastor. Edwards entrou na faculdade Yale com apenas 13 anos e formou-se em 1720. Após passar dois anos ensinando em Nova York e algum tempo em Yale, tornou-se pastor auxiliar de seu avô, Solomon Sto-ddard. Durante os 60 anos de seu ministério, o avô havia construído uma igreja notável em Northampton. Edwards assumiu o pastorado depois da morte do avô e ali serviu por 22 anos.

A pobreza espiritual da congregação incomodava profundamente Edwards. Isso mudou por volta de 1734, quando ele começou a pregar mais sobre a justificação pela graça através da fé. Além disso, ele passou a entender que só deveriam ser membros da igreja aqueles que viviam realmente essa realidade. A condição de membro e a comunhão não eram para os crentes nominais. Uma série de conversões teve início na igreja dele, e depois, avivamentos espalhados em várias congregações desaguaram no Grande Despertamento, liderado por George Whitefield. Enquanto a empolgação com o reavivamento espiritual se intensificava, Edwards tentava, em seu púlpito e seus escritos, defender uma religião do coração consciente e responsável. Durante esse reavivamento, em 1746, Edwards escreveu *Treatise Concerning the Religious Affections (Tratado Sobre os Afetos Religiosos).*

Contudo, quando começou a ensinar a necessidade de um compromisso verdadeiro para participar da Ceia do Senhor, muitos passaram a se ressentir contra ele. Em 1750, a maioria da congregação votou pela sua saída. Aos 46 anos, Edwards se viu com sete filhos dependentes dele, destituído de seu pastorado e sem perspectiva de outra posição que atendesse suas necessidades. Assim, durante os seis anos seguintes, ministrou em uma missão composta de 12 famílias de brancos e 250 de indígenas.

Em 1757, foi convidado a ser presidente da Universidade de Princeton, mas era tarde demais para desfrutar a alegria da recuperação de seu bom nome. Morreu um mês depois de chegar a Princeton. Esse é o homem que escreveu o clássico que apresentamos agora.

Jonathan Edwards mal compreendido

Os príncipes da fé em geral são mal entendidos. Erudito, metafísico e um dos maiores pensadores dos Estados Unidos, Edwards tem sido aclamado por intelectuais seculares que não conhecem o coração de sua obra. Edwards tinha uma fé cristã simples, sem complicações. Ser filho de Deus era, para ele, infinitamente mais importante do que ter se formado muito novo na Universidade de Yale. Mas a academia não sabe o que fazer com a devoção dele a Deus, a não ser considerar tudo um fenômeno cultural do século XVIII, fora de moda hoje. De maneira semelhante à metafísica de John Locke e Isaac Newton, a fé de Edwards é considerada uma característica de um homem de sua época. Os eruditos não enxergam em sua obra *The Freedom of the Will (A Liberdade da Vontade),* de 1754, nada além de raciocínio abstrato genial. Jamais entenderam que não era a filosofia que dirigia sua fé bíblica.

Ironicamente, a admiração dos eruditos tende a enterrar Edwards. Isso impede que a voz dele chegue à consciência do ser humano moderno. Sim, ele será sempre lembrado pela gafe de pregar um sermão intitulado “Pecadores nas mãos de um Deus irado” (1741), mas até isso pode passar despercebido, sendo apenas um sermão entre os mais de 1200 manuscritos arquivados na biblioteca de Yale. Muitos que aceitariam com facilidade Edwards como um deísta sentem que a fé pessoal e os afetos religiosos dele são exposição exagerada para um erudito imparcial. Tudo isso mostra que muitos dos que pesquisaram sobre ele desconhecem o homem, já que rejeitaram sua fé pessoal.

Procuram conhecer seus princípios estéticos, mas não querem conhecer seu Deus.

Acusaram Edwards de ser impossível de ler. Até Alexan-der Smellie, cristão que simpatizava com ele, escreveu, no prefácio da edição de *Afetos Religiosos* de 1898, sobre a “tristeza incontestável” do tom do livro e da

“atmosfera predominantemente de outono e não de primavera”. Já se disse que Edwards dava pouca atenção ao mérito da clareza de estilo e, como resultado, suas sentenças costumam ser longas e complexas demais para o leitor moderno. Mas, depois de reescrever o texto, rejeito a acusação injusta. Ele tinha percepção profunda da verdade e de suas conseqüências e transmitia a mensagem com clareza, precisão e sutileza. Ao reescrever, tentei apenas diminuir o número de referências bíblicas, simplificar as sentenças e reduzir a grande ampliação de suas opiniões. Nesses aspectos, pode-se acusá-lo de ser prolixo. Mas mesmo assim, o mundo em que viveu era mais tranqüilo que o nosso, e ele não era interrompido pelo *staccato* contínuo imposto a nós pela geração da televisão, que tem o período da atenção muito reduzido.

EDWARDS, O ÚLTIMO DOS PURITANOS

Bernard de Clairvaux foi designado o “último dos patriarcas”, então Jonathan Edwards foi o último dos grandes puritanos - pelo menos na Nova Inglaterra. Todas as suas raízes se firmavam na teologia dos fundadores da Nova Inglaterra - homens como Thomas Shepard, que ele citava com freqüência. Embora não fosse tão versado nos escritos dos puritanos, como Charles Haddon Spurgeon seria um século depois, Edwards se igualava a eles na rejeição do arminianismo e no reconhecimento da existência do Deus livre e onipotente de quem a humanidade depende totalmente. Para Edwards, a verdadeira religião era um dom sobrenatural do Espírito Santo de Deus e teria como evidência a reação em afetos. Até o ser humano ter a presença

do Espírito Santo em sua vida, todos os seus desejos naturais e espirituais e suas atividades seriam carnais, no sentido paulino do termo, conforme apresentado em Romanos.

A visão puritana da piedade cristã se baseia apenas nas Escrituras Sagradas. Como se pode ver em seus sermões e outros escritos, Edwards se alimentou e mergulhou na Bíblia durante toda a sua vida. Quanto à exegese das Escrituras, seu discernimento se compara ao de Calvino e John Owen.

Edwards tinha, também, a seriedade de um grande pregador puritano. Via três necessidades: ajudar as pessoas a entenderem a teologia do Evangelho,

sentirem com paixão sua verdade e reagirem completamente à sua realidade. George Whitefield, como aconteceu com Billy Graham na atualidade, foi acusado de muito “entusiasmo” durante o reavivamento de 1740 na Nova Inglaterra. Edwards correu em defesa desse estilo apaixonado de pregação:

Aumento da especulação sobre a divindade não é o de que nosso povo precisa. Existe abundância desse tipo de luz, que não transmite qualquer calor... Nosso povo não precisa de mudança na mente, precisa do coração tocado; e precisa demais desse tipo de pregação, que tende a fazer o que é necessário.

Edwards falava com base em convicções poderosas, fato demonstrado pelas minúcias de suas explicações, pela abundância de raciocínios elaborados com cuidado e pela solenidade com que falava. Como resultado, quem o ouvia não conseguia esquecer o que ele pregava. Saíam com um fervor interno que agitava o mais profundo do coração e abalava os fundamentos de suas opiniões.

Edwards valorizava a necessidade de uma “mente racional”. Defendia que tudo que se passa na alma do ser humano deve ser dirigido pela razão, a faculdade mais elevada do ser humano. “Sem a capacidade de argumentar racionalmente, toda

a nossa prova da existência de Deus acaba”, dizia ele. Pode-se confiar na razão para chegar a conclusões teológicas racionalmente convincentes. Mesmo assim, afirmava que a razão era insuficiente para se chegar à revelação. E enfatizava:

É possível ter um raciocínio firme que não seja bom. A pessoa pode ter força mental para conduzir uma discussão, mas sem avaliar bem os elementos. Não se trata de um defeito no processo de raciocínio, como, por exemplo, quanto há falta de vontade - se tomarmos como diretriz do entendimento o que o raciocínio declare ser melhor ou mais para a felicidade da pessoa no todo de sua duração, então não será verdade que seguiremos sempre a diretriz mais recente do entendimento.

Edwards reconheceu que, devido à decadência humana, por mais competente que o raciocínio seja, ele será atraído à cumplicidade na natureza humana corrupta. Por si mesmo, o raciocínio humano não consegue erradicar o pecado, nem aceitar suas próprias limitações. A futilidade da natureza humana tem, em seu amor a si mesma, infestado nosso raciocínio, consciência e mundo. Assim, a mente também é decaída, desfigurada pelo pecado e por isso o ser humano precisa de mais do que boas intenções. Carece do poder e da presença do Espírito Santo para revelar a Palavra de Deus à mente e influenciar seus afetos. Tragicamente, em nossa geração, a "batalha em defesa da Bíblia" esquece que a revelação bíblica tem a oferecer muito mais do que dados corretos. Ela transforma o coração humano.

Edwards e a verdadeira natureza do reavivamento espiritual

Ao herdar a congregação de seu avô, em 1727, Edwards afirmou que os membros eram como "ossos secos", com forma de santidade, mas sem o poder vivificador de Deus. Em 1734, ele

escreveu *Faithful Narrative of the Surprising Work of God (Narrativa Fiel da Obra Surpreendente de Deus),* onde descreveu um reavivamento que ia contra esse tipo de ortodoxia destituída de poder. Cinco anos depois surgiu o Grande Despertamento, e começaram a aparecer muitas imitações do verdadeiro avivamen-to. Isso levou pastores como Charles Chauncy a criticar, com razão, mostrando a ameaça às igrejas, o emocionalismo vazio e a hipocrisia de alguns participantes do movimento.

Edwards defendeu o reavivamento em 1741, em uma obra intitulada *The Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God* (As *Marcas Características da Obra do Espírito de Deus).* Declarou que o verdadeiro avivamento possuía cinco características: pregação da mensagem de Cristo, ataque ao reino das trevas, respeito à Bíblia, ensino da doutrina sólida, insistência no amor a Deus e ao próximo. Porém, em *Thoughts on the Revival in New England (Reflexões Sobre o Reavivamento na Nova Inglaterra),* de 1742, Edwards estava ansioso para denunciar a falsidade de uma religiosidade que tinha raízes no amor-próprio e era, portanto, carnal. Todas essas obras o ajudaram a escrever o *Tratado Sobre os Afetos Religiosos,* obra-prima na abordagem de um problema que ainda hoje é

atual. Edwards defendia que comunicar a verdade de maneira destituída de vida é uma incongruência, uma contradição. É necessário uma noção do que se quer transmitir para conseguir alcançar o objetivo. Na cultura racionalista contemporânea, nunca é demais lembrar que o pensamento não pode, jamais, substituir a vida. Fazer isso é usar o pensamento da pior forma possível. A melhor é usá-lo como meio de viver a verdade. Essencialmente, o intelecto deve ser visto como instrumento, nunca como um fim por si só. Bernard de Clairvaux, Bonaventura, Pascal e Kierkegaard enfatizaram esse ponto.

A mente pode exercitar seu discernimento na ética, por exemplo, mostrando o melhor caminho a percorrer. Mas a decisão final quem toma é o coração, seja ela certa ou errada. Todavia, afirma Edwards, o coração nunca escolhe o certo, nem sua

escolha é livre do amor-próprio. A única maneira de libertar o coração do ego é a consciência do amor e da graça de Deus. Isso só o Espírito Santo concede. Os verdadeiros santos de Deus são, então, os que possuem “o senso do coração” como um princípio novo e permanente em seu caráter. Isso difere muito de emoções efêmeras e comoções de reavivalismo, assim como a credulidade simples e o ativismo tão presentes na vida contemporânea. O ativismo não deixa qualquer marca permanente de santidade na personalidade do indivíduo.

O “senso do coração” confere um conhecimento novo e único da graça de Deus no íntimo da pessoa. O filho de Deus é como a criança que recebe vários novos relacionamentos quando é adotada por outra família. A adoção sobrenatural resulta em novos hábitos de devoção por causa da experiência em primeira mão da obra do Espírito Santo na alma. É um conhecimento experimental que fornece sua própria validação.

Assim, Edwards entendia que a natureza da verdadeira religião consistia em ter “afetos da graça” ou “sagrados”. Não foi o primeiro a enfatizar isso. William Fenner, puritano que viveu cerca de um século antes dele, escreveu, em 1642, A *Treatise of the Affections (Tratado dos Afetos)*, embora Edwards provavelmente nunca tenha lido essa obra. Mas a noção puritana de que “as questões da vida brotam do coração” é uma tradição bíblica que enfatiza a necessidade vital de ter o “coração preparado”.

A santificação do coração ao ser justificado demonstra a verdade da vida justificada.

Resumo dos afetos religiosos

Hoje, a forma de organização, institucionalização e propagação da fé cristã leva a grandes distorções. Edwards defendia a existência de uma dimensão religiosa na vida que consiste em larga escala dos afetos. Tentar reduzir ou distorcer a realidade intrínseca dessa esfera da vida humana foi e continua sendo um assunto

muito sério. Ademais, Edwards defendia que a piedade pessoal nunca é tão privada a ponto de não poder ser examinada e julgada em público para verificar se seu caráter é genuíno ou falso.

Na primeira seção deste clássico, Edwards usou o texto de 1 Pedro 1:8 para lembrar que a perseguição sempre é um bom teste para revelar se a vida religiosa é genuína. Ajuda a distinguir os “afetos da graça” dos “falsos”. Além disso, ele separou afetos e paixões. Estas são emoções sombrias e incontroláveis que impedem a formação dos “afetos da graça”. Para Edwards, o afeto principal é o amor, a fonte de todos os outros. Com muitas ilustrações conclusivas das Escrituras, ele mostra o papel central desempenhado pelos afetos no pensamento e na linguagem da Bíblia.

Na segunda parte, Edwards descreve os sinais que indicam afetos falsos. Preocupa-se especialmente com pessoas que limitam a presença e o poder do Espírito Santo a determinadas esferas de operação. Mostra, também, ceticismo diante da existência apenas de atividades, como leitura, oração, cânticos ou forte autoconfiança nas atividades religiosas como sinal dos verdadeiros afetos. Todavia, não é nossa função julgar a motivação alheia, de modo que devemos prestar atenção a nós mesmos.

Na terceira e mais longa parte deste livro, Edwards apresenta um relato completo dos “doze sinais dos afetos da graça”. O primeiro afirma que somente a presença e o poder do Espírito Santo geram os verdadeiros afetos dirigidos a Deus. A origem dos afetos da graça, de acordo com o segundo sinal, é ver Deus como Deus. O amor a Deus resulta das Suas qualidades e não de nossa necessidade dEle. Assim, segundo o terceiro sinal, os afetos só

se desenvolvem à medida que nos deleitamos na santidade de Deus. Aí, a visão de Deus basta para nos quebrantar e nos deixar humildes na Sua presença. Edwards afirma, no quarto sinal, que os afetos da graça carecem de entendimento espiritual conferido pelo Espírito Santo. Sem isso, eles permanecem frios e inadequados.

Entretanto, de acordo com o quinto sinal, os afetos são sustentados por evidências reais e históricas. Isso desafia o incrédulo e reforça a fé do crente. O sexto sinal declara que nosso senso de inadequação pessoal e o anseio profundo por Deus provocam os afetos da graça a fluir e continuar fluindo. O orgulho espiritual é, então, a causa mais grave que impede o fluxo dos afetos. Por isso a "humilhação evangélica" é tão essencial para o povo de Deus. O sétimo sinal aponta para a mudança de caráter que resulta da conversão. Os afetos da graça nos tornam mais parecidos com Cristo. O oitavo sinal revela que eles produzem o espírito manso e bondoso de Jesus, e o nono mostra que a pessoa possuidora dos afetos da graça será bondosa e sem a "dureza de coração" que caracteriza os ímpios.

No décimo sinal Edwards afirma que uma vida terá equilibro de temperamento e virtudes, assim como caráter consistente e estável. Quanto mais essas características forem encontradas no cristão, mais anseio ele sentirá por Deus. Este é o décimo primeiro sinal: Deus, em sua santidade, parecerá mais inatingível, e mesmo assim o ardor para se aproximar dEle e parecer mais com Ele aumentará.

Finalmente, o décimo segundo sinal mostra que a realidade da experiência cristã se encontra na prática dessas virtudes. Sem isso, o cristianismo se reduz a um sistema imaginário de pensamento, sem sustentação como uma realidade de formação para a vida autêntica. Diante de tudo isso, confessar a fé em Deus implica viver governado por emoções santas, tais como temor e reverência a Deus, tristeza e arrependimento pelo pecado, alegria pelo amor permanente de Deus e amor ao próximo.

O TEXTO DOS AFETOS

É possível que a simplificação do vocabulário e o resumo do texto original causem mais impacto em muitas pessoas. O primeiro resumo da edição inicial de 1746, em Boston, foi feito

por William Gordon, com base na primeira edição em inglês, feita em 1762. O resumo tirou um terço do texto original. Com base nesse resumo, John Wesley o reescreveu em 1773 - trabalho que foi publicado em 1801, após a morte de Wesley. O original foi traduzido também para o holandês (1779) e galês (1883). A presente edição resumida, que contém cerca de dois terços do texto integral, tomou como base a edição de Worces-ter de 1808, mas também usou como referência o texto padrão de Yale, editado por John E. Smith em 1959 para a Yale Univer-sity Press. O método adotado para resumir foi eliminar algumas citações bíblicas extensas, substituindo-as pelas referências; condensar parte do material ilustrativo, ficando com apenas um exemplo; reduzir parte das digressões mais extensas e, de modo geral, encurtar sentenças e parágrafos.

Hoje, o Movimento *Born-Again*[2], o reavivamento contemporâneo nos Estados Unidos, corre o risco de nascer morto por falta do alimento espiritual dos "afetos da graça". Charles W. Colson, autor de *Born Again (Nascido de Novo)* e *Loving God (Amando Deus)*, possui a mais alta qualificação para escrever a introdução a seguir sobre a relevância dos *Afetos Religiosos* de Edwards para nossa geração. Sou profundamente grato a Colson por sua boa vontade para escrever a introdução.

James M. Houston

2. *Born again* significa nascido de novo. Sendo a religião protestante a seguida pela maioria dos cidadãos dos Estados Unidos, houve um esfriamento na igreja. As pessoas se declaram protestantes sem ter qualquer vínculo real com a igreja e, o que é pior, com Cristo. Surgiu, então, há alguns anos, uma distinção. Os cristãos que buscam relacionamento profundo com Deus, que levam a sério a Igreja como Corpo de Cristo, que passaram por experiências profundas com Cristo, procuraram uma forma de se distanciar das denominações decadentes. Por isso, surgiu o termo *born again*. Quando a pessoa se apresenta como *born again* ela quer dizer que passou pela experiência do novo nascimento e possui um relacionamento verdadeiro com Deus. (N. da T.)

26/3/2007 11:36:46

Uma fé mais forte que as emoções.indd 22

Introdução

Um profeta fala dos afetos religiosos

Quando meu caro amigo James Houston me convidou para escrever a introdução de um dos livros da série Clássicos da Espiritualidade Cristã, não hesitei em escolher uma obra de Jonathan Edwards.

Fiz isso, em primeiro lugar, porque admiro Edwards, considerado o maior teólogo da história dos Estados Unidos, descrito por alguns como o intelecto mais brilhante surgido até hoje na América do Norte. Pregador clássico e escritor que influenciou profundamente o Grande Despertamento do século XVIII, ele foi também um profeta para a Igreja de seus dias, criticando os excessos cometidos pelo movimento. As páginas que você lerá a seguir resultaram dessa crítica e são uma de suas obras mais brilhantes - o *Tratado Sobre os Afetos Religiosos.*

O segundo motivo que me levou a escolher Edwards foi que a obra dele é mais do que uma mensagem isolada aos cristãos de seus dias - é uma declaração clássica da verdade eterna, penetrante e profética. A igreja ocidental - em grande parte longe do caminho, aculturada e infestada pela graça barata -precisa desesperadamente ouvir o desafio de Edwards.

EDWARDS, O HOMEM

Mas, antes de tudo, gostaria de sugerir que conhecêssemos o homem e olhássemos a vida desse notável erudito, teólogo, pastor, presidente de universidade, missionário e grande pensador. Isto porque a vida de Edwards demonstra um dos princípios básicos de sua crença religiosa: a verdadeira doutrina tem de ser vivida, demonstrada não apenas por afirmações intelectuais, mas através de ações.

Muitos julgamentos errados levam as pessoas a terem dificuldade para entender Edwards. Para muitos, a reputação dele baseia-se em um único sermão, “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, e uma imagem, a do pecador desamparado pendurado por uma corda frágil e desfiada sobre o terrível fogo do inferno.

Esse sermão memorável transmite a imagem de um pregador sensacionalista, pronto a falar sobre fogo e enxofre do inferno, batendo no peito e aterrorizando seu rebanho do púlpito até levar todos ao arrependimento e ao Reino de Deus.

“Pecadores”, como todos os sermões de Edwards, tem base bíblica, lógica inexorável e várias imagens que apresentam a realidade das Escrituras ao público. Foi pregado no estilo próprio de Edwards. Ele se inclinava sobre o púlpito, raramente olhava para o auditório enquanto lia o manuscrito em tom monótono. Mesmo assim, as imagens vívidas e a irrefutabilidade de seus argumentos provocavam demonstrações profundas de tristeza e arrependimento nos ouvintes. O sermão não foi apenas uma tentativa de aterrorizar a congregação, como alguns sugeriram, já que a descrição da ira de Deus foi acompanhada por uma descrição igualmente vívida da mão protetora de Deus e de Sua graça e amor.

Outro engano liga Edwards aos puritanos dos Estados Unidos. Porém, quando ele nasceu, em 1703, os colonizadores já não eram todos peregrinos em busca de liberdade religiosa. Muitos eram aventureiros atraídos à colônia pela promessa de

prosperidade material. Um estudioso da época comentou: “A maioria dos americanos tinha o princípio implícito de que religião era um assunto privado - a função da Igreja era estimular a piedade pessoal e não colocar em cheque a ética de uma comunidade movida pelo incentivo ao lucro”.

Edwards condenou o materialismo de sua época e insistiu que a fé humana não era uma questão de associação conveniente com a igreja, nem religiosidade socialmente aceitável, mas sim uma questão do coração ativado pela vontade. Segundo ele, as ações demonstram o verdadeiro cristianismo - praticar, não apenas ouvir, a Palavra.

Estudiosos se concentram na obra brilhante - e muitas vezes profundamente complexa - de Edwards e acabam deixando de lado os detalhes de sua vida pessoal. Começando seus estudos de latim, hebraico e grego aos cinco anos, Edwards foi uma criança precoce, com imensa curiosidade intelectual. Seu primeiro grande trabalho escrito, um estudo exaustivo sobre aranhas

voadoras, que revela uma mente penetrante e conhecimento profundo de ciência natural, foi escrito quando ele tinha 11 anos.

Edwards entrou na Universidade de Yale com 13 anos e se formou aos 17. Permaneceu em Yale para fazer o mestrado e dar aulas. Em 1726, foi convidado para ser pastor auxiliar na igreja de Northampton, que ficava na cidade do mesmo nome, no estado de Massachusetts, e era pastoreada por seu avô, Solo-mon Stoddard, que morreu logo depois da chegada de Edwards. O neto o sucedeu no pastorado. Em 1727, casou-se com Sarah Pierrepont. Tiveram 12 filhos e viveram a vida toda um romance incomum, inflamado pelo compromisso e pelo relacionamento que ambos tinham com Cristo.

Embora de saúde frágil e perseguido pelas doenças, Edwar-ds passava 13 horas por dia no gabinete pastoral, estudando a Bíblia, orando e aconselhando os membros da igreja. Especialmente depois que o reavivamento tomou conta da congrega-

ção, em 1734, as pessoas faziam filas em busca de seus conselhos. Relatos da época dão conta de que as tavernas das redondezas perderam muitos fregueses - as pessoas pararam de fazer confidências ao dono do bar e passaram a procurar Edwards em busca de orientação espiritual e ajuda prática.

Se Edwards fosse um pastor sisudo e sádico, que sentia prazer em aterrorizar a congregação com descrições do inferno, como alguns escreveram, certamente não teria sido um confidente tão acessível a suas ovelhas. Seu coração caloroso e compassivo demonstra o contrário. Tomando Cristo como modelo, Edwards declarou: “verdadeiros afetos da graça... são observados com o... espírito e temperamento de Jesus Cristo... naturalmente produzem e promovem espírito de amor, mansidão, tranqüilidade, perdão e misericórdia, como aparecia em Cristo”.

A única diversão de Edwards era cavalgar todos os dias. Ele amava o silêncio da mata, que fornecia terreno fértil para pensar. Sempre preparado, levava caneta e pedaços de papel aonde quer que fosse. Enquanto cavalgava, anotava pensamentos, pregava os pedaços de papel na lapela e copiava-os no diário ao voltar para casa - isso levou a comentarem que o

pastor Edwards saía para andar a cavalo ao meio-dia, no verão, e quando voltava parecia estar coberto de neve, de tantos pedacinhos de papel que pregava na roupa.

UMA VOZ PROFÉTICA

Edwards estava no centro do Grande Despertamento de 1740. Sua igreja começou a passar pela experiência antes mesmo do movimento atingir as outras colônias. Contudo, ele logo se viu na função dupla de defensor e crítico do avivamento.

Quando os excessos emocionais do Avivamento, demonstrados por convertidos empolgados (desmaios, gritos, convulsões e outras manifestações semelhantes), provocaram a crítica dos observadores, Edwards defendeu a obra do Espírito Santo

convencendo do pecado algumas vezes de maneira dramática. Mas ele também reconhecia que sempre que Deus realiza uma grande obra, surge a tentação correspondente para a obra da carne. Então, em 1742, pregou uma série de sermões advertindo que Satanás havia, realmente, assumido um papel de destaque na situação. Em suas meditações, percebeu que era urgente os cristãos aprenderem a discernir as verdadeiras marcas do arrependimento e da nova vida em Cristo.

Foi assim que surgiu o brilhante *Afetos Religiosos* - obra que demonstra o compromisso de Edwards com a verdade bíblica de que a verdadeira fé se manifesta por frutos de arrependimento e gratidão do pecador pela misericórdia de Deus.

Pela metade do século XVIII, o relacionamento de Edwards com a congregação começou a se deteriorar, pois ele discordava de uma prática comum, a Meia-Aliança, criada por seu avô. Como o nome mostra, foi uma concessão à situação política da época.

Era sempre socialmente vantajoso ser associado a uma igreja, então essa aliança dava aos membros a oportunidade de batizar os filhos (embora não pudessem participar da Santa Ceia nem votar nas decisões da congregação),

até mesmo sem declararem compromisso com Cristo nem disposição para obedecer aos Seus mandamentos.

E, com a coragem exemplar de um homem que defende suas convicções em vez de se render a pressões sociais e políticas, Edwards rejeitou a Meia-Aliança. Em uma seqüência de acontecimentos repletos de emoção, a congregação se voltou contra ele e convocou uma assembléia para votar sua demissão.

Edwards não falou em sua própria defesa, mas pediu que fosse julgado apenas por quem o tivesse ouvido pregar ou lido o que escrevera sobre o assunto em questão. O pedido não foi atendido e ele se afastou da batalha, afirmando que a vingança não era responsabilidade dele e sim de Deus.

A votação foi 200 a 20 contra Edwards. Anos mais tarde, entretanto, o cabeça do movimento, claramente torturado pela

culpa, se manifestou em um jornal de Boston, com um longo pedido de perdão por sua participação no processo contra Edwards.

Edwards passou seis meses desempregado e então foi convidado a pastorear uma igreja em Stockbridge, no estado de Massachusetts, onde seria também missionário entre os índios. Embora as vicissitudes da vida tivessem arruinado sua saúde, seu amor pelos índios levou-o a realizar um ministério poderoso. Nessa época escreveu várias de suas obras principais, inclusive *Tratado Sobre a Liberdade da Vontade* e *Tratado Sobre o Pecado Original.* Com isso a reputação teológica e intelectual dele se espalhou por toda a América do Norte e também pelo exterior.

Em 1757, o reitor da Universidade de Princeton, Aaron Burr, genro de Edwards, morreu subitamente. A universidade convidou Edwards para assumir o cargo. Ele alegou que não era qualificado suficientemente como orador, e, com relutância, aceitou o cargo.

Naquela época, a varíola era uma doença mortal nas colônias. Era, também, tema de sermão de muitos pastores, alguns atacando com veemência as experiências com vacinas e outros pregando a favor. Edwards não fez

discursos sobre os benefícios da pesquisa sobre a varíola, limitou-se a se oferecer como candidato à vacinação.

Como já possuía saúde frágil, sofreu uma reação séria à inoculação da vacina e, em seguida, contraiu a doença. Cinco semanas depois de assumir a reitoria de Princeton, Jonathan Edwards morreu. Tinha 55 anos de idade.

O VAZIO MODERNO

As obras de Jonathan Edwards continuam vivas até hoje, como clássicos da literatura cristã. Para apreciar por completo a relevância penetrante dessas obras na cultura ocidental mais de dois séculos depois de serem escritas, é necessário analisar com discernimento o mundo atual.

Fico estarrecido ao notar que as principais características da cultura atual são narcisismo, materialismo e hedonismo generalizados. Nos Estados Unidos, nos apresentamos como país cristão, sendo que cinqüenta milhões de habitantes, segundo o Instituto Gallup, se declaram “nascidos de novo”. Mas a cultura é dominada quase que totalmente pelo relativismo. O pensamento “preocupe-se com o que lhe diz respeito” nos “libertou” da estrutura absoluta de fé e crença e nos deixou a vagar num mar de inexistência.

Tornamo-nos, em um nível assustador, vítimas do conformismo alienado - voltados para nós mesmos, indiferentes, de coração vazio - o “homem vazio” sobre o qual T. S. Eliot escreveu no início do século XX. O niilismo predomina nesta era destituída de espírito.

Um exemplo trágico foi a morte de David Kennedy, terceiro filho do senador Robert Kennedy. Um amigo, triste com a morte, comentou:

- David não tinha nada que o prendesse à vida. Mesmo quando não estava drogado, a personalidade dele era tomada por um sentimento profundo e arrasador de nii-lismo. Ninguém, nenhum emprego, nenhuma distração lhe dava alguma coisa para se ligar.

Esse vazio é o que Dorothy Sayers, sagaz contemporânea de C. S. Lewis, chamou de “pecado que não acredita em nada, não se importa com nada,

não quer saber de nada, não interfere em nada, não gosta de nada, não odeia nada, não encontra propósito em nada, não vive para nada e só continua vivo porque não há nada que o leve a morrer".

Esse nada é uma premissa subjacente no *Tratado Sobre os Afetos Religiosos.* Edwards enfatizou que os afetos são a "fonte dos atos dos seres humanos". Como, por natureza, o ser humano é inativo, toda atividade cessa se ele não for movido por um afeto. Edwards escreveu: "Se tirássemos todo amor e ódio, esperança e medo, ira, zelo e desejo afetuoso, o mundo ficaria,

em grande escala, imóvel e morto; não existiria na humanidade o que chamamos de atividade, ninguém se dedicaria a buscar nada".

Embora ele talvez estivesse falando abstratamente sobre a natureza da vida destituída de afetos, suas palavras fazem um paralelo próximo às de Dorothy Sayers e são um retrato trágico de nossos dias.

Na sociedade entorpecida, egocêntrica e materialista de hoje é claro que o maior tirano a vencer não é o totalitarismo, mas sim o niilismo. Nós, como cultura, nos tornamos escravos da auto-satisfação. Em suma, o vilão vive dentro de nós.

Se você pensa que essa visão é extrema demais, considere apenas algumas manifestações:

Em nome do "direito" da mulher controlar seu próprio corpo, um milhão e meio de crianças ainda não nascidas foram assassinadas nos Estados Unidos em um ano. Mais seres humanos foram jogados fora no país desde a legalização do aborto na década de 70 do que durante o Holocausto na II Guerra Mundial. Qual, pergunto eu, é o tirano com maior alcance - Hitler, ditador maníaco, ou nossa sociedade destituída de sentimentos e indiferente? Alguns "religiosos fanáticos" se manifestam com veemência, mas a maioria das pessoas não se importa com essas mortes.

Como sociedade, acreditamos na afirmativa de Sócrates de que o pecado é resultado da ignorância, e de Hegel, de que o ser humano está em processo

de elevação moral através do aumento do conhecimento. Acabamos com todo sentimento de responsabilidade individual.

Quanta ilusão! Aqui, nesta sociedade com mais instrução e maior progresso tecnológico que já se viu, a taxa de divórcio cresce há décadas, o número de crimes disparou, o abuso infantil existe em toda parte e inúmeras famílias foram destroçadas. Uma cultura destituída de valores alimenta o mais terrível dos tiranos.

Nosso país tem sido abençoado com abundância material sem precedentes; mas isso produziu um tédio tão generalizado que o uso de drogas se tornou uma epidemia. Um empresário extremamente bem sucedido me contou que descobriu um campo de investimento maravilhoso e ainda não explorado. Disse que reabilitação para dependentes de drogas e álcool “é o negócio que mais cresce nos Estados Unidos, e o lucro é certo”. O número de dependentes cresceu tanto nos últimos tempos que o tamanho e número de instituições existentes são insuficientes.

Não é de admirar os comentários de Leslie Fiedler, que critica os Estados Unidos: “O homem ocidental resolveu abrir mão de si mesmo, criou seu próprio tédio com sua riqueza... tendo ensinado a si mesmo a ser imbecil, poluiu-se e drogou-se até ficar entorpecido e cair por terra, um velho brontossauro exausto e ferido e, por fim, ser extinto”.

O egocentrismo obsessivo da cultura moderna - o nar-cisismo - cria uma tirania toda especial. Um artigo da revista *Psychology Today (Psicologia Hoje)* citou uma jovem que estava com os nervos em frangalhos devido às muitas festas que duravam a noite toda, cuja vida era um ciclo sem fim de maconha, bebida e sexo. Na terapia, perguntaram-lhe:

- Por que você não pára com tudo isso?

Ela replicou:

- Quer dizer que eu não sou obrigada a fazer tudo isso?

O tirano, em uma sociedade hedonista, não é o totalitarismo. Muito pior que isso, somos nós mesmos.

Mas o fato mais amedrontador da atualidade é que a Igreja de Jesus Cristo apresenta quase tantos problemas quanto a sociedade. Sem perceber, adotamos quase completamente uma imitação do sistema de valores da cultura secular. Recentemente, peguei um jornal e li na página do editorial a seguinte

declaração de um conhecido líder cristão: “Ponha Deus para trabalhar por você e maximize seu potencial em nosso sistema capitalista ordenado por Deus”.

Isso não é apenas teologia ruim - é uma heresia perigosa.

Mas, infelizmente, é característica de grande parte da mensagem cristã pregada hoje. Dizemos ao mundo que não apenas aceitamos sua escala de valores, mas também podemos progredir nela se Deus estiver do nosso lado. Esse evangelho distorcido e graça barata impedem a Igreja atual de causar um impacto verdadeiro por Cristo na cultura moderna.

Os cristãos não conseguem combater de modo eficaz o secularismo porque não entendem a si próprios. Grande parte do cristianismo vendido com esperteza não passa de adaptação religiosa de valores egocêntricos da cultura secular. Perguntei ao assistente de um pastor famoso na mídia o motivo de sucesso e recebi a seguinte resposta:

- Nós damos às pessoas o que elas querem.

Isso também é heresia, que está na base da mentalidade egoísta tão comum no ocidente hoje, mentalidade que cresceu a partir das sementes de materialismo plantadas já no tempo de Edwards.

A Igreja não deve perguntar o que Deus pode fazer por nós - sabemos que ele nos ama - mas, sim, o que cada um foi chamado a fazer por Ele. Como é nosso amor a Deus? Amá-lO requer mais do que sentimentalismo meloso ou palavras piedosas vazias: Amar a Deus exige obediência a Ele em todos os aspectos da vida, além de chamar outros a obedecerem também - quer essa mensagem agrade, quer não.

A mensagem de Edwards para hoje

Obediência é o centro da mensagem que Edwards pregava com fidelidade, mesmo quando isso colocava as pessoas contra ele, que entendia a importância absoluta da obediência na Bí-

blia, em especial à ordem de Cristo para sermos testemunhas. Assim, ele confirmava a frase de A. N. Whitehead: “matemática é o que fazemos, mas religião é o que somos”. A integridade pessoal, viver o Evangelho como servo individual do Cristo vivo, é uma verdade muito esquecida na religião moderna. Organizamos, empacotamos, vendemos, politizamos e institucionalizamos a religião, como fazemos com tantos outros produtos e programas. A pessoa que segue a verdadeira religião se preocupa com *quem eu sou diante de Deus* e com a transformação de seu caráter, operada no coração pela graça de Deus.

Edwards via na Bíblia que ouvir a Palavra não basta, assim como entender a doutrina também não é suficiente. A pessoa inteira precisa ser tocada pelo Espírito Santo para responder em amor e gratidão a Deus. Isso resulta em vida santa.

Com esse discernimento, Edwards lutava contra os teóricos doutrinários e rígidos, por um lado e, por outro, contra os entusiastas sem equilíbrio e tomados pela emoção. Rejeitava grande parte da histeria, das emoções bizarras e do entusiasmo efêmero associados às reuniões de reavivamento de sua época.

Afetos Religiosos é uma obra que poderia muito bem ter sido escrita para nossa cultura. Nós simplesmente substituímos os excessos de emoção extrema do tempo de Edwards (embora seja possível encontrar isso também em alguns canais de televisão) por manifestações mais sutis do cristianismo cultural. Hoje, muitos membros de igreja falam com o linguajar cristão, participam das reuniões de oração e grupos de estudo bíblico, fazem parte de organizações evangélicas, mas têm o coração tão duro e insensível quando os daqueles a quem Cristo dirá um dia: “Afastai-vos de mim - nunca vos conheci”.

Edwards enfatizava que jamais cultivaremos os verdadeiros afetos religiosos sem uma percepção profunda de nosso pecado. A confrontação com o pecado e o desejo desesperado de se ver livre dele faz parte da essência da conversão a Cristo. E,

quando enxergamos nosso pecado, só podemos viver em gratidão a Deus por sua maravilhosa graça.

Conheço esse processo intimamente. Durante o sofrimento do caso Watergate, fui conversar com meu amigo Tom Phillips. Ele contou que havia “aceitado a Cristo”, o que me deixou confuso. Eu estava cansado, vazio, esgotado com os escândalos e acusações, mas nem uma vez tinha me visto como pecador. A política era um negócio sujo, e eu era bom nisso. E racionalizava: o que eu havia feito não era diferente das manobras políticas mais comuns. Além disso, certo e errado eram conceitos relativos e minha motivação era o bem do país - ou pelo menos era o que eu pensava.

Mas, naquela noite, saí da casa de Tom e fiquei sozinho dentro de meu carro. Meu pecado - não apenas a sujeira política, mas sim o ódio, o orgulho e a maldade tão arraigados dentro de mim - foi colocado diante de meus olhos, com força, me fazendo sofrer. Foi a primeira vez na vida em que me senti impuro, e o pior é que não tinha para onde fugir. Naquela hora de esclarecimento, uma força irresistível me levou aos braços do Deus vivo. Comecei naquela noite e cada vez mais tenho consciência de minha natureza de pecado, sei, acima de qualquer dúvida, que o que há de bom em mim só vem através da justiça de Jesus Cristo. Edwards escreveu sobre a mesma descoberta vinte anos depois de sua conversão:

Tenho visões de meu próprio pecado e mesquinhez, sou tão abalado que com muita freqüência chego a chorar em voz alta... de forma que muitas vezes sou obrigado a me forçar a ficar quieto. Tive uma percepção muito maior de minha própria perversidade e da maldade do meu coração, maior do que antes de minha conversão. ...Afeta-me pensar em como eu era ignorante, no início da vida cristã, quanto à profundidade imensa, infinita, da maldade, do orgulho, da hipocrisia e do engano que ainda existiam em meu coração.

Edwards afirma que como resultado dessa consciência do pecado “o coração se tornará mais sensível”. E dessa sensibilida-

de resulta uma profunda gratidão a Deus por sua misericórdia, uma gratidão que só pode ser expressa através do serviço a Ele.

A seção mais extensa do livro de Edwards trata da afirmação de que “Afetos santos da graça se exercitam em fé na prática cristã”. A fé na Palavra de Deus tem de se manifestar em ação, a prática da vida fiel, radical e santa. As obras de caridade para com o semelhante - o amor ao próximo - não passam de ação que resulta da aceitação do amor de Deus no coração. Cristianismo puramente teórico é uma contradição que mata a religião vital. Para Edwards, a prática cristã era o sinal certo de sinceridade. As obras são o principal “sinal externo e visível da graça interior e espiritual”. Como ele disse, fazendo eco às Escrituras: “as obras são intérpretes melhores e mais fiéis da mente humana do que as palavras”.

Mas, poderíamos perguntar, como usar a prática como teste do verdadeiro cristianismo? Edwards não responde. O compromisso com Cristo não se evidencia por mera conformidade a regras, mas sim por um novo coração. O que conta é a atitude por trás da ação. Portanto, embora nos dediquemos a ações cristãs - como defensores de uma causa, políticos ou cidadãos conscientes -, sem serviço autêntico e altruísta as obras serão vazias. Só o Espírito Santo confere motivação verdadeira, vitalidade que amadurece em frutos de caráter, nascidos a partir de gratidão a Deus.

Dessa maneira, Edwards analisou extensivamente e com profundidade as evidências da verdadeira conversão - o fruto que resulta de viver à semelhança de Cristo. Reavivamento não basta, nem ação política ou filantropia. Os que promovem essa tendência moderna de religião exterior precisam reaprender os Afetos de Edwards. Ele concluiu:

Existe um tipo de prática religiosa exterior sem qualquer experiência interior que não vale nada aos olhos de Deus. Não serve para nada. E há também o que se chama experiência, sem prática, que não é, portanto, seguida por nenhum com-

portamento cristão. Isso é pior do que não fazer nada. Sempre que uma pessoa encontra no íntimo um coração que se relacione com Deus como Deus, quando for enviado, descobrirá sempre sua disposição inclinada à experiência prática.

Se, então, a religião consiste em larga escala de afeto santo, é no exercício prático do afeto que sua disposição proclama a verdadeira religião...

Se a realidade do Cristo vivo deve ter algum significado para a cultura ocidental do século XXI, ele precisa ser visto dessa forma. O Evangelho precisa se manifestar através de mudanças em nosso caráter, expressas através de serviço altruísta no meio da cultura que exalta o ego. Precisa ser comunicado por expressões práticas de compaixão - compartilhar o sofrimento e atender às necessidades dos pobres, famintos, doentes e aprisionados.

Só através dessa expressão prática dos verdadeiros afetos religiosos e do relacionamento real com o Cristo ressurreto a visão cristã do mundo, tão atacada por todos os lados, prevalecerá no vazio do século XXI.

Meio século depois de Edwards, William Wilberforce escreveu *Cristianismo Verdadeiro,* o primeiro livro publicado nesta série de Clássicos da Espiritualidade Cristã. O exemplo de Wilberforce nos aponta o caminho.

Primeiro, ele recuperou a realidade do cristianismo em seus afetos pessoais e depois viveu-os através da luta incansável pela abolição da escravidão. A Europa era varrida por ondas de humanismo quando ele escreveu: “A infidelidade se levantou sem pudor,” mas concluiu “Preciso confessar com ousadia semelhante que minhas esperanças sólidas pelo bem-estar de meu país não dependem de navios, exércitos, sabedoria dos governantes, nem do espírito do povo, mas na certeza de que ainda existem muitos que amam e obedecem ao Evangelho de Cristo. Creio que as orações deles prevalecerão”.

Logo depois disso aconteceu um dos grandes reavivamen-tos da era moderna. Assim, acredito também que as orações e as

obras dos que amam e obedecem a Cristo em nosso mundo podem prevalecer enquanto mantêm viva a mensagem de homens como Jonathan Edwards. Quando isso acontecer, como ele previu, o verdadeiro cristianismo será “declarado e revelado de tal forma que, no lugar de espectadores endurecidos e de promover o ceticismo e o ateísmo, o homem se convencerá de que existe realidade na religião - outros, vendo as boas obras, glorificarão o Pai que está no Céu”.

Charles W. Colson escritor e conferencista, fundador da Prison Fellowship

26/3/2007 11:36:48

Uma fé mais forte que as emoções.indd 38

1

Nesta obra, a palavra afeto será usada em um sentido pouco adotado em português. Ela traduz *affection,* o termo usado no original por Jonathan Edwards. O significado foi explicado em detalhes pelo próprio autor no primeiro capítulo do livro. (N. da T.)

PARTE I



A NATUREZA E A IMPORTÂNCIA DOS AFETOS

26/3/2007 11:36:48

Uma fé mais forte que as emoções.indd 40

Capítulo I

Os afetos como evidência da verdadeira religião

U\ *A* esmo não o tendo visto, vocês o amam; e apesar IV Ide não o verem agora, crêem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa” (I Pedro 1:8).

Com essas palavras o apóstolo descreveu o estado mental dos cristãos a quem escrevia, que sofriam perseguição. Nos dois versículos anteriores ele trata da perseguição, falando de “provações” e “entristecidos por todo tipo de provação”.

Tais provações acarretam três benefícios para a verdadeira religião. Em primeiro lugar, mostram o que é a verdadeira religião, pois as dificuldades tendem a fazer distinção entre o falso e o verdadeiro. As provações testam a autenticidade da fé, assim como o ouro é testado pelo fogo. A fé dos verdadeiros cristãos, que é testada e se mostra verdadeira, “resultará em louvor, glória e honra”, como o versículo 7 afirma.

As provações, então, são um benefício a mais para a verdadeira religião não apenas porque manifestam a verdade, mas também porque destacam sua beleza e atração. A virtude fica mais atraente quando é oprimida. A excelência divina do cristianismo genuíno se apresenta melhor sob as maiores provações. Então, ela resulta “em louvor, glória e honra”.

O terceiro benefício para a verdadeira religião é que as provações a purificam e intensificam. Não se limitam a mostrar que ela é verdadeira,

também a libertam de influências falsas. Fica apenas o que é real. As provações aumentam a atração da verdadeira religião. São esses, então, os benefícios das perseguições religiosas em que o apóstolo pensava, quando escreveu o versículo acima.

No próprio texto, o apóstolo observa como a verdadeira religião operava nos cristãos a quem escrevia e como eles viam esses benefícios de perseguição. Ele sentia que o sofrimento deles revelava dois exercícios da verdadeira religião.

1. *Amor a Cristo*

"Mesmo não o tendo visto, vocês o amam". O mundo queria saber que princípio estranho influenciava aqueles cristãos e os levava a se exporem a tanto sofrimento e a renunciarem a tudo de que gostavam e era agradável aos sentidos. O mundo que os cercava os considerava loucos, já que agiam como se odiassem a si mesmos. O mundo não conseguia ver nada que os levasse a sofrer tanto ou a sustentá-los durante as provações. Eles sentiam amor sobrenatural por alguma coisa invisível. Amavam Jesus Cristo, a quem viam espiritualmente, mas o mundo não O via.

2. *Alegria em Cristo*

Os sofrimentos visíveis eram intensos, mas os cristãos possuíam alegria espiritual interior maior do que o sofrimento. Isso os sustentava e os capacitava a sofrer com alegria.

O apóstolo comenta dois aspectos sobre a alegria. Primeiro, fala sobre o modo como ela aparece. Cristo, pela fé, é o fundamento de toda alegria. Isso é a evidência de algo invisível: "apesar de não o verem agora, crêem nele e exultam". Segundo, fala sobre a natureza da alegria: ela é "indizível e gloriosa". Indi-zível porque é muito diferente da alegria mundana e dos prazeres

carnais. Sua natureza é mais pura e sublime, é celestial porque é sobrenatural, divina, excelente, acima de qualquer descrição. Não há palavras para descrever a sublimidade e a rica doçura da alegria em Cristo. É indizível também porque Deus distribui aos cristãos essa Sua alegria

santa com liberalidade e, em grande medida, quando se encontram sob a ameaça da perseguição.

A alegria deles era repleta de glória. Pode-se dizer isso. Não há palavras mais adequadas para representar a excelência da alegria. Enquanto eles se regozijavam, um brilho glorioso tomava conta das mentes, e a natureza deles era exaltada e aperfeiçoada. Era um regozijo digno e nobre, porque não corrompia nem pervertia a mente, como as coisas carnais costumam fazer. Em vez disso, a mente recebia beleza e dignidade. A antecipação da alegria do Céu elevava a mente deles a um êxtase celestial e os enchia da luz da glória de Deus, fazendo-os brilhar com a manifestação dessa glória.

Com esse pensamento em mente, proponho o seguinte princípio: “A verdadeira religião consiste, em grande parte, de afetos santos”.

O apóstolo, observando e comentando os efeitos das provações sobre a verdadeira religião, indicou o amor e a alegria como os dois afetos religiosos a serem exercitados. Esses afetos demonstram que a religião deles é verdadeira e pura em sua glória característica. Em primeiro lugar quero explicar o que significa afetos e depois mostrar como grande parte da verdadeira religião reside neles.

O QUE SIGNIFICA AFETOS?

Minha resposta é que afetos são os exercícios mais vigorosos e práticos da inclinação e da vontade da alma.

Deus dotou a alma de duas habilidades. Uma é a capacidade de percepção e especulação para discernir, ver e julgar. Isso se chama *entendimento.* A outra habilidade é que a alma

não apenas percebe e vê, mas, de alguma forma, se inclina na direção do que vê ou avalia. Tanto pode se inclinar para aceitar quanto para rejeitar o que viu. Devido a essa habilidade, a alma não quer permanecer como espectador indiferente e impassível. Gosta ou não gosta, se agrada ou não se agrada, aprova ou rejeita. Essa habilidade se chama *inclinação.* Quando determina e governa as ações, se chama vontade. Quando a mente entra no processo, a inclinação costuma ser chamada de coração.

Há duas formas de exercitar a inclinação. A alma vê alguma coisa com aprovação, prazer e aceitação, ou com oposição, desaprovação, desagrado e rejeição.

Esses exercícios da inclinação e da vontade da alma variam de intensidade. Alguns chegam perto da indiferença, mas há graus onde aprovação ou desagrado, prazer ou aversão são mais fortes. Quando a alma reage com vigor e força, o exercício é ainda mais intenso. Na verdade, o Criador ligou o corpo à alma, de modo que até a vida física pode ser afetada por tais emoções. Em todas as culturas e tempos essa habilidade tem sido chamada de coração. São os exercícios vigorosos e sensíveis dessa habilidade que chamamos de *afetos.*

Assim, vontade e afetos da alma não são elementos distintos. Em sua essência, os afetos não são separados da vontade. Diferem dela apenas na vivacidade e sensibilidade do exercício, não em sua expressão.

Algumas vezes, a línguagem é inadequada, pois o significado das palavras tende a se perder e se tornar vago, sem definição exata no uso comum. Em um sentido, afetos da alma não diferem da vontade e da inclinação. Mas, em outros aspectos, o ato de vontade e inclinação não pode ser chamado de *afeto*, porque em tudo que atuamos, quando agimos voluntariamente, há um exercício da vontade e da inclinação. Nossa inclinação dirige nossos atos, mas nem todos os atos de inclinação e vontade são chamados de afetos. A diferença entre o que é afeto e o que não é reside apenas na intensidade e na forma da ação. Em cada ato a

vontade gosta ou não gosta, aprova ou rejeita. Isso, em essência, não é diferente dos afetos de amor e ódio. Na verdade, a apreciação ou inclinação da alma em direção a alguma coisa, caso seja intensa e vigorosa, é o que chamamos de *afeto de amor,* e o mesmo grau de rejeição e desaprovação é o que chamados de *ódio.* Assim, o que cria o afeto é o grau de atividade da vontade, seja a favor ou contra um determinado elemento.

Na unidade intrínseca entre nosso corpo e nossa alma, que faz parte de nossa natureza, uma inclinação vigorosa e intensa da vontade afeta também o corpo. Essas leis da união entre corpo e alma e sua constituição podem levar ao exercício dos afetos. Porém a mente, não o corpo, é o local

adequado para os afetos. O corpo humano não tem capacidade, sozinho, de pensar e entender. Apenas a alma possui idéias, de modo que só ela se agrada das idéias ou as rejeita. Já que apenas a alma pensa, apenas ela ama ou odeia, se regozija, ou sofre com o que pensa, os efeitos dessas emoções no corpo não são os afetos, e não são, de forma alguma, essenciais para a existência deles. Portanto, um espírito sem corpo é capaz de amar e odiar, se alegrar ou se entristecer, ter esperança ou temer, ou outros afetos.

Embora freqüentemente se confunda afetos com paixões, trata-se de coisas diferentes. *Afeto* é uma palavra com importância muito mais ampla que *paixão* e é usada para referir atos fortes da vontade ou inclinações. *Paixão* se refere a atos súbitos com efeitos mais violentos sobre o corpo. A mente é mais subjugada e tem menos controle.

Como no exercício da inclinação e da vontade, os afetos motivarão a alma a buscar e se apegar ao que vê, ou a afastar a alma e se opor ao que viu.

Amor, desejo, esperança, alegria, gratidão e satisfação motivam a alma. Ódio, medo, raiva e sofrimento a afastam. Alguns afetos são a mistura de duas reações. Por exemplo, o afeto da piedade motiva a alma na direção da pessoa que sofre ao mesmo tempo que a afasta do sofrimento. O zelo contém

tanto apreciação elevada de algo pessoal quanto um antagonismo vigoroso quanto ao que se opõe ao que é valorizado. Poderia mencionar outros afetos combinados, mas quero passar logo ao próximo tópico.

A verdadeira religião consiste, em larga escala, de afetos

Podemos fazer dez observações para mostrar que a verdadeira religião consiste, em grande parte, de afetos.

1. A verdadeira religião consiste, em larga escala, de fortes

inclinações e vontade

Os exercícios fervorosos do coração e os atos vívidos da inclinação e da vontade determinam grande parte da verdadeira religião. Deus não quer e

não aceitará de nós uma religião que consiste em desejos fracos, insípidos e sem vida, que mal conseguem nos afastar da indiferença. Em Sua Palavra, ele insiste que devemos ser “fervorosos de espírito” e participar ativamente, de coração, na religião. “Sejam fervorosos no espírito, sirvam ao Senhor” (Romanos 12.11). “E agora, ó Israel, que é que o Senhor, o seu Deus, lhe pede, senão que tema o Senhor, o seu Deus, que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva ao Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma” (Deuteronômio 10.12, cf. 6.4, 6; 30.6).

Não somos nada se não levamos a fé a sério e não exercitamos intensamente nossa vontade e nossas inclinações. A vida religiosa contém elementos grandiosos demais para permanecermos indiferentes. A verdadeira religião é sempre dinâmica. Seu poder reside nos exercícios internos do coração. Assim, a chamamos de “poder da santidade”, para fazer distinção da mera aparência externa de religião, que não passa de “aparência de santidade”. “Tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder” (II Timóteo 3.5). O Espírito de Deus é um espírito de

afeto santo poderoso nos que possuem fé segura e sólida. Deus nos deu o espírito de “poder, de amor e de equilíbrio” (II Timóteo 1.7). Da mesma forma, quando uma pessoa recebe o Espírito de Deus, com sua influência salvadora e santificadora, é “batizado com o Espírito Santo e com fogo”. O Espírito de Deus suscita tanto poder e fervor no coração que “arde dentro deles”, como aconteceu com os discípulos em Lucas 24.32.

Pode-se comparar a fé a exercícios vigorosos como corrida, luta, ou um esforço para alcançar um grande prêmio ou condecoração. Também pode ser usada para descrever a luta contra inimigos fortes que querem tirar nossa vida, como acontece em guerras ou no cerco a uma cidade ou reino.

A verdadeira graça tem vários graus. Alguns não passam de bebês em Cristo, e suas inclinações e vontade pelas coisas divinas ainda são bem fracas. Outros, contudo, exercitaram com vigor o poder da santidade e por isso são capazes de vencer todos os afetos carnais ou naturais e superá-los com eficácia. Todo discípulo verdadeiro de Cristo o “ama acima de pai e mãe, esposa e filhos, irmãos e irmãs, casas e terra; sim, mais até do que sua própria vida”. A verdadeira religião exercita intensamente a vontade.

2. Os afetos motivam os atos humanos

O Autor da natureza humana não apenas nos concedeu afetos, Ele os constituiu como base para nossos atos.

A natureza humana é preguiçosa, a não ser que seja influenciada por afetos como amor, ódio, desejo, esperança e medo. Essas emoções são como fontes que nos colocam em movimento em todos os aspectos e ocupações da vida. Pode-se ver isso no mundo dos negócios, quando as questões são tratadas com seriedade e buscadas com energia. O mercado é visto como esfera de negócios e ação. Se amor, ódio, esperança, medo, raiva, zelo e desejo fossem retirados, o mundo acabaria imóvel e morto.

O afeto é, na verdade, a motivação do ambicioso, daquele que é voraz na busca de realizações mundanas. Os afetos impulsionam o ambicioso rumo à sua busca de reconhecimento neste mundo. Também levam o lascivo a perseguir o prazer e as delícias sensuais. O mundo prossegue em constante agitação e atividade na busca dessas coisas, mas, se o afeto fosse tirado, a fonte da atividade acabaria e todo movimento teria fim. E se isso vale para os assuntos mundanos, também vale nas questões de fé. A fonte das ações reside em grande parte nos afetos religiosos. Aquele que possui apenas conhecimento doutrinário e teórico, sem afeto, jamais alcançará a excelência da fé.

3. Questões religiosas só nos interessam até o ponto em que

nos afetam

Multidões ouvem a Palavra de Deus e a conhecem, mas ela será totalmente ineficiente e não fará diferença nenhuma no comportamento e no caráter de quem ouve se ele não for afetado pelo que ouvir. Muitos ouvem falar dos afetos gloriosos de Deus, de seu poder imenso, da sua visão ilimitada, da sua majestade infinita e da sua santidade. São ouvintes da infinita bondade e misericórdia de Deus, de Sua imensa sabedoria, poder e grandeza. Ouvem, especialmente, sobre o amor indescritível de Cristo e as grandes coisas que Ele fez e sofreu por nós. Escutam, ainda, as ordens claras de Deus e suas advertências bondosas e convites amorosos no Evangelho. Ouvem tudo isso, mas não ocorre qualquer mudança no coração nem no

comportamento. Isso acontece simplesmente porque não foram afetados pelo que ouviram.

Ouso afirmar que jamais ocorrerá mudança de natureza religiosa se os afetos não forem tocados. Sem isso, nenhum ser humano natural buscará com seriedade a salvação. Não haverá luta com Deus em oração pela misericórdia. Ninguém se humilha aos pés de Deus sem ter visto, por si mesmo, sua própria decadência. Ninguém jamais será levado a procurar refúgio em

Cristo enquanto seu coração não for afetado. De forma semelhante, nenhum santo abandonou sua frieza e falta de vida, nem se recuperou da apostasia sem ter o coração afetado. Em suma, nenhuma mudança significativa na vida acontece enquanto o coração não é profundamente afetado.

4. As Sagradas Escrituras enfatizam os afetos

A Bíblia enfatiza muito, por toda parte, os afetos: temor, esperança, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza, gratidão, compaixão e zelo.

Ela fala muito sobre a necessidade do temor a Deus, que é freqüentemente descrito como o caráter dos que são devotos de verdade, já que tremem diante da Palavra de Deus e O temem. A glória e o julgamento dEle os enchem de temor. Nas Escrituras, os santos são chamados de “ouvintes de Deus”, ou “aqueles que temem o Senhor”. O temor a Deus é, em grande escala, a natureza da verdadeira santidade, então, é muitas vezes descrita como “o temor do Senhor”. Todo mundo que conhece a Bíblia sabe disso.

De modo semelhante, a esperança em Deus e nas promessas de Sua Palavra é citada freqüentemente nas Escrituras como parte importante da verdadeira fé. A esperança é mencionada como um dos três elementos que compõem a religião (veja I Coríntios 13.13). “Esperança no Senhor” também é citada como uma resposta dos santos. “Como é feliz aquele cujo auxílio é o Deus de Jacó, cuja esperança está no Senhor, no seu Deus” (Salmo 146.5). “Mas bendito é o homem cuja confiança está no Senhor, cuja confiança nele está” (Jeremias 17.7). “Sejam fortes e corajosos, todos vocês que esperam no Senhor!” (Salmo 31.24). Poderíamos citar muitos outros versículos.

Temor e esperança se unem na constituição do caráter dos verdadeiros santos: “Mas o Senhor protege aqueles que o temem, aqueles que firmam a esperança no seu amor” (Salmo 33.18). “O Senhor se agrada dos que o temem, dos que colocam sua esperança no seu amor leal” (Salmo 147.11). A esperança é

considerada tão vital que o apóstolo Paulo escreveu: “nessa esperança fomos salvos” (Romanos 8.24). (Em I Tessalonicenses ela também é descrita como “o capacete” do soldado cristão [5.8]). A esperança permanece firme, como a âncora da alma (Hebreus 6.19). Além disso, é descrita como um grande fruto e benefício recebido pelos santos devido à ressurreição de Cristo (I Pedro 1.3).

A Bíblia enfatiza muito o afeto do amor a Deus, ao Senhor Jesus Cristo, ao povo de Deus e a toda a humanidade. Mas voltaremos a este assunto mais tarde.

O afeto que faz oposição ao amor, o ódio, tem como objeto o pecado. Isso também é parte importante da verdadeira religião nas Escrituras: “Temer o Senhor é odiar o mal” (Provérbios 8.13). Os santos são chamados a mostrar sua sinceridade com isso: “Odeiem o mal, vocês que amam o Senhor” (Salmo 97.10). O Salmista menciona muitas vezes o ódio ao mal como prova de sinceridade. “Em minha casa viverei de coração íntegro. Repudiarei todo mal. Odeio a conduta dos infiéis; jamais me dominará!” (Salmo 101.2,3). “Odeio todo caminho de falsidade” (Salmo 119.104, cf. 128). De novo no Salmo 139.21: “Acaso não odeio os que te odeiam, Senhor?”.

Desejo santo, que se expressa em anseio, fome e sede de Deus, é mencionado na Bíblia como parte importante da verdadeira religião. “O teu nome e a tua lembrança são o desejo do nosso coração” (Isaías 26.8). “Uma coisa pedi ao Senhor; é o que procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a bondade do Senhor e buscar sua orientação no seu templo” (Salmo 27.4). Muitos salmos expressam pensamentos semelhantes: Salmos 42.1,2; 63.1,2; 73.25; 84.1,2; 119.20; 130.6; 143.6,7; e também Cantares 3.1,2.

Segundo as Bem-aventuranças, esses desejos santos e fome e sede da alma tornam a pessoa realmente abençoada. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos” (Mateus 5.6). A participação nessa sede santa é uma das maiores bênçãos da vida eterna (Apocalipse 21.6).

A Bíblia fala também da alegria santa como parte importante da verdadeira religião. Somos exortados o tempo todo a exercitar essa alegria. “Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração” (Salmos 37.4; 97.12; 33.1). “Alegrem-se e regozijem-se” (Mateus 5.12). E também “meus irmãos, alegrem-se no Senhor!” (Filipenses 3.1, 4.4). A alegria também figura como fruto do Espírito (Gálatas 5.22). O salmista cita sua alegria santa como evidência de sua sinceridade.

Contrição religiosa, pranto e coração quebrantado são mencionados muitas vezes com relação à verdadeira religião. São descritos como as qualidades que distinguem os verdadeiros santos, que são parte importante do caráter deles: “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados” (Mateus 5.4). “O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido” (Salmo 34.18). Assim, tristeza santa e quebran-tamento do coração freqüentemente são citados como uma das maiores características do santo que agrada de modo especial a Deus e é mais aceita por Ele. “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás” (Salmo 51.17; Isaías 57.15; 66.2).

Gratidão é outro afeto mencionado, em especial a relacionada ao reconhecimento e louvor a Deus. Os Salmos e muitas outras partes das Escrituras citam esse assunto e não preciso apresentar textos específicos.

As Escrituras falam muito sobre a compaixão ou misericórdia como característica vital da verdadeira religião. De fato, pessoa misericordiosa e pessoa boa são expressões equivalentes na Palavra: “O justo, porém, se compadece e dá” (Salmo 37.21 RA). “Tratar com bondade o necessitado é honrar a Deus” (Provérbios 14.31). “Como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão” (Colossenses 3.12). Quem é verdadeiramente abençoado possui essa característica maravilhosa. Nosso Salvador falou: “Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia” (Mateus 5.7). Os fariseus fracassaram nis-

so (Mateus 23.23). O profeta Miquéias mostrou sua importância: “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” (Miquéias 6.8). Oséias 6.6 diz: “desejo misericórdia, e não sacrifícios”. Esse texto por certo empolgou nosso Salvador, pois Ele o recitou duas vezes: uma em Mateus 9.13 e outra em 12.7.

Zelo também é identificado como parte essencial da religião dos santos de verdade. É o aspecto maravilhoso que Cristo tinha em vista quando se entregou por nossa redenção (Tito 2.14). Os crentes mornos de Laodicéia foram censurados pela falta de zelo (Apocalipse 3.15,16; 19).

Apresentei alguns textos escolhidos dentre o imenso número de citações que enfatizam que nossa religião depende muito dos afetos. Quem negar isso pode muito bem jogar fora a Bíblia e adotar outra lei para julgar a natureza da religião.

5. O amor é o afeto principal

O amor é a fonte e o controle de todos os outros afetos. Nosso bendito Salvador ilustrou isso na resposta ao perito na Lei que indagou: “Qual é o maior mandamento da Lei?” (Mateus 22.37-40). O apóstolo Paulo também dá essa indicação várias vezes: “aquele que ama seu próximo tem cumprido a Lei” (Romanos 13.8). O versículo 10 diz: “o amor é o cumprimento da Lei”. Também Gála-tas 5.14: “Toda a Lei se resume num só mandamento: Ame o seu próximo como a si mesmo”. Além disso, lemos, em I Timóteo 1.5: “O objetivo desta instrução é o amor que procede de um coração puro”. O mesmo apóstolo fala do amor como o melhor aspecto da religião e o centro dela. Sem amor, o maior conhecimento, inúmeros dons, a profissão mais brilhante, na verdade tudo mais que faz parte da vida religiosa será vão e sem valor. Como I Coríntios 13 mostra, o amor é a fonte de onde procede todo bem.

Esse tipo de amor inclui o desejo perfeito e sincero da alma para com Deus e o semelhante. Mesmo assim, quando essa inclinação da alma é deliberada na tentativa de chegar a Deus,

ela se toma afeto, ou “amor-afeto”. Cristo descreveu esse amor dinâmico e fervoroso quando resumiu toda a religião em amar a Deus de todo o nosso coração, toda a nossa alma e toda a nossa mente e nosso próximo como a nós mesmos. Esse amor é a essência de tudo que foi pensado e prescrito na lei dos profetas.

Entretanto, isso não significa que, como essência de toda a religião, esse e outros textos bíblicos excluam o hábito ou exercício da mente. Mas é verdade e fica claro nesses textos que a essência de toda religião verdadeira reside no amor santo. Nesse afeto divino e na disposição habitual de buscá-lo encontra-se o fundamento e os frutos de tudo que constitui a verdadeira fé.

Assim, fica claro que grande parte da religião consiste nos afetos. O amor não é apenas mais um deles, é o primeiro e principal, a força de todos os outros. Do amor nasce o ódio às coisas contrárias ao que queremos amar ou que se opõem e nos frustram naquilo em que encontramos prazer. Desses exercícios de amor e ódio, dependendo do contexto em que esses afetos estão presentes ou não, certos ou incertos, prováveis ou improváveis, surgem todos os outros afetos de desejo, esperança, temor, alegria, sofrimento, gratidão, ira, etc. Todas as outras emoções religiosas surgirão a partir do amor dinâmico, afetuoso e fervoroso a Deus. Dele nascerá ódio ou aversão intensa ao pecado, o temor dele e o pavor de desagradar a Deus. Dele também nascerá a gratidão a Deus por sua bondade, serenidade, e a alegria em Deus por Sua presença bondosa, sofrimento na Sua ausência, esperança alegre quando se prevê a Sua chegada e o zelo fervoroso pela glória de Deus. De forma semelhante, amor profundo pelo ser humano surgirá em todos os outros afetos virtuosos.

6. Afetos santos caracterizam os santos da Bíblia

Gostaria de citar três santos eminentes que expressaram a realidade desses afetos em seus corações.

O primeiro é Davi, “um homem segundo o coração de Deus”. Os Salmos nos mostram um retrato vivo de sua fé. Em

seus cânticos sagrados, Davi deixou-nos a expressão e o exercício da devoção e dos afetos santos. Eles nos mostram a sua humildade e profundo amor a Deus, sua admiração pela gloriosa perfeição e pelas maravilhosas obras de Deus, seus fervorosos desejos, a sede, o anelo de sua alma por Deus, seu prazer e alegria nEle, sua doce e terna gratidão a Deus por Sua imensa bondade e uma celebração e triunfo santos da alma pelo favor, suficiência e fidelidade de Deus. Os Salmos também expressam o amor e o prazer de Davi pelos santos, que são a excelência da Terra, bem como seu imenso prazer na Palavra e na Lei de Deus. Ele sofre por seu próprio pecado e pelos dos outros, e transmite seu zelo fervoroso por Deus, assim como o ódio aos inimigos de Deus e de Seu povo. Os Salmos de Davi são repletos de expressões de afeto santo, e ele não fala apenas individualmente. Como sal-mista de Israel, também faz o prenúncio da Igreja de Deus e de Cristo, o líder da adoração e do louvor da Igreja. Assim, vários Salmos falam em nome do Cristo personificado. Em muitos outros Salmos Davi fala em nome da Igreja.

O segundo exemplo é o apóstolo Paulo. Ele foi o vaso escolhido, acima de todos os outros, para pregar o nome de Cristo aos gentios. Foi o principal instrumento para proclamar e estabelecer a Igreja cristã no mundo e para revelar com clareza os mistérios gloriosos do Evangelho para instrução da Igreja de todos os tempos. Assim, não é errado, como muitos podem pensar, considerá-lo o maior servo de Cristo que já viveu até hoje. Ainda assim, era cheio de afeto. Obviamente, a fé que expressa em suas cartas consiste em grande parte de afetos santos. Em todas as expressões sobre ele mesmo, se inflama, se motiva e se absorve inteiramente no amor ardente por seu glorioso Senhor. Considerava todas as coisas descartáveis em troca da excelência do conhecimento de Deus. A verdade é que tudo era lixo para ele, que só queria alcançar o Senhor. Paulo se apresenta tomado de afetos santos. Isso o impeliu ao serviço, apesar de todas as dificuldades e sofrimentos (II Coríntios 5.14,15).

Expressões de afeto arrebatador pelo povo de Cristo povoam as cartas de Paulo. Ele fala do grande amor que sentia pelos irmãos (II Coríntios 12.19; Filipenses 4.1; II Timóteo 1.2), do seu amor abundante (II Coríntios 2.4) e do seu amor suave e cheio de afeto (I Tessalonicenses 2.7,8). Além disso, fala do amor nas entranhas (Filipenses 1.8; Filemom 12,20), do profundo

cuidado pelos outros (II Coríntios 8.16) e de piedade ou misericórdia entranhadas (Filipenses 2.1). Expressa a preocupação com os outros como angústia do coração (II Coríntios 2.4). Menciona o grande conflito em sua alma por causa dos irmãos (Colossenses 2.1). Fala do grande sofrimento permanente que havia em seu coração por compaixão pelos judeus (Romanos 9.2). Comenta também que sua boca se abriu e seu coração cresceu por causa dos cristãos de Corinto (II Coríntios 6.11). Muitas vezes ele fala de sua profunda afeição pelos irmãos (I Tessalonicenses 2.8; Romanos 1.11; Filipenses 1.8; 4.1; II Timóteo 1.4).

O mesmo apóstolo expressa o afeto da alegria (II Coríntios 1.12; 7.7,9,16; Filipenses 1.4; 2.1,2; 3.3; Colossenses 1.24; I Tessalonicenses 3.9). Comenta que se alegra com grande alegria (Filipenses 4.10; Filemom 7), quer que sua alegria seja completa (Filipenses 2.1,2), deseja ficar mais contente ainda (II Coríntios 7.13) e que se sente bastante encorajado, com alegria transbordante (II Coríntios 7.4). Fala dele mesmo como uma pessoa sempre alegre (II Coríntios 6.10), dos triunfos de sua alma (II Coríntios 2.14) e de sua glorificação nas tribulações (II Tessalonicenses 1.4, Romanos 5.3).

O afeto da esperança aparece em Filipenses 1.20, quando Paulo diz: “Aguardo ansiosamente e espero”.

De modo semelhante, ele fala de um afeto de ciúme santo (II Coríntios 11.2,3). Toda a história dele depois da conversão demonstra grande zelo pela causa de seu Mestre e pelos interesses e prosperidade da Sua Igreja. Como resultado, envolvia-se vigorosamente em constantes e grandes esforços para instruir, exortar, advertir e reprovar os outros, “em dores

de parto por eles”. Vivia em conflito com inúmeros inimigos poderosos que se opunham a ele o tempo todo. Descreve lutas contra principados e potestades e fala de não lutar como alguém que briga com o ar. Comenta que corre a corrida que foi colocada diante dele, sempre se esforçando para continuar, apesar de todo tipo de dificuldade e sofrimento. Havia quem achasse que ele era meio doido. E a extensão de seu afeto é demonstrada ainda mais pela quantidade de lágrimas que derramava. Em II Coríntios 2.4 e Atos 20.19 ele fala de suas “muitas lágrimas”. Em Atos 20.31 afirma que derramava lágrimas continuamente, dia e noite.

Se alguém examina os registros da vida desse grande apóstolo na Escritura mas não vê que a religião dele consistia em muitos afetos, é completamente cego. É como aquele que fecha os olhos para não enxergar a luz que brilha em sua face.

Devo citar também, como exemplo, o apóstolo João. Discípulo amado, o mais próximo e mais querido do Mestre entre os doze, recebeu grandes privilégios. Foi um dos três que presenciaram a transfiguração; testemunhou a ressurreição da filha de Jairo; e Jesus o chamou para ficar perto dEle durante a agonia no Jardim. Além disso, foi citado pelo apóstolo Paulo como um dos três pilares principais da Igreja. Porém, acima de tudo, foi o que teve o privilégio de se recostar no peito do Mestre durante a Última Ceia. Foi escolhido por Cristo para ser o discípulo a quem Ele iria revelar suas dispensações sobre a Igreja no fim dos tempos. Encontramos esses registros em Apocalipse. Foi ele o escolhido para concluir o cânon do Novo Testamento e de toda a Escritura.

Seus escritos mostram e os estudiosos em geral observam que João era notavelmente cheio de afeto. Ele se expressava com carinho e simpatia. As palavras dele não transmitem nada além do mais profundo amor. É como se ele fosse inteiramente constituído de afetos santos e sensíveis. Não se pode deixar de notar isso por toda sua obra.

7. O Senhor Jesus Cristo tinha o coração extremamente

sensível e afetuoso

O coração de Jesus Cristo era extremamente sensível e afetuoso. Ele é o pastor que atrai as ovelhas para Si. Sua virtude se expressa em grande parte no exercício dos afetos santos. Ele é o exemplo mais maravilhoso de ardor, vigor e força no amor - tanto a Deus quanto aos seres humanos - que já existiu. Esses afetos lhe deram vitória na luta e conflito terrível em meio à agonia, quando “orou com mais fervor, e ofereceu muito choro e lágrimas” e lutou em lágrimas e em sangue. O poder do exercício de Seu amor santo era mais forte que a morte. Em Sua luta imensa, superou os afetos naturais de medo e sofrimento, mesmo quando estava tão assombrado e Sua alma tão triste que chegava à morte.

Durante toda a vida Ele se mostrou cheio de afetos. Cumprindo a profecia do Salmo 69, demonstrou grande zelo: “O zelo pela tua casa me consumirá” (João 2.17). Sofria com os pecados humanos. “Irado, olhou para os que estavam à sua volta e profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles” (Marcos 3.5). Chorou ao pensar no pecado e miséria dos ímpios. Ao avistar Jerusalém e seus habitantes, exclamou: “Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram” (Mateus 23.37).

Lemos também sobre o intenso desejo de Cristo: “Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer” (Lucas 22.15). Encontramos ainda o afeto da piedade ou compaixão em Cristo (Mateus 15.32; 18.27; Lucas 7.13) e vemos a compaixão movendo Seu coração (Mateus 9.36; 14.14; Marcos 6.34). Quanto carinho demonstrou quando Maria e Marta correram até Ele, reclamando e demonstrando o sofrimento com as lágrimas (veja João 11)! E que maravilhoso afeto permeou o último discurso feito aos onze discípulos na noite anterior à crucificação. Disse que iria embora e falou das grandes dificuldades e sofrimentos

que eles enfrentariam no mundo depois da Sua partida. Consolou e aconselhou como se estivesse falando com crianças pequenas. Deixou-lhes como herança o Espírito Santo e, com isso, deu-lhes paz, consolo e alegria como última vontade de seu testamento (veja João 13 a 16). Encerrou com uma oração de intercessão repleta de afeto por eles e por toda a Igreja (capítulo 17). Esse parece ser o discurso mais afetivo e comovente que já foi escrito ou pronunciado.

8. A religião do Céu consiste em grande parte de afeto

Sem dúvida existe religião verdadeira no Céu, e verdadeira religião em sua manifestação mais pura e perfeita. Segundo as Escrituras, a representação do estado celestial consiste na maioria das vezes em amor e alegria santos e poderosos, cuja expressão se dá através do louvor mais fervoroso e elevado. Assim, a religião dos santos no Céu consiste nos mesmos elementos que a dos santos da Terra, ou seja, amor e alegria indizível e gloriosa.

É verdade que não conhecemos, por experiência, em que consiste o amor e a alegria fora de nosso corpo, ou seja, num corpo glorificado. Ninguém tem esse tipo de experiência, mas os santos da Terra sabem o que pode ser o amor e a alegria da alma. Sabemos também que nosso amor e alegria são semelhantes aos que são vivenciados no Céu, porque o amor e a alegria da Terra são apenas o início e a alvorada da luz, vida e bem-aventurança do Céu. As diferenças são apenas de grau e circunstâncias. Isso fica evidente em muitos textos bíblicos, como Provérbios 4.18; João 4.14; 6.40,47,50,51,54,58; I João 3.15; I Coríntios 13.812. Diante disso, é irracional supor que o amor e a alegria dos santos no Céu, apesar de diferentes em grau e circunstância dos da Terra, sejam tão diferentes que deixem de ser afetos. Não acreditamos nisso.

Portanto, a religião do Céu consiste também principalmente em amor e alegria santos, e muito em afetos. A forma de aprender a natureza de uma coisa é ir aonde ela se encontra

em pureza e afeto. Assim, se quisermos observar a verdadeira natureza do ouro não devemos olhar para o minério em estado natural, mas sim para o metal refinado. E, em busca da verdadeira religião, encontramos a maior perfeição não onde ela apresenta defeitos e outras influências. Os verdadeiros devotos não pertencem a este mundo, são estrangeiros aqui e pertencem ao Céu. Nasceram do alto e o Céu é seu país de nacionalidade. Assim, o princípio da verdadeira religião que existe neles é transmitido pela religião do Céu. A graça que há neles é a glória de Deus. Ele os adapta a este mundo, conformando-os a Ele.

9. Os decretos e deveres de Deus são meio e expressão da

verdadeira religião

Primeiro citamos o dever de orar. Claro que o motivo de sermos convocados a orar não é declarar a perfeição de Deus: Sua majestade, santidade, bondade e suficiência. Somos vis, vazios, dependentes, indignos e isso, junto com nossas vontades e desejos, mostra que não merecemos nada. Mas Deus nos chama a orar para tocar nosso coração com o que expressamos e, assim, nos preparar para receber as bênçãos que pedimos.

Os gestos e o comportamento durante a adoração a Deus, em humildade e reverência, tendem a afetar tanto o nosso coração quanto o dos outros.

O dever de cantar louvores a Deus parece ter sido prescrito inteiramente para instigar e expressar afetos religiosos. Não há outro motivo para nos dirigirmos a Deus em verso e não em prosa, e também com música, a não ser pela tendência desses elementos a mover nossos afetos.

Vemos isso nos sacramentos que Deus estabeleceu. Conhecendo nossa constituição, Ele não apenas determinou nos revelar a grandiosidade do Evangelho e da redenção em Cristo, mas também nos ensinou através de Sua Palavra. Assim, nos deu representações perceptíveis nos sacramentos para nos afetar ainda mais.

Essa impressão das coisas divinas no coração e afetos da humanidade é, evidentemente, uma das maiores e principais maneiras que Deus estabeleceu para nos transmitir Sua Palavra. O alvo do dom das Escrituras não é apenas ter bons comentários e exposições e outros livros de teologia. Embora eles nos ajudem a entender melhor a Palavra de Deus, não conseguem tocar nosso coração e afetos da mesma forma. Na pregação, Deus mostrou uma aplicação específica e eficaz da Palavra para o ser humano. Ele considera isso uma forma adequada para afetar pecadores com a importância da fé e da necessidade que eles têm do remédio. Assim, a pregação enfatiza a glória e a suficiência da provisão divina. Ele usa isso também para provocar a mente pura dos santos e para mover os afetos deles através da lembrança constante das maravilhas da verdadeira religião. Com isso, coloca diante deles o contexto apropriado para a instrução completa (II Pedro 1.12,13).

Cristo enfatizou dois afetos, amor e alegria, quando “designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, para que o corpo de Cristo seja edificado, em amor” (Efésios 4.11,12,16). O Apóstolo, instruindo e aconselhando Timóteo quanto ao ministério, disse que a principal finalidade da Palavra é o amor e ser pregada (I Timóteo 1.3-5). Deus também usou a pregação para promover a alegria entre os santos. Portanto, os ministros são chamados de “promotores da alegria” (II Coríntios 1.24).

10. Dureza de coração é pecado

Santidade do coração, ou verdadeira religião, reside em grande parte nos afetos do coração. E, assim, as Escrituras se referem vezes sem conta à dureza do coração como o pecado do coração. Cristo sofria e reprovava os judeus por causa disso. “Irado, olhou para os que estavam à sua volta e, profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles...” (Marcos 3.5). Os homens trouxeram ira sobre si mesmos por causa do cora-

ção. “Por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento” (Romanos 2.5). A Nação de Israel deixou de obedecer a Deus por ser endurecida. “Mas a nação de Israel não vai querer ouvi-lo porque não quer me ouvir, pois toda a nação de Israel está endurecida e obstinada” (Ezequiel 3.7). A maldade e rebeldia da geração do deserto é atribuída à dureza do coração (Salmo 95.7-10). Foi isso também que impediu que Zedequias se voltasse para o Senhor. “Tornou-se muito obstinado e não quis se voltar para o Senhor, o Deus de Israel” (II Crônicas 36.13). O mesmo princípio apareceu quando os homens rejeitaram Cristo e se opuseram ao cristianismo: “Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão” (Atos 19.9).

Houve ocasiões em que Deus entregou o ser humano ao poder do pecado e à corrupção. Freqüentemente isso é descrito como “Deus endureceu os corações”. “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9.18). “Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração” (João 12.40)”. Aparentemente, o apóstolo se refere a um “coração mau que se separa do Deus vivo” e “coração duro” como sendo a mesma coisa. “Não endureçam o coração, como na rebelião” (Hebreus 3.8, cf. 3.12,13). A grande obra divina na conversão ou libertação de uma pessoa do poder do pecado também é expressa assim. “Retirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ezequiel 11.19; 36.26).

O coração duro claramente implica coração indiferente, que não se move de imediato com os afetos virtuosos. É insensível, estúpido, intocável e difícil de comover como uma pedra. Por isso é chamado de coração de pedra, fazendo oposição ao de carne, que possui sentimentos e sofre influência ao

ser tocado e movido. Lemos na Escritura sobre coração duro e sensível. Sem dúvida devemos ver isso como oportunidades.

O coração sensível se impressiona com facilidade com aquilo que deve afetá-lo. Deus elogiou Josias por causa disso: "'Já que o seu coração se abriu e você se humilhou diante do Senhor ao ouvir o que falei contra este lugar e contra os seus habitantes, que seriam arrasados e amaldiçoados, e porque você rasgou as vestes e chorou na minha presença, eu o ouvi', declara o Senhor" (II Reis 22.19). Deveríamos ser como as crianças pequenas, cujo coração é sensível e facilmente afetado e movido pelas coisas espirituais e divinas.

Outros textos deixam bem claro que a dureza do coração significa ausência de afeto. A avestruz "trata com dureza os seus filhos, como se não fossem seus" (Jó 39.16). De modo semelhante, a pessoa cujo coração não se afeta com o perigo é descrita como dura. "Como é feliz o homem constante no temor do Senhor! Mas quem endurece o coração cairá na desgraça" (Provérbios 28.14).

Já que a Escritura indica claramente a pessoa de coração duro como destituída de afetos piedosos, podemos entender a freqüente ligação entre essa dureza e os pecados e corrupções do coração. Por outro lado, também é claro que a graça e a santidade do coração resultam basicamente de afetos piedosos e da disposição a estar suscetível a tais afetos. Estudiosos em geral concordam que o pecado, radical e fundamentalmente, consiste no que é negativo e solapa a base da santidade. Se o pecado consiste tanto em dureza do coração e falta de afetos piedosos, então é claro que a santidade consiste muito na posse desses afetos.

Mas não estou, de forma alguma, sugerindo que todos os afetos mostram que o coração é sensível. Ódio, ira, orgulho e outros afetos egoístas que exaltam a própria pessoa podem ter presença marcante no mais duro dos corações. Claramente, dureza ou sensibilidade de coração são expressões que se relacionam a emoções e denotam o que toca o coração e o que ele ignora. Voltarei a esse aspecto mais adiante.

Conclusão

Diante de tudo isso, creio que fica clara e abundantemente evidente que a verdadeira religião reside muito nos afetos. Não que esses argumentos provem que a religião no coração dos realmente crentes é sempre exatamente proporcional à quantidade de afetos, pois, sem dúvida, os verdadeiros santos têm muitas emoções que não são espirituais. É freqüente os afetos religiosos deles serem misturados. Nem tudo vem da graça, pois muito vem da natureza humana. Embora os afetos não tenham origem no corpo, mesmo assim o estado físico pode contribuir muito para o presente estado emocional. Assim, o grau da vida religiosa pode ser julgado pela estabilidade e força do hábito exercitados nos afetos. Nem sempre a força do hábito será proporcional aos efeitos e evidências exteriores. Porém, é óbvio que a religião consiste muito em afetos, que sem eles não pode existir um coração real e fiel. Não pode existir luz no entendimento do que é bom, e não pode haver como resultado afeto santo e sincero.

Tendo considerado a evidência dessa proposição, gostaria de passar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, reconheça como é grave o erro de descartar todos os afetos religiosos como se fossem destituídos de solidez e substância. Isso é muito comum hoje. Talvez seja uma reação contra exageros da intensidade das emoções e do calor do zelo que aconteceram durante o grande Reavivamento. Vendo que as emoções intensas não levavam a nada, muitos reagiram e foram para o outro extremo. Há três ou quatro anos os afetos estavam em voga, mas trouxeram descrédito para a religião. Na realidade, eles não eram nada.

O erro não significa que não podemos ter afetos. Os destituídos de todos os afetos religiosos estão espiritualmente mortos. Estão privados das influências poderosas, vivificantes e salvadoras do Espírito de Deus no coração. Então, embora seja verdade

que não pode haver verdadeira religião onde só existe emocio-nalismo, da mesma forma ela não pode existir sem os afetos religiosos. É preciso haver entendimento e também fervor, pois se o coração tiver calor sem luz, não poderá haver nada divino ou celestial nele. Por outro lado, a luz sem calor, uma mente repleta de noções e especulações, com o coração frio e indiferente, também não terá nada de divino. Esse tipo de conhecimento não

trata de assuntos espirituais e divinos. As grandes coisas da religião, quando entendidas corretamente, afetarão o coração. Assim, se o ser humano racional não se afetar pelas coisas infinitamente maravilhosas, importantes e gloriosas que lê na Palavra de Deus, sem dúvida será cego.

Desvalorizar todos os afetos religiosos é o caminho certo para endurecer os corações e estimular a loucura e a insensatez. Isso prolonga o estado de morte espiritual por toda a vida da pessoa e, ao fim, leva à morte eterna. Assim, o preconceito generalizado contra os afetos religiosos que existe hoje tem o efeito terrível de endurecer o coração dos pecadores, abafar a graça em muitos santos e reduzir todos a um estado de estagnação e apatia. Desprezar e ir contra todos os afetos religiosos é o caminho certo para acabar com toda a religião do coração e arruinar as almas. Os que condenam esses afetos calorosos nos outros por certo não os possuem. Em suma, quem tem poucos afetos religiosos tem muito pouca religião.

Em segundo lugar, se a verdadeira religião está em grande parte nos afetos, então deveríamos fazer o possível para estimulá-los. Os livros, sermões e liturgias de culto que nos ajudam a adorar a Deus em oração e louvor devem ser encorajados, pois ajudam a afetar profundamente o coração. Mas atualmente, a apatia na oração e na pregação deixou de estimular os afetos. Em vez disso, provoca aversão e cria apenas desagrado e desprezo.

Terceiro, se a verdadeira religião está tanto nos afetos, deveríamos entender, para nossa vergonha diante de Deus, que

não somos mais afetados pelas grandes coisas da fé. Parece, com base no que dissemos, que isso decorre de termos muito pouco da verdadeira religião.

Deus nos deu os afetos com o mesmo propósito com que nos deu todas as habilidades da alma, ou seja, servir “à principal finalidade do ser humano”, que é a grande atividade para a qual Deus o criou, a atividade da religião. Mesmo assim, vemos as pessoas exercitarem os afetos em tudo, menos na religião! Quando se trata de interesses mundanos, prazeres exteriores, honra e reputação e relações naturais, dedicam-se com afeto e zelo ardente. Nisso têm o coração maleável e sensível, facilmente tocado, profundamente comovido, grande preocupação e interesse. Ficam profundamente

deprimidos com perdas mundanas e altamente empolgados com sucessos também deste mundo. Mas quanta insensibilidade e indiferença existem, na maioria das pessoas, quando se trata dos grandes assuntos do outro mundo! Como ficam entorpecidos os afetos! Aqui, o amor é frio, o desejo é fraco, o zelo é pouco e a gratidão é pequena. Sentam-se e ouvem sobre a infinita altura, profundidade, comprimento e largura do amor de Deus em Cristo Jesus, de Seu dom do Filho amado, oferecido como sacrifício pelos pecados humanos, e conseguem permanecer insensíveis e desatentos! Será que podemos supor que o Criador sábio implantou a faculdade dos afetos para ser usada dessa forma? Como os cristãos que acreditam na verdade dessas coisas não conseguem entender isso?

O Criador fez, com sabedoria, a natureza humana dessa maneira, então não devemos usar de forma errada nossos afetos. Nós, cristãos, jamais encontraremos nada mais valioso para responder com todo afeto do que aquilo que nos foi apresentado no Evangelho de Jesus Cristo. Não existe nada em que valha mais a pena usar nossos afetos. A glória e a beleza do bendito Senhor brilham em todo seu esplendor no rosto do Redentor encarnado, com amor infinito, manso, compassivo, enquanto Ele morre por nós. Todas as virtudes do Cordeiro de Deus - humildade,

paciência, mansidão, submissão, obediência, amor e compaixão - se revelam a nós de forma que toca profundamente nossos afetos. Vemos, também, os efeitos terríveis da natureza de nosso pecado, que nosso Redentor tomou sobre Si e sofreu em nosso lugar. Lá se encontra o quadro mais impactante do ódio de Deus ao pecado, Sua ira e Seu julgamento. Quando vemos Sua justiça e Sua ira, entendemos o castigo terrível que foi pago por nossos pecados. Grande motivo temos então para nos humilharmos no pó, já que não fomos tocados ainda mais!

PARTE II



COMO OS AFETOS RELIGIOSOS PODEM SER AVALIADOS ERRADAMENTE

26/3/2007 11:36:52

Uma fé mais forte que as emoções.indd 68

Capítulo II

Sinais falsos dos verdadeiros afetos religiosos

Após a leitura do capítulo anterior, alguém pode querer se explicar:

- Não sou desses que não possuem afetos religiosos, pois freqüentemente sou profundamente tocado quando considero as grandes realidades da religião.

Entretanto, tal pessoa não deve deduzir que possui mesmo os afetos religiosos. Da mesma forma que não podemos rejeitar todos os afetos com relação à fé, também não podemos deduzir que todos que são afetados pela religião possuem a verdadeira graça e estão, assim, sujeitos à influência salvadora do Espírito de Deus. Portanto, devemos concluir que é necessário fazer distinção entre os tipos de afetos religiosos. Para tratar mais disso, quero fazer duas coisas no restante deste livro.

■ Quero relacionar o que não podemos tomar como evidência quando julgamos a autenticidade dos afetos. Precisamos tomar cuidado para não julgar os afetos a partir de evidências falsas.

■ Quero observar aspectos em que os afetos são espirituais, da graça e como diferem dos que não são. Quero também mostrar como identificar e

conhecer os verdadeiros afetos.

Primeiro, então, neste capítulo, citaremos algumas formas em que os verdadeiros afetos podem ser falsamente avaliados.

i. A intensidade dos afetos religiosos não é evidência

Uns se apressam a condenar todos os afetos intensos. O preconceito os domina assim que vêem alguém elevando os afetos religiosos a um alto grau e, sem pensar duas vezes, declaram que se trata de ilusão. Mas, já que a verdadeira religião reside profundamente nos afetos religiosos, então haverá muitos afetos e uma rica qualidade de fé genuína.

O amor, por exemplo, é um afeto. Nenhum cristão ousa negar que as pessoas devem amar a Deus e a Jesus Cristo intensamente. Ninguém tem coragem de afirmar que não devemos odiar profundamente o pecado e que não sofremos muito por causa dele. Devemos ser gratos a Deus por toda a misericórdia que temos recebido. Precisamos desejar buscar a Deus e ter uma vida santa. Ninguém pode permanecer satisfeito com sua vida, afirmando que não precisa se humilhar, que está tudo bem na situação presente. Todos que entendem pelo menos um pouco do amor de Cristo, que morreu por nós, deixam de lado a indiferença. Ninguém pode, em sã consciência, acreditar que tais afetos por Deus venham a arruinar a verdadeira religião.

Nosso texto fala claramente de afetos grandes e elevados: “exultam com alegria indizível e gloriosa”. Na verdade, as expressões usadas são superlativas. As Escrituras claramente nos convidam a exercitar os afetos mais intensos. No primeiro e maior mandamento da Lei há um acúmulo de expressões, como se as palavras não fossem suficientes para expressar a intensidade que deve ter nosso amor a Deus. “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças” (Deuteronômio 6.5). Os santos são chamados a exercitar um alto grau de alegria. Cristo disse aos discípulos: “alegrem-se e regozijem-se” (Mateus 5.12, cf. Salmo 68.3). Nos Salmos, os santos são convidados muitas vezes a gritar de alegria. Em Lucas 6.23, há a exortação: “saltem de alegria”. Os santos são chamados para “louvar a Deus de todo coração, com o coração elevado nos caminhos do Se-

nhor e a alma engrandecendo o Senhor, a cantar louvores, falar de Suas obras maravilhosas e declarar Seus feitos".

Vemos, na Escritura, os santos mais eminentes professando seguidamente afetos intensos. O salmista fala do amor como se não conseguisse encontrar as palavras adequadas: "Como eu amo a tua lei!" (Salmo 119.97). E o mesmo acontece ao expressar ódio intenso ao pecado: "Acaso não odeio os que te odeiam, Senhor? E não detesto os que se revoltam contra ti? Tenho por eles ódio implacável!" (Salmo 139.21,22). Ele expressa também profunda tristeza pelo pecado. Fala sobre pecados "sobre sua cabeça como uma carga pesada demais para ele" e que "geme o dia todo, e sua umidade se transforma na seca do verão". Refere-se aos próprios ossos como tendo sido quebrados pelo sofrimento. Expressa freqüentemente desejos espirituais intensos, com ampla variedade das expressões mais fortes que conhecemos. Por exemplo, fala de seu anseio, da alma com sede como em uma terra seca e árida, onde não existe água, onde ele arqueja, sua carne e sua alma gritam, porque a alma está destruída por causa do anseio. Demonstra também profundo e intenso sofrimento pelo pecado dos outros. "Rios de lágrimas correm dos meus olhos, porque a tua lei não é obedecida" (Salmo 119.136). No versículo 53, afirma: "Fui tomado de ira tremenda por causa dos ímpios que rejeitaram a tua lei". Exprime também alegria intensa: "O rei se alegra na tua força, ó Senhor! Como é grande a sua exultação pelas vitórias que lhe dás!" (Salmo 21.1). "Os meus lábios gritarão de alegria quando eu cantar louvores a ti" (Salmo 71.23). "O teu amor é melhor do que a vida! Por isso os meus lábios te exaltarão. Enquanto eu viver te bendirei, e em teu nome levantarei as minhas mãos. A minha alma ficará satisfeita como quando tem rico banquete; com lábios jubilosos a minha boca te louvará. Quando me deito lembro-me de ti; penso em ti durante as vigílias da noite. Porque és a minha ajuda, canto de alegria à sombra das tuas asas" (Salmo 63.3-7).

O apóstolo Paulo expressa vários afetos intensos. Demonstra piedade e preocupação pelo bem dos outros, a ponto de sua alma se angustiar. Possuía amor profundo, ardente e abundante, com desejos sérios e permanentes e também exultava de alegria. Escreveu sobre a exaltação e os triunfos de sua alma, da intensa expectativa e esperança, das inúmeras lágrimas e freqüentemente do imenso sofrimento de sua alma em piedade, dor, desejo

sincero, ciúme santo e zelo fervoroso. Grande parte disso já foi citado e não há necessidade de repetir.

João Batista fez o mesmo. Também expressou grande alegria (João 3.29). A descrição das mulheres benditas que ungiram o corpo de Jesus mostra que exercitaram afetos intensos na ressurreição. “As mulheres saíram depressa do sepulcro, amedrontadas e cheias de alegria” (Mateus 28.8).

Costuma-se prever que a Igreja de Deus desfrutará de imenso regozijo em seu futuro na Terra. “Como é feliz o povo que aprendeu a aclamar-te, Senhor, e que anda na luz da tua presença! Sem cessar exultam no teu nome, e alegram-se na tua retidão” (Salmo 89.15,16). Realmente, já que grande alegria é o verdadeiro fruto do Evangelho de Cristo, o anjo chamou a chegada dele de “boas novas de grande alegria, que são para todo o povo” (Lucas 2.10).

No Céu, santos e anjos, em toda a sua perfeição, são profundamente afetados quando se deparam com a perfeição das obras de Deus e as contemplam. O amor, então, é uma chama celestial pura, e o mesmo acontece com a grandeza e a força da alegria e da gratidão. O louvor deles é representado como a voz de muitas águas e grandes trovões, porque reagem com perfeição à grandeza do amor de Deus.

Esses exemplos demonstram a intensidade dos afetos religiosos. Condenar o entusiasmo e presumir que o afeto não passa de emoção é um grande erro desnecessário.

Por outro lado, a intensidade não constitui evidência de verdadeiros afetos religiosos. As Escrituras Sagradas, nossa regra e guia infalível, deixam claro que afetos intensos às vezes não são espiritu-

ais nem da salvação. O apóstolo Paulo temia que os afetos exaltados dos gálatas tivessem sido exercitados em vão e não resultassem em bem nenhum. Por isso, perguntou: “Que aconteceu com a alegria de vocês? Tenho certeza de que, se fosse possível, vocês teriam arrancado os próprios olhos para dá-los a mim” (Gálatas 4.15). No versículo 11, ele disse que temia por eles, receava ter sofrido por eles em vão. Os filhos de Israel também foram imensamente afetados pela misericórdia de Deus quando

viram o maravilhoso livramento no Mar Vermelho, e cantaram louvores. Contudo, esqueceram logo o que tinha acontecido. Foram profundamente afetados de novo no Monte Sinai, ao ver as manifestações gloriosas da presença de Deus. Confiantes, responderam: “Faremos tudo que o Senhor falou, seremos obedientes”. Mas o entusiasmo e a demonstração de afeto acabaram muito rápido! Logo se voltaram para outros deuses, festejando e gritando em volta de um bezerro de ouro!

Segundo o evangelista João, multidões foram afetadas pelo milagre da ressurreição de Lázaro (João 12.18). E quando Jesus entrou em Jerusalém, a multidão fez um tumulto. Cortaram ramos de palmeiras e os espalharam no caminho para exaltar a Cristo, como se o chão não fosse digno de receber as patas do jumento que o carregava. Na verdade, chegaram a tirar as próprias capas e as colocaram no caminho, gritando a plenos pulmões: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (Mateus 21.8,9). Foi como se toda a cidade despertasse de novo, em um imenso alvoroço. Enquanto a multidão gritava “hosana”, os fariseus comentavam: “Olhem como o mundo todo vai atrás dele!” (João 12.19). No entanto, naquele tempo, Cristo tinha apenas uns poucos discípulos fiéis. E a celebração acabou num instante! Foi sufocada e morta quando o mesmo Jesus se colocou, amarrado, com um manto falso e uma coroa de espinhos, para sofrer escárnio, ser cuspido, açoitado, condenado e executado. A verdade é que havia de novo uma grande multidão gritando por causa dele, mas os gritos eram muito diferentes. Em vez de “hosana, hosana”, diziam “crucifica-o, crucifica-o!”.

Todos os pensadores ortodoxos concordam que os afetos religiosos podem ser levados a um nível intenso, mas não constituem evidência da verdadeira religião.[1]

2. Afetos físicos não são evidência dos verdadeiros afetos

De alguma forma, todos os afetos influenciam o corpo. Como já vimos, corpo e alma são tão unidos que tudo que afeta profundamente a mente tem reflexos físicos. Mas reações físicas intensas não provam a espiritualidade dos afetos.

Por outro lado, desconheço um padrão que mostre que afetos santos e da graça não afetem muito o corpo. Não vejo motivo que impeça a experiência da glória de Deus levar a um desmaio. Há grande poder nos afetos espirituais; lemos que ele age nos cristãos (Efésios 3.7), que o Espírito Santo se manifesta como Espírito de poder (II Timóteo 1.7) e que age nas pessoas com esse poder (Efésios 3.7,20). A natureza humana, por sua vez, é fraca. A Escritura fala da carne e do sangue como extremamente fracos e inadequados para experiências espirituais e celestiais (Mateus 26.41; I Coríntios 15.43, 50).

O texto que estamos analisando se refere à “alegria indizí-vel e gloriosa”. Olhando para a natureza humana e a dos afetos, não se pode deixar de notar que a alegria indizível e gloriosa pode ser grande e esmagadora demais para a debilidade do pó e cinza da condição humana. A verdade é que nenhum ser humano pode ver Deus e continuar vivo.

O salmista se refere ao efeito que as emoções religiosas intensas exerciam sobre a carne, ou corpo, dele, assim como sobre a alma: “A minha alma anela, e até desfalece, pelos átrios do Senhor;

o meu coração e o meu corpo cantam de alegria ao Deus vivo” (Salmo 84.2). Há uma distinção clara entre coração e carne. O mesmo acontece no Salmo 63.1: “a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água”.

O profeta fala de seu corpo ser dominado pela sensação da majestade de Deus: “Ouvi isso, e o meu íntimo estremeceu, meus lábios tremeram; os meus ossos desfaleceram; minhas pernas vacilavam” (Habacuque 3.16). O salmista também fala especificamente sofre o tremor na carne: “O meu corpo estremece diante de ti” (Salmo 119.120).

Fica evidente, na Escritura, que a noção da glória de Deus que algumas vezes vem a este mundo tende a sobrepujar o corpo humano. Vemos, por exemplo, descrição disso no profeta Daniel e no apóstolo João. Daniel disse: “fiquei sem forças, muito pálido, e quase desfaleci” (Daniel 10.8). O apóstolo João relatou, ao contar a revelação que recebera: “Quando o vi, caí aos seus pés como morto” (Apocalipse 1.17). Como conseqüência, ambos foram profundamente afetados, a alma tomada e o corpo subjugado pela

experiência da presença e da glória de Deus. Creio ser precipitado defender que Deus não pode e não concederá experiências semelhantes da glória e majestade de sua natureza a Seus santos, sem que haja impedimentos externos.

Antes de concluir este ponto, gostaria de observar que a Escritura faz uso amplo dos efeitos físicos na expressão da força dos afetos santos e espirituais: “tremor” (Salmo 119.120; Esdras 9.4; Isaías 66.2,5), “gemidos” (Romanos 8.26), ficar “doente” (Cântico dos Cânticos 2.5; 5.8), “suspirar” (Salmo 84.2, RA), “coração palpitando” (Salmos 38.10; 42.1; 119.131) e “desfalecer” (Salmos 84.2; 119.81). Alguém pode dizer que essas expressões foram usadas figurativamente para representar o grau de afeto. Mas tenho a esperança de que todos concordarão que elas são figuras adequadas que o Espírito de Deus usa para representar a experiência intensa dos afetos espirituais. Não creio que a experiência de tais emoções possa ser confundida com afetos falsos e enganos do diabo.

3. Fluência e fervor ao falar não são evidência

Muitos sentem um preconceito enorme contra pessoas que falam com fluência e fervor. Condenam os que falam muito como sendo fariseus e hipócritas cheios de pompa. Por outro lado, há quem imediatamente acredita no que os fervorosos falam e deduzem que são filhos de Deus sob a influência salvadora do Espírito Santo por causa do modo como discursam. Assim, agem com ignorância e tolice. Consideram o falatório como grande evidência do novo nascimento. Argumentam que “fulano teve a boca aberta. Antes falava pouco, mas agora está pleno e livre. Tem liberdade para abrir o coração e louvar a Deus, a mesma liberdade de uma fonte que jorra água”. E assim por diante. Mas estão confiando demais nessa evidência.

A conclusão mostra pouco discernimento, e a experiência não passa de evento efêmero, fato que mais tarde ficará provado, sem sombra de dúvida. É um erro confiar na própria sabedoria, ou discernimento, em vez de tomar a Escritura como regra. Embora ela contenha inúmeras regras sobre como julgar a nós mesmos e nos comportar com o próximo, não existe norma para julgar emoções.

As pessoas tendem a falar muito sobre religião. Isso pode partir de um motivo bom, ou não. Às vezes o coração está pleno de afetos santos. “Pois a boca fala do que está cheio o coração” (Mateus 12.34). Porém, mais uma vez, os corações podem estar cheios de afetos religiosos que não são santos.

Tudo depende da natureza dos afetos. O entusiasmo das multidões que seguiram João Batista e Jesus significava apenas um estado emocional, sentimento efêmero.

Assim, a pessoa pode falar muito de suas experiências, mas freqüentemente isso é um sinal negativo e não positivo. É como a árvore repleta de folhas que dá pouquíssimos frutos. Ou como a nuvem que parece trazer uma tempestade, mas não passa de vento sobre a terra seca e árida. O Espírito Santo usa

muito esse simbolismo para representar a mera exposição oral da religião, sem repercussão verdadeira na vida. “Como nuvens e ventos sem chuva é aquele que se gaba de presentes que não deu” (Provérbios 25.14).

Os fortes afetos falsos se apresentam com muito mais facilidade do que os verdadeiros. A pompa e a visibilidade fazem parte da natureza da falsa religião, como acontecia com os fa-riseus.[2]

4. Emoções impostas não são evidência

Hoje, muitos condenam qualquer afeto estimulado que não possa ser explicado. Os afetos não parecem resultar dos esforços da pessoa, nem ser conseqüência natural de suas próprias habilidades. Parece haver influência externa de um poder sobrenatural sobre a mente da pessoa. Quantos têm reprovado e ridicularizado atualmente a doutrina da experiência interior, ou a percepção sensível do poder e da ação imediata do Espírito de Deus! Acreditam que o Espírito de Deus opera de forma silenciosa, secreta e imperceptível, através de nossos próprios esforços. Assim, não fazem distinção entre a influência do Espírito Santo e a operação natural de nossas faculdades mentais.

É irracional supor que alguém pretenda receber a influência salvadora do Espírito de Deus enquanto negligencia o aprimoramento dos meio indicados

pela graça. Esperar que o Espírito opere para salvar na mente sem usar outros meios é ser emocional demais. Sem dúvida, também é verdade que o Espírito de Deus usa vários meios e circunstâncias, e às vezes opera de

forma mais secreta e gradual, partindo de um começo pequeno, o que não faz em outras ocasiões.

Mas se existe mesmo um poder totalmente diferente do nosso e mais forte, então será razoável supor que a ação dele possa ser produzida externamente? Se a graça é mesmo poderosa e eficaz, um agente externo, ou se o poder divino se encontra fora de nós, por que seria irracional supor que ele pode e opera como quer? Será tão estranho quanto parece? Quando a graça no coração não foi produzida por nossas forças, nem resultado de nossas faculdades naturais, nem produzida por qualquer meio ou instrumento que não o Espírito do Todo-Poderoso, então será estranho e inaceitável que fatos diferentes aconteçam?

A Escritura ensina abundantemente que a graça na alma é tão afetada pelo poder de Deus que a experiência pode ser propriamente comparada a um novo nascimento, uma ressurreição, uma criação, ou ser feita a partir do nada. Essas metáforas são usadas para ilustrar o poder imenso de Deus, tremendamente glorificado e maravilhoso demais para contemplarmos (Efésios 1.17-20).

Mas e o que dizer das situações em que o Todo-Poderoso realiza suas grandes obras em segredo? Por que Ele faz isso? A julgar pela Escritura, parece que Ele costuma agir imperceptivelmente, para que a dependência do ser humano seja mais evidente, e nenhuma carne se glorie na presença dele (I Coríntios 1.27-29). Faz isso também para que só Ele seja exaltado (Isaías 2.1-17) e para “mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (II Coríntios 4.7). É assim que o poder de Cristo se manifesta em nossa fraqueza (II Coríntios 12.9). Ele declara que nada senão Sua mão me salvou (Juízes 7.7).

Os homens de Gideão, bem como Davi enfrentando Go-lias são fatos que ilustram o mesmo princípio. O Evangelho sempre confundiu os filósofos deste mundo.

Em Efésios 1.18,19, o apóstolo fala sobre Deus iluminar a mente dos cristãos e assim fazer com que acreditassem em Cris-

to. O propósito era que eles conhecessem a imensidão do poder de Deus dado aos que crêem. As palavras exatas são:

Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual Ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dEle nos santos e a incomparável grandeza do Seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da Sua poderosa força.

Note que, quando o apóstolo fala sobre estarem sujeitos a Deus para serem iluminados e seguirem o chamado, ele mostra que o propósito nada mais é do que “conhecerem por experiência pessoal”. Os santos que têm experiência com esse poder sentem e discernem conscientemente o que é divino da operação natural distinta da própria mente, que não se agrada de Deus agir tão em segredo e imperceptivelmente, que o resultado não possa demonstrar que estão sujeitos a um outro poder extrínseco.

Então, é irracional e contra as Escrituras afirmar que os afetos não procedem do Espírito de Deus porque não são da própria pessoa. Contudo, não há evidência de que os afetos são de Deus quando não são produzidos de forma adequada pelos que são sujeitos a eles, ou quando brotam na mente de maneira inexplicável.

Há alguns que usam esse argumento em seu próprio favor. Quando falam sobre sua experiência, dizem: - Tenho certeza de que não inventei. Não foi fruto de nenhum plano ou esforço meu. Quando aconteceu, nem estava pensando nisso. Mesmo que me dessem toda a riqueza do mundo eu não conseguiria repetir por mim mesmo.

Diante disso, acreditam que a experiência veio do Espírito de Deus e por isso tem valor para a salvação. Isso é ignorância e falta de bom senso, já que pode ser obra de outro espírito. O comentário acima não prova que tudo foi obra do Espírito Santo. Somos exortados a provar os espíritos.

Também existem impressões na mente que não foram produzidas pela própria pessoa, nem por espírito maligno, mas sim pelo Espírito de Deus. E assim mesmo não têm valor para a salvação, mas são apenas influência comum do Espírito. Essa pode ser a experiência dos que são citados em Hebreus 6.4,5: “aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir”. Mesmo assim, eles podem viver totalmente alheios às “coisas melhores... próprias da salvação” (versículo 9).

5. Textos bíblicos

A experiência de versículos surgirem na mente não é evidência de afetos da graça. A verdade da Palavra por certo contém e ensina o que é fundamental para os afetos, mas a simples lembrança súbita e inesperada não é evidência da existência deles.

Reações emocionais diante das Escrituras, seja de medo, esperança, alegria, tristeza, seja outra qualquer, não são, por elas mesmas, evidência de uma experiência genuína. Há quem pense que as emoções têm valor para a salvação, especialmente quando envolvem esperança, alegria ou qualquer outro sentimento agradável, ou que traga prazer. Esses citam tais emoções para provar que tudo vai bem e que a experiência veio da Palavra. Assim, declaram: - Tais e tais promessas surgiram em minha mente. Apareceram de repente, como se alguém tivesse falado comigo. Não tive participação no aparecimento desse texto na minha mente.

O argumento a seguir é que engana pessoas ingênuas assim. A Escritura é a Palavra de Deus, não contém erros, portanto, as experiências que provoca devem ser sempre certas. Mas precisamos lembrar que as emoções podem surgir a partir de versículos, não como fruto genuíno da Palavra, mas apenas

como emoção. Isso é abusar da Escritura. Portanto, é falso deduzir que todos os sentimentos que ocorrem durante a leitura das Escrituras são corretos. Tudo que se pode dizer quanto a essas experiências com base na pureza e perfeição da Palavra de Deus é que aquelas que estão de acordo com ela são certas.

Há ampla evidência de que o diabo pode pegar textos da Escritura e torcê-los para enganar as pessoas. Com certeza isso está dentro do poder de Satanás. Não é difícil colocar sons ou letras na mente de alguém, e, se Satanás tem poder para fazer isso, tem poder também para colocar palavras que fazem parte da Bíblia. Não há nada melhor para a emoção surgir a partir de um texto bíblico do que uma historieta ou um cântico. As Escrituras não são um texto tão intocável que o diabo não ouse abusar ou tocar nelas. Ele ousou desafiar o próprio Cristo no deserto, levou-o daqui para lá, para o alto de uma montanha e para o pináculo do templo. Ele não tem medo de tocar na Escritura nem de torcer seu significado para atingir seus propósitos. Podemos ver como ele citou um texto após o outro para Cristo na tentativa de enganá-lO. Da mesma forma, ele pode tentar enganar as pessoas hoje com textos bíblicos. Pode citar uma pilha de promessas escriturísticas a um pobre pecador enganado e aplicá-las de maneira incorreta, usando-as para remover dúvidas que surjam, ou para confirmar alegria e confiança falsas.

Da mesma forma, professores corruptos e falsos podem distorcer a Escritura, e o fazem, levando à destruição deles mesmos e também dos outros (II Pedro 3.16). Vemos como usam com liberdade a Palavra, sem considerar nenhum trecho precioso ou sagrado demais para temerem torcer o seu significado, para ruína eterna de multidões. O coração humano é enganoso como o diabo, e o ser humano usa as mesmas armas para enganar.

Claro que qualquer pessoa pode experimentar afetos intensos como esperança e alegria ao ler textos bíblicos. É verdade que as preciosas promessas da Bíblia podem surgir súbita e admiravelmente na mente, em seqüência maravilhosa, como

se fossem pronunciadas por alguém. Ainda assim, nada disso é argumento suficiente para provar que os afetos foram divinamente inspirados; o fato é que podem ser efeito dos enganos de Satanás.

Gostaria de observar ainda que as pessoas podem se empolgar com afetos de alegria provenientes da Palavra de Deus e até indicar alguma influência do Espírito de Deus e, ainda assim, as experiências carecerem de qualquer natureza de religião verdadeira e salvadora. Na parábola do semeador, havia os que tinham coração como solo pedregoso, que ouviam a Palavra com

grande alegria, mas a semente não tinha onde crescer. Os afetos deles tinham aparência de verdadeiras plantas que cresciam em solo bom. Só mais tarde, no meio da provação, a diferença entre os dois solos ficou evidente. Tornou-se claro que não havia religião salvadora naqueles afetos.[3]

6. Exibição de amor não é evidência dos verdadeiros afetos religiosos

Muitos supõem que amor é uma boa evidência de que os afetos são influências salvadoras e santificadoras do Espírito Santo. Alegam que Satanás é incapaz de amar. Já que o amor é contrário ao diabo, cuja natureza é inimizade e malícia, todo amor é necessariamente cristão. Afinal, o amor é mais excelente do que conhecimento, profecia, milagres e até do que falar a língua dos homens e dos anjos. Claro que ele é a principal graça do Espírito de Deus, assim como a vida, essência e substância de toda a verdadeira religião. É através dele que tomamos mais a forma do Céu e nos colocamos em contraste com o diabo e o inferno.

Mas esse argumento é pobre, pois presume que não exis-

tem imitações do amor. Sempre se deve enfatizar que o elemento mais excelente é exatamente o que vai ser mais imitado. Por isso existe mais falsificação de prata e ouro do que de ferro e cobre. Existem muitos diamantes e rubis falsos, mas ninguém falsifica cascalho. Entretanto, quanto mais excelente for o elemento, mais difícil será imitar seu caráter essencial e suas virtudes intrínsecas. Mas, quanto mais variadas forem as imitações, mais habilidade e sutileza serão necessárias para fazer a imitação perfeita, pelo menos na aparência externa. Isso acontece com as virtudes e graças cristãs. O diabo e o coração enganoso do ser humano tentam imitar o que tem mais valor. Assim, as graças mais imitadas são o amor e a humildade, pois são as virtudes que demonstram com mais clareza a beleza do verdadeiro cristão.

As Escrituras deixam claro que a pessoa pode ter um tipo de amor religioso sem a graça salvadora. Cristo disse que muitos que se declaram seus seguidores possuem esse amor, mas que o amor não irá durar e não levará à salvação. “Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mateus 24.12,13). Essas

palavras deixam bem claro que aqueles cujo amor não durar até o fim não serão salvos.

Algumas pessoas podem aparentar amar a Deus e a Cristo, mesmo com afetos naturais fortes e intensos, mas não terem a graça. Foi esse o caso de vários judeus não alcançados pela graça, que seguiram Jesus dia e noite, ficando até sem comer ou dormir. Disseram: - Senhor, vou seguir-te aonde fores, depois gritaram: - Hosana ao Filho de Davi![4]

O apóstolo parece sugerir que em seus dias havia muitos que tinham amor falsificado por Cristo. “A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível” (Efésios 6.24). A palavra incorruptível mostra que o apóstolo tinha consciência de que muitos nutriam por Cristo um amor que não era puro nem espiritual

Assim, o amor cristão pelo povo de Deus também pode ser imitado. As Escrituras mostram que pode haver afetos fortes desse tipo destituídos da graça salvadora, como acontecia com os gálatas com relação ao apóstolo Paulo. Eles disseram que estavam prontos a arrancar os olhos e os dar a ele. Porém, Paulo expressa medo de que os afetos deles não resultassem em nada e que ele tivesse trabalhado em vão no meio deles (Gálatas 4.11,15).

7. Muitos tipos de afetos religiosos não são evidência suficiente

A pseudo-religião tende ao absurdo e desequilíbrio quando comparada com a verdadeira, mas pode, ainda assim, conter grande variedade de afetos falsos semelhantes aos verdadeiros.

Claro que existe todo tipo de falsificação dos afetos da graça, tanto com relação ao amor de Deus quanto ao amor entre os irmãos, como acabamos de comentar. Assim, encontramos exercício de tristeza santa diante do pecado no Faraó, em Saul, em Acabe e nos filhos de Israel no deserto (Êxodo 9.27; I Samuel 24.16,17; 26.21; I Reis 21.27; Números 14.39,40). Há referência ao temor a Deus entre os samaritanos: “Eles adoravam o Senhor, mas também nomeavam qualquer pessoa para lhes servir como sacerdote nos altares idólatras. Adoravam o Senhor, mas também prestavam culto aos seus próprios deuses” (II Reis 17.32,33). Lemos sobre inimigos de Deus: “Tão grande é o teu poder que os teus inimigos rastejam

diante de ti!” (Salmo 66.3), ou, como diz o hebraico, “se inclinam para Ele”. Em outras palavras, possuem reverência e submissão falsas. Lemos ainda a expressão de gratidão que os filhos de Israel cantaram em louvor a Deus no Mar Vermelho (Salmo 106.12) e também a gratidão de Naamã, o sírio, depois de ser milagrosamente curado da lepra (II Reis 5.15).

Podemos citar exemplos de alegria espiritual em ouvintes que se assemelhavam ao solo rochoso (Mateus 13.20) e em especial nos muitos que ouviram João Batista (João 5.35). Ouvimos também do

zelo nesse sentido de Jeú (II Reis 10.16) e de Paulo, antes da conversão (Gálatas 1.14; Filipenses 3.6). De modo semelhante, lemos que judeus incrédulos eram zelosos (Atos 22.3; Romanos 10.2). Então, gente sem a graça de Deus pode exercitar desejos religiosos intensos, como Balaão (Números 23.9,10). Também pode haver, como com os fariseus, uma esperança firme de vida eterna.

Se, então, o ser humano natural é capaz de possuir uma semelhança de todos os tipos de afetos religiosos, nada impedirá que apresente vários ao mesmo tempo. Na verdade, isso acontece freqüentemente. E, quando os afetos falsos surgem com intensidade, muitos aparecem juntos.

8. O conforto e a alegria resultantes do despertamento espiritual e a convicção da consicência não são evidência

Muitos se predispõem contra experiências e afetos que surgem de maneira dramática, por exemplo, quando desperta-mentos, temores e apreensões terríveis surgem timidamente, como a percepção da decadência total e da perdição no pecado, e depois são seguidos por alguma luz e consolo. Certos estudiosos questionam todas essas técnicas e etapas estabelecidas para a pessoa seguir. O ceticismo aumenta ainda mais quando uma experiência de alegria intensa ocorre depois de uma grande sensação de angústia e terror.

Mas essas objeções e predisposições são descabidas, sem fundamento bíblico. Claro que é razoável que, ao libertar alguém do pecado e de sua influência destruidora, Deus conceda à pessoa uma experiência intensa com o mal de que acabou de libertá-la. Com isso, a pessoa poderá entender totalmente do que foi salva e perceber um pouco do que Deus fez por ela.

Com essa profunda experiência de carência, pode sentir mais a suficiência de Cristo e da misericórdia de Deus que age através dEle.

Portanto, faz parte do modo de Deus agir com a humanidade levar a pessoa ao deserto antes de falar claramente com

ela. A Escritura mostra muitas vezes um princípio: Deus deixa a pessoa em grande aflição para que ela veja que é totalmente incapaz e depende do Seu poder e da Sua graça. Depois, Ele opera a grande libertação que é necessária (Deuteronômio 32.36,37).

Antes de libertar os filhos de Israel do Egito, Ele os preparou, fazendo-os ver como era difícil a situação em que se encontravam, e eles “gemiam e clamavam debaixo da escravidão; e o seu clamor subiu até Deus” (Êxodo 2.23; 5.19).

O mesmo aconteceu no Mar Vermelho - antes da grande libertação, foram colocados sob grande aflição. O deserto os engolira, não podiam ir nem para a direita nem para a esquerda e, à frente, estava o mar. Atrás vinha o grande exército do Egito. Foram colocados em uma situação em que não podiam fazer nada para se livrar. Se Deus não os ajudasse, teriam sido completamente exterminados. Foi então que Deus apareceu e transformou o choro deles em cânticos. Assim, antes de serem levados ao descanso, para desfrutar do leite e mel de Canaã, Deus “os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não... a fim de que tudo fosse bem” (Deuteronômio 8.2,16).

A mulher que sofreu doze anos com uma hemorragia só foi curada depois de gastar “tudo o que tinha com os médicos; mas ninguém pudera curá-la”. Ficou desamparada, sem dinheiro. Então foi até o grande Médico e Ele a curou sem cobrar nada (Lucas 8.43,44). Antes de atender ao pedido da mulher de Canaã, Cristo aparentemente, em primeiro lugar, lhe disse não, humilhou-a e fez com que ela visse que não valia mais do que um cachorro. Depois, mostrou Sua misericórdia e a recebeu como filha querida (Mateus 15.22 ss).

Semelhantemente, lemos de uma ocasião em que Jesus e os discípulos estavam em um barco, no meio de uma grande tempestade. Os discípulos, com medo de morrer, gritaram: “Senhor, salva-nos! Vamos morrer!”. Então Ele repreendeu o vento e as

ondas e houve uma grande calma (Mateus 8.24-26). O apóstolo Paulo, comenta sobre o que precedeu uma libertação memorável: “não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, ao ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (II Coríntios 1.8,9).

Se passarmos, agora, a considerar as revelações que Deus fez sobre Si mesmo aos santos da antiguidade, veremos que muitas vezes Ele primeiro se revelou de maneira terrível e só depois por aquilo que gera encorajamento e consolo. Foi assim com Abraão. Primeiro, o horror de uma grande escuridão caiu sobre ele, depois Deus se revelou a ele em promessas agradáveis (Gênesis 15.12,13). Também aconteceu com Moisés no Monte Sinai. Primeiro, Deus apareceu em todo o terror de sua majestade imensa, e Moisés até comentou: “Temi e tremi intensamente”. Depois Deus fez toda a Sua bondade passar por Seu servo e proclamou Seu nome; “O Senhor Deus, bondoso e misericordioso”. Com Elias houve primeiro um vento tempestuoso, depois terremoto, fogo devorador e por fim um cicio tranqüilo e suave (I Reis 19). Daniel viu a silhueta de Cristo como um relâmpago que o aterrorizou e o fez desfalecer. Depois, palavras de renovação e consolo o fortaleceram: “Daniel, você é muito amado” (Daniel 10). Isso aconteceu também com o apóstolo João (Apocalipse 1).

Muitas passagens bíblicas mostram que Deus primeiro leva o homem a encarar sua própria perversidade para depois manifestar Sua graça. O servo que devia dez mil talentos primeiro foi confrontado com a dívida e ouviu o rei pronunciar a sentença de condenação. Depois, o rei deu a ordem para soltarem o servo, a esposa e os filhos, além de considerar a dívida quitada. Assim, ele é humilhado e levado a reconhecer que a dívida era justa. Só depois o rei o perdoa completamente. O filho pródigo desperdiçou tudo que tinha e foi levado a se humilhar na pobreza, ver

sua falta de merecimento antes de receber o perdão e participar da festa organizada pelo pai (Lucas 15).

As feridas antigas, originais, precisam primeiro ser examinadas a fundo para depois receber a cura. A Escritura compara o pecado a uma ferida na alma e afirma que a tentativa de curá-la sem examinar antes é vã e enganosa (Jeremias 8.11). Deus costuma mostrar ao ser humano a condição terrível em que se encontra antes de lhe dar consolo, libertação e cura. O Evangelho precisa ser revelado como notícia ruim antes de poder se tornar boas novas.

Portanto, é razoável supor que as pessoas devem sofrer profunda aflição e muita apreensão quando percebem como seus pecados são grandes e inúmeros à luz da infinita majestade de Deus e entendem a enormidade da Sua ira eterna. Isso fica ainda mais aparente nos exemplos claros na Escritura de pessoas levadas a essa grande aflição pela convicção antes de receber a consolação salvadora. Por isso, a multidão em Jerusalém "sentiu aflito o coração e perguntou a Pedro, e aos outros apóstolos: 'Homens, irmãos, o que faremos?'". O apóstolo Paulo tremeu e ficou atônito antes de receber consolo. O carcereiro "pediu uma lâmpada, entrou correndo e, tremendo, caiu diante de Paulo e Silas, perguntando: 'Senhores, o que preciso fazer para ser salvo?'".

A partir dessas evidências, parece ser muito razoável que cristãos declarados façam objeção à verdade e à natureza espiritual de afetos tranqüilos e alegres quando ocorrem depois de apreensões e aflições terríveis como as mencionadas.

Por outro lado, o fato dos consolos e alegrias acontecerem depois de grande terror e medo paralisante do inferno não basta para provar que são corretos.[5] Alguns eruditos enfatizam com veemência a necessidade de aterrorizar as pessoas como evidência da grande obra da lei sendo operada no coração tendo em vis-

ta preparar o terreno para o consolo efetivo. Mas eles esquecem que terror e convicção da consciência são elementos distintos. Embora esta cause terror, não consiste apenas neste sentimento. O terror é provocado também por outras causas. Convicções da consciência, causadas pela influência do Espírito de Deus, consistem em convicção de simplicidade de coração e de

prática. É o pavor do pecado cometido diante de um Deus de majestade imensa e santidade infinita que odeia o pecado e exercita justiça santa ao puni-lo. Há pessoas que temem terrivelmente o inferno, mas possuem pouco entendimento da consciência. Caso tenha permissão, o diabo pode prontamente aterrorizar as pessoas, assim como o Espírito de Deus. É ação natural ao inimigo, que possui muitas formas de levar a cabo o que pretende.

Além disso, os medos e terrores que algumas pessoas têm são fruto do seu temperamento, cuja imaginação sofre impressão mais forte de tudo que as afeta. Assim, a impressão sobre a imaginação delas influencia os seus afetos e os intensifica ainda mais. Afeto e imaginação, então, agem reciprocamente, até que a amplitude das emoções seja tão grande que ambos sejam engolfados e apropriados por elas.[6]

Por isso, há pessoas que falam da própria maldade sem nenhuma ou pouca convicção de pecado. Apesar de afirmarem possuir o coração terrivelmente duro, não entendem por completo o que isso significa. Falam de um peso terrível na consciência, semelhante a um monte de lixo escuro e asqueroso em seu interior, mas, analisando o caso com mais cuidado, vemos que não têm a menor idéia da dimensão do verdadeiro significado de corrupção da natureza, nem de como seu coração é enganador e pecaminoso. Infelizmente, muitos acreditam ter grande convicção de todo o seu pecado, e descrevem como os

pecados foram expostos diante deles e como os cercaram com aparência horrível. No entanto, essas pessoas muitas vezes não têm a menor idéia sobre a realidade do pecado.

Assim, o fato das pessoas serem afligidas com grande terror, que parece ter sido despertado e convencido pelo Espírito de Deus, não quer dizer, necessariamente, que esse terror levará ao verdadeiro consolo. Corrupção não mortificada no coração pode abafar o Espírito Santo depois que Ele luta para afastar a pessoa das esperanças e alegrias arrogantes de exaltação do ego. Nem toda mulher em trabalho de parto dá à luz uma criança saudável. O bebê pode sofrer deficiências físicas ou mentais. Do mesmo modo, vemos que consolo e alegria não acontecem automaticamente após um

grande terror e despertamento. Esses não são sinais infalíveis de que a graça verdadeira e salvadora virá em seguida. Existem quatro motivos para isso.

Em primeiro lugar, o diabo pode imitar todas as operações de salvação e graça do Espírito de Deus. Pode, ainda, imitar as operações que preparam o caminho para a obra da graça. Na verdade, não existem obras tão sublimes e divinas, fora do alcance de todas as criaturas, que o diabo não possa imitar. Conseqüentemente, le-mos que Saul, malvado e orgulhoso, apesar de convencido de seu pecado, caiu em pranto e soluçou diante de Davi, seu subalterno, por quem ele nutria ódio mortal e tratava como inimigo, à vista de todos. Saul exclamou: “Você é mais justo do que eu. Você me tratou bem, mas eu o tratei mal”. Em outra ocasião, confessou: “Pequei! Tenho agido como um tolo e cometi um grande erro” (I Samuel 24.16,17; 26.21). Contudo, há muito pouca evidência da presença do Espírito de Deus na vida de Saul. Pelo contrário, o Espírito de Deus se separou dele e abriu mão dele, e um espírito maligno enviado pelo Senhor o atormentava. Então, se esse rei orgulhoso foi levado, em um momento de emoção, a se humilhar diante de um súdito que odiava e a quem continuou perseguindo como inimigo passada a emoção, nós também podemos parecer estar sob grande convicção e humilhação diante de Deus e continuar Seus inimigos.

Em segundo lugar, se a ação e os efeitos do Espírito de Deus nas convicções e consolo dos verdadeiros convertidos são elaborados e mesmo assim podem ser imitados, então a ordem em que acontecem também pode ser imitada. Se Satanás é capaz de falsificar os fatos, também pode, com muita facilidade, organizar a seqüência em que ocorrem. Contudo, Satanás não consegue imitar *exatamente* a natureza das ações divinas. Assim, uma seqüência específica não é confiável porque faz parte da natureza da falsificação não ter o poder divino que coloca as experiências na ordem certa. E, por isso, nenhuma ordem ou método de operação e experiências é prova cabal de origem divina.

Em terceiro lugar, não existe regra clara para determinar até onde o Espírito de Deus pode operar nas convicções e emoções que não são verdadeiramente espirituais e de salvação. Não existe ligação intrínseca entre a natureza das coisas da experiência de um ser humano natural e a

graça salvadora do Espírito de Deus. Só a Revelação divina pode deixar isso claro. Deus não revelou nenhuma conexão clara entre a salvação e qualidades humanas, a não ser a graça e seus frutos. Diante disso, a convicção gerada pela lei e o consolo não são métodos seguros de avaliação. A Bíblia não cita nem uma vez esses elementos como sinais seguros da graça nem como características distintivas dos santos. Mas encontramos operações da graça e seus efeitos mencionados milhares de vezes. Isso, então, deveria bastar para os cristãos dispostos a ter a Palavra de Deus, em vez de sua própria filosofia, experiências e conjecturas, como guia suficiente.

Em quarto lugar, a experiência confirma, em larga escala, que pessoas que parecem ter a seqüência correta de convicções e consolos não possuem, necessariamente, a graça de Deus.[7] Assim, faço um apelo a todos os pastores deste país, que têm oportunidade de lidar com almas durante este movimento de Reavivamento, para não acreditarem apenas nos testemunhos de conversão, mas

para também procurarem a evidência clara do Espírito de Deus nessas conversões. Os passos e a seqüência em que aconteceram dentro das histórias não são evidência de verdadeira conversão. Sem o Espírito de Deus, técnicas e métodos não têm qualquer significado.

Pelo contrário, como Thomas Shepard observou, à primeira vista, a obra de transformação em um santo parece um caos. Os santos não sabem o que fazer, porque a maneira do Espírito agir neles costuma ser extremamente misteriosa e ines-crutável. Eclesiastes 11.5 compara o mistério da ação do Espírito no novo nascimento ao nascimento físico: “Assim como você não conhece o caminho do vento, nem como o corpo é formado no ventre de uma mulher, também não pode compreender as obras de Deus, o Criador de todas as coisas”.

A nova criatura pode usar a linguagem do salmista: “Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isso com convicção. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra” (Salmo 139.14,15). As palavras de Isaías 53.8 se aplicam ao nascimento de Cristo tanto em sua pessoa quanto no coração de seu povo: “E quem pode

falar dos seus descendentes?”. Não sabemos como Deus age. “A glória de Deus é ocultar certas coisas” (Provérbios 25.2).

Temo que alguns tenham ido longe demais na tentativa de direcionar o Espírito do Senhor. A experiência mostra claramente que o Espírito de Deus é insondável e impenetrável na conversão dos melhores cristãos. Não se pode discernir Sua forma de ação. Pode nos parecer que determinados procedimentos são necessários e que certas regras foram estabelecidas pela opinião geral, mas isso pode esconder a realidade.

O que precisamos fazer, principalmente com inquisições sobre nosso próprio estado ou nas instruções que damos aos outros, é analisar o efeito que Deus trouxe à tona dentro da alma. Os passos que o Espírito de Deus escolhe para operar é responsa-

bilidade inteiramente dEle. A Escritura nos instrui a testar a natureza dos frutos para saber se vêm realmente do Espírito. Mas ela não apresenta nenhuma descrição de como o Espírito os produz.[8] Muitos erram totalmente em sua noção sobre o que é evidência clara da conversão. Acabam por descrever uma seqüência de etapas e métodos que é clara para eles. Contudo, a obra mais clara é o resultado da natureza divina e espiritual da obra que ocorreu.

9. Afetos religiosos verdadeiros não são o mesmo que tempo e esforço gastos em afetos religiosos

É comum hoje as pessoas argumentarem injustamente contra os afetos religiosos por causa de muito tempo gasto em leitura, oração, cânticos, sermões e assim por diante. Porém a Bíblia deixa claro que é uma tendência da verdadeira graça as pessoas sentirem prazer nessas práticas religiosas. A graça teve esse efeito sobre a profetisa Ana (Lucas 2.37): “Nunca deixava o templo: adorava a Deus jejuando e orando dia e noite”. O mesmo efeito ocorreu com os primeiros cristãos de Jerusalém: “Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus” (Atos 2.46,47). A graça fez Daniel sentir prazer na oração e se dedicar a ela com seriedade três vezes ao dia. O mesmo aconteceu com Davi: “À tarde, pela manhã e ao meio-dia choro angustiado, e ele ouve a minha voz” (Salmo 55.17). A verdade é que a

graça leva os santos a sentirem prazer em cantar louvores a Deus. “Cantem louvores ao seu nome, pois é nome amável” (Salmo 135.3). “Aleluia! Como é bom cantar louvores ao nosso Deus! Como é agradável e próprio louvá-lo!” (Salmo 147.1).

A graça leva também ao prazer de ouvir a pregação da Palavra de Deus. O Evangelho passa a ser um som alegre (Salmo

89.15). Isso faz com que sejam belos os pés dos que proclamam as boas novas. “Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas” (Isaías 52.7). Eles amam o culto público de adoração a Deus. “Eu amo, Senhor, o lugar da tua habitação, onde a tua glória habita” (Salmo 26.8). “Uma coisa pedi ao Senhor; é o que procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a bondade do Senhor e buscar sua orientação no seu templo” (Salmo 27.4).

Essa é a natureza da verdadeira graça, mas, por outro lado, o zelo do trabalho excessivo pode ser apenas uma disposição do temperamento e não uma manifestação da graça. Foi assim com os israelitas, cujo culto era abominável para Deus. Eles participavam de eventos “na lua nova, nos sábados, convocavam assembléias e estendiam as mãos, e faziam ainda mais orações” (Isaías 1.12-15 - tradução livre de alguns trechos). O mesmo acontecia com os fariseus. “Faziam orações longas e jejuavam duas vezes por semana”. A religião falsa pode levar as pessoas a fazerem barulho e serem zelosas na oração. “Vocês não podem jejuar como fazem hoje e esperar que a sua voz seja ouvida no alto” (Isaías 58.4). Religião que não é espiritual e salvadora pode motivar as pessoas a se deleitarem em obrigações e deveres religiosos (veja Isaías 58.2; Ezequiel 33.31,32).

A experiência mostra que pessoas com religião falsa tendem a se exceder em atividades religiosas. De fato, podem se entregar e dedicar todo seu tempo a elas.

IO. ADORAÇÃO VERBAL NÃO É EVIDÊNCIA DE ATOS RELIGIOSOS GENUÍNOS

Na realidade, isso já está implícito no que acabamos de observar. Gastar muito tempo em exercícios religiosos externos não significa nada. Assim, o fato de muitos aparentemente terem grande disposição para orar,

engrandecer a Deus e encher a boca de louvor a Ele não tem grande importância.

Nenhum cristão nega a importância dessas atividades. Não temos o costume de julgar gente que gasta muito tempo aparentemente expressando profundo afeto por Deus e Cristo, já que está sempre falando nEle. Só quando olhamos para a Escritura vemos que isso não é sinal seguro da graça.

Já comentamos a esse respeito. Um exemplo fundamental é a multidão que presenciou os sermões e milagres de Cristo (Marcos 2.12; Mateus 9.8; Lucas 5.26). "O povo ficou admirado quando viu os mudos falando, os aleijados curados, os mancos andando e os cegos vendo. E louvaram o Deus de Israel" (Mateus 15.31). Na ocasião em que Cristo ressuscitou o filho da viúva de Naim, "Todos ficaram cheios de temor e louvavam a Deus. 'Um grande profeta se levantou entre nós', diziam eles. 'Deus interveio em favor do seu povo'" (Lucas 7.16). Lemos que o povo glorificava a Cristo e O exaltava. "Ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam" (Lucas 4.15).

Mas repito que a pessoa ser tremendamente afetada pela misericórdia imerecida de Deus não é evidência cabal de que ela possui os verdadeiros afetos. Talvez reste dentro dela orgulho não destruído ou inimizade contra Deus, a ponto dela nem imaginar que recebeu a bênção de Deus. Pode chorar por causa de sua indignidade e mesmo assim não estar realmente convicta do pecado. Saul confessou: "Tenho agido como um tolo e cometi um grande erro" (I Samuel 15.16-19; 26.21), e mesmo assim havia dentro dele orgulho não tratado e inimizade contra Davi. Lemos também a história de Nabucodonosor e Dario, tão afetados pela ação divina que convocaram as nações para louvar a Deus (Daniel 3.28-30; 4.1-3,34,35,37; 6.25-27).

II. Autoconfiança não é evidência dos verdadeiros afetos

Alguns defendem que muitos são iludidos quando sentem tanta confiança que não duvidam da graça de Deus. Os que pen-

sam assim não acreditam que a Igreja possa esperar segurança completa e absoluta na esperança, a não ser em circunstâncias extraordinárias, como nos casos de martírio. Muitos protestantes criticam católicos por terem essa incerteza.

Os santos das Escrituras, por sua vez, possuíam tal confiança. Deus revelou e testificou da forma mais clara e mais positiva Seu favor especial a Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Daniel e outros. Jó repete muitas vezes sua sinceridade e retidão, com a maior confiança e segurança, e muitas vezes pede que Deus seja testemunha em favor dele. E afirma claramente: “Eu sei que o meu Redentor vive ... e eu o verei com os meus próprios olhos; eu mesmo e não outro!” (Jó 19.25-27). Por todo o livro de Salmos, Davi fala quase que sem hesitação e da forma mais positiva de Deus como o seu Deus. Gloria-se em Deus como sua porção e herança, sua rocha e confiança, seu escudo, salvação e torre alta. Ezequias apelou para Deus como alguém que sabia que andava diante do Senhor em verdade e com coração perfeito (II Reis 20.3).

No último discurso que fez aos onze discípulos, registrado nos capítulos quatorze, quinze e dezesseis de João, Jesus Cristo declara seu amor especial e eterno a eles nos termos mais claros e positivos. Da maneira mais absoluta, promete-lhes uma participação futura na Sua glória. Ao mesmo tempo, fala que tudo isso será para que a alegria deles seja completa (João 15.11). Cristo não temia falar claro nem positivo demais com eles. Não pretendia mantê-los em suspense. Encerrou o último discurso com uma oração, na presença dos discípulos, falando com o Pai de maneira positiva sobre aqueles onze homens como conhecedores da salvação, crentes que haviam recebido e aceitado sua Palavra.

O apóstolo Paulo, em suas epístolas, manifesta a mesma segurança. É sempre positivo quanto a seu relacionamento especial com Cristo, seu Mestre, Senhor e Redentor. Tinha certeza da recompensa futura. A lista das citações que demonstram seu espírito de confiança seria infinita. Gostaria de destacar três

ou quatro. “Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gálatas 2.20). “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Filipenses 1.21). “Sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia” (II Timóteo 1.12). “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei

a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia" (II Timóteo 4.7,8).

A própria essência da aliança da graça e dos propósitos que Deus declarou no estabelecimento e caráter dessa aliança mostra que é Seu desígnio conceder aos santos ampla provisão de esperança segura da vida eterna enquanto vivem aqui na terra. "A aliança está ordenada em todas as coisas, e é certa". As promessas de Deus são explícitas, repetidas várias vezes e demonstradas de muitas maneiras. Possuem muitas testemunhas e foram seladas com muitos selos. Deus as confirmou com um juramento e declarou que é Seu desígnio que os herdeiros das promessas tenham esperança inabalável e plena alegria na certeza de sua glória futura (veja Hebreus 6.17,18).

Acima de tudo, tem-se a impressão de que essa segurança não é alcançável senão em casos muitos extraordinários, mas *todos* os cristãos são instruídos a se aplicarem a confirmar seu chamado e eleição, e receberem indicações de como agir para isso (II Pedro 1.5-8). Na verdade, a Bíblia fala que é muito ina-propriado os cristãos terem dúvida sobre a presença de Cristo neles. "Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados!" (II Coríntios 13.5; veja também I João 2.3,5; 3.14,19,24; 4.13; 5.2,19).

Segue-se do que foi dito que é muito irracional afirmar que as pessoas são hipócritas e que seus afetos são errados só porque não duvidam da sua salvação e porque os afetos a que estão sujeitas retiraram delas todo medo do inferno.

Por outro lado, confiança ilimitada na própria retidão e na inspiração divina de seus afetos não prova, necessariamente, que os afetos são justos.[11] Não se pode tomar como base a confiança, por maior e mais forte que pareça ser. O fato de alguém chamar Deus de Pai sem medo e orar muito, com linguagem íntima, ousada e apropriada, não significa indiscutivelmente que sua confiança é verdadeira.

Na verdade, um tipo de confiança arrogante, magnânima e violenta pode não ser evidência da verdadeira segurança cristã, pois parece mais com o

espírito dos fariseus, que jamais duvidaram de sua própria santidade. Na verdade, acreditavam ser os santos mais eminentes e por isso ousavam se aproximar de Deus, levantar os olhos para Ele e agradecer pela imensa distinção que Ele lhes concedera diante de seus semelhantes. Quando Cristo declarou que eram cegos e estavam longe da graça, eles desprezaram as suas palavras: “Acaso nós também somos cegos?” (João 9.40). Se possuíssem mais do espírito do publicano, teriam confiado humildemente em Cristo e se enchido de esperança nEle, em vez de confiar em si mesmos.

Só precisamos examinar o que há no coração do ser humano natural para entender como está dominado pela auto-exaltação e autoconfiança. Uma vez que o hipócrita se baseia em uma esperança falsa, ele não tem, em si mesmo, recursos para questionar tal esperança. O verdadeiro santo, ao contrário, pode duvidar. Há quatro motivos para isso.

Em primeiro lugar, o hipócrita não possui espírito de cautela, a noção da enorme importância de uma base segura, nem sente medo de ser enganado. Os consolos dos verdadeiros santos [9]

incrementam a cautela e a percepção viva de como é grandioso e terrível se apresentar diante de um juiz infinitamente santo, justo e onisciente. Consolos falsos colocam um fim nesses sentimentos e entorpecem de forma terrível a mente.

Em segundo lugar, o hipócrita desconhece sua própria cegueira, o engano de seu coração e a fraqueza de seu entendimento, enquanto o santo conhece tudo isso. Os que foram iludidos com afetos e descobertas falsos sempre têm em alto conceito sua própria luz e entendimento.

Terceiro, o diabo não ataca a esperança do hipócrita tanto quanto ataca a do verdadeiro cristão. O diabo é um grande inimigo da verdadeira esperança cristã, não apenas porque ela gera grande consolo, mas também por ser de natureza santa e celestial. Essa esperança promove e valoriza a graça no coração; incentiva muito a retidão e diligência na vida cristã. Mas o diabo não é inimigo da esperança do hipócrita, o qual, acima de tudo, estabelece o seu próprio interesse.

Quarto, quem tem esperança falsa não tem consciência de sua própria corrupção. O santo tem. Um cristão verdadeiro é dez vezes mais convicto de seu coração e de sua corrupção do que o hipócrita. Assim, seus pecados e prática lhe parecem horríveis. Mas a esperança falsa esconde a corrupção e a cobre, de forma que o hipócrita parece puro e brilhante a seus próprios olhos.

Mas existem dois tipos de hipócritas. O primeiro é enganado com sua moralidade aparente e religião exterior. O segundo, com descobertas e elevações de espírito falsas. Esses costumam falar sobre a graça gratuita, mas ao mesmo tempo fabricam uma retidão com experiências de humilhação, exaltando-se até o Céu com elas. Thomas Shephard, em sua meditação em *The Parable of the Ten Virgins (A Parábola das Dez Virgens)*, faz distinção entre os dois tipos deles, chamando-os de hipócritas legalistas e evangélicos. Sempre considera estes os piores, já que é evidente que são muito mais confiantes em sua esperança e

menos passíveis de ser convencidos a mudar de idéia. Raramente conheci um exemplo em minha vida de um desses que não tenha sido enganado.

A confiança de muitos hipócritas evangélicos assemelha-se à de certos loucos que acreditam ser reis e sustentam isso, indo contra todas as provas e evidências. Assim, em certo sentido, isso é muito mais imutável do que a segurança vinda da graça. Em contrapartida, a verdadeira segurança não se sustenta por dogmas, mas apenas por uma disposição devota, onde a graça se mantém profundamente inserida na alma. Quando os atos da graça enfraquecem na vida cristã, a pessoa cai em um estado de inércia e perde a segurança. Mas a confiança dos hipócritas não se abala com o pecado. Isso é evidência certa do engano.[10]

Não posso deixar de observar aqui que certas doutrinas pregadas deveriam ser apresentadas com mais cuidado e explicação mais cuidadosa, pois tendem a estabelecer o engano e a falsa confiança dos hipócritas. Falo das doutrinas dos que “são cristãos que vivem pela fé, não por vista; dão glória a Deus confiando nEle na escuridão; vivem em Cristo, não por experiências; não fazem de sua boa disposição o fundamento de sua fé”. São doutrinas excelentes e importantes quando entendidas corretamente, mas, se mal entendidas, podem corromper e gerar destruição.

A Escritura fala sobre viver e andar pela fé e não por vista com respeito às realidades eternas, que ainda não se cumpriram e não estão à vista. Assim, é evidente a qualquer pessoa que ler a Palavra que a fé se coloca em oposição à visão (II Coríntios 4.18; Hebreus 11.1,8,13,17,27,29; Romanos 8.24; João 20.29). Contudo, muitos interpretam isso erradamente, e afirmam que os cristãos deveriam acreditar com firmeza que precisam confiar em Cristo sem visão nem luz espiritual, mesmo estando mortos

e com a mente estreita, sem experiência e discernimento espiritual. Mas afirmar com segurança que precisamos acreditar e crer sem luz ou visão espiritual é antibíblico e uma doutrina absurda. As Escrituras desconhecem qualquer fé em Cristo que não seja fundamentada na visão espiritual de Cristo. Crer em Cristo é “olhar para o Filho e nele crer” (João 6.40). Assim, fé sem luz espiritual não é a dos filhos do dia e da luz, em vez disso, é presunção dos filhos das trevas.

O povo de Deus tem o dever de confiar nEle quando chega a escuridão. Pode continuar na escuridão no sentido de que precisa confiar em Deus quando não consegue enxergar a Sua providência. Às vezes, parece que Deus esqueceu a pessoa e não ouve mais suas orações. Muitas nuvens se reúnem e muitos inimigos a cercam de maneira terrível, ameaçando engoli-la. Todos os eventos da providência parecem ser contrários e todas as circunstâncias dificultam demais o cumprimento das promessas de Deus. Mas é preciso confiar em Deus mesmo quando Ele não está à vista, quando não conseguimos enxergar a possibilidade de Ele cumprir Sua Palavra.

Quando somente a Palavra de Deus, indo contra todas as evidências, aponta para o cumprimento da promessa, é o momento em que o povo de Deus tem que acreditar com esperança que vai contra a esperança. Foi assim que os patriarcas, Jó, os salmistas, Jeremias, Daniel, Sadraque, Mesa-que, Abede-Nego e o apóstolo Paulo deram glória a Deus, confiando nEle na escuridão. O capítulo 11 de Hebreus apresenta muitos exemplos dessa fé gloriosa. Mas isso é muito diferente de confiar em Deus sem visão espiritual, com a mente mortal e carnal!

Também é possível que a luz espiritual entre na alma de uma forma e não de outra. Os santos podem confiar em Deus, seguros de seu bem-estar mesmo quando não possuem ainda alguns tipos de experiência. Por

exemplo, podem ter visão clara da eficiência e fidelidade de Deus e por isso confiam nEle, certos

de que são Seus filhos. Em outras ocasiões, não enxergam essas impressões claras e doces do amor divino. Foi assim com o próprio Cristo na noite em que foi traído. Podem ver a realidade da soberania, santidade e auto-suficiência de Deus, o que os capacita a se submeter a Ele em silêncio, e a exercitar uma esperança doce e encorajadora na perfeição de Deus, mesmo quando não estão satisfeitos com a situação em que se encontram. Mas a diferença entre isso e confiar em Deus sem luz nem experiência espiritual é enorme!

Portanto, aqueles que insistem em que pessoas que vivem pela fé sem ter experiência e em uma condição espiritual pobre possuem noções absurdas sobre a fé. Dizem eles que aquele que mantém a esperança de sua condição espiritual sem perder a confiança nem se abalar, mesmo tendo pouca luz ou experiência, ou estando no pior e mais deprimido estado mental, é o melhor, o que dá mais honra a Deus. Sentem que tudo isso é evidência de força na fé, mantendo a esperança mesmo contra toda esperança e assim dando glória a Deus. Mas não sei em que Bíblia eles acharam escrito que essa fé é a confiança de alguém que está em situação muito boa.[11] [12] [13] Se isso é fé, então os fariseus a tinham por excelência. A Escritura apresenta a fé como aquilo que leva o ser humano a um bom estado; portanto, não pode ser a mesma coisa que acreditar que já se encontra nessa condição. Sem dúvida, esses ensinamentos têm causado muitos danos.

12. Evidências externas não bastam para demonstrar os verdadeiros afetos religiosos

Os verdadeiros santos não possuem discernimento para determinar quem é santo e quem não é. Embora conheçam por

experiência a verdadeira religião em seus exercícios internos, não são capazes de sentir nem enxergar o que está no coração de outra pessoa.[12] Só vêem a aparência externa. Mas a Escritura deixa claro que julgar pela aparência é, na melhor das hipóteses, incerto e pode levar a engano. “O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração” (I Samuel 16.7). “Não julgará pela aparência, nem decidirá

com base no que ouviu" (Isaías 11.3).[13] Os que se apressam a determinar a condição alheia costumam ser juízes ruins e conselheiros perigosos. Mostram uma das três coisas a seguir: que têm pouca experiência, que não sabem julgar ou que possuem orgulho e autoconfiança demais e isso distorce a percepção que têm deles mesmos. Quem é sábio e experiente procede com grande cautela nesses assuntos.

Quando a aparência prima pela atração, até a melhor pessoa pode ser enganada e conquistada. Tem sido comum na Igreja de Deus o aparecimento desses professores e mestres envolventes, recebidos como santos, que depois caem e não levam a nada.[14] Isso não precisa nos pegar de surpresa, se levarmos em conta o que já comentamos, pois mostramos que as pessoas podem ter vários tipos de afetos religiosos sem ter uma centelha sequer de

14. "A pessoa pode ter conhecimento de sua própria conversão: o conhecimento da conversão do outro é incerta, porque ninguém é capaz de olhar dentro do coração alheio e ver a graça agindo lá" (Stoddard, *Nature of Saving Conversion,* capítulo 15).

15. O sr. Stoddard observou: " Todos os sinais visíveis são comuns aos convertidos e não convertidos; e a relação das experiências também" *(Appeal to the Learned,* pág. 75). Edwards também faz uma citação longa de Flavel: "Ó, como é difícil para os olhos humanos distinguir entre o trigo e o joio! E quantos corações corretos são hoje censurados, e Deus os limpará! Quantos corações falsos são aprovados, e Deus os condenará! O ser humano não costuma ter provas convincentes, apenas sintomas prováveis que, na melhor das hipóteses, levarão a uma conjectura sobre o estado do outro" *(Husbandry Spiritualized,* capítulo 12).

graça no coração. Assim, possuem um pseudo-afeto por Deus que se assemelha muito a amor de verdade. Os irmãos vêem neles grande admiração pelos afetos e as obras de Deus, como demonstração de tristeza pelo pecado, reverência, submissão, auto-hu-milhação, gratidão, alegria, anseios religiosos, zelo pela religião e pelo bem das almas. Os pseudo-afetos deles surgem depois de grandes reavivamentos e convicção da consciência, e talvez haja grande exibição de uma obra de humilhação.

Esses, por assim dizer, santos, sabem citar muitos versículos que contêm promessas preciosas e os influenciaram muito. Podem orar e glorificar a Deus com ardor, convidando intensamente os outros a louvarem também,

vociferando sobre a indignidade de todos e exaltando a graça de Deus. Esses atos podem sugerir que vivem em santidade, mas talvez não exista neles nada da influência do Espírito de Deus. Em vez disso, eles são ilusões preparadas por Satanás e possuem o coração perverso e enganoso. Mas quanta auto-exultação indecente e arrogância acontece quando pobres, falíveis e ignorantes mortais pensam que podem decidir e saber quem é realmente sincero e reto diante de Deus e quem está fingindo!

Muitos enfatizam a importância das evidências e as utilizam para discernir a verdadeira piedade dos outros, em especial quando a história da pessoa está de acordo com as experiências deles e, assim, toca o coração deles. Mas essas coisas não são certas e não se pode depender delas, porque o verdadeiro santo sente prazer imenso na santidade; não há nada mais belo a seus olhos. Mas se a aparência agradável é genuína ou não é outra questão.

É estranho como as pessoas nunca se contentam com as regras e instruções que Cristo lhes deu. Em vez disso, inventam outras que parecem mais sábias e melhores. Mas não conheço instruções ou conselhos que Cristo tenha deixado mais claramente do que os que nos deu para nos guiar no julgamento da sinceridade alheia. Ele afirmou que deveríamos julgar a árvore principalmente pelos frutos.

Mesmo assim, muitas vezes não podemos saber a verdadeira situação de uma pessoa. Só Deus sabe.

Arrogância, então, é a situação de alguns que pensam conhecer a santidade dos outros. O grande apóstolo Pedro afirmou que supunha que Silvano (Silas) era um irmão fiel (I Pedro 5.12), embora Silvano, aparentemente, tenha sido um servo notável de Cristo, evangelista, luz conhecida na Igreja de Deus daquele tempo e também companheiro íntimo dos apóstolos! (Veja II Coríntios 1.19; I Tessalonicenses 1.1; II Tessalonicen-ses 1.1).

26/3/2007 11:36:57

Uma fé mais forte que as emoções.indd 106

O sr. Stoddard observou: “Algumas vezes o mover comum é mais forte que o mover da salvação”, *Guide to Christ*, pág. 21.

2

O notável pastor e teólogo Thomas Shepard afirmou: “Toda a cidade ouve a trombeta do fariseu, mas a simplicidade atravessa a cidade sem que ninguém repare nela” *(Parable of the Ten Virgins,* parte 1, pág. 179). John Flavel comentou: “A religião não fica exposta aos olhos humanos. Cumprir as obrigações mantém nossa credibilidade, mas as obrigações que se cumprem em segredo mantêm nossa vida. São os prazeres próprios da religião, que só as almas espiritualmente renovadas entendem com o sentimento” *(Touchstone of Sincerity,* capítulo 2,

seção 2, pág. 21).

3

Em sua obra *Guide to Christ* (1735), o sr. Stoddard comenta que é comum isso acontecer com pessoas que ainda não aceitaram a Cristo e, então, não possuem um modo natural de receber promessas das Escrituras com grande renovação. Tomam essas promessas como prova do amor de Deus e se enchem de esperança de que Deus as tenha aceitado. Assim, sentem confiança em sua verdadeira condição (págs. 8-9).

4

Stoddard, *Guide to Christ*, págs. 21-65.

5

Thomas Sheppard fala de “homens sendo lançados tão baixo quanto o inferno pela tristeza e presos em cadeias, tremendo de apreensão e do terror que há de vir, e depois elevados ao Céu em alegria, sem capacidade para viver; e mesmo assim não removidos da luxúria, tais são dignos de piedade, e provavelmente serão sujeitos ao terror do grande dia” *(Parable of the Ten Virgins,* parte 1, pág. 175).

6

O famoso teólogo William Perkins faz distinção entre “a tristeza que vem através da convicção da consciência e paixões melancólicas que derivam de mera imaginação, concebida com força na

mente". Isso, comentou ele, em geral surge rapidamente, como um relâmpago cai sobre uma casa (Works, volume 1, pág. 385).

7

O sr. Stoddard, que teve muita experiência nesse campo, observou há muito tempo atrás que não há como fazer distinção entre convertidos e não convertidos através do relato que fazem de sua conversão. Muitos já apresentaram um relato razoável da obra de sua conversão e se mantiveram à vista do mundo durante anos, e ainda assim não demonstraram a realidade de sua conversão *(Appeal to the Learned,* págs. 75-76).

8

"Se a pessoa não souber quando se converteu, ou quando se aproximou de Cristo pela primeira vez, o pastor não pode, por causa disso, chegar à conclusão peremptória de que ela não é salva" (Stoddard, *Guide to Christ,* pág. 83).

9

"Mestre, examine com cuidado seu fundamento: Não seja magnânimo, antes, tema." "Vocês têm tudo, isso pode ser feito e sofrido muitas vezes na religião, e por ela; possuem dons excelentes e consolo agradável; zelo fervoroso por Deus e grande confiança em sua integridade: tudo isso pode estar correto, ao que eu, ou talvez vocês, saiba; mas ainda assim é possível que seja falso. Algumas vezes vocês julgaram a si próprios, e se declararam justos; porém não esqueçam que a sentença final ainda não foi declarada pelo seu Juiz... o coração pode ser falso, sem que vocês saibam: É, pode ser falso e vocês confiam firmemente na integridade dele" (Flavel, *Touchstone of Sincerity,* capítulo 2, seção 5).

10

Thomas Shepard coloca assim: "paz presumida que não se interrompe nem se quebra por obras malignas" *(Parable of the Ten Virgins,* parte 1, pág. 139). O dr. Ames comenta que essa é a distinção entre a paz do perverso e a do santo: "a paz do perverso continua, quer ele desempenhe ou não os deveres da piedade e da justiça; desde que não cometa os crimes considerados horríveis por sua própria natureza" (Cases *of Conscience,* livro 3, capítulo 7).

11

“Não basta acreditar que é santo para sê-lo. Conhecemos muitas coisas pela fé”. “Pela fé

12

entendemos que o universo foi criado pela palavra de Deus” (Hebreus 11.3). A fé é evidência

13

de coisas que não são vistas (Hebreus 11.1). “Mas não é assim que os santos sabem que possuem a graça. Isso não é revelado na palavra, e o Espírito de Deus não testifica quanto a questões particulares” (Stoddard, *Nature of Saving Conversion*, pág. 83-84).

14

“Não se escandalizem se virem grandes cedros caírem, estrelas despencarem do Céu, grandes professores morrerem e entrarem em decadência: não pensem que isso acontecerá com todos, não pensem que o eleito cairá... O Senhor, que tem prazer em se manifestar abertamente, que se escondeu em secreto, envia uma espada na queda” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, págs. 118-119). “Os santos podem aprovar-te e Deus condenar-te. Tens nome de que vives e estás morto.” (Apocalipse 3.1) (Flavel, *Touchstone of Sincerity*, capítulo 2, seção 5)

PARTE III



OS SINAIS CARACTERÍSTICOS DOS AFETOS SANTOS E VERDADEIROS DA GRAÇA

26/3/2007 11:36:57

Uma fé mais forte que as emoções.indd 108

Capítulo iii

Como reconhecer os afetos verdadeiros da graça

Antes de examinar as características específicas dos verdadeiros afetos, gostaria de fazer três observações.

Em primeiro lugar, quero enfatizar que não estou, de forma nenhuma, tentando apresentar evidências suficientes para identificar o verdadeiro e o falso afeto. Seria arrogância tentar fazer isso. Embora esteja claro que Cristo deu a todos os cristãos regras que os capacitam a julgar os que apenas declaram ser salvos e que os impedem de cair nas armadilhas dos falsos mestres, mesmo assim também é claro que nunca foi propósito de Deus nos apresentar um conjunto de regras pelo qual podemos saber, sem qualquer dúvida, distinguir entre ovelhas e bodes. Pelo contrário, o propósito dEle é reservar isso para Si, como Sua prerrogativa. Assim, não podemos jamais pensar em evidências claras neste mundo. Tudo que podemos esperar é o que Cristo nos deu na Palavra de Deus, ou o que conseguimos entender dela.

Segundo, cristãos que vivem em baixo estado da graça ou se afastaram de Deus e caíram em uma condição mortal ou mundana não podem, jamais, esperar ter tais sinais. Não agrada o propósito de Deus que eles conheçam sua verdadeira condição. Nem é desejável que conheçam. Temos todos os motivos para agradecer a Deus por não ter feito uma provisão para saber-

mos como podemos ser pecaminosos. De fato, uma deficiência dupla impede que os cristãos indiferentes à graça saibam, com certeza, que possuem a graça. É a própria ausência da graça que dificulta o discernimento claro e certo. Quando o cristão está em condição ruim, a culpa domina a consciência, o que gera temor e impede a presença de paz e alegria em uma esperança segura.

Há também um problema de visão. A falta da graça e o domínio do pecado enfraquecem a visão a ponto da percepção ficar imprecisa. Como a pessoa daltônica, a que tem vida mundana não consegue julgar adequadamente as realidades espirituais.

Por esses motivos, não há evidências que satisfaçam pessoas em condição espiritual ruim. Mesmo que as evidências fossem infalíveis e nítidas eles ainda não conseguiriam ver. É como um homem que recebe instruções sobre como identificar objetos na escuridão. A descrição que recebe pode ser minuciosa e clara, mas ele simplesmente não enxerga, porque está na escuridão. Muitas pessoas nessa condição desperdiçam horas meditando sobre experiências passadas, examinando a si mesmas de acordo com o que ouviram do púlpito ou leram em livros. Todo esse auto-exame é inútil. O pecado e a condição mundana, como em Acã, precisam ser destruídos, e até isso acontecer a pessoa continuará em dificuldade.

Assim, é propósito de Deus que o ser humano obtenha segurança apenas através da mortificação do que é corrupto e do aumento da graça e de seu exercício. Embora o auto-exame seja de grande ajuda e importância e não deva, de modo nenhum, ser deixado de lado, não é o principal caminho pelo qual os santos recebem segurança de sua verdadeira condição. Segurança não se obtém pelo *auto-exame*, mas pela *ação.* O apóstolo Paulo buscou segurança dessa maneira: “esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus... para, de alguma forma, alcançar a ressurreição

dentre os mortos” (Filipenses 3.13,14,11). E assim, foi principalmente dessa maneira que ele obteve segurança, dizendo: “Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo” (I Coríntios 9.26). Ele obteve a certeza de ganhar o

prêmio mais por correr do que por meditar. A rapidez de seus passos lhe deu mais confiança na vitória do que o rigor de sua avaliação.

Da mesma forma, o apóstolo Pedro nos exorta a nos dedicarmos com toda a diligência a crescer na graça através do aumento da fé, da virtude e assim por diante, para “consolidar o chamado e a eleição de vocês, pois se agirem dessa forma, jamais tropeçarão, e assim vocês estarão ricamente providos quando entrarem no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (II Pedro 1.5-11).

As boas regras ajudam a identificar a verdadeira graça e a fazer a separação entre ela e o que é falso, mas mesmo assim não pretendo apresentar nenhuma dessas regras como suficiente por ela mesma.

Terceiro, não há muita esperança de que os que praticam afetos falsos venham a se sentir censurados por regras. Vivem tão estabelecidos na confiança errada e na presunção das supostas experiências e privilégios que estão cegos e endurecidos pela própria hipocrisia. Em geral, isso é tão escondido e sutil que aparece sob o disfarce de grande humildade. Essas pessoas não parecem se abalar com qualquer exposição de erro. Claro que se encontram em situação deplorável, próxima à dos que cometeram o pecado sem perdão. Alguns desses hipócritas parecem fora do alcance de qualquer tipo de convicção e arrependimento.

Mesmo assim, estabelecer boas regras pode ser um meio de impedir o surgimento de hipócritas e a condenação de outros. Deus é capaz de convencer do pecado qualquer pessoa, a Sua graça não tem limites. Acima de tudo, as regras podem ajudar cristãos verdadeiros a identificar os afetos falsos, que às vezes se misturam com os verdadeiros. As regras ajudam a purificar a fé, como acontece com o ouro que passa pelo fogo.

Com essa introdução, passo diretamente a enumerar as doze maneiras que distinguem os afetos religiosos verdadeiros dos falsos.

i. Os afetos espirituais verdadeiros são concedidos por Deus[1]

O Novo Testamento chama os verdadeiros santos, santificados pelo espírito de Deus, de pessoas espirituais. Essa espiritualidade é característica e

distingue tais pessoas dos que não foram santificados. O apóstolo compara os espirituais com os naturais e carnais. “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas” (I Coríntios 2.14,15 RA). Esse texto mostra que o ímpio que não tem a graça é simplesmente um ser humano natural. O apóstolo Judas comenta sobre ímpios “que não têm o Espírito” (Judas 4,19) que se infiltraram no meio dos santos. Segundo a versão de Almeida, o apóstolo explica que se comportam assim por serem *sensuais.* É a mesma palavra usada em I Coríntios 2, onde foi traduzida como *natural.* Paulo resume dizendo: “Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnais”, ou seja, não santificados. Há várias evidências, em outras passagens, que mostram que o apóstolo Paulo quer dizer *não santificado* quando fala *carnal:* Romanos 7.25; 8.1,4-9,12,13; Gálatas 5.16 e Colossenses 2.18.

Assim como os santos são chamados de espirituais na Escritura, também existem determinadas qualidades e princípios associados a eles. Lemos sobre “mentalidade do Espírito” (Romanos 8.6,7), “sabedoria e entendimento espiritual” (Colossenses 1.9) e “bênçãos espirituais” (Efésios 1.3).

Nesses e em outros versículos do Novo Testamento, o termo espiritual não se refere à alma ou espírito como parte distinta do corpo ou matéria. O que torna as qualidades espirituais não é serem parte da alma em vez do corpo. O que está na alma pode ser carnal ou material. Isso vale para orgulho, hipocrisia e confiança na própria sabedoria. O apóstolo chama tudo isso de *carnal* (Co-lossenses 2.18). Algumas coisas são chamadas espirituais não por serem imateriais. A sabedoria dos sábios e príncipes deste mundo se relaciona a elementos espirituais e imateriais. Mesmo assim, o apóstolo se refere a tais pessoas como naturais, totalmente ignorantes das coisas espirituais (I Coríntios 2.6-8).

No Novo Testamento, pessoas ou coisas são chamadas espirituais com relação ao Espírito de Deus. “Espírito” é a designação da terceira pessoa da Trindade. Portanto, é independente do que a Escritura chama de espiritual. Assim, os cristãos são espirituais porque nasceram do Espírito e possuem

dentro de si a presença e as influências santas do Espírito de Deus. As coisas designadas espirituais se relacionam ao próprio Espírito de Deus: “Delas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais. Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus” (I Coríntios 2.13,14). Aqui, o próprio apóstolo explica que quando fala sobre coisas espirituais se refere a coisas do Espírito de Deus, e às que o Espírito Santo ensina (cf. Romanos 8.6,9).

Assim, pessoas e coisas são chamadas espirituais apenas em relacionamento com o Espírito de Deus e suas influências. Acima de tudo, não são aqueles que tiverem influências esporádicas do Espírito Santo que são espirituais. O termo se aplica a quem busca constantemente a Deus, o oposto da pessoa carnal e não santificada. Vemos claramente que o apóstolo considera de mente espiritual aquele que tem a mente tomada pela graça (Romanos 8.6). Alguns têm dons do Espírito ex-

traordinários e, no entanto, não são espirituais no sentido em que o Novo Testamento entende o termo (veja Gálatas 6.1). A pessoa natural pode ter os mesmos dons.

A Escritura deixa evidente que a pessoa natural está sujeita a várias influências do Espírito de Deus (Números 24.2; I Samuel 10.10; 11.6; 16.14; I Coríntios 13.1-3; Hebreus 6.5,6 e muitos outras passagens). Ainda assim, essas pessoas não são, no sentido bíblico, espirituais. Apenas o Espírito Santo nos torna espirituais. Nem os efeitos, dons, qualidades ou afetos provenientes do Espírito de Deus sobre tais pessoas são chamados de coisas espirituais. Há uma diferença enorme entre as duas coisas.

Em primeiro lugar, o Espírito de Deus é concedido ao verdadeiro santo para habitar nele permanentemente. Tem como propósito influenciar o coração, sendo o princípio de uma nova natureza, ou uma fonte sobrenatural divina de vida em ação. A Escritura mostra o Espírito Santo não apenas se movendo ocasionalmente para influenciar os santos, mas habitando neles como seu templo, habitação adequada e eterna (I Coríntios 3.16; II Coríntios 6.16; João 14.17). O Espírito é tão ligado à alma que se torna princípio, ou fonte, de nova natureza e vida.

Portanto, os santos vivem em Cristo, que vive neles (Gálatas 2.20). Através de seu Espírito, Cristo não apenas está neles, mas, sim, vive neles. Eles vivem pela vida de Cristo. O Espírito se une aos santos como a essência da vida neles, que não se limitam a beber da água viva. Jesus falou sobre essa água da alma: “a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (João 4.14). Assim, a água é um princípio de vida no interior dos santos. O mesmo evangelista explicou que água viva era o Espírito de Deus (João 7.38,39). A luz do Filho da Justiça não se limita a brilhar sobre eles, mas é transmitida de tal forma que eles também brilham e se tornam pequenas imagens do Filho. A seiva da vinha verdadeira corre por eles não como a de uma árvore comum, que pode ser recolhida em uma vasilha, mas é conduzida da árvore para os ramos

vivos, onde se torna a própria substância da vida. Dessa forma, o Espírito de Deus é comunicado e unido aos santos e para sempre eles serão verdadeiramente chamados de espirituais.

Por outro lado, embora o Espírito de Deus possa influenciar a pessoa natural de várias maneiras, não é transmitido para habitar nela, que é incapaz de obter seu caráter do Espírito, porque não há união e, assim, ela não O possui.

Um segundo motivo pelo qual os santos e suas virtudes em santidade são chamados de espirituais é que o Espírito de Deus, habitando neles como princípio vital na alma, produzirá efeitos que expressam qualidades próprias dEle. Santidade é o caráter do Espírito de Deus e por isso a Escritura o chama de Espírito Santo. Santidade, que é a beleza e a doçura da natureza divina, é também a natureza do Espírito Santo, assim como o calor é propriedade do fogo, ou a doçura é propriedade do óleo de unção, de acordo com o simbolismo na Dispensação Mosaica.

O Espírito de Deus habita no coração dos santos como semente, ou fonte de vida, que manifesta e comunica Sua natureza suave e divina. A alma se torna participante da beleza de Deus e da alegria de Cristo, de forma que o santo desfruta de verdadeira amizade com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. A comunhão é a parte do Espírito Santo. A graça que habita no coração dos santos tem a mesma natureza que a santidade divina. Possui a mesma natureza do brilho do sol, mas não pode se comparar ao sol em sua

plenitude. Assim, Cristo falou: “o que nasce do Espírito é espírito” (João 3.6). Mas o brilho é de grau infinitamente menor. É como o do diamante que reflete a luz do sol.

Mas o Espírito de Deus nunca influencia a mente do ser natural dessa forma. Apesar de influenciar de muitas maneiras, nunca se comunica de acordo com sua própria natureza. É fato que quando o Espírito de Deus se movia sobre a superfície das águas (Gênesis 1.2) não havia, no movimento delas, nada que fosse próprio da natureza do Espírito Santo. Semelhantemente, Ele age na mente das pessoas de muitas maneiras, sem comunicar a Si

mesmo. O Espírito Santo as coloca em comunhão com Deus. Portanto, o caráter e o modo de agir do Espírito Santo nos santos diferem imensamente de tudo que o ser humano natural conhece ou experimenta. Quem tem o Espírito de Deus habitando em seu interior é chamado espiritual, e também seus afetos e experiências individuais são chamados assim. Isso é completamente diferente de tudo que é natural ao ser humano. É uma obra peculiar ao Espírito de Deus.

A Escritura expressa assim essa verdade: “participantes da natureza divina” (II Pedro 1.4), “Deus permanece nele, e ele em Deus” (I João 4.12,15,16; 3.24), “Cristo está em vocês” (João 17.21; Romanos 8.10), “somos santuário do Deus vivo” (II Co-ríntios 6.16), “Cristo vive em mim” (Gálatas 2.20), “participemos da sua santidade” (Hebreus 12.10), “o amor que tens por mim [Jesus] esteja neles” (João 17.26), “tenham a plenitude da minha alegria” (João 17.13), “tu lhes dás de beber do teu rio de delícias. Pois em ti está a fonte da vida; graças à tua luz, vemos a luz” (Salmo 36.8,9), “Nossa comunhão é com o Pai”, ou seja, comunicar e participar da vida dEle (I João 1.3).

Isso não significa, entretanto, que os santos são participantes da essência de Deus, “deificados” com Ele, ou “cristificados” com Cristo, como alguns ensinam errônea e falsamente. Mas o que significa, para usar uma expressão bíblica, é que eles são feitos participantes da plenitude de Deus (Efésios 3.17-19, João 1.16), ou seja, participantes da beleza e felicidade espirituais de Deus, segundo a medida e capacidade da criatura. É isso que “plenitude” significa na linguagem bíblica. É isso que quero dizer, então, quando falo

das influências divinas e que os verdadeiros afetos da graça nascem dessas influências espirituais e divinas.

Os verdadeiros santos possuem apenas o que é espiritual, os outros não têm nada que é divino no sentido em que falamos aqui. Não recebem comunicações do Espírito de Deus no mesmo grau que os santos, não possuem absolutamente nada dessa natureza e tipo. O apóstolo Tiago diz que o ser natural não possui o

Espírito. Cristo ensina a necessidade de um novo nascimento, ou de nascer do Espírito, já que o ser humano nasce naturalmente apenas na carne e não tem o Espírito (João 3.6). O apóstolo Paulo ensina que todos que têm o Espírito de Deus habitando neles são propriedade de Deus (Romanos 8.9-11). Ter o Espírito de Deus é ter um penhor, ou "garantia" da herança eterna (II Coríntios 1.22; 5.5; Efésios 1.14). "Sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, porque ele nos deu do seu Espírito" (I João 4.13).

Mas a pessoa natural não experimenta nada que é espiritual. Não participa da santidade de Deus (Hebreus 12.10). "Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente" (I Coríntios 2.14). Cristo nos ensina que o mundo desconhece totalmente o Espírito de Deus: "o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece" (João 14.17). Também reprovou os fariseus porque "não têm o amor de Deus" (João 5.42). Conseqüentemente, a pessoa natural não tem comunhão ou amizade com Cristo, não vive com Ele. A Escritura representa essas pessoas como sem luz, sem vida nem existência espiritual.

Esses textos mostram que as influências da graça que os santos recebem e os efeitos que experimentam por causa do Espírito de Deus vão totalmente além da natureza ou de qualificações naturais. Não diferem apenas em grau, mas também em tipo. É isso que quero dizer ao afirmar que são sobrenaturais e, portanto, os afetos da graça são os que surgem devido a influências sobrenaturais.

Como resultado, nasce um novo tipo de percepção interior que santifica a mente. Uma nova maneira de observar, pensar e ter consciência. É operado pela graça, como um tipo de princípio inteiramente novo. Segue-se daí que

muitas vezes se compara a obra do Espírito de Deus na regeneração à doação de um novo sentido: olhos para ver, ouvidos para ouvir e a transformação da escuridão em luz. Pode-se comparar à ressurreição dos mortos para uma nova criação.

O novo sentido espiritual e as novas disposições não são apenas novos recursos, são novos princípios de vida. Um novo fundamento foi lançado para a natureza da alma.

Em Suas operações na mente do ser humano natural, o Espírito de Deus se limita a mover-se, impressionar, ajudar, aprimorar ou, de algum jeito, agir sobre princípios naturais. Não concede um novo princípio espiritual. Assim, quando o Espírito de Deus concede visões a uma pessoa natural, como fez com Balaão, apenas age em um princípio natural, como o sentido da visão, mas não dá um novo sentido. Não há nada sobrenatural, espiritual nem divino nisso. Então, se o Espírito de Deus se move na imaginação de alguém, seja em sonho, seja quando está acordado, estimula apenas idéias semelhantes às que ele tinha pelos princípios e sentidos naturais. Dessa forma, por influências comuns, Ele pode ajudar na habilidade natural da pessoa, como fez com Bezaleel e Aoliabe no trabalho habilidoso do tabernáculo. Também pode ajudar as habilidades naturais nos assuntos políticos e aumentar a coragem, como quando encheu os 70 anciãos, e também com Saulo, para lhe dar outro coração. A consciência também pode ser aguçada dessa maneira.

Mas as influências espirituais do Espírito de Deus no coração dos santos operam introduzindo ou exercitando princípios novos, divinos e sobrenaturais. Esses princípios são de natureza nova e espiritual, muito mais nobre e excelente do que tudo que existe no ser humano natural.

Ao mesmo tempo, duas alterações são necessárias nessa afirmação.

Primeiro, nem tudo que pertence aos afetos espirituais é novo e totalmente diferente do que o que o ser humano natural concebe e experimenta. Alguns aspectos válidos para os afetos espirituais da graça valem também para outros afetos. Por exemplo, o amor do santo por Deus assemelha-se ao amor da pessoa natural por seu semelhante. O amor a Deus leva a pessoa

a querer honrá-lO e agradá-lO. O mesmo acontece com o ser humano natural com relação a seus amigos. Contudo, o conhecimento do santo da bondade de Deus e o prazer que sente nEle são distintos. O desejo não é igual. Podemos comparar a duas pessoas que têm gostos diferentes. Uma aprecia o sabor doce do mel, mas a outra nunca o provou. Por isso, as preferências são bem diferentes.

Segundo, o ser humano natural pode ter apreensões e afetos religiosos novos e surpreendentes para ele, nos quais nunca havia pensado antes. Mas isso não se compara ao princípio totalmente novo do afeto que o Espírito Santo dá à pessoa. Até aqui tenho insistido nesse ponto, ou seja, que todos os afetos verdadeiros da graça surgem apenas de influências especiais e peculiares do Espírito Santo. Volto a enfatizar que a imaginação natural que se pode ter de Deus ou de coisas celestiais, que não procedem do Espírito, é muito diferente do que venho descrevendo. Isso vale mesmo que algumas vezes a imaginação suscite os afetos naturais e os leve a grandes alturas de eloqüência e maravilha. Até a lembrança de palavras da Escritura comunicadas apenas à mente e imaginação naturais não possuem a mesma realidade. Por isso, Balaão sabia que as palavras que Deus lhe dissera tinham sido realmente ditas por Deus, mas ele não tinha nenhum conhecimento espiritual.

Alguém pode indagar: “é possível termos aplicação espiritual particular das promessas da Escritura através do Espírito de Deus?”. Respondo que sem dúvida existe algo como uma aplicação espiritual e salvadora dos convites e promessas da Escritura à alma humana. Porém, é certo ainda que a natureza desse processo é inteiramente desconhecida por muitas pessoas, levando a grandes armadilhas para a alma, dando a Satanás imensa vantagem sobre elas, indo contra o interesse da verdadeira religião e da Igreja de Deus. A aplicação espiritual de uma promessa bíblica não consiste em sugestão imediata ao pensamento por um agente externo. É a aplicação espiritual de toda a Palavra

de Deus, aplicação no coração, através de influências espiritualmente esclarecedoras e santificadoras.[18]

A aplicação espiritual de um convite ou a oferta do Evangelho consiste em dar à alma a sensação ou sabor espiritual da bênção santa e divina

oferecida, e da graça doce e maravilhosa do doador que fez uma oferta tão generosa. A alma também se deleita na excelência santa dAquele que prometeu, de Sua fidelidade em cumprir o que oferece e de Sua gloriosa suficiência. O coração, então, é chamado e atraído a aceitar a oferta. Isso dá à pessoa a evidência da qualidade do que foi oferecido. Os corações, também, são levados a aceitar Aquele que prometeu junto com a promessa. Assim, são capacitados a enxergar a graça e o valor da promessa.

Não me refiro a alguma revelação súbita de fatos secretos através de sugestão imediata ou de algum ser espiritual e divino. Não é assim que os efeitos e operações da graça acontecem. Por exemplo, se de repente me for revelado que nosso país será invadido no próximo ano por uma frota de navios franceses, ou que determinada pessoa se converterá, ou que eu mesmo vou me converter, nada disso possui a natureza da operação espiritual e divina.

Acreditar que o Espírito Santo de Deus age assim com seus filhos queridos é uma noção inferior e vergonhosa, que diminui imensamente o tipo de influência e operação elevada e exaltada do verdadeiro testemunho do Espírito.[2]

18. Thomas Shepard escreveu, em *Sound Believer:* “aperte no peito não apenas algumas promessas, mas sim todas... Quando ele toma toda a Bíblia e aceita que ela fala com ele, pode, então, tomar qualquer promessa específica com ousadia... Nenhum hipócrita pode fazer isso; os santos devem fazer e assim podem saber quando o Senhor fala particularmente com eles”

(pág. 159).

A idéia de *testemunho* confundiu muitos quanto à noção desse tipo de influência do Espírito de Deus. Eles afirmam que há uma sugestão interna imediata, como se Deus falasse ao ser humano e testificasse diretamente a ele, dizendo que é Seu filho através de um tipo secreto de voz ou impressão. Não entendem que embora a palavra testemunho ou evidência seja muito usada no Novo Testamento, não é nesse sentido. Somente declarar e afirmar um fato não prova que ele é verdade, isso só acontece com a demonstração das evidências. Assim, Hebreus 2.4 diz: “Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo”. Os milagres são chamados de testemunho de Deus, não

por serem a natureza das afirmações, mas por serem evidências e provas (cf. Atos 14.3; João 5.36).

A Escritura fala do selo do Espírito, expressão que indica de forma apropriada não uma voz ou sugestão imediatas, mas uma obra ou efeito do Espírito que fica como marca divina na alma, evidência de como os filhos de Deus podem ser reconhecidos. Quando Deus coloca Seu selo no coração humano através do Seu Espírito, surge uma marca santa, imagem impressa e deixada sobre o coração pelo Espírito, como o selo deixa a marca na cera derretida. É isso que a Escritura chama de selo do Espírito. A imagem fica gravada pelo Espírito no coração dos filhos de Deus, é a Sua própria imagem. Na antiguidade, os selos traziam dois elementos: a imagem e o nome da pessoa a quem eles pertenciam. Assim, o selo do Espírito indica tanto semelhança a Si como àqueles que lhe pertencem.

Outra prova de que o selo do Espírito não é revelação mágica de um fato através de sugestão imediata, mas sim a presença da graça na alma, é que o selo do Espírito é chamado de garantia de sua presença em nosso coração na Escritura (II Coríntios 1.22; cf. Efésios 1.13,14). Bem, a garantia é parte de uma herança prometida que um dia será entregue por completo. No caso da vida eterna, a garantia é a graça. Nossa herança em Cristo não se compõe de dons extraordinários, mas da Sua

presença essencial em nosso coração, comunicando-nos toda a Sua natureza santa e divina. Gálatas 3.13,14 sugere isso.

Então, muitas vezes, o Espírito é mencionado como o resumo de todas as bênçãos prometidas no Evangelho (Lucas 24.49; Atos 1.4; 2.38,39; Gálatas 3.14; Efésios 1.13). Em Sua última vontade e testamento, Cristo deixou esse legado maravilhoso como herança para os discípulos e a Igreja (João 14,15,16). É o resumo das bênçãos da vida eterna que serão entregues no Céu (Compare João 7.37-39; João 4.14; Apocalipse 21.6; 22.1,17). Essa presença vital do Espírito nos santos, então, é “a garantia do Espírito, da herança futura e os primeiros frutos do Espíri-to”[3], como diz o apóstolo (Romanos 8.23).

Em Romanos 8.14-16, o apóstolo fala claramente que o Espírito, por habitar em nós, dá testemunho, ou evidência, de que somos filhos de Deus. Ele nos

dá o espírito de adoção para podermos nos dispor a nos relacionarmos com Deus como nosso Pai. E isso nada mais é do que o espírito de amor. Paulo faz distinção entre dois tipos de espírito: o de escravo, que é de medo, e o de filho, ou o espírito de adoção, que é amor. Afirma que não recebemos o espírito de escravidão, que é de medo, mas o de filhos, espírito de amor, que naturalmente nos leva a nos aproximarmos de Deus como filhos se achegam a seu pai, e a nos comportarmos como filhos de Deus. Essa é a evidência, ou testemunho, que o Espírito de Deus nos dá de que somos Seus filhos.

Tenho certeza, portanto, de que o apóstolo sentia um respeito especial pelo espírito da graça como espírito de amor, que é o espírito do filho em sua atividade dinâmica. Apenas o amor perfeito, ou forte, é capaz de dar testemunho e evidência de que somos filhos, quando lança fora todo medo e nos liberta completamente do espírito de escravidão. É esse espírito de amor filial, evangélico e humilde a Deus que dá evidência clara da

relação de filiação da alma com Deus. Por essa razão, o filho dentro de nós clama: “Abba, Pai”.

O apóstolo disse que “o Espírito dá testemunho ao nosso espírito”, ou consciência, que também é chamada de espírito humano. “O espírito do homem é a lâmpada do Senhor, e vasculha cada parte do seu ser” (Provérbios 20.27). Lemos ainda sobre o testemunho de nosso espírito: “Este é o nosso orgulho: A nossa consciência dá testemunho” (II Coríntios 1.12; cf. I João 3.19-21). Quando o apóstolo Paulo fala sobre o Espírito de Deus testemunhando ao nosso espírito, não se deve entender que existem dois espíritos que dão testemunhos separados, colaterais e independentes. Através de um recebemos o testemunho do outro. Assim, o Espírito de Deus concede essa evidência infundindo e derramando o amor de Deus, como o espírito de um Filho, em nossos corações.

Muitos erros surgiram com base na noção falsa e enganosa de que o testemunho do Espírito de que Paulo fala é um tipo de voz ou sugestão interior, ou uma declaração de Deus à pessoa, dizendo que a ama, perdoa, escolhe, etc. Afirmam isso usando, e às vezes sem usar, textos da Escritura. Muitos afetos falsos, vãos, apesar de empolgados, nasceram dessa prática. Temo que milhares de almas se perderam eternamente por causa disso. Foi

por esse motivo que dediquei tanto tempo a esse tópico. Mas agora passo à segunda característica dos afetos da graça.

26/3/2007 11:36:59

Uma fé mais forte que as emoções.indd 124

Capítulo IV

fundamento da graça

O objeto e o dos afetos

O objeto fundamental dos afetos da graça é a gloria de Deus, assim, não se pode entender, de maneira alguma, que eles tenham qualquer relação com o ego ou com o interesse da pessoa por si mesma.

2. A base fundamental dos afetos da graça é a excelência transcendental e a natureza digna de amor das coisas divinas

Com essa afirmação não pretendo excluir todos os relacionamentos que têm ligação com as coisas divinas. Claro que eles têm influência secundária e conseqüente nos afetos que são verdadeiramente santos e espirituais, como demonstrarei mais adiante.

Como já mostrei, o afeto do amor é a fonte de todos os afetos. O amor cristão, particularmente, é a fonte de todos os afetos da graça. A excelência divina e a glória de Deus em Jesus Cristo, a Palavra de Deus, as Obras de Deus e os caminhos de Deus são a razão fundamental que leva o verdadeiro santo a amar essas coisas, e não qualquer suposto interesse que o crente tenha, ou venha a receber delas, nem qualquer relação imagi-

nada que considerem ser de seu interesse. O amor a si mesmo não pode nunca ser considerado a base fundamental do amor pelos afetos.

Alguns afirmam que todo amor deriva do amor a si mesmo. Dizem que é impossível, de acordo com a natureza das coisas, que o ser humano sinta amor por Deus ou por qualquer outro ser se não tiver como base o amor a si mesmo. Gostaria de sugerir humildemente que eles não refletiram a fundo sobre isso. Alegam que quem ama a Deus e deseja a Sua glória e desfrutar de Sua presença só age assim por interesse próprio. Segundo eles, a glória de Deus e o prazer em Sua perfeição não passam de elementos agradáveis ao ser humano, que tendem a fazer com que ele se sinta bem. Na realidade, ele coloca sua felicidade nesses sentimentos e desejos. Assim, afirmam que a pessoa deseja a glória de Deus com base no amor que sente por si mesma e no desejo de se sentir bem.

Mas deveria haver mais reflexão, e a verificação de como o ser humano começou a colocar sua felicidade na glorificação de Deus e na contemplação e apreciação de Sua perfeição. Não há dúvida de que o ser humano deposita sua felicidade nessas coisas. Por que, então, elas adquiriram tanta importância que ele chega a considerar a lição mais elevada glorificar a Deus? Não será o fruto do amor? Primeiro ele precisa amar a Deus e ser um com Ele no coração, para depois considerar o bem de Deus como o seu próprio bem.

Não é demais afirmar que, depois que a pessoa tem o coração unido a Deus em amor, deseja desfrutar Sua presença e glória, e, portanto, foi esse desejo que criou seu amor. Ninguém pode alegar que se o pai gerar um filho, então o filho gerou um pai. Será que não é o mesmo amor a si mesmo, a seu próprio bem-estar que o levou ao desejo de glorificar e desfrutar da presença de Deus? Não existirá, então, um princípio anterior, que antecede inclusive o amor a si mesmo, que motiva a pessoa a perceber intrinsecamente a beleza, a glória e a suprema bondade da

natureza de Deus? Não seria esse princípio que atrai primeiro o coração humano a Deus e provoca a união com Ele, antes de todas as considerações sobre os interesses pessoais ou a própria felicidade?

Claro que existe um tipo de amor ou afeto que a pessoa nutre por outras pessoas ou coisas que decorre do amor a si mesma. Tem como base um relacionamento preconcebido que a pessoa sente que existe, ou exige do outro. Mas, quando o primeiro motivo que atrai duas pessoas está na

percepção das qualidades e virtudes reconhecidas como agradáveis por elas mesmas, o amor será muito diferente do que nasce com base no interesse próprio. É diferente do amor que nasce de presente doado por outro, como no caso do juiz que ama e favorece um homem que o subornou.

O afeto por Deus ou por Jesus Cristo, que nasce a partir do amor da pessoa por si mesma, jamais será espiritual e cheio da graça. O amor a Deus por interesse próprio não pode ser confundido com o verdadeiro amor a Deus, que deriva dos afetos preciosos. O amor a si mesmo é comum tanto no ser humano quando nos demônios. Não há nada divino nisso.[4] Como Jesus perguntou: “Que mérito vocês terão, se amarem aos que os amam? Até os ‘pecadores’ amam aos que os amam” (Lucas 6.32). Amor que nasce do interesse próprio não é digno de ver Deus. Isso lembra Satanás desafiando a integridade de Jó: “Será que Jó não tem razões para temer a Deus? Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui?” (Jó 1.9,10). Deus não teria permitido o levantamento dessa objeção caso a acusação não tivesse certo fundamento.

É razoável, então, afirmar que a base para o verdadeiro amor a Deus é o valor intrínseco dEle, pois Ele é digno de ser amado pelo que é. Sua natureza o torna digno de amor. A ex-

celência divina é imensamente gloriosa. Por isso Deus é Deus: para ser amado pelo que Ele é.

Algumas pessoas nunca enxergam em Cristo a glória e a beleza de Deus e acabam motivadas a amar a Deus por interesse próprio. Mas a gratidão pode ser uma reação natural, exatamente como a raiva, que surge quando o amor a si mesmo é contrariado. Gratidão é o afeto que a pessoa tem porque outro a amou ou beneficiou de alguma forma. Ambas, raiva e gratidão, expressam o amor a si mesmo, já que pode haver uma forma de gratidão que não resulta do amor verdadeiro e perfeito. Cristo fala sobre esse tipo de gratidão em Lucas 6.32, quando afirma que os pecadores amam quem os ama. Confirmando isso, Saul sentiu profunda gratidão por Davi quando este poupou sua vida; mas, mesmo assim, continuou a ser inimigo dele. A Bíblia apresenta muitos exemplos desse tipo de gratidão.

Gratidão é um princípio da natureza humana, por isso a ingratidão parece muito mais desprezível e abominável. A Bíblia descreve a pessoa que suprime a gratidão como tão perversa que chega a ser destituída de afetos naturais (Romanos 1.31). Mesmo que a falta de gratidão ou afeto natural evidencie a presença de muito pecado, nem assim isso vale para alegar que toda gratidão e afeto natural têm a natureza da graça da salvação.

O amor a si mesmo, expresso em simples gratidão natural, pode ser uma fonte que gera um tipo de amor a Deus. Esse amor pode surgir da noção falsa sobre Deus que muita gente ensina: Ele é apenas bondade e misericórdia e jamais aplicará a justiça. Ou talvez a bondade de Deus dependa da definição que a pessoa faz desse termo. Em terrenos falsos assim, as pessoas podem amar um deus criado na imaginação e ficar muito longe de amar o verdadeiro Deus, que reina no Céu.

Ainda, o amor a si mesmo gera um afeto para com Deus que ignora a condição do ser humano diante do Criador. Sem a mente convicta do pecado, a pessoa desconhece como seu pecado é abominável para Deus. Depois de criar na mente um

deus que lhes agrada, as pessoas pensam que Deus não passa de um ser semelhante a elas, que as favorece e concorda com elas, e as ama como elas amam. Não percebem como estão longe de amar o Deus verdadeiro.

Há ainda quem desenvolva um grande afeto por Deus como resultado do medo do fogo do inferno. Com base em algum versículo bíblico, esses se convencem de que estão seguros e que Deus os perdoou e os fez Seus filhos. Mas a perspectiva está distorcida e, por causa do orgulho, podem até continuar com noções falsas sobre a comunhão com Deus, acreditando que acontece por impulsos, sussurros e outras manifestações externas que na verdade surgem da imaginação da própria pessoa.

O exercício de amor santo e verdadeiro nos santos acontece de maneira muito diferente. O início não é quando eles vêem que Deus os ama e por isso merece ser amado, mas sim porque vêem, em primeiro lugar, que Deus é digno de amor. Cristo lhes parece tão glorioso e maravilhoso que o coração só tem lugar para Ele. Isso, então, é o que motiva o verdadeiro amor a Deus.[5] O afeto dos santos começa com Deus. O amor a si

próprio, então, não passa de conseqüência secundária. Os afetos falsos, pelo contrário, começam com o ego e o reconhecimento da excelência de Deus é apenas dependente e conseqüência da atitude básica de interesse próprio. Mas Deus é o fundamento perfeito para o amor dos verdadeiros santos. Tudo mais se constrói sobre essa base.

No entanto, o interesse próprio pode influenciar as pessoas em conjunto ou individualmente. Por exemplo, em tempos de guerra, uma nação enxerga suas vitórias e derrotas sob esse prisma. Assim, o interesse próprio pode se estender universalmente a todas as obras da humanidade.

Mas não quero deixar a impressão de que toda gratidão a Deus não passa de sentimento natural, ou que não existe uma gratidão espiritual como afeto santo e divino. O que fiz foi apenas ilustrar que existe um afeto que é o exercício de gratidão natural. Mas é claro que existe gratidão verdadeira, ou a graça, que difere tremendamente da experiência do ser humano natural. Difere de duas maneiras.

Primeiro, a verdadeira gratidão a Deus por Sua bondade conosco resulta do amor a Deus, baseado em quem Ele é. A gratidão natural não tem esse fundamento. A graça provoca o afeto natural para com Deus por bênçãos recebidas sempre com base no amor principal que já se encontra no coração, que é pela excelência de Deus.

Por causa do amor que já existe, os afetos se dispõem a fluir diante da bondade de Deus. Tendo visto a glória de Deus, e com o coração subjugado por ela, e cativado por amor a Ele por causa disso, o coração do santo é sensível e facilmente afetado pelas bênçãos que recebe posteriormente. É como a gratidão que se sente por um amigo querido que se tem em grande estima. Por causa da opinião que tem desse amigo, o coração da pessoa está sempre sensível para ele e assim mais suscetível de ser afetado pela gratidão. Portanto, o amor a si mesmo não fica fora da gratidão provocada pela graça. Os santos realmente amam a Deus por Sua bondade. “Eu amo o Senhor, porque ele me ouviu quando lhe fiz a minha súplica” (Salmo 116.1). Mas há mais alguma outra coisa incluída, já que outro amor preparou o caminho e lançou o fundamento para esses afetos de gratidão.

Segundo, em gratidão, o ser humano é afetado pelos atributos da bondade e graça de Deus, não apenas porque esses atributos afetam seus interesses, mas porque se relacionam com a glória e a beleza da natureza divina. A graça de Deus, maravilhosa e sem paralelos, se manifesta na obra da redenção e brilha na face de Jesus Cristo como se fosse infinitamente gloriosa para conter a si mesma. Assim, o santo que exercita a gratidão per-

cebe o que ela é e se deleita nela. A bondade pessoal de Deus para eles é como uma lente de aumento que o Senhor coloca na frente deles para perceberem em detalhes a beleza dos atributos da Sua bondade. Na gratidão, a preocupação do santo o capacita a enfocar com mais precisão a bondade de Deus, mas a fonte dessa gratidão é a excelência do próprio Deus.

Alguns talvez estejam prontos a objetar contra esse argumento e citam: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (I João 4.19), como se isso quisesse dizer que o amor de Deus pelos verdadeiros santos fosse a primeira causa que os levou a amá-lO.

Respondendo a isso, gostaria de observar que o propósito do apóstolo era enfatizar o amor por nós, mostrando que Ele nos amou quando ainda não O amávamos (veja os versículos 9 a 11). Ele mostra que o amor de Deus pelos eleitos é o solo do amor deles por seu Senhor de três maneiras.

Primeiro, o amor dos santos por Deus é fruto do amor de Deus por eles, é o dom do amor. Deus lhes concede o espírito de amor por Ele porque os ama desde a eternidade. O Seu amor é a base da regeneração e de toda a redenção.

Segundo, a obra da redenção que Deus realizou através de Jesus Cristo é uma das principais formas de revelação da glória de Sua perfeição moral tanto para os anjos quanto para os seres humanos. Essa é a principal base da realidade de que Deus é amor.

Terceiro, o amor de Deus por alguém que Ele escolheu, fato que a pessoa descobre quando se converte, é uma grande evidência de Sua perfeição moral e Lhe dá glória. Então, isso é um estímulo real para que o amor surja da gratidão santa a Deus. Assim, a declaração de que os santos amam a

Deus porque Ele os amou primeiro atende perfeitamente ao propósito do argumento do apóstolo nesse texto. O versículo jamais pode ser usado para contrariar o princípio de que o amor espiritual da graça nos santos nasce essencialmente da excelência de Deus.

Como acontece com o amor dos santos, a base principal de sua alegria, deleite espiritual e prazer não é a consideração de

seu próprio interesse nas coisas divinas. Mais uma vez, consiste principalmente na doce contemplação da beleza das coisas divinas por elas mesmas. Então, contrasta também com a alegria dos pseudocristãos que se congratulam com eles mesmos, tendo o ego como base para a alegria. Enquanto isso, os verdadeiros cristãos se regozijam em Deus, pois a mente dos santos só se deleita nas realidades de Deus e em Suas coisas.

A base para o verdadeiro prazer do cristão está em Deus e em Sua perfeição, em Cristo e em Sua beleza. Deus se manifesta como realmente é, o maior entre dezenas de milhares e totalmente amável. O santo vê que as doutrinas santas do Evangelho se mantiveram e reconhece que Deus será exaltado e o ser humano diminuído. Os santos se regozijam em Deus e por terem Cristo. Primeiro se alegram na excelência e glória de Deus e só depois, em segundo lugar, exultam porque um Deus tão glorioso é deles. Contudo, os hipócritas possuem uma alegria que não passa de alegria neles mesmos e não em Deus.

Quando os falsos crentes se congratulam apenas neles mesmos, mantêm os olhos voltados somente para si mesmos. Tendo recebido o que chamam de descoberta ou experiências espirituais, a mente deles se enche do ego e de admiração pelas experiências. A principal empolgação não é a glória de Deus nem a beleza de Cristo, mas sim as experiências vibrantes. Ficam pensando: “Que experiência maravilhosa! Que descoberta! Encontrei coisas fantásticas!”. Com isso, as experiências tomam o lugar de Cristo e de Sua beleza e auto-suficiência. Em lugar de se regozijar em Cristo Jesus, entregam-se às suas experiências maravilhosas. Ficam com a imaginação tão presa nessas coisas que toda a noção de Deus passa a ter apenas uma pequena relação com elas. À medida que as emoções se intensificam, esses hipócritas às vezes são totalmente engolfados pelo narcisismo, presunção e zelo ardente pelo que está acontecendo. Mas

tudo não passa de um castelo no ar, sem outro fundamento senão imaginação, amor a si mesmo e orgulho.

Essas pessoas falam como pensam. Sabem falar muito bem delas mesmas. O verdadeiro santo, ao contrário, sob grandes afetos espirituais e com base na plenitude do coração, está sempre pronto a falar muito sobre Deus, Sua perfeição e Suas obras gloriosas, a beleza e o encanto de Cristo, assim como as glórias do Evangelho. Assim, o verdadeiro santo vive tão envolvido no deleite das descobertas da doce glória de Deus e de Cristo que nunca pensa nele mesmo nem em suas realizações. Pensar em si mesmo seria para ele apenas distração e perda a que ele não se dá o luxo; nunca quer afastar seus olhos do objeto arrebatador: Deus.

Os outros afetos dos falsos cristãos são como seu amor e alegria. A tristeza pelo pecado, a humilhação e submissão, os desejos e o zelo religiosos, tudo se relaciona ao amor a eles mesmos e à cobiça. Devido à corrupção da natureza, ela tem facilidade, diante da noção de ter um deus que a protege e favorece nos pecados, de amar esse deus imaginário que se encaixa tanto no esperado, e exaltá-lo, submeter-se a ele e ser zelosa por ele. Como presumem ser santos eminentes, se a opinião que têm deles mesmos decair, o mesmo acontecerá com os afetos. Isso aconteceria se tivessem ao menos uma pequena noção de seu pecado. Como os afetos foram construídos sobre o ego, o auto-conhecimento acabaria com eles.

Mas os verdadeiros afetos da graça se edificam em outro lugar. O fundamento não é o ego, mas sim Deus e Jesus Cristo. Por isso, a descoberta de si mesmo e de seu pecado levará à purificação dos afetos, não à destruição. Sob algumas formas irá suavizá-los e intensificá-los.

3. Afetos da graça se baseiam no deleite pela beleza e excelência moral do próprio Deus

Ou, para dizer de outra forma, o amor às coisas divinas por causa da beleza e doçura de sua excelência moral é o início e a fonte de todos os afetos santos.

Gostaria de explicar para os que não entenderam. Não se deve entender aqui a palavra moral no sentido popular de moralidade ou comportamento moral exterior em conformidade com determinadas normas. Não me refiro apenas

a virtudes como honestidade, justiça, generosidade, boa índole e espírito comunitário como atitudes externas, que fazem oposição às virtudes mais interiores, espirituais e divinas, como fé santa, amor, humildade e devoção dos verdadeiros cristãos. Repito, a palavra moral não deve ser entendida assim.

Para entender bem o que quero dizer, precisamos observar que os teólogos costumam afirmar que o bem e o mal podem ser morais ou naturais. Mal moral é o pecado, ou o que é contrário ao certo. Mal natural são, por exemplo, sofrimento, dor, tormento, desgraça, etc. Estas coisas são contrárias ao estado ideal daquilo que é bom ou mau.

De modo semelhante, os teólogos fazem distinção entre a perfeição moral e a perfeição natural de Deus. Por moral entendem os atributos que Ele exerce como agente moral: justiça, verdade, fidelidade e bondade; ou, para dizer em uma palavra apenas, santidade. Os atributos, ou a perfeição natural de Deus, são aquilo que, segundo a concepção que fazemos dEle, consiste em Sua grandeza, poder, conhecimento, existência eterna, onipresença e majestade impressionante e terrível.

A excelência moral de um ser inteligente e livre se localiza no coração ou na vontade dos agentes morais. Portanto, o ser inteligente cuja vontade é certa e amável, é moralmente bom e excelente.

A excelência moral de um ser inteligente, quando verdadeira e real, e não apenas externa ou fingida, é santidade. Assim, a santidade abrange toda a verdadeira excelência moral dos seres inteligentes. É a única virtude verdadeira. Santidade inclui todas as virtudes de uma pessoa boa, como seu amor a Deus, seu amor aos semelhantes, caridade, misericórdia, mansidão, bondade e todas as outras virtudes cristãs. Santidade,

no ser humano, nada mais é do que a imagem da santidade de Deus.

Segundo nossa concepção de Deus, existem nEle dois tipos de atributos, os morais, resumidos em santidade, e os naturais, de força, conhecimento, etc., que constituem Sua grandeza. Exatamente da mesma forma, existe no ser humano uma imagem dupla de Deus. Existe a moral, ou espiritual, que é a santidade de Deus, que perdemos na queda, e a imagem natural, o

raciocínio e entendimento humano, habilidades naturais e domínio sobre as outras criaturas.

Agora você pode entender o que quero dizer quando afirmo que o amor por coisas divinas, pela beleza de sua excelência moral, é o início e a fonte de todos os afetos santos. Já comentamos que a primeira base objetiva para todos os afetos santos é a suprema excelência das coisas divinas como elas são por elas mesmas, segundo sua própria natureza. Gostaria de avançar mais, e dizer mais especificamente que o primeiro fundamento objetivo de todos os afetos santos é a excelência moral, ou santidade, deles. Santos, no exercício dos afetos santos, amam as coisas divinas em primeiro lugar por causa da santidade delas. Amam a Deus em primeiro lugar porque a beleza da santidade, ou da Sua perfeição moral, é imensamente digna de amor por ela mesma. Não que os santos amem a Deus apenas pela Sua santidade. Consideram atraentes e gloriosos todos os Seus atributos. Deleitam-se em cada aspecto da perfeição divina. Mas o amor pela santidade é o mais fundamental e essencial. Aqui começa o verdadeiro amor a Deus. Todo o amor pelas outras coisas divinas deriva deste.

A verdadeira beleza e amabilidade de todos os seres inteligentes consistem em sua excelência moral ou santidade. Isso se aplica a Deus, segundo O vemos: santidade é, de forma única, a beleza da natureza divina. A Bíblia fala muito sobre a “beleza da santidade” (Salmos 29.2; 96.9; 110.3 RA). É isso que torna todos os outros atributos de Deus gloriosos e dignos de amor.

A glória da sabedoria de Deus é que ela é santa, não cheia de perversidade ou artimanhas sutis. É isso que faz Sua majestade provocar amor, não terror nem pavor. Trata-se de majestade santa. A glória da imutabilidade de Deus é que ela é santa, não uma obstinação inflexível na maldade. A visão de Deus como merecedor de amor precisa começar aqui. O verdadeiro amor a Deus tem de começar com deleite em Sua santidade e não em nenhum outro atributo. Sem ela, os atributos não merecem amor. Assim, se o amor à perfeição de Deus resulta do amor à santidade, então, o verdadeiro amor a todos os aspectos da perfeição divina nasce do amor à Sua santidade. Quem não enxerga a glória da santidade de Deus não consegue ver nada

da verdadeira glória de Sua misericórdia e graça. Não enxerga a glória dos atributos por eles mesmos.

Assim como a beleza da natureza divina consiste, em primeiro lugar, na santidade, o mesmo acontece com todas as coisas divinas. Nisto reside a beleza dos santos - no fato de serem santos. A imagem moral de Deus neles lhes confere beleza e santidade. Esta é a beleza e o brilho dos anjos no Céu: são anjos santos e não demônios (Daniel 4.13,17,23; Mateus 25.31; Marcos 8.38; Atos 10.22; Apocalipse 14.10). A fé cristã é mais bela que todas as outras religiões por ser tão santa. A excelência da Palavra de Deus consiste em sua santidade. “Puríssima é a tua palavra; por isso teu servo a estima” (Salmo 119.140 RA cf. Salmos 128,138,172; Salmo 19.7-10)

A santidade é a principal responsável pela atração e beleza do Senhor Jesus como o principal entre dezenas de milhares, totalmente digno de amor. Ele é o Santo de Deus (Atos 3.14; 4.27; Apocalipse 3.7). A beleza espiritual de Sua natureza humana reside na mansidão, amabilidade, paciência, devoção, amor a Deus e às pessoas, condescendência com os desprezíveis e destituídos de atração, compaixão pelos rejeitados, etc. Tudo se resume em santidade. Toda a beleza da natureza humana de Jesus consiste principalmente em Sua santidade.

De modo semelhante, a glória do Evangelho é, em grande parte, ser um evangelho santo, a expressão sublime da beleza santa de Deus em Jesus Cristo. A beleza espiritual surge da santidade de Sua doutrina. O caminho da salvação é um caminho santo, e isso é belo. A glória do Céu, da Cidade Santa de Jerusalém, é que ela é habitação da santidade de Deus e, portanto, de Sua glória (Isaías 63.15). Toda a beleza da Nova Jerusalém descrita nos dois últimos capítulos do Apocalipse representa isso (Apocalipse 21.2,10,11,18,21,27; 22.1,3).

Os santos amam tudo isso por causa da excelência santa. Amam a Palavra de Deus por sua pureza. Amam também os outros santos. Assim também o Céu é digno de amor e os taberná-culos santos de Deus atraentes. Amam a Deus e a Jesus Cristo, o coração se deleita nas doutrinas do Evangelho e caminham tranqüilos pelo caminho da salvação que lhes foi revelado.[23]

Comentei, após o título da primeira característica distintiva dos afetos da graça, que os regenerados recebem um novo sentido espiritual, diferente dos cinco sentidos naturais do ser humano. Nada mais é do que a beleza da santidade.

A Escritura representa muitas vezes a beleza e a doçura da santidade como o grande objeto de um paladar e apetite espiritual. Era esse o alimento da alma santa de Jesus Cristo. “Tenho algo para comer que vocês não conhecem... A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra” (João 4.32, 34). O Salmo 119 enfatiza e descreve esse apetite mais que qualquer outro texto. Nos primeiros versículos, o salmista se propõe isso. Por todo o Salmo, a excelência da santidade surge representada como objeto imediato de paladar, apreciação e apetite divinos, além de prazer na lei de Deus.

Amor santo se dirige a um objeto santo. A santidade do amor consiste principalmente nisso, em amar o que é santo.

23. “Um relacionamento correto com a pessoa de Cristo é sempre necessário para se conhecer a amargura do pecado como o mal maior. Ninguém jamais se aproximará de Cristo se não reconhecer a Sua santidade e enxergar que nEle está o bem maior. Já afirmamos que o relacionamento correto com Cristo só nasce do reconhecimento de Sua santidade.” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins,* parte 1, pág. 84)

Semelhantemente, a natureza santa precisa de coisas santas, consistentes com a santidade. E, acima de tudo mais, a natureza santa de Deus, Cristo, a Palavra de Deus e outras coisas divinas têm de ser consistentes com a santidade dos santos.

E o que é pecaminoso é inimigo de Deus. O que é carnal vai contra o que é santo, contra Deus, Sua lei e também contra o povo de Deus. As naturezas são contrárias. É o contrário contra o contrário e o semelhante junto com o semelhante. Perversidade odeia santidade e santidade tem prazer na santidade.

No Céu, a atenção se volta com perfeição para a santidade das coisas divinas. A beleza de Deus é o principal elemento que suscita a admiração e o louvor dos serafins ardentes e brilhantes. “Santo, santo, santo é o Senhor

dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória" (Isaías 6.3). "Dia e noite repetem sem cessar: 'Santo, Santo, Santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir'" (Apocalipse 4.8). Os santos glorificados também clamam: "Quem não te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois tu somente és santo" (Apocalipse 15.4).

As Escrituras apresentam os santos na terra adorando a Deus principalmente por Sua santidade. Admiram e exaltam todos os Seus atributos, cientes de que Sua santidade é digna de amor. Assim, quando louvam a Deus por Seu poder, a beleza que os motiva é a santidade. "Cantem ao Senhor um novo cântico, pois ele fez coisas maravilhosas; a sua mão direita e o seu braço santo lhe deram a vitória!" (Salmo 98.1). É da mesma forma que louvam Sua justiça e majestade tremendas (Salmo 99.2,3,5,8,9). Louvam a Deus por Sua misericórdia e fidelidade. "A luz nasce sobre o justo e a alegria sobre os retos de coração. Alegrem-se no Senhor, justos, e louvem o seu santo nome" (Salmo 97.11,12). "Não há ninguém santo como o Senhor; não há outro além de ti; não há rocha alguma como o nosso Deus" (I Samuel 2.2).

O teste dos afetos, especialmente do amor e da alegria, reside em saber se a base deles é ou não a santidade. Essa é a di-

ferença entre os verdadeiros santos e o ser humano natural. Estes não possuem o sentido do paladar para provarem a bondade e a excelência das coisas santas, que está totalmente escondida deles. Mas os santos, pelo poder maravilhoso de Deus, descobriram essa excelência, que lhes cativa os corações e os agrada acima de todas as outras coisas. Dessa forma, é possível examinar o amor que sentimos por Deus, por Jesus Cristo e por Sua Palavra e a alegria que temos neles, e ainda o nosso amor pelo povo de Deus e o desejo de ir para o Céu. Esse é o verdadeiro teste.

A pessoa natural pode ver o imenso poder e a majestade tremenda de Deus. As circunstâncias a forçam a enxergar. A Bíblia afirma que quando Cristo vier "Na glória de seu Pai, todo olho o verá". "Então implorarão às montanhas que caiam sobre eles para os esconder da face daquele que se assenta no trono" (Isaías 2.10,19,21)[6]. Deus declarou muitas vezes Seu propósito imutável de levar todos os Seus inimigos a conhecerem-nO dessa

forma: “Eles conheceram que eu sou o Senhor”. “Tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor” (Números 14.21).

Como as pessoas naturais, os santos também verão a grandeza de Deus, mas serão afetados de maneira diferente. Em vez de terror, se regozijarão e louvarão o Senhor. Eles vêem a beleza da santidade, não terror.

26/3/2007 11:37:01

Uma fé mais forte que as emoções.indd 140

1

Jonathan Edwards escreveu sobre os doze sinais dos afetos religiosos. O número que se encontra neste título e os que se seguem consecutivamente pelo livro indicam a numeração dos sinais.

2

Jonathan Edwards contou, sobre seu avô, Solomon Stoddard: “Na juventude, seguiu a opinião dos outros sobre essa noção do Espírito vir através de sugestões imediatas. Porém, no fim de sua vida, depois de pensar mais profundamente sobre o assunto e ter mais experiência, rejeitou completamente essa noção, como fica claro em seu tratado sobre *The Nature of Saving Conver-sion (A natureza da conversão salvadora)”* (pág. 84).

3

Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 86.

4

“Existe um amor natural a Cristo, como o que se sente por alguém que tem um gesto bondoso para conosco; e existe amor espiritual a Ele, onde apenas o Senhor é exaltado.” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 25)

5

“Há uma visão de Cristo que o ser humano tem depois que crê, ou seja, que Cristo o ama. Mas falo de uma visão anterior, que precede o segundo ato de fé. É uma visão intuitiva ou real de Cristo como

Ele é em sua glória.” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 74)

6

Jonathan Edwards combinou os três versículos em um só e foi feita uma tradução livre do inglês para o português. (N. da T.)

Capítulo V

A formação dos afetos da graça

Afetos santos não possuem calor nem luz. Tem de haver informação constante do entendimento para que exista instrução espiritual, que a mente recebe como luz ou conhecimento verdadeiro.

4. Afetos da graça nascem de uma mente espiritualmente iluminada

O filho de Deus é afetado pela graça porque vê e entende mais das coisas divinas do que antes. Ele vê mais de Deus e de Cristo e das revelações gloriosas do Evangelho. Sua visão é mais clara e melhor. Ele receberá novo entendimento das coisas divinas, ou terá o conhecimento prévio renovado depois que a visão acabar. “Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1 João 4.7). “Esta é a minha oração: Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção” (Filipenses 1.9; cf. João 6.45; Colossenses 3.10). Conhecimento, então, é a primeira chave que abre o coração duro, aumenta os afetos e, assim, abre o caminho para a entrada no Reino dos Céus. Vocês “se apoderaram da chave do conhecimento” (Lucas 11.52) é, então, uma acusação grave.

Mas muitos afetos não nascem de luz no entendimento e, quando isso acontece, é evidência certa de que não são espirituais, por mais elevados que pareçam ser[1]. Podem até surgir apreensões que a pessoa não tinha antes, mas a natureza dela é tal que é impossível que sua mente seja afetada a não ser que entenda ou compreenda o que está diante dela. Mas muitos são afetados por apreensões ou conceitos que não têm nada da natureza do conhecimento ou da instrução. Alguém, por exemplo, de repente, tem uma idéia brilhante e assim mesmo não há nela nada da natureza da instrução. As pessoas nunca ficam mais sábias com isso, nem aumentam seu conhecimento de Deus ou do caminho da salvação. Essas idéias externas não têm nada a ver com Deus, nem comunicam entendimento sobre Ele.

Os verdadeiros afetos espirituais e da graça não são provocados assim. Surgem do esclarecimento da mente para novo entendimento do que Deus e Cristo ensinam. Isso acontece através do novo entendimento da excelente natureza de Deus, Sua perfeição maravilhosa, ou de novas visões de Cristo em Sua excelência e plenitude espiritual. Esses fenômenos diferem por completo em caráter de qualquer idéia ou estímulo natural ao ser humano.

Mesmo os afetos resultantes da leitura da Escritura são inúteis, a menos que o leitor receba instrução específica no entendimento do que leu. Quando Cristo usou as Escrituras para fazer o coração dos ouvintes arder com afeto da graça, fez isso abrindo o texto ao entendimento deles. “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” (Lucas 24.32). Ele dava instruções específicas à mente dos discípulos.

Afetos falsos nascem, então, da ignorância, e não da instrução. Até através de uma oração improvisada alguns podem ser afetados a ponto de seus afetos se intensificarem. Ou, às ve-

zes, pensamentos adequados surgem na mente a partir das Escrituras e as pessoas afirmam que o Espírito de Deus está lhes ensinando. Pela ignorância nesse e em outros aspectos, pensam erradamente que o Espírito Santo está visitando-as, já que a mente foi estimulada e afetada. A princípio pode haver grande alegria, mas, na confusão das emoções que se seguem, as pessoas acabam desanimadas. Esses estímulos não produzem afetos espirituais verdadeiros.

Mas as Escrituras dão aos santos entendimento espiritual e sobrenatural de assuntos divinos desconhecidos aos que não são verdadeiramente cristãos. O apóstolo Paulo falou sobre isso. “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente” (I Coríntios 2.14). É uma forma de ver e discernir coisas espirituais de que a Bíblia fala mais: “Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu” (I João 3.6). “Aquele que faz o mal não viu a Deus” (III João 11; cf. João 6.40; 17.3).

A Bíblia demonstra isso muitas vezes. Existe um entendimento das coisas divinas que tem natureza e caráter totalmente diferentes de todo conhecimento que o ser humano natural possui. A Bíblia chama isso de entendimento espiritual. “Não deixamos de orar por vocês e de pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual” (Colossenses 1.9).

O que será, então, essa percepção ou compreensão espiritual que o ser humano natural não possui? Já mostrei que o sentido espiritual que os santos recebem serve para reconhecer a beleza e excelência supremas das coisas divinas como elas são por elas mesmas. A Escritura está de acordo com isso. O apóstolo ensina claramente que a maior descoberta feita pela luz espiritual e entendida pelo conhecimento espiritual é a glória das coisas divinas. “Mas se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perecendo é que está encoberto. O deus desta

era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (II Coríntios 4.3,4). A isso acrescentamos o versículo 6: “Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz” , ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (cf. II Coríntios 3.18).

E assim concluímos que o entendimento espiritual consiste em: “Uma percepção do coração pela suprema beleza e doçura da santidade da perfeição moral das coisas divinas, assim como todo discernimento e conhecimento das coisas da religião que dependem e fluem dessa percepção”.

Entendimento espiritual consiste principalmente, então, na sensibilidade do coração à beleza espiritual. Digo sensibilidade do coração porque não é apenas especulação. Nem pode haver distinção clara entre as duas faculdades de entendimento e vontade, como se agissem de forma distinta e separada. Mas quando a mente tem consciência da beleza doce e amabilidade de alguma coisa, a sensibilidade à amabilidade e caráter agradável confere à pessoa gosto, inclinação ou vontade por tal coisa.

Portanto, deve-se fazer distinção entre o entendimento meramente especulativo de uma mente especulativa e o sentido do coração, onde a mente não especula, antes experimenta e sente. O que realmente decide o que é atraente ou repulsivo é o conhecimento experimental. Um não passa de teoria, o outro é conhecimento derivado de experiência, e o coração é a substância adequada. O apóstolo Paulo comenta sobre o conhecimento meramente especulativo: “tendo na lei a forma da sabedoria e da verdade” (Romanos 2.20). E fala sobre o sentido com experiência, fazendo contraste com isso: “Mas graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo e por nosso intermédio exala em todo lugar a fragrância do seu conhecimento” (II Coríntios 2.14; Mateus 16.23; I Pedro 2.2-3; I João 2.20).

O entendimento espiritual consiste principalmente na experiência, ou sabor da beleza moral das coisas divinas. Ape-

nas o conhecimento que surge dessa percepção pode ser chamado espiritual. Em segundo lugar, inclui todos os que discernem e experimentam as coisas divinas.

Quando a alma descobre a verdadeira beleza e atração da santidade que se encontra nas coisas divinas, um novo mundo de perspectivas se descortina. A glória da perfeição de Deus e de tudo que diz respeito a Ele se revela e mostra a glória de todas as Suas obras, tanto na criação quanto na providência. Suas obras expressam a glória especial de Sua santidade em justiça, fidelidade e bondade. Glorificar a perfeição moral de Deus é a finalidade principal de toda a criação. A percepção da beleza moral das coisas divinas nos capacita a entender a suficiência de Cristo como Mediador. Assim, o crente é levado a conhecer a excelência da pessoa de Cristo. Os santos, então, adquirem consciência do valor do sangue de Cristo e de Sua suficiência para expiar os pecados. Disso depende o mérito da obediência de Cristo, e a suficiência e predomínio de Sua intercessão. A beleza do caminho da salvação aberto por Cristo se manifesta de todas essas maneiras.

Semelhantemente, se vê a excelência da Palavra de Deus. Retire dela toda a beleza e doçura moral e ela será letra morta, seca, sem vida e sem sabor. Assim, em tudo isso, aprendemos a deixar de ver como a carne: “Portanto,

se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!" (II Coríntios 5.16,17). Assim, toda religião baseada em experiência verdadeira vem da percepção da beleza espiritual, pois quem não enxerga a beleza da santidade é incapaz de apreciar a graça do Espírito de Deus. Sem isso, ignora-se todo o mundo espiritual.

Então, fica evidente que quando Deus implanta o sentido espiritual sobrenatural acontece uma grande transformação do coração humano. Primeiro, na conversão, surge na alma a primeira alvorada da luz gloriosa. O cego que vivia com apenas quatro sentidos e recebe a visão descobre, à luz do sol, um mun-

do inteiro de novos objetos visíveis. Mas o sentido espiritual de que falamos é muito mais nobre do que qualquer sentido natural do ser humano, pois seu objeto é infinitamente maior e mais importante.

Todos os verdadeiros afetos da graça procedem desse conhecimento das coisas divinas e por ele são testados. Os afetos que surgem de qualquer outro tipo de conhecimento ou compreensão são inúteis.

Para aprofundar o contraste entre a experiência da pessoa natural e o conhecimento salvador do Espírito de Deus, podemos citar a questão da consciência. Quando a pessoa natural é levada à percepção da consciência, o Espírito de Deus não lhe confere conhecimento da verdadeira beleza moral inerente às coisas divinas. Ela tem apenas noção mais clara da culpa, do castigo e da conexão disso com o sofrimento. Isso é o que despertará por completo a consciência do perverso sem luz espiritual no Julgamento Final. Em grau menor, o mesmo acontece com os que têm a consciência despertada, mas não possuem luz espiritual. Apesar de possuírem compreensão um pouco mais profunda do caráter do pecado e do mal, ainda não entenderam por completo a glória de Deus.

Com base no que foi dito até aqui sobre a natureza do entendimento espiritual, fica evidente também que ele não consiste em novo conhecimento doutrinário, nem em sugestão à mente de novas proposições ou de mais leitura, por se tratar de uma experiência e nova apreciação da beleza e doçura[2]. Assim, conhecimento espiritual não consiste em nova

explicação doutrinária de textos da Escritura. Conhecimento doutrinário não passa da explicação de parte da Escritura, que nos é dado para entendermos as proposições contidas e ensinadas no contexto

da Palavra de Deus. Assim, entendimento espiritual da Escritura não consiste apenas em abrir a mente ao significado místico da Palavra, suas parábolas, tipos e alegorias. A pessoa pode saber interpretar tudo isso sem ter a graça salvadora. “Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei” (I Coríntios 13.2).

Além disso, conhecimento espiritual não é apenas comunicação de obrigações. Conhecimento dos deveres é apenas um dos aspectos do conhecimento doutrinário. Uma proposição relacionada à vontade de Deus é uma doutrina religiosa que também se relaciona à natureza ou obra de Deus. Isso difere muito de conhecimento espiritual. Balaão percebeu imediatamente a vontade de Deus transmitida a ele pelo Espírito, de tempos em tempos, com relação ao caminho que deveria seguir e o que deveria falar e fazer. Mas ele não possuía luz espiritual.

Então, levar e dirigir dessa maneira não é a liderança santa e espiritual do Espírito de Deus, que age de forma especial nos santos e é a marca distintiva dos filhos de Deus: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Romanos 8.14).

Mesmo que as pessoas de repente se lembrem de um texto bíblico de maneira extraordinária e isso direcione e oriente seus atos, isso não quer dizer, necessariamente, que tenham instrução espiritual. Por exemplo, uma pessoa busca orientação divina para saber se deve partir para o campo missionário em um país pagão. Depois de muita oração, lê a instrução de Deus a Jacó: “Não tenha medo de descer ao Egito, porque lá farei de você uma grande nação. Eu mesmo descerei ao Egito com você e certamente o trarei de volta” (Gênesis 46). A leitura desses versículos não significa que Deus promete trazer a pessoa de volta para casa depois das viagens missionárias. Não há nada da natureza de uma orientação espiritual ou da graça nisso, nem entendimento espiritual. Assim, entender um versículo bíblico não implica entendimento espiritual.

Entender espiritualmente de forma correta as Escrituras significa compreender o que existe nelas e saber a intenção imediata do que está escrito, e não inventar novo significado. A mente recebe esclarecimento espiritual para entender corretamente as Escrituras, para enxergar o que passava despercebido antes por causa da cegueira. Por isso, o salmista exclamou: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Salmo 119.18). O problema aqui é que não se enxergou antes porque os olhos estavam fechados, mas isso não dá novo significado ao que está escrito, como se fosse possível compor uma nova Escritura. Inventar novos sentidos é acrescentar à Palavra atitude para a qual existe uma maldição terrível.

Entender espiritualmente as Escrituras implica ter abertos os olhos da mente, contemplar a excelência espiritual maravilhosa das coisas gloriosas contidas no verdadeiro significado, que se encontra lá desde que ela foi escrita. Tal visão espiritual é capaz de ver a perfeição divina, a excelência e suficiência de Cristo e o caminho da salvação. É enxergar a glória espiritual dos preceitos e promessas que sempre estiveram na Escritura, mas que não tinham sido vistos antes e por isso agora são vistos com novo sentido.

A liderança bondosa do Espírito consiste em duas coisas. Primeiro, instrui a pessoa em seus deveres e, segundo, induz poderosamente a aceitar a instrução.

Essa orientação vem através de discernimento espiritual e apreciação daquilo que possui a verdadeira beleza moral. A sensibilidade santa discerne e distingue entre bem e mal, santo e profano, sem necessidade de raciocínio lógico. Quem sabe apreciar a beleza externa reconhece o belo ao olhar. Não precisa de treinamento racional. Quem possui ouvido musical identifica o som harmonioso, não precisa de raciocínio matemático para avaliar a relação entre as notas. Quem tem bom paladar não precisa raciocinar para saber se a comida está gostosa. “O ouvido não experimenta as palavras como a língua experimenta

a comida?” (Jó 12.11). Da mesma maneira, quem possui discernimento espiritual e presencia ato indigno ou ímpio não enxerga beleza nem sente

prazer. O paladar santificado sente náusea. Assim, a pessoa santa é dirigida pelo Espírito através do paladar santo e da disposição do coração.

Tal pessoa reconhece o que é certo espontaneamente, sem necessidade de deduções nem de debates. Por isso Cristo acusou os fariseus: “Por que vocês não julgam por si mesmos o que é justo?” (Lucas 12.57). O apóstolo via claramente para julgar a beleza espiritual: “mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.2). Existe, então, um tipo de paladar para apreciar a beleza natural. Esse sentido leva a dar às coisas seu devido valor, sem se encantar com brilho falso nem ser enganado de nenhuma outra forma. Paladar e julgamento, então, são a mesma coisa, mas é fácil encontrar uma diferença. O julgamento forma a opinião com base em reflexão, enquanto o paladar não precisa pensar. Assim como o ouvido se irrita com um som estridente, ou o olfato se agrada com um bom perfume, assim também o paladar reage imediatamente e se antecipa a qualquer reflexão. Existe também o paladar espiritual, que os verdadeiros cristãos possuem para os guiar e lhes dar discernimento através do Espírito de Deus.

Onde a graça estiver viva e forte, a disposição santa e o paladar espiritual capacitarão a alma a reconhecer o certo e partir para a ação. Os verdadeiros cristãos o reconhecem imediata e exatamente, sem necessidade de outras habilidades.

Vemos isso ilustrado na forma como os hábitos influenciam o comportamento. Por exemplo, a pessoa de boa índole sempre trata os outros com bondade. Seu temperamento a influencia a se comportar e falar em todas as ocasiões de forma consistente com a bondade. Mas nem o raciocínio mais profundo ajudará o rabugento. Semelhantemente, quando o coração sofre a influência profunda de uma amizade e afeto por alguém,

a pessoa agirá com um tipo de bondade diversa da de outra que possui toda a capacidade, mas não o coração disposto. Há um espírito motivador. A pessoa percebe atitudes habituais que a levam a agir espontaneamente.

Assim, a disposição espiritual e o paladar santo ensinam e orientam a pessoa em seu comportamento no mundo. Uma pessoa sem instrução, que

seja profundamente humilde, mansa e amorosa, será capaz de viver segundo as leis cristãs de humildade, mansidão e caridade com muito mais facilidade do que uma que não tem esse temperamento, mas estuda com afinco e elabora seus argumentos com habilidade intelectual. Assim também o espírito de amor a Deus e temor santo e reverência a Ele, em confiança filial, com devoção ensinará e orientará a pessoa em seu comportamento.

Porém, é extremamente difícil para o injusto, carente dos princípios de Cristo no coração, saber se comportar como cristão com toda a vida, beleza e doçura celestial de um caráter santo e humilde. O ímpio não sabe usar essas vestes, elas não servem nele. “O trabalho do tolo o deixa tão exausto que ele nem consegue achar o caminho de casa” (Eclesiastes 10.15). Mas os “lábios do justo sabem o que é próprio” (Provérbios 10.32). “A língua dos sábios torna atraente o conhecimento, mas a boca dos tolos derrama insensatez” (Provérbios 15.2).

Julgando atos através do paladar espiritual, os verdadeiros santos não possuem recursos específicos que definam regras na Palavra de Deus com respeito a cada palavra e ato que precisam comunicar. Contudo, o paladar está sempre sujeito à Palavra e é testado e provado por ela. O paladar espiritual ajuda muito a alma a meditar sobre a Palavra de Deus e a julgar o verdadeiro significado de suas regras. Ele remove os preconceitos de um apetite corrompido e conduz os pensamentos naturalmente no caminho certo.

Lança luz sobre a Palavra de Deus e provoca o aparecimento natural, na mente, do verdadeiro significado, por causa

da harmonia entre a disposição e a preferência da alma santificada e o verdadeiro significado das regras da Palavra. Essa harmonia responde pela presença na mente de determinados versículos no momento adequado. Dessa forma, os filhos de Deus são conduzidos pelo Espírito, julgando ações por eles mesmos, meditando sobre as regras de Deus em Sua Palavra Santa e aplicando-as. Assim, Deus lhes ensina Seus estatutos e os faz entender Seus preceitos. O salmista ora freqüentemente por isso.

Entretanto, essa orientação do Espírito é muito diferente do que alguns imaginam. Há quem pense que Deus lhe dará novos preceitos através de

uma voz ou sugestão interior. Mas isso não prova a verdadeira excelência das coisas nem julga ou discerne corretamente. Esses não aprenderam, de fato, o que é a Palavra de Deus por julgamento espiritual, mas, em vez disso, a vêem como algo a ser feito que será ordenado diretamente a eles. Não há, nesses casos, julgamento ou sabedoria reais. Pelo contrário, a orientação do Espírito peculiar aos filhos de Deus lhes é concedida com a verdadeira sabedoria e discrição santa a que a Palavra de Deus tanto se refere. Essa postura se opõe à anterior, assim como as estrelas ficam acima e os vaga-lumes abaixo.

O verdadeiro entendimento espiritual é completamente diferente de todo tipo e forma de entusiasmo que imagina visões, sugestões interiores, previsão de eventos futuros, revelações imediatas de segredos, etc. Nada disso compõe uma percepção divina, deleite do coração, nem beleza e excelência santas das coisas divinas, que, na verdade, não têm nada a ver com o que acabamos de falar. Tudo isso não passa de impressões na mente. Essas experiências e descobertas em geral empolgam as emoções e enganam profundamente as pessoas. Mas grande parte das religiões falsas deste mundo, através de todas as eras, consiste em experiências e enganos desse tipo. Foram essas as experiências dos seguidores de Pitágoras na antiguidade, com arrebatamento, êxtases estranhos e pretensão de ter contato divino e revelações

imediatas vindas do Céu. O mesmo aconteceu com os essênios, seita antiga entre os judeus, na época dos apóstolos e um pouco depois. Experiências semelhantes tinham os antigos gnósticos, os montanistas e outras seitas heréticas na igreja primitiva.

Antes de deixar esse assunto, gostaria, para evitar ser mal compreendido, de observar que não digo, de forma alguma, que não existem afetos espirituais que envolvam a imaginação. A natureza humana determina que a pessoa mal consiga pensar em alguma coisa com intensidade sem algum tipo de idéias externas. Quando a mente se envolve e os pensamentos são intensos, a imaginação freqüentemente é mais forte e as idéias exteriores mais vivas, em especial em pessoas com determinado temperamento. Mas existe uma grande diferença entre ter imaginação viva com base em afetos fortes e ter afetos fortes gerados por imaginação viva. O primeiro pode, sem dúvida, se

tratar de afetos da graça. Os verdadeiros afetos da graça não nascem da imaginação, nem dependem dela. Pelo contrário, ela não passa de efeito acidental ou conseqüência do afeto através da fraqueza da natureza humana. O afeto que nasce na imaginação e se baseia nela em vez de ter um discernimento espiritual, por mais elevado que seja, continua vão e sem valor.

Tendo feito esse comentário, avanço para outra marca dos afetos da graça.

Capítulo vi

Certeza e humildade nos afetos da graça

5. Afetos da graça são associados a evidência histórica e verdadeira convicção

Isso parece implícito no texto base de todo este tratado: “Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, crêem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa”. Todos que estão cheios da graça possuem convicção sólida, plena, justa e eficaz da verdade das grandes coisas do Evangelho. Isso significa que não hesitam mais entre duas opiniões. Para eles, as doutrinas maravilhosas do Evangelho deixaram de ser motivo de dúvida ou mera questão de opinião. Pelo contrário, são assuntos estabelecidos e determinados sem sombra de dúvida.

Assim, não temem arriscar tudo por essa verdade. A convicção deles é eficaz. As grandiosas coisas espirituais, misteriosas e invisíveis do Evangelho são reais e certas. Eles possuem o peso e o poder da realidade no coração. Por isso, governam os afetos e os controlam para o resto da vida. A realidade de Cristo como Filho de Deus e Salvador do mundo e as

maravilhas que Ele revelou sobre si mesmo e Seu Pai não são mais matéria de especulação. Eles enxergam a verdade como ela é. Com os olhos

abertos, podem realmente ver que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Vêem os propósitos eternos que Deus revelou com relação à humanidade decaída e as coisas gloriosas e eternas preparadas para os santos no mundo que virá. Essas questões adquirem grande peso para eles. Já que possuem o grande poder no coração, os propósitos divinos influenciam seus atos, porque dão imensa importância a esses propósitos.

Todos os cristãos verdadeiros possuem essa convicção quanto à verdade do Evangelho. Encontram inúmeras referências a ela nas Escrituras Sagradas. Selecionei apenas algumas. "'E vocês?', perguntou ele. 'Quem vocês dizem que eu sou?' Si-mão Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Respondeu Jesus: 'Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus'" (Mateus 16.15-17; cf. João 17.6-8; II Corín-tios 5.6-8; II Timóteo 1.12; I João 4.13-16). "O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que vence o mundo? Somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus" (I João 5.4,5). Portanto, os verdadeiros afetos da graça se associam a uma forte convicção e persuasão da verdade das coisas do Evangelho. Essa realidade fica clara nessas e em outras passagens das Escrituras.

Mas existem muitos outros afetos religiosos que não estão ligados a tal convicção. Idéias e percepções que afetam, mas não convencem, podem ser chamadas de descobertas divinas. Convencem alguns durante certo tempo, mas não possuem convicção permanente nem eficaz. Pode haver quem pense que se converteu com o que o convenceu, mas não é como aqueles que vivem sob a influência e o poder da convicção de entendimento das coisas eternas e infinitas que o Evangelho revela. Se fosse, não continuaria a viver como sempre viveu. Seus afetos não estão relacionados a uma convicção completa da mente, da qual dependem inteiramente. Isso é como espinhos que se par-

tem, como um punhado de palha ou como a grama que nasce em terreno pedregoso e não possui raiz nem profundidade no solo para se manter viva.

Alguns, empolgados emocionalmente e confiando em si mesmos, falam sem conhecimento sobre ver a verdade da Palavra de Deus. A verdade é que estão muito longe dela. Alguns textos surgem na mente de repente e de forma extraordinária e eles pensam que estão lhes declarando que seus pecados foram perdoados, ou que Deus os ama, ou que irá salvá-los. Em sua empolgação, dizem que “enxergaram a verdade de Deus”. Mas tudo não passa de engano. Ver a verdade da Palavra de Deus é ver a verdade do Evangelho, não uma revelação de que este ou aquele irá para o Céu.

Suponha que a fé de um cristão nas doutrinas não venha apenas de sua instrução, mas também seja apoiada em raciocínio e argumentos. Isso também não significa que seus afetos sejam mesmo da graça. Como já vimos, é necessário que a fé seja não apenas racional, mas que os afetos surjam da fé espiritual. Suponho que ninguém duvide que há seres humanos naturais que tentam encontrar evidência da verdade da religião cristã com base em provas e argumentos racionais. Não há dúvida de que Judas pensava que Jesus era o Messias, com base no que viu e ouviu. Mas ele foi um demônio o tempo todo. Lemos em João 2.23-25 que muitos acreditaram no nome de Cristo quando viram os milagres. Nem assim Jesus confiou neles. Simão, o mago, acreditou quando viu os milagres e sinais, mas continuou cheio de amargura e preso na iniqüidade (Atos 8.13,23). E também podemos ler sobre gente que crê por algum tempo, é profundamente afetada e chega a receber a palavra com alegria, e mesmo assim seus afetos religiosos não são espirituais.

Fica evidente, então, que existe uma crença ou convicção espiritual da verdade das coisas do Evangelho diferente da que é espiritual, regenerada e possui a presença do Espírito de Deus como princípio essencial. Os dois tipos de convicção podem ser confundidos por serem ambos acompanhados de boas

obras, embora a fé seja diferente. O ser humano natural nunca tem o que é característica dos espirituais. Isso fica evidente na Escritura. “Creram que me enviaste” (João 17.8). “Para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade que conduz à piedade“ (Tito 1.1). “O próprio Pai os ama, porquanto vocês me amaram e creram que eu vim de Deus” (João

16.27). “Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus” (I João 4.15; cf. 5.1).

Como, então, acontece a convicção espiritual? Ela vem da iluminação do entendimento. Julgamento correto depende de compreensão apurada. Assim também a convicção espiritual da verdade do Evangelho decorre de uma compreensão espiritual. A Bíblia mostra várias vezes que a fé que salva é uma crença salvadora que vem do esclarecimento da mente pelo Espírito de Deus para ver as coisas de forma correta. É como se as coisas fossem expostas ou reveladas para capacitar a mente a vê-las como realmente são. “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, a não ser o Pai; e ninguém sabe quem é o Pai, a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar” (Lucas 10.21,22; cf. João 6.40). Essa e outras passagens indicam que a verdadeira fé resulta de ver Cristo espiritualmente.

Versículos em que Cristo manifesta o nome de Deus aos discípulos visam à verdadeira compreensão e visão das coisas divinas, para que os discípulos saibam que a doutrina de Jesus “é de Deus, e que o próprio Cristo é dele e foi enviado por ele” (Mateus 16.16,17; I João 5.10; Gálatas 1.14-16).

Isso, então, é uma convicção espiritual da divindade e realidade do que foi revelado no Evangelho, e vem do entendimento espiritual. A Escritura é muito clara e explícita a esse respeito. “Mas se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perecendo é que está encoberto. O deus desta era cegou o entendi-

mento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Mas não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus” (II Coríntios 4.3-5). Nada pode ser mais evidente do que a crença salvadora no Evangelho, como explicada aqui, junto com o último versículo do capítulo anterior: “todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito”. Essa

crença deriva da iluminação da mente para contemplar a glória divina das coisas que revela.

Dessa forma, a visão ou percepção da glória divina e da beleza incomparável das coisas mostradas no Evangelho tende a convencer a mente, direta ou indiretamente, da divindade do Evangelho.

Primeiro acontece a convicção imediata da divindade das coisas do Evangelho por causa da visão clara da glória divina. Isso fornece convicção razoável, já que crença e segurança são consistentes com a razão. Por exemplo, há evidência real da divindade de Cristo: Deus se revela como Deus. Ele se destaca de todas as outras coisas e é exaltado acima de todas por Sua beleza divina, infinitamente diferente de todas as outras belezas. A alma recebe, então, um tipo de conhecimento intuitivo da divindade das coisas vistas no Evangelho. Assim, não se trata de uma pessoa julgar se as doutrinas do Evangelho são de Deus sem critérios ou deduções. A pessoa vê e reconhece a glória divina.

Seria realmente muito estranho um cristão professo negar a transcendência e completa diferença entre a excelência das coisas divinas e todas as outras coisas. Por exemplo, como é diferente a palestra de um erudito da fala de uma criança pequena! E como é diferente também da fala de alguns gênios, como Homero, Cícero, Mílton, Locke e Addison! Se, então, não conseguimos estabelecer limites nos graus de excelência mental através da fala, quanto mais na perfeição de Deus!

Olhar para a Sua perfeição é como olhar para o sol. Dessa maneira, os discípulos foram informados de que Jesus era o Filho de Deus: “Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1.14). Quando Cristo apareceu aos discípulos na glória de Sua transfiguração, a glória espiritual se manifestou à mente deles. E foi isso, com toda razão, que lhes deu certeza completa de Sua divindade. Mais tarde o apóstolo Pedro comentou sobre essa ocasião: “De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade. Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: ‘Este é o meu filho amado, em quem me agrado. Nós mesmos

ouvimos essa voz vinda dos céus, quando estávamos com ele no monte santo’” (II Pedro 1.16-18).

Bem, essa glória característica do Ser divino encontra sua aparição e manifestação mais brilhante no Evangelho. As doutrinas ali ensinadas são declaradas pela Palavra e assim se revela o conselho divino. Essas são as expressões mais claras, distintas e atraentes da glória da perfeição de Deus que já foram manifestas ao mundo. Não é argumento válido dizer que nem todo mundo enxerga a glória, assim como não é válido afirmar que Milton não é um grande autor porque nem todo mundo o aprecia. A sensibilidade humana foi corrompida, o ser humano está impedido de ver a realidade de Deus em Sua Palavra.

Mas a percepção da excelência espiritual e da beleza das coisas divinas tende a convencer a mente da verdade do Evangelho. Assim que os olhos se abrem para contemplar as belezas do Evangelho, a pessoa entende imediatamente que tudo é verdade e então percebe como seu pecado é repugnante. Ao provar a doçura do verdadeiro bem moral, também prova a amargura do mal moral. Enxerga sob outro prisma a decadência desesperada de sua natureza. A alma sente a dor de tal enfermidade

repugnante e percebe em seu íntimo a corrupção do pecado original. Sabe, então, que precisa de um Salvador e do poder de Deus para renovar seu coração e transformar sua natureza. Na Palavra, começa ainda a ver a glória da realidade de Deus.

Além de tudo isso, a Escritura mostra que essas coisas precisam ser vivenciadas. A experiência convence a alma; Deus conhece nosso coração melhor do que nós mesmos e Aquele que conhece perfeitamente a natureza da virtude e da santidade é o Autor das Escrituras. Agora começamos a ver com clareza a maravilhosa palavra e verdade do Evangelho, que antes não conhecíamos. Isso aparece com uma influência poderosa e invencível na alma e nos convence por completo da realidade divina do Evangelho.

A persuasão e convicção sólidas e razoáveis da verdade do Evangelho são percebidas com mais clareza pelos que têm instrução e uma perspectiva geral da verdade do cristianismo. Os que permanecem sem instrução precisam ser convencidos de cada ponto. Mas mesmo assim restarão vazios,

onde perguntarão: “Como posso saber isso, ou aquilo?”. Os instruídos responderão, mas as dúvidas permanecerão, de modo que alguns continuarão sempre com dúvidas e receios.

Mas o Evangelho não pertence apenas aos instruídos. Pelo menos dezenove em cada vinte, ou noventa e nove em cada cem pessoas para quem a Escritura foi escrita não se convencem da sua autoridade divina por argumentos eruditos. Na aliança da graça e nas várias evidências da fé, Deus deu a Seu povo uma evidência mais geral da verdade do Evangelho. Como Davi falou, “Ele fez uma aliança e pôs ordem em todas as coisas”. As promessas são certas. Então, somos exortados: “aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé” (Hebreus 10.22; Colossenses 2.2).

É razoável, então, esperar que Deus dê a evidência mais explícita de Sua fidelidade na aliança da graça. É postura sábia e racional desejar uma certeza plena, inquestionável e absoluta,

mas é certo que isso não será possível apenas com argumentos extraídos de tradições antigas ou de histórias e monumentos.

Se examinarmos a história dos milhares de mártires que morreram por Cristo desde o início da Reforma e que suportaram torturas extremas com alegria, confiando na verdade do Evangelho, veremos que bem poucos foram convencidos apenas por argumentos. Muitos eram mulheres e crianças fracas, a maioria não sabia ler, tirada pouco antes da ignorância e da escuridão. Viveram e morreram em uma época em que os argumentos a favor da verdade do cristianismo eram tratados com muita imperfeição.

Mas os mártires de Jesus Cristo não apenas acreditaram firmemente na verdade do Evangelho. Eles viram a verdade por eles mesmos. O nome mártir, ou testemunha, tem essa implicação. Testemunha da verdade não se limita a emitir opinião, ela pode e testifica que viu a verdade do que está afirmando. “Nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos” (João 3.11). Sem dúvida, depois de ver a glória excelente de Cristo no monte, Pedro, Tiago e João podiam testemunhar positivamente que Jesus é o Filho de Deus, pois, como Pedro afirma, “nós fomos testemunhas oculares” (II Pedro 1.16).

Se a experiência é a primeira base da evidência, a segunda é que a visão da glória divina convence a mente de forma mais indireta da verdade do cristianismo. Isso acontece de duas maneiras.

Primeiro, remove do coração os preconceitos contra a verdade das coisas divinas. A mente é naturalmente inimiga das doutrinas do Evangelho. Isso é uma desvantagem para os argumentos que tentam provar a verdade, e faz com que percam a força de convencimento. Mas, quando a pessoa descobre pessoalmente a excelência divina das doutrinas cristãs, a inimizade e os preconceitos são removidos, santificando o raciocínio e levando a mente a se abrir, livre. A remoção do preconceito leva a uma imensa diferença na força de um argumento. O efeito

dos milagres de Cristo nos discípulos foi diferente do efeito nos escribas e fariseus, que eram influenciados por preconceitos que os cegavam e atrapalhavam o raciocínio.

Segundo, a glória divina não se limita a remover obstáculos racionais, mas ajuda a razão de maneira positiva, auxiliando o enfoque da mente a ter uma visão mais clara das coisas e a ver o relacionamento entre elas. Nova luz, que marca a mente com maior convicção, é lançada para que a mente possa julgar com mais eficiência.

Dessa forma, vemos que os afetos da graça são sempre associados a uma forte convicção de sua realidade. Porém, antes de deixar este tópico, é necessário observar algumas formas em que o engano pode surgir nisso.

Certo grau de convicção da verdade dessas coisas ocorre devido à iluminação comum do Espírito de Deus. Em épocas de reavivamento, pessoas naturais podem ser convencidas e despertadas até certo ponto sobre a verdade das coisas divinas. Podem enxergar evidências da grandeza e majestade de Deus em Sua Palavra e obras e, com isso, ficarem sensíveis à Sua terrível ira diante do pecado. Portanto, podem sentir grande pavor e culpa. Tudo isso às vezes leva a convicções religiosas que, apesar de tudo, não têm convicção espiritual da verdade. Assim, acontece de serem confundidas com as convicções da salvação que resultam em afetos.

A segunda forma de engano atinge os que possuem imaginação vívida, que, algumas vezes, têm visões e experiências com a fala, que traz uma forte convicção da verdade de coisas invisíveis. Mas, na análise final, essas experiências tendem a afastar as pessoas da Palavra de Deus, levando-as a rejeitar o Evangelho e a aceitar a incredulidade e o ateísmo. Apesar desse final, no princípio estavam convencidas de que tudo havia sido revelado nas Escrituras. Depois, descobriram que sua confiança estava firmada na ilusão e não valia nada. Essas pessoas podem, por exemplo, imaginar que viram Cristo e que Ele falou com

elas. Por isso, acreditam que Ele existe. Ou, nas igrejas católicas, são convencidas de que o próprio Cristo realizou determinado milagre. Imaginam tê-lO visto chorar ou derramar sangue, ou até mesmo falar algumas palavras. Portanto, estão confiantes de que existe mesmo um Cristo. Mas, quando afinal se convencem de que talvez tenham sido enganadas, rejeitam tudo, tanto a verdade quanto a imaginação. Até a comunicação de Satanás com as bruxas e a experiência freqüente que elas têm de seu poder imediato tendem a convencê-las da verdade de algumas doutrinas da religião, tais como a realidade do mundo invisível. A tendência geral da influência satânica é o engano, mas ele pode misturar um pouco de verdade com as mentiras para que elas não sejam descobertas com tanta facilidade.

Assim, multidões acabam enganadas, com uma fé deturpada resultante de impressões imaginadas. Suas convicções da verdadeira religião baseiam-se apenas nas visões e experiências da imaginação.

Uma terceira forma de engano acontece quando as pessoas dependem de experiências intensas para se interessarem pela religião. Começam certas de que se existe Cristo e o Céu, ambos lhes pertencem. Essa confiança as predispõe a favor da verdade da existência de Cristo e do Céu. Assim, quando ouvem falar sobre as coisas grandes e gloriosas da religião, adquirem a noção de que tudo lhes pertence. Logo são tomadas por um excesso de confiança de que estão corretas. O inferno é para os outros, e o Céu, com certeza, para elas. Certas de que são filhos de Deus e de que o Pai prometeu lhes dar o Céu, parecem fortes na fé. Podem até ter grande zelo contra a incredulidade, contudo, a base do zelo é falsa.

Humilhação evangélica descreve a sensação de incapacidade pessoal e indignidade do cristão e sua atitude de coração

em resposta a Deus em meio a toda a sua carência. Deve ser estabelecida uma distinção entre humilhação legal e evangélica. A primeira acontece quando o ser humano vive em seu estado natural, sem afetos da graça. A outra é característica dos verdadeiros cristãos. A primeira pode acontecer devido à influência comum do Espírito de Deus, especialmente quando provocada pela consciência natural, mas a outra é a influência específica do Espírito de Deus, que implanta e exerce princípios sobrenaturais e divinos. A primeira é o sentimento geral de respeito à religião, como os israelitas experimentaram diante da revelação dos atributos de Deus quando Ele lhes entregou a lei no Monte Sinai. Mas a outra só acontece quando existe uma percepção pessoal da beleza transcendente das coisas divinas em sua excelência moral. Na primeira, a impressionante grandeza e perfeição de Deus, bem como a severidade de Sua Lei, convencem as pessoas de que são extremamente pecadoras e culpadas, expostas à ira divina. Contudo, não percebem que sua indignidade decorre do pecado, nem enxergam a natureza abominável do pecado.

A verdadeira noção do pecado se encontra apenas na humilhação evangélica, na visão pessoal da beleza da santidade e da perfeição moral de Deus. Na humilhação legal, as pessoas percebem que são pequenas, na verdade, que não valem nada diante do grande e terrível Deus. Sentem-se perdidas, totalmente incapazes de ajudar a si mesmas. Mas não possuem o coração pronto a responder em verdadeira humilhação, nem sentem que precisam exultar apenas em Deus. Essa atitude só surge na humilhação evangélica, quando o coração é tomado pelo entendimento da beleza santa de Deus. Na humilhação legal, a consciência se convence do pecado, mas não possui entendimento espiritual, nem a vontade é quebrada, nem a inclinação do coração se altera. Isso também só acontece na humilhação evangélica. Na humilhação legal, as pessoas chegam a se desesperar tentando resolver seus problemas, mas na evangélica elas negam e renunciam livremente a si próprias. Uma é forçada,

enquanto a outra é uma entrega tranqüila, em liberdade e prazer, para se prostrar aos pés de Deus.

Diante de tudo isso, a humilhação legal não possui valor espiritual, enquanto a evangélica é um fruto maravilhoso da graça cristã. A humilhação legal só tem utilidade quando leva à evangélica. O ser humano pode ser humilhado pela lei sem viver a verdadeira humildade, então, a essência da humilhação evangélica consiste em uma criatura excessivamente pecadora se colocar sob a dispensação da graça. Trata-se de pouca estima a si mesma e visão do ego como nada, sem desejo de encontrar auto-suficiência, renunciando espontaneamente a toda glória pessoal.

Humildade, então, é o aspecto mais essencial da verdadeira religião. Todo o cenário do Evangelho e tudo que pertence à Nova Aliança devem ter esse efeito no coração humano. Sem isso não pode haver verdadeira religião, qualquer que seja a declaração da pessoa, ou por mais intensos que pareçam ser seus afetos religiosos. “Seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fidelidade” (Habacuque 2.4). Isso significa que só viverá quem tem fé na justiça e graça de Deus e não em sua própria bondade e excelência. Deus deixou bem claro em sua Palavra que essa é uma das características distintivas dos santos e que Ele não aceita nada mais. O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido” (Salmos 34.18; 51.17). “Embora esteja nas alturas, o Senhor olha para os humildes” (Salmo 138.6). “[Ele] Concede graça aos humildes” (Provérbios 3.34).

No Novo Testamento também lemos: “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus” (Mateus 5.3). “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus” (Mateus 18.3,4). Vemos, na história da mulher que ungiu os pés de Jesus com o ungüento precioso, na

parábola do publicano e do fariseu e em muitos outros incidentes na vida de nosso Senhor, que Ele enfatiza a importância da humildade.

Se tomarmos as Escrituras Sagradas como nossa regra para julgar a natureza da verdadeira religião, então teremos de considerar a humildade uma das características mais essenciais do verdadeiro cristianismo[3].

O grande dever do cristão é negar a si mesmo. Isto consiste em duas atitudes: primeiro, negar as inclinações mundanas e seus prazeres e, segundo, negar a auto-exultação e renunciar à importância pessoal, esvaziando-se de si mesmo. A renúncia pessoal precisa ser feita de livre vontade, a partir do coração. Então o cristão terá a humilhação evangélica. Esta última parte é a mais difícil da autonegação, embora as duas aconteçam juntas. Anacoretas e reclusos renunciaram ao mundo e aos prazeres comuns, de modo que tomaram a primeira atitude, mas não chegaram necessariamente à segunda. O orgulho espiritual ou autojustificação pode ser uma postura de exaltação pessoal diante de Deus, colocando-se acima de seus semelhantes.

Essa humilhação até os hipócritas mais destacados, que se gloriam em sua morte para o mundo, fracassam totalmente em ter, pois, se não forem conduzidos pelo Espírito, não serão guiados a um comportamento condizente com a humildade santa.

Algumas pessoas criticam muito doutrinas, pregação e espírito legalistas. Mas talvez entendam muito pouco o que estão criticando. O espírito legalista é muito mais sutil do que imaginam. É capaz de espreitar, agir e tomar o coração mesmo enquanto a pessoa está falando contra ele. Enquanto a pessoa

não se esvaziar de si mesma e de sua própria justiça e bondade, continuará com o espírito legalista. O orgulho da própria justiça, moralidade, santidade, afeto, experiência, fé, humildade ou qualquer outra bondade é legalismo. Na criatura decaída, isso não passa de orgulho espiritual. Ela confia inerentemente nisso e, assim, elogia a si mesma diante de Deus. Com tal estímulo, se apresenta diante de Deus em oração e espera muito dEle. Pensa que isso faz com que Cristo a ame e que Ele está disposto a vesti-la com Sua justiça. A pessoa pode até mesmo acreditar que Deus se agrada de sua experiência e graça, contudo, esse tempo todo ela não passa de mera criatura iludida.

É possível até ter espírito de autojustificação sobre a humildade e de autoconfiança quanto à própria humilhação. Faz parte da natureza do orgulho espiritual tornar a pessoa convencida e pomposa quanto à própria humildade.

Mas esvaziar-se de si mesmo, ser pobre de espírito ou ter o coração quebrantado são questões diferentes. É espantoso verificar quantos se enganam e se imaginam humildes quando, na verdade, são orgulhosos e arrogantes. O engano do coração humano fica muito aparente no orgulho espiritual e na auto-justificação. Aqui, a sutileza de Satanás se manifesta soberana. Talvez um dos motivos seja a sua grande experiência com isso. Na verdade, foi o seu próprio pecado. Mas, apesar da sutileza e do segredo, existem duas maneiras para descobrir e identificar o orgulho espiritual e a autojustificação.

Pode-se reconhecer quando a pessoa se compara com os outros e acha que é mais santa. Esta é a linguagem secreta desse tipo de coração: “Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens” (Lucas 18.11). “Sou mais santo do que tu” (Isaías 65.5). Pegar a posição mais elevada é fazer o que Cristo condena (Lucas 14.7). Esses estão certos de serem guia de cegos, mas os verdadeiros cegos são eles (Romanos 2.19,20).

Mas quem submete o coração à humildade cristã tem atitude muito diferente. A verdadeira humildade da mente leva a

pessoa a considerar os outros melhores do que ela mesma (Fi-lipenses 2.3). Moisés e Jeremias se viam assim, embora fossem santos destacados e possuíssem grande conhecimento (Êxodo 3.11; Jeremias 1.6). Gente humilde não se considera qualificada para ensinar, sente que precisa aprender; vive muito mais ansiosa para ouvir e receber instruções do que para instruir os outros: “prontos para ouvir, tardios para falar” (Tiago 1.9). Esses não procuram assumir autoridade, mas se sujeitam aos outros. “Não sejam muitos de vocês mestres” (Tiago 3.1). Sendo humildes (I Pedro 5.5), submetem-se “uns aos outros, por temor a Cristo” (Efésios 5.21).

Algumas pessoas consideram todas as suas experiências extraordinárias e maravilhosas, então as comentam abertamente. Isso pode ser uma percepção razoável, pois é verdade que é maravilhoso demais Deus

conceder a menor das migalhas do pão de Seus filhos a cães como nós. Assim, quanto mais humilde a pessoa for, mais tenderá a considerar toda a misericórdia de Deus uma maravilha. Mas, se com isso a pessoa implica uma experiência espiritual maior do que a dos outros, então suas palavras são uma forma de orgulho. Presumem que, por reconhecer que tudo foi obra de Deus, não mostram sinal de orgulho. Mas foi isso que o fariseu fez. Em Lucas 18 ele falou: “Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens”[4]. Mas o reconhecimento verbal da graça de Deus não diminui a precipitação de colocar em tão alta conta sua própria santidade. Isso, então, mostra o orgulho e a vaidade de sua mente.

Os feitos religiosos dos humildes não brilham aos olhos deles mesmos, e eles não admiram a própria beleza. Os verdadeiros santos cristãos e os maiores no Reino do Céu se humilham, como uma criança pequena (Mateus 18.4). Olham para si mesmos como filhos da graça, cujas obras não passam daquelas

realizadas pelos bebês em Cristo. Ficam maravilhados e sentem vergonha do nível baixo de seu amor, gratidão e conhecimento de Deus. Moisés, quando conversou com Deus no monte, não tinha consciência do brilho de seu rosto, que estonteou as pessoas. Nenhum santo eminente se gaba. O mais provável é que se considere o último dos santos e pense que as obras e experiências de todos os outros são maiores do que as dele[5].

A humildade pensa ser pequena porque enxerga tudo como deveria ser. Da mesma forma, toda santidade da alma cheia da graça parece-lhe pequena, comparada com a grandeza do que ela vê à sua frente. É como o filho de um príncipe poderoso. Sente ciúme da honra do pai, e vê que o respeito e a honra que os outros demonstram ao pai são pequenos e indignos quando comparados à honra que a dignidade de seu pai exige.

A verdadeira graça e a luz espiritual abrem os olhos da pessoa para ver Deus. Quanto maior a visão e a percepção da excelência e glória infinitas de Deus em Cristo, e de como o Seu amor pelos pecadores não tem comprimento, largura, profundidade nem altura, maior será o espanto da pessoa ao ver como sabe pouco sobre amar a Deus e a um Redentor glorioso. Quanto mais perceber isso, mais sua própria graça e amor

irão diminuir. Ficará espantado ao pensar que os outros santos nunca terão tão pouca graça quanto ele pelo amor indescritível de Deus, que merece tanto mais. Tenderá a ver isso como característica apenas dela, pois só vê o exterior dos outros cristãos, enquanto enxerga seu próprio coração muito bem.

Pode-se alegar que o amor a Deus cresce à medida que cresce o conhecimento que se tem dEle. Se isso é verdade, então precisamos saber por que o santo parece amar menos à medida

que conhece mais. Mas a questão não é apenas mais conhecimento ou visão de Deus. Quando mais o santo vê Deus, mais se convence de que ainda há muito a descobrir. O que ele já viu é mesmo maravilhoso, mas traz a convicção firme de que há ainda algo muito maior. Assim, o santo fica cada vez mais atônito com sua ignorância e com a pequenez de seu amor. Anseia ter mais capacidade de conhecer. Deseja que nuvens e escuridão desapareçam. Isso leva a alma, no deleite de uma perspectiva espiritual, a reclamar muito da ignorância espiritual, da falta de amor e a desejar experimentar mais conhecimento e mais amor.

Até nos santos mais destacados a graça e o amor de Deus são pequenos em comparação com o que deveriam ser. O maior amor possível nesta vida ainda é pobre, frio, trivial e indigno de ser mencionado em comparação com nossas verdadeiras obrigações. Há dois motivos para isso. Primeiro, Deus nos deu motivos para amá-lO: na revelação de Sua infinita glória na Palavra, em Suas obras, no Evangelho de Seu filho e no que Ele fez pelos pecadores. Segundo, Deus dotou a alma humana com a capacidade de ver e entender Seu amor. Mesmo assim, como o amor do santo mais consagrado parece pequeno quando comparado ao que Deus merece receber!

O santo que compara seu amor com suas obrigações entende quanto ainda está longe de fazer o que deve. Nota também como é pequeno seu amor e como é grande a corrupção que ainda existe em seu íntimo. Pecado é fazer menos do que o que Deus pede de nós. Quanto mais o santo se dá conta de sua incapacidade, mais vê como é desprezível. Assim, parece estar cheio de pecado, sem amar suficientemente a Cristo. A seus olhos, comete a ingratidão mais repugnante.

Os santos tendem, ainda, a colocar seu pecado acima de tudo de bom que existe neles. Consideram o menor dos pecados contra o Deus infinito uma perversão infinita. Sentem que o grau mais elevado de sua santidade não tem amor infinito. Por isso, é nada em comparação com a abominação do menor dos

pecados. Quanto mais luz espiritual a pessoa tem, mais essa atitude se intensifica.

Muitos religiosos querem esconder e cobrir a corrupção de seu coração para não se verem como são diante de Deus. Mas quanto mais se santificarem, mais luz do Céu terão na alma. Assim, verão a si mesmos como ainda mais fracos e pecadores. A única providência a tomar é cobrir a si mesmos com a justiça de Cristo e permitir que as deficiências sejam engolidas pelo feixe de luz da abundante glória e amor de Deus. Mas como será que nosso amor mais ardente e nossos louvores parecem aos seres celestiais que contemplam incessantemente a beleza e a glória de Deus? Que pensam eles sobre nossa gratidão mais profunda pelo amor que levou Cristo à morte, já que eles o vêem como Ele realmente é, conhecem como são conhecidos e vêem a glória dAquele que morreu, e contemplam o tempo todo as maravilhas de Seu amor, sem nem uma nuvem de escuridão? Não é de espantar que as realizações mais elevadas dos santos na terra pareçam desprezíveis aos olhos deles, que habitam na luz da glória de Deus e O vêem como Ele é.

Ao mesmo tempo, não pretendo que entendam que quanto mais os santos experimentam na Terra a graça de Deus, mais baixa será a opinião que têm sobre si mesmos. Em muitos aspectos, acontece exatamente o contrário, já que quando exercitam a graça acontece libertação proporcional da corrupção do pecado. São mais livres da culpa do que muitos que continuam apenas com a percepção legal do pecado. Porém também é verdade que a hora em que os filhos de Deus são mais sensíveis a seus próprios pecados é quando desfrutam mais da verdadeira e pura graça de Deus. O maior no reino é que se humilha como o menor dos pequeninos (Mateus 18.4).

Com base nisso, podemos apresentar uma regra quase sem exceções: “Aquele que tende a pensar que é melhor quando comparado aos outros,

que se considera mais notável na experiência cristã, está fadado a se enganar. Não é mais santo, vive

apenas no engano de um espírito orgulhoso e hipócrita". Se essa postura é constante e domina seus pensamentos, então ele não é santo. Na verdade, mostra que tem menos entendimento da verdadeira experiência cristã.

A pessoa tomada de presunção demonstra que não conhece nada sobre a verdadeira luz espiritual. Quanto mais conhecimento espiritual a pessoa tem, mais sensível fica à sua própria ignorância. "Quem pensa que conhece alguma coisa, ainda não conhece como deveria" (I Coríntios 8.2). Agur fez uma grande descoberta sobre Deus e foi tomado de admiração diante da glória e das obras maravilhosas e exclamou, com percepção profunda de sua ignorância: "Sou o mais tolo dos homens; não tenho o entendimento de um ser humano. Não aprendi sabedoria, nem tenho conhecimento do Santo. Quem subiu aos céus e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? Quem embrulhou as águas em sua capa? Quem fixou todos os limites da terra? Qual é o seu nome, e o nome do seu filho? Conte-me, se você sabe!" (Provérbios 30.2-4).

A pessoa altamente convencida de seu conhecimento espiritual e divino é sábia apenas a seus próprios olhos. A Bíblia adverte contra isso: "Não seja sábio aos seus próprios olhos; tema o Senhor e evite o mal" (Provérbios 3.7). "Não sejam sábios aos seus próprios olhos" (Romanos 12.16, cf. Isaías 5.21). A experiência, então, mostra a verdade contida em Provérbios 26.12: "Você conhece alguém que se julga sábio? Há mais esperança para o insensato do que para ele".

Alguns talvez afirmem que o salmista que, supomos, tinha a mente santa, se refere ao seu conhecimento como sendo muito maior e mais maravilhoso do que o dos outros santos. "Os teus mandamentos me tornam mais sábio que os meus inimigos, porquanto estão sempre comigo. Tenho mais discernimento que todos os meus mestres, pois medito nos teus testemunhos" (Salmo 119.99,100). Comento dois pontos sobre isso.

Primeiro, o Espírito de Deus não sofre restrições quanto ao que pode revelar a um profeta para benefício da Igreja, en-

quanto fala ou escreve sob inspiração imediata. O Espírito de Deus pode revelar coisas que ele dificilmente veria por si mesmo. Por exemplo, o Espírito talvez tenha revelado a Davi esse benefício individual que ele recebeu por dialogar muito com os testemunhos de Deus e então Deus o usou como Seu instrumento para registrar isso e beneficiar outras pessoas.

Segundo, não é certo que Davi estivesse se referindo ao conhecimento espiritual em que a santidade consiste fundamentalmente. Talvez ele falasse sobre uma revelação maior que Deus havia lhe dado sobre o Messias e coisas relativas ao reino futuro. Isso lhe foi dado por observar a Palavra de Deus. Fica claro, nos Salmos, que Davi ultrapassava muito os que viveram antes dele no conhecimento dos mistérios e doutrinas do Evangelho.

Outro sinal infalível de orgulho espiritual é a pessoa ter sua humildade em alta conta. Experiências falsas costumam vir associadas a humildade fingida. Faz parte da própria natureza da falsa humildade ter conceito elevado sobre si mesma. Afetos religiosos falsos tendem, quando intensificados, a levar as pessoas a pensarem que são muito humildes e assim passarem a notar como se destacam nesse aspecto e começarem a admirar a si mesmas. Todavia, a tendência dos afetos da graça é o contrário, e a pessoa se torna profundamente humilde e busca, com sinceridade, mais humildade. A situação presente lhe parece inadequada e sente aversão ao orgulho que ainda existe dentro dela.

Assim, o santo notável não pensa que é notável em coisa alguma. Toda a graça que experimenta lhe parece pequena, em especial sua humildade. Nada na experiência cristã e na verdadeira piedade fica tão distante de seus olhos quanto sua própria humildade. Ele discerne milhares de vezes mais seu orgulho do que a humildade. O hipócrita, ao contrário, iludido sob o poder do orgulho espiritual, é tão cego que nunca enxerga seu orgulho e logo nota o menor traço de humildade em sua vida.

Repito, o cristão humilde tem mais possibilidade de encontrar falta em seu orgulho do que no dos outros. Tende a dar

interpretação mais favorável às palavras e comportamento alheios e pensa que ninguém é tão orgulhoso quanto ele. Mas o hipócrita orgulhoso identifica de pronto o cisco no olho de seu irmão. Jamais percebe a trave no

seu próprio olho. Está sempre criticando o orgulho de alguém, encontrando falhas na aparência e no estilo de vida do outro. Mesmo assim, nunca enxerga a imundície de seu próprio coração.

Essa tendência dos hipócritas de ter em alta conta sua humildade os leva a exibir uma humildade falsa. Como no passado, os falsos profetas (Zacarias 13.4; Isaías 57.5) fazem grande demonstração de sua humildade. Cristo disse que os fariseus faziam o mesmo: chamavam a atenção quando estavam jejuando (Mateus 6.16). A verdadeira humildade não se exibe, nem é barulhenta. O verdadeiro penitente se mantém tranqüilo e silencioso. “Assente-se solitário e fique em silêncio; porquanto esse jugo Deus pôs sobre ele” (Lamentações 3.28 RA). Freqüentemente, o silêncio está relacionado à humildade. “Se você agiu como tolo e exaltou-se a si mesmo, ou se planejou o mal, tape a boca com a mão!” (Provérbios 30.32).

A pessoa verdadeiramente humilde, que tem em pouca estima sua justiça e santidade, é pobre de espírito. Isso significa que tem visão inferior de si mesma e, por isso, age como inferior. Seu comportamento será diferente do dos orgulhosos. “O pobre usa súplicas, mas o rico responde asperamente”. O pobre não se enche de ressentimento com tanta facilidade quanto o rico. Além disso, é mais pronto a ceder, pois sabe que os outros são melhores do que ele. Não é teimoso nem obstinado. É paciente. Como prevê que será desprezado, suporta com paciência. Não se irrita quando alguém o ignora e lhe dá pouca atenção, pois está pronto para ocupar posição de inferioridade. Vive pronto a honrar seus superiores e aceita em silêncio a repreensão. É dócil ao aprender. Não considera seu entendimento e julgamento elevados. Embora modesto, não é servil. Sujeitar-se aos outros é sua postura natural. Esse é o caráter do cristão humilde.

O pobre é um pedinte; o mesmo acontece com o “pobre de espírito”. Há uma diferença enorme entre os afetos da graça e os falsos. No primeiro caso, a pessoa continua a ser pedinte pobre à porta de Deus; totalmente vazia e necessitada. Mas no segundo a pessoa se sente rica, cheia de bens e sem precisar de nada[6].

O pobre é modesto em fala e comportamento; especialmente o que é “pobre de espírito”. É humilde e modesto em seu comportamento diante dos semelhantes. É inútil fingir ser humilde como crianças diante de Deus

quando a pessoa é arrogante, pretensiosa e ousada no contato com os outros. O apóstolo informa que o Evangelho visa acabar com toda exaltação, não apenas diante de Deus, mas também diante dos semelhantes (Romanos 4.1,2). Alguns fingem ser humildes, mas são arrogantes e assumem, na aparência e comportamento, atitude audaciosa. Precisam lembrar o que a Escritura fala sobre isso. “Senhor, o meu coração não é orgulhoso e os meus olhos não são arrogantes. Não me envolvo com coisas grandiosas nem maravilhosas demais para mim” (Salmo 13.1). “Há seis coisas que o Senhor odeia, sete coisas que ele detesta: olhos altivos” (Provérbios 6.16,17). “A vida de pecado dos ímpios se vê no olhar orgulhoso e no coração arrogante” (Provérbios 21.4). “Não vou tolerar o homem de olhos arrogantes, de coração orgulhoso” (Salmo 101.5).

O comportamento cristão que nasce da humildade tem certa modéstia e temor atraentes. A Bíblia fala muito sobre isso. “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês... com mansidão e respeito” (I Pedro 3.15,16). “Observando a conduta honesta e respeitosa de vocês” (I Pedro 3.2). “Que as mulheres

se vistam modestamente, com decência e discrição” (I Timóteo 2.9). Sob esse aspecto, o cristão se assemelha a uma criança pequena, pois ela é modesta diante dos outros e tende a agir com espírito de temor e respeito quando está perto dos adultos.

O mesmo espírito levará o cristão a respeitar seus semelhantes. “Tratem a todos com o devido respeito” (I Pedro 2.17). Isso acontecerá não apenas no comportamento, mas em tudo aquilo que não implica aprovação visível do pecado. Assim, Abraão, o grande patriarca dos crentes, honrou os hititas. “Abraão levantou-se, curvou-se perante o povo daquela terra, os hititas” (Gênesis 23.7). Paulo honrou Festo, chamando-o de “excelentíssimo Festo” (Atos 26.25).

Tentei descrever o coração e o comportamento de quem é dirigido pela verdadeira humildade da graça, como as Escrituras descrevem. É de um coração assim que resultam todos os afetos santos. Os afetos cristãos são como o ungüento precioso que Maria derramou sobre a cabeça de Cristo, enchendo a casa com o perfume agradável. O perfume saiu do frasco de

alabastro exatamente como os afetos da graça fluem para Cristo a partir do coração puro. O frasco foi quebrado para que o ungüento pudesse ser derramado e espalhar o perfume. Semelhantemente, os afetos da graça fluem de um coração quebrantado. Todos os afetos da graça que são perfume suave para Cristo e enchem a alma do cristão com doçura e perfume celestiais são afetos de corações quebrantados.

Assim, o amor cristão, seja a Deus ou ao semelhante, é humilde, de coração quebrantado. Os desejos dos santos, por mais intensos, são humildes. A esperança deles é humilde. A alegria, mesmo quando indizível e cheia de glória, é humilde, de coração quebrantado, e o deixa mais pobre de espírito, mais semelhante a uma criança e mais disposto a se comportar com humildade.

26/3/2007 11:37:06

Uma fé mais forte que as emoções.indd 176

1

Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 146.

2

Calvino afirmou, nas *Institutas:* "Não é função do Espírito que nos foi prometido fazer novas revelações inéditas, ou criar alguma nova doutrina que tenda a nos afastar da que foi recebida no Evangelho. O Espírito sela e confirma a nós a doutrina que já se encontra no Evangelho". (livro 1, capítulo 9, n. 1)

3

Calvino escreveu, em suas *Institutas:* "Sempre apreciei imensamente a seguinte declaração de Crisóstomo: 'O fundamento de nossa filosofia é a humildade'; e gosto ainda mais do que disse Agostinho: 'Como o retórico, que, ao ser perguntado sobre a primeira regra da eloqüência, respondeu "pronúncia"; quanto à segunda, "pronúncia"; e à terceira respondeu também "pronúncia"!'. Da mesma forma, se você me questionar quanto aos preceitos da religião cristã, responderei, em primeiro, segundo e terceiro lugares, e para sempre, humildade" (livro 11, capítulo 2, parágrafo 11).

4

Calvino comentou sobre o fariseu, nas *Instututas:* “Com essa confissão exterior, ele reconhece que sua justiça é dom de Deus: mas, porque acredita que é justo, sai da presença de Deus, inaceitável e abominável” (livro III, capítulo 12, parágrafo 7).

5

Lutero, citado por Samuel Rutherford em *Spiritual Antichrist (Anticristo espiritual):* “a vida do cristão é tal que, depois que começou, ele considera não ter nada; luta e se esforça para

avançar e aprender. Por isso Paulo falou que considerava ainda não ter alcançado... Como disse

Bernardo, quem pensa ser um cristão pronto e não percebe quanto lhe falta não é cristão... Esse, sem dúvida, nunca começou a ser renovado, nem provou o que significa ser cristão” (págs.

143-144).

6

“Na verdade, reverendo, quando vejo a maldição de Deus sobre muitos cristãos que estão repletos de talentos, dons, paz, conforto, habilidades e deveres, começo a adorar as riquezas das misericórdias do Senhor por uns poucos crentes pobres, não apenas por deixá-los vazios, mas por mantê-los assim por todos os seus dias.” (Shepard, *Sound Believer),* pág. 150.

Capítulo vii

Afetos da graça nos tornam mais parecidos com Cristo

Outra característica distintiva dos afetos da graça é levar à mudança de caráter. As verdadeiras descobertas espirituais são transformadoras e mais do que experiências temporárias. São poderosas o suficiente para alterar a própria natureza da alma.

7. Afetos da graça dependem de conversões que transformam nosso caráter

"E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito" (II Coríntios 3.18). Um poder assim é realmente divino, característico do Espírito do Senhor. Outros poderes são capazes de provocar mudanças no temperamento e nos sentimentos humanos. Mas só o poder do Criador transforma a natureza e dá nova natureza. Nada mais é capaz de causar mudanças profundas na alma.

Esse é o efeito dos afetos verdadeiros na conversão. A Escritura se refere à conversão como transformação da natureza. Usa metáforas como nascer de novo; ser nova criatura; levan-

tar-se dos mortos; ser renovado no espírito e na mente; morrer para o pecado e viver para a justiça; descartar o velho homem e vestir o novo homem; ser enxertado em um novo tronco; ter a semente divina plantada no coração; ser feito participante da natureza divina; e assim por diante.

Se a pessoa acredita que se converteu, mas não houve em sua vida uma mudança grande e permanente, então ela está enganada.[1] Ao se afastar do pecado e ir até Deus, o convertido experimenta uma mudança grande e universal. A pessoa pode se afastar do pecado antes da conversão, mas, quando se converte, não apenas se afasta, mas seu coração e sua natureza

voltam as costas para o pecado e buscam uma vida de santidade. Se, portanto, houver pouca evidência de mudança de hábitos e disposição, então a pessoa deve questionar a autenticidade da conversão.

Porém é necessário fazer compensações para nosso temperamento natural. A conversão não destrói completamente nossas disposições naturais. Os pecados a que a pessoa se inclinava mais antes da conversão continuarão a ser os que mais a tentarão. Mesmo assim, a conversão opera grandes mudanças mesmo com respeito a essas falhas, porque embora a graça seja recebida imperfeitamente e então não arranque todo mal do temperamento natural, ainda tem grande poder e eficácia. A transformação operada pela conversão é radical e muda tudo que é pecaminoso na vida da pessoa. A antiga criatura é descartada e surge uma nova. Completamente santificada, a pessoa se torna um novo ser. A graça que converte opera grandes mudanças na disposição maligna. A pessoa continua a ser tentada, mas a tentação perdeu o domínio sobre ela.

Alguns confiam demais nos sentimentos e dizem que quando os sentimentos e afetos por Deus desaparecem a con-

versão passa a não significar mais nada. Desesperados, acham que Deus os abandonou. São tentados a sentir e pensar que não são melhores do que eram antes.

É verdade que toda graça e bondade no coração do cristão vem somente de Deus. A pessoa depende totalmente de Deus para recebê-las. Mas os santos podem se enganar sobre a forma como Deus se comunica através do Espírito em graça de salvação. Deus concede vida, não apenas alguma coisa a mais. Cristo vive na alma. Assim, a graça na alma é tanto de Cristo quanto a luz do prisma é do sol. O vidro continua o mesmo; sua natureza não mudou. Mesmo assim, recebeu a luz. Isso representa apenas em parte a comunicação da graça à alma. O verdadeiro cristão recebe luz do Filho da Justiça de uma forma que sua natureza se transforma e fica parecida com a luz recebida. As pessoas que pertencem a Deus são como pequenos sóis. Para usar outra metáfora, não se limitam a beber a água da vida que flui da fonte original, mas a água se torna, dentro deles, uma nova fonte que jorra deles (João 4.14; 7.38,39).

O discernimento e os afetos espirituais que se experimentam na conversão são transformadores. Chegam ao fundo do coração, afetam e alteram a verdadeira natureza da alma. Mas o processo de transformação continua até o fim da vida, até chegar à perfeição e à glória. Esse progresso da obra da graça no coração do povo de Deus é representado nas Escrituras como conversão contínua e renovação da natureza.

Refletindo essa verdade, o apóstolo exortou os crentes de Roma, “amados de Deus, chamados para ser santos”, a se transformarem “pela renovação da sua mente” (Romanos 12.1,2). Também escreveu “aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso” (Efésios 1.1), “que estavam mortos nos erros e pecados, e foram agora vivificados e levantados para sentar juntos nos lugares celestiais em Cristo e criados em Cristo Jesus para as boas obras”. Ele exortou esses mesmo crentes a “despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem

renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Efésios 4.22-24).

Alguns afetos não duram. Desaparecem e deixam um vazio, mas isso não vale para os verdadeiros afetos da graça.[2] Eles deixam um perfume e uma inclinação maior no sentido das coisas santas diante de Deus. No memorável encontro de Moisés com Deus, a face dele não brilhou só enquanto ele estava no monte, mas continuou brilhando depois. Quando as pessoas conversam com Cristo de forma notável, algum impacto permanente acontece. A aparência delas é afetada, porque estiveram com Jesus (Atos 4.13).

8. Afetos da graça têm a gentileza de Cristo

Ao contrário dos afetos falsos e enganosos, os da graça são ligados ao espírito gentil de Jesus Cristo. Como o cordeiro e a pomba, promovem espírito de amor, mansidão, tranqüilidade, perdão e misericórdia, como o de Cristo.

Há abundantes evidências disso nas Escrituras. Se julgarmos a verdadeira natureza do cristianismo e o espírito adequado do Evangelho pela Palavra

de Deus, poderemos muito bem chamá-lo de espírito cristão. É a disposição de coração característica dos cristãos que serão identificados como seguidores de Cristo.

Quando alguns discípulos falaram em fraqueza e importância, Cristo os repreendeu dizendo que eles não sabiam como era o espírito a que pertenciam (Lucas 9.55). Ele sugeriu que não estavam no espírito adequado a Seu reino. Mas todos que são verdadeiramente de Deus e discípulos de Cristo possuem o espírito gentil. Ele os possui e dirige de tal forma que acaba se

tomando seu verdadeiro caráter. Isso fica evidente nas palavras do sábio: “quem tem entendimento é de espírito sereno” (Provérbios 17.27). Cristo, descrevendo as qualidades e o temperamento dos verdadeiramente abençoados, disse: “Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança. Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia. Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5.5,7,9).

Esse espírito é o caráter distintivo do eleito de Deus, como vemos em Colossenses 3.12,13: “Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou”. O apóstolo cita essa disposição semelhante a Cristo como o aspecto mais essencial do cristianismo. Ninguém é cristão de verdade sem ela. Declarações pomposas e dons não são nada sem ela (I Coríntios 13).

O mesmo apóstolo declara especificamente, em Gálatas 5, que as marcas distintivas e verdades da graça cristã consistem principalmente nas coisa que possuem o espírito e a disposição que venho descrevendo. “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (versículos 22,23). O apóstolo Tiago afirma a mesma verdade (Tiago 3.14-17).

Tudo que pertence à santidade do coração faz parte da natureza do verdadeiro cristianismo. É o caráter dos cristãos. Mas o espírito de santidade é o traço característico dos cristãos. Eles possuem também

qualidades e virtudes atraentes que correspondem em particular à natureza do Evangelho e do testemunho cristão. Elas se relacionam aos atributos divinos que Deus mostrou e glorificou de forma tão maravilhosa na obra de redenção através de Jesus Cristo, que é o grande objeto da revelação cristã. As virtudes são humildade, mansidão, amor, perdão e misericórdia.

Essas qualidades também se evidenciam no caráter de Jesus Cristo, o grande Cabeça da Igreja. As profecias do Velho Testamento as citam com freqüência. Lemos, em Mateus 21.5: “Digam à cidade de Sião: ‘Eis que o seu rei vem a você, humilde e montado num jumento, num jumentinho, cria de jumenta’”. E Cristo descreve a si mesmo: “aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração” (Mateus 11.29). Por isso a Bíblia o chama tantas vezes de Cordeiro. Como essas características descrevem Cristo, os cristãos também as apresentam: “está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador” (Co-lossenses 3.10; cf. II Coríntios 3.10; I Coríntios 15.47,48).

Os cristãos são seguidores de Cristo e, portanto, obedecem ao Seu chamado. “Venham a mim... aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração” (Mateus 11.28,29). Esses são os que seguem o Cordeiro aonde quer que Ele vá (Apocalipse 14.4). Os verdadeiros cristãos são aqueles que se revestiram com o espírito manso, tranqüilo e amoroso de Cristo. Quem está em Cristo se reveste dEle. Essa é a natureza do espírito cristão, evidenciada pela pomba, o símbolo que Deus escolheu. O Espírito que desceu sobre Cristo quando Ele foi ungido pelo Pai veio como pomba, emblema notável de mansidão, não-violência, paz e amor. O mesmo espírito que desceu sobre o Cabeça da Igreja desce sobre os membros dessa Igreja. “Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês” (Gálatas 4.6).

Mansidão é uma característica tão marcante nos santos que a Bíblia usa manso e santo como sinônimos. O Salmo 37.10,11 coloca perversos e mansos fazendo contraste um ao outro. E ainda, “O Senhor ampara os humildes e dá com os ímpios em terra” (Salmo 147.6).

Cristo representa seus discípulos e todos os herdeiros do Céu como criancinhas, sem dúvida pelo mesmo motivo. “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são

semelhantes a elas” (Mateus 19.14; cf. Mateus 10.42; 18.6,10,14; João 13.33). Crianças são inocen-

tes e inofensivas, assim, os adultos não precisam ter medo delas. O verdadeiro cristão deveria ser assim (I Coríntios 14.20). As crianças não são cheias de astúcia e engano, mas abertas e simples, porque não são versadas na arte da ficção e do engano. São flexíveis, não teimosas e obstinadas. Não confiam em seu próprio entendimento, mas sim nas instruções dos pais e de outros que possuem mais conhecimento. São, portanto, símbolo vivo adequado para os seguidores do Cordeiro. Assemelhar-se às crianças não é apenas recomendável, é essencial. ‘Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus” (Mateus 18.3; Marcos 10.15).

Mas alguns podem estar prontos a objetar, questionando não existir uma coragem e uma ousadia por Cristo. Será que não devemos ser bons soldados na batalha cristã e partir em ousadia contra os inimigos de Cristo e de Seu povo?

Claro que sim. Toda a vida cristã é comparada, com propriedade, a uma guerra. Os cristãos mais notáveis são os melhores soldados, os dotados de mais coragem. O povo de Deus tem o dever de permanecer firme em oposição aos desígnios e caminhos que acabariam com o Reino de Cristo e com Seus interesses. Mas muita gente se engana quanto à natureza da coragem cristã. É oposta à ferocidade brutal dos predadores. Em vez disso, consiste em força da mente, concedida pela graça. Isso se manifesta de duas maneiras. Ela domina e suprime o mal, paixões desregradas e afetos da mente, e mostra com firmeza e liberdade os bons afetos e disposições sem impedimento de medo pecaminoso ou da oposição dos inimigos.

A verdadeira força do bom soldado de Jesus Cristo nada mais é do que manter-se firme em calma, mansidão, doçura e benevolência santas na mente, que é sustentada em meio a todas as tempestades, injúrias, mau comportamento e atos e eventos inesperados neste mundo mal e irracional. A Escritura parece mostrar que a verdadeira coragem consiste principalmente nis-

to: “Melhor é o homem paciente do que o guerreiro, mais vale controlar o seu espírito do que conquistar uma cidade” (Provérbios 16.32).

Para enxergar a verdadeira natureza da coragem santa que deve ficar evidente na luta contra os inimigos de Deus, é necessário olhar para o Capitão de todos os exércitos de Deus. Veja nosso grande líder e exemplo. Veja como Ele lutou e conquistou Suas vitórias gloriosas. Olhe, então, para Jesus na última Páscoa, quando todos os inimigos da terra e inferno O atacaram com a maior violência, cercando-O por todos os lados, como leões rugindo. Vejamos como Ele mostrou Sua ousadia e valor. Não foi com paixão ardente, nem com discursos veementes e violentos, mas sim com o silêncio. Ele foi “como cordeiro para o matadouro, e permaneceu mudo como ovelha diante de seus tosquiadores” (Isaías 53.7).

Mostrou coragem ainda ao orar pedindo ao Pai que perdoasse Seus inimigos porque eles não sabiam o que estavam fazendo. Ele não derramou sangue alheio, antes, com toda paciência e amor, venceu derramando o próprio sangue. Na realidade, um dos discípulos simulou ousadia e declarou que preferia morrer com Cristo a negá-lO. Começou a manejar uma espada, mas Cristo o censurou mansamente e curou a ferida que ele havia feito. Em nenhuma outra ocasião a paciência, mansidão, amor e perdão de Cristo foram vistos com tanta glória como nessa.

Quando as pessoas são ferozes e violentas, demonstrando paixões afiadas e amargas, mostram fraqueza e não força ou coragem. “Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a crianças em Cristo... ainda são carnais. Porque, visto que há inveja e divisão entre vocês, não estão sendo carnais e agindo como mundanos?” (I Coríntios 3.1-3).

Existe uma ousadia falsa por Cristo que vem apenas do orgulho. A pessoa pode ser impulsiva e se expor à desaprovação do mundo e até provocar de propósito sua inimizade e mesmo assim estar agindo em orgulho. Faz parte da natureza do orgulho

espiritual levar as pessoas a procurarem distinção e singularidade. Muitos podem combater aqueles que chamam de carnais apenas para conseguir mais exaltação entre seus pares. A verdadeira ousadia por Cristo transcende tudo, é indiferente ao desagrado tanto dos amigos quanto dos inimigos. A

ousadia capacita os cristãos a abandonar tudo menos Cristo e a preferir ofender qualquer pessoa em lugar de ofender a Ele. Assim, o apóstolo não buscava glória, como declara em I Tessalonicenses 2.6.[3] Os verdadeiros corajosos são ousados por Cristo e abertos quanto aos próprios erros.

Enganados quanto à ousadia por Cristo, alguns podem se enganar também quanto ao zelo, que é como uma chama ardente contra alguma coisa. Não vai contra pessoas, mas sim contra o mal. Amargura contra pessoas não é parte do zelo santo, é contrário a ele. Quanto mais fervoroso e elevado for o zelo, mais distante ficará da amargura, pois ele é o fervor do amor cristão. Opõe-se em primeiro lugar ao mal em uma pessoa, não à pessoa. Portanto, o zelo cristão não é contrário ao espírito de mansidão, gentileza e amor, o espírito de uma criancinha, um cordeiro, ou uma pomba, de que estamos falando. É totalmente compatível com eles e tende a incentivá-los.

O espírito cristão de que estou falando se exercita em três elementos: perdão, amor e misericórdia. Note que a Escritura é bem clara sobre isso e insiste na necessidade absoluta de termos essas qualidades como disposição e caráter de cada cristão.

Cristo se refere ao perdão como evidência tanto negativa quanto positiva do caráter do cristão. Se não temos o espírito perdoador, então não somos perdoados por Deus. Nosso Senhor enfatizou que devemos dar atenção especial a esse aspecto, tendo-o sempre em mente. “Perdoa as nossas dívidas, assim como

perdoamos aos nossos devedores... Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas” (Mateus 6.12,14,15). Cristo expressa a mesma verdade em outros textos (Marcos 11.25,26; Mateus 18.35).

As Escrituras também ensinam clara e abundantemente que todos os verdadeiros santos possuem o espírito amoroso, compassivo e bondoso. O apóstolo disse que sem isso podemos falar as línguas dos homens e dos anjos e não passaremos de bronze ressonante ou címbalo que retine. Embora tenhamos dom de profecia, entendamos todos os mistérios,

tenhamos todo conhecimento, sem esse espírito não somos nada. Não há outra virtude ou disposição de mente que seja apontada com mais freqüência como marca do verdadeiro cristão. O amor é apresentado freqüentemente como evidência de quem são os discípulos de Cristo e como podem ser reconhecidos.

De fato, Cristo chamou a lei do amor de Seu mandamento. “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (João 13.34). “O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu os amei” (João 15.12). E o versículo 17: “Este é o meu mandamento: Amem-se uns aos outros”. E diz, no capítulo 13.35: “Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”. E de novo em 14.21: “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama”.

O discípulo amado, que tinha tanto desse espírito de amor, insiste muito na importância dessa prática. A verdade é que ele enfatiza isso mais do que qualquer outro assunto e mais do que os outros apóstolos. Afirma ser um sinal da graça nos que confessam ser cristãos. “Quem afirma estar na luz, mas odeia seu irmão, continua nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz, e nele não há causa de tropeço” (I João 2.9,10). “Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos ir-

mãos. Quem não ama permanece na morte” (3.14). “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade. Assim saberemos que somos da verdade; e tranqüilizaremos o nosso coração diante dele” (3.18,19). E assim ele prossegue nos versículos 23,24 e no capítulo 4.7,8,12,13,16,20.

O restante das Escrituras é tão claro quanto possível a esse respeito. Ninguém é santo de verdade se não tiver o caráter de compaixão e preocupação em aliviar os pobres, indigentes e aflitos. “Os justos dão com generosidade” (Salmo 37.21). “Ele é sempre generoso e empresta com boa vontade” (versículo 26). “Tratar com bondade o necessitado é honrar a Deus” (Provérbios 14.31). “O justo reparte sem cessar” (Provérbios 21.26). “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades” (Tiago 1.27). Veja

ainda as seguintes passagens: Oséias 6.6; Mateus 5.7; II Coríntios 8.8; Tiago 2.13-16; I João 3.17; Mateus 25 e Isaías 57.1.

Claro que até o verdadeiro cristão mantém traços de espírito contrário e pode até ser culpado de comportamento ofensivo ao espírito de amor. Mas eu afirmo que todos os cristãos vivem a maior parte do tempo no poder dominador desse espírito, de modo que ele acaba se tornando o verdadeiro caráter deles. A Escritura não fala de cristão verdadeiro com espírito desagradável, egoísta, irado e briguento. Não há nada mais contraditório do que um cristão mal-humorado, duro, fechado e malicioso.

Ainda assim, deve-se fazer concessões ao temperamento natural com respeito a esse ponto, assim como a outros. Lobos e serpentes que se convertem passam por uma transformação notável no espírito, mas a obra ainda não está completa. Sim, a graça do Evangelho altera o ego anterior. “O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode... A criancinha brincará perto do esconderijo da cobra, a criança colocará a mão no ninho da víbora. Ninguém fará nenhum mal, nem destruirá coisa alguma em todo o meu santo monte, pois a terra se

encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar” (Isaías 11.6-9; 65.25).

Os convertidos da igreja primitiva passavam por uma mudança notável. “Houve tempo em que nós também éramos insensatos e desobedientes, vivíamos enganados e escravizados por toda espécie de paixões e prazeres. Vivíamos na maldade e na inveja, sendo detestáveis e odiando uns aos outros. Mas quando, da parte de Deus, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tito 3.3-5). E lemos, em Colossenses 3.7,8: “as quais vocês praticaram no passado, quando costumavam viver nelas. Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar”.

Afetos falsos tendem a endurecer o coração, mesmo quando as pessoas parecem profundamente afetadas. Eles desenvolvem determinadas paixões que buscam os próprios interesses e exaltam a si mesmas, e colocam a pessoa em oposição às outras. Esses afetos falsos, com os enganos a eles associados, acabam entorpecendo a mente e excluindo os afetos que envolvem sensibilidade do coração. O resultado é cada vez menos sensibilidade aos pecados passados e presentes e à possibilidade de pecados futuros. As pessoas não se abalam com avisos e advertências da Palavra de Deus nem com as Suas correções providenciais. Ficam cada vez mais descuidadas no coração e no comportamento, perdendo mais e mais o discernimento do pecado. O mal não as amedronta como acontecia quando temiam o inferno. Assim, tornam-se descuidadas nos deveres e negligentes em tarefas desagradáveis.

Os que possuem afetos falsos tendem a se corromper e ceder com mais facilidade às tentações e a tolerar a lascívia. Passam a tomar muito menos cuidado com o comportamento quando entram na presença santa de Deus. Indiferentes à cruz, assumem que não é preciso temer o inferno e assim relaxam em seu conforto e luxúria.

Em vez de aceitar Cristo como seu Salvador que os afastará do pecado, confiam nEle como Salvador dos seus pecados. Em lugar de correr para Ele em busca de refúgio de seus inimigos espirituais, manipulam-nO para defendê-los dos inimigos, de Deus, e até para os fortalecer contra Ele próprio. Para fortalecer seus interesses, fazem de Cristo servo do pecado e assessor do diabo. Sem medo e sem restrições, tentariam usá-lO contra as advertências e ameaças mais solenes que Ele mesmo fez. Confiam realmente que Cristo vai permitir que desfrutem tranqüilos de seus pecados e defendê-los contra a reprovação divina. Embora se aproximem dEle, até de Seu peito, acabam lutando contra Ele.[4] No entanto, alguns chegam a fazer grande demonstração de seu amor por Deus; falam de Seus favores e sugerem que se alegram muito no Seu amor.

São como as pessoas que o apóstolo Judas descreveu. Ímpios, transformaram a graça de Deus em lascívia (Judas 4). Confiam na autojustificação simplesmente para se acomodar à promessa de que o justo viverá e será salvo. “Se eu garantir ao justo que ele irá viver, mas ele,

confiando em sua justiça, fizer o mal, de suas ações justas nada será lembrado; ele morrerá por causa do mal que fez" (Ezequiel 33.13).

Como os afetos da graça são diferentes! Transformam o coração de pedra cada vez mais em um coração sensível. A in-

fluência do amor e esperança santos é imensamente mais eficaz no coração e o deixa sensível e cheio de pavor do pecado e de tudo mais que possa desagradar ou ofender a Deus. Além disso, o coração passa a se manter em vigília, mas sem o medo servil do inferno. Os afetos da graça, como vimos, fluem do coração contrito ferido e quebrantado pela tristeza santa.

Nosso Salvador fez uma comparação vívida do coração sensível com uma criancinha. A carne da criança é muito sensível, assim como o coração de quem acabou de nascer de novo. Vemos isso em Naamã, ao ser curado da lepra depois de se lavar no Rio Jordão. Isso é um tipo da renovação da alma que é lavada no batismo da regeneração. "Sua pele tornou-se como a de uma criança" (II Reis 5.14).

A mente da criança também é sensível. O seu coração se comove e se influencia com facilidade. Isso vale para o cristão com respeito às coisas espirituais. Assim como a criança se identifica imediatamente e chora com os que choram porque não suporta ver a aflição alheia, assim também faz o cristão (João 11.35; Romanos 12.15; I Coríntios 12.26). A criancinha é conquistada facilmente pela bondade, e o mesmo acontece com o cristão. A criança sofre com o mal deste mundo e chora com o coração comovido. O cristão, cujo coração é sensível ao pecado, deveria ter a mesma reação. Ainda, a criancinha se amedronta facilmente com a aparição de mal externo ou de qualquer outra ameaça, de modo que corre em busca da proteção dos pais. O cristão deveria se alarmar com qualquer aparição do mal moral ou de qualquer coisa que ameace ferir a alma e por isso deveria correr para Cristo. Assim, tanto a criança quanto o santo são sensíveis ao perigo, temem ficar sozinhos e distantes de Deus. "Como é feliz o homem constante no temor do Senhor! Mas quem endurece o coração cairá na desgraça" (Provérbios 28.14).

Assim como a criança tende a ter medo de seus superiores, temendo sua ira, tremendo sob desaprovação e ameaças, assim

também o verdadeiro santo deveria se aproximar de Deus. “O meu corpo estremece diante de ti; as tuas ordenanças enchem-me de temor” (Salmo 119.120). “A este eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra” (Isaías 66.2). Como a criancinha se aproxima dos superiores com respeito, assim também o santo se aproxima de Deus com respeito e reverência. “O esplendor dele não os aterrorizaria? O pavor dele não cairia sobre vocês?” (Jó 13.11). O medo santo, então, faz tanto parte da natureza santa que as Escrituras o identificam como “o temor do Senhor”.

Afetos da graça não tornam a pessoa ansiosa, arrogante, barulhenta nem orgulhosa. Pelo contrário, levam-na a falar com tremor (Oséias 13.1). Os santos revestem seu comportamento diante de Deus e dos semelhantes com temor santo (veja Salmo 2.11; I Pedro 3.15; II Coríntios 7.15; Efésios 6.5; I Pedro 3.2; Romanos 11.20). Mas alguns podem questionar sobre a ousadia santa na oração e nos deveres da adoração divina. Respondo que sem dúvida pode existir tal atitude, que é encontrada principalmente nos santos devotos em alto grau de fé e amor. Porém essa ousadia santa não se opõe à reverência, mas sim à desarmonia e ao servilismo. Ela ajuda a remover a distância ou alienação moral, como as experiências de escravidão. Ninguém se aproxima de Deus com mais temor e reverência do que os anjos imaculados e gloriosos no Céu, que cobrem a face diante do trono (Isaías 6). Elias, o grande profeta que tinha tanta intimidade com Deus, cobria o rosto com o manto quando conversava com ele no monte e estava especialmente perto dEle. Isso não se devia a terror nem a medo servil do vento, do terremoto ou do fogo. Mas, depois que tudo isso passou, Deus falou com ele em um cicio tranqüilo e suave (I Reis 9.12,13). Moisés, com quem Deus falava face a face, como com um amigo, que foi destacado dentre todos os profetas por sua intimidade com Deus, tinha a mesma reação. “Imediatamente Moisés prostrou-se, rosto em terra, e o adorou” (Êxodo 34.8).

Lemos, no capítulo 7 de Lucas, sobre a mulher que se aproximou de Cristo em humildade, modéstia, reverência e vergonha e se pôs aos Seus pés, por trás, chorando porque não era digna de se colocar diante da Sua face. Em vez disso, “molhou os pés dele com suas lágrimas” (versículo 44).[5]

Um dos motivos que associam os afetos da graça a esse espírito de sensibilidade é que a verdadeira graça tende a promover convicções de consciência. Antes da experiência com a graça, as pessoas demonstram ter a consciência culpada. Após a conversão, o senso de culpa é removido, mas a sensibilidade ao pecado se intensifica. O coração fica mais sensível.

Todos os afetos da graça tendem a promover essa sensibilidade cristã no coração, não apenas com tristeza santa, mas também com alegria da graça. “Adorem o Senhor com temor; exultem com tremor” (Salmo 2.11). De fato, esperança confiante e segura que vem mesmo da graça tem essa tendência. Quanto mais elevada for a esperança santa, mais o cristão será sensível. Quanto mais o medo servil for banido pela certeza santa, mais haverá espírito de temor reverente e maior será a tendência a se livrar do medo do mal natural, por causa da confiança em Deus. Quanto menos medo a pessoa tiver de notícias ruins, mais será sensível ao mal ou pecado moral. Quanto mais ousadia santa a pessoa tiver, menos autoconfiança e mais modéstia terá. Tal pessoa será menos abalada na fé, embora mais tocada pelas advertências solenes de Deus. Alguém assim possui o conforto mais firme, mas o coração mais sensível; mais rico em caráter do que os outros, mas o mais pobre de todos no espírito. O mais alto e mais forte dos santos é a criança menor e mais sensível.

Capítulo viii

Afetos da graça são equilibrados, e mesmo assim dinâmicos no crescimento

Outro contraste entre os afetos santos da graça e os falsos é a beleza de simetria e proporção.

IO. AFETOS DA GRAÇA SÃO CONSISTENTES E CONSTANTES

O equilíbrio de virtudes e afetos da graça nos santos não é perfeito nesta vida. Sempre apresenta defeitos devidos à falta de graça ou de instrução adequada, ou a erros de julgamento, deficiências no temperamento, ausência de educação ou algum outro problema. Mesmo assim, não existe

nada do desequilíbrio grosseiro que normalmente se observa na religião falsa.

Os afetos santos são equilibrados nas pessoas santas, o traço marcante de sua santidade. Toda a imagem de Cristo foi impressa nelas. Deixaram para trás a velha criatura e se revestiram completamente da nova. Agradou ao Pai que toda plenitude habitasse em Cristo, de modo que toda graça existe nEle, que é pleno de graça e verdade. “Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça” (João 1.14,16). Assim, alguns santos possuem aparente a mesma proporção bela que existe na verdadeira imagem de Cristo.

Os hipócritas, ao contrário, são como Efraim na antiguidade, de quem Deus reclamou muito e disse: “Efraim é um bolo

que não foi virado” (Oseías 7.8). Ou, como diríamos, meio cru, sem consistência nos afetos. Quem é assim possui qualidades fortes em alguns aspectos e nada em outros. Mas, com os verdadeiros afetos, há equilíbrio, e a esperança santa anda lado a lado com o temor santo na vida dos santos. Vemos isso em alguns Salmos (33.18; 147.11). Semelhantemente, alegria e temor santos caminham juntos (Mateus 28.8). Mas uma das maiores diferenças entre santos e hipócritas é que, nos santos, alegria e consolo são relacionados a tristeza e lamento pelo pecado. Isso aparece em Ezequiel 20.42,43, e 16.61-63. O santo não conhecia a tristeza divina antes de nascer de novo, mas depois disso tem muita experiência com ela. Mateus 5.4 o descreve: “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados”.

Os hipócritas demonstram deficiência essencial em vários tipos de afetos religiosos, assim como desequilíbrio e parcialidade. Por exemplo, alguns fazem grandes demonstrações de seu amor a Deus em Cristo. Talvez tenham sido profundamente afetados pelo que ouviram ou pensaram a respeito de Deus. Mas, ao mesmo tempo, não possuem espírito de benevolência para com os que contendem, invejam, se vingam e falam palavras malignas. Podem abrigar no coração um espírito de inimizade contra outra pessoa por sete anos, ou até o dobro disso. Às vezes, vivem com ressentimento e amargura de espírito e não seguem a norma: “Faça aos outros o que quer que eles façam para você”

(Mateus 7.12). Por outro lado, há quem mostre grande bondade ao semelhante, com boa índole e generosidade, mas não ama a Deus.

Alguns são efusivos nos afetos com os outros. Mas o amor deles é restritivo, diferente do amor cristão verdadeiro. Podem ser tomados de afeição por determinadas pessoas e se encher de amargura por outras. São muito unidos a seu próprio grupo de amigos, em amor e admiração, enquanto fazem oposição cerrada e desaprovam os outros. A admoestação é: “venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.

Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso!” (Mateus 5.45,46).

Mais uma vez, alguns podem ser muito inconsistentes no caráter do amor pelos outros no tocante às coisas exteriores. Generosos e liberais com os deuses deste mundo, não têm a menor preocupação com a alma de seus semelhantes. Outros fingem grande amor pelas almas, mas sem compaixão ou caridade diante das carências da vida cotidiana. A grande demonstração de amor, piedade ou aflição pelas almas não lhes custa nada, enquanto praticar a misericórdia exige abrir mão de seu dinheiro. Mas o verdadeiro amor cristão pelos irmãos se estende à alma e ao corpo. Isso é como o amor e a compaixão de Jesus Cristo, que demonstrou misericórdia pelas almas pregando o Evangelho, mas também cuidou das necessidades físicas. Ele andou por toda parte fazendo o bem, curando todo tipo de doença e enfermidade (Veja Marcos 9.35).

Outro desequilíbrio surge quando as pessoas se ofendem com as características negativas dos outros cristãos, como frieza ou inércia, mas ao mesmo tempo não se abalam com seus próprios defeitos e fraquezas. O verdadeiro cristão lamenta as duas situações, e está pronto a discernir suas falhas também.

Como regra geral, tenho observado que é sinal de fingimento as pessoas afirmarem que alcançaram grandes realizações na religião, embora nunca tenham falado em feitos menores. Ou talvez finjam não temer arriscar a alma na confiança em Cristo e entregar tudo que são a Ele, certos de que Sua Palavra não mente no tocante ao bem-estar eterno. Ao mesmo

tempo, não confiam em Deus o suficiente para entregar um pouco de seu bem-estar material para fins de caridade. Isso é falsidade.

O que é verdade para os afetos do amor também vale para outros afetos religiosos. Os verdadeiros sempre apresentarão equilíbrio e proporção. Por exemplo, há quem exorte os outros, com grande zelo e imensa preocupação, a contarem suas experiências. Ao mesmo tempo, não se dispõem a fazer o que é tão ou mais

importante os verdadeiros cristãos buscarem. Por exemplo, estes anseiam por derramar a alma diante de Deus em oração secreta e fervorosa, também desejam louvá-lO e buscam viver mais para a glória dEle e ser mais parecidos com Ele. A Escritura fala de “gemidos inexprimíveis”, anseio, sede e anelo por Deus.

Ódio e zelo também se equilibram. Gerados por princípios certos, dirigem-se contra o pecado. “Odeio todo caminho de falsidade” (Salmo 119.104, cf. versículo 128). Mas o ódio e zelo falsos contra o pecado se voltam apenas contra um determinado pecado. Podemos parecer muito zelosos nesse aspecto e ao mesmo tempo ignorar fraquezas mais profundas. Às vezes, ocorre zelo falso contra o pecado alheio e nenhum zelo contra os próprios pecados. Aquele que possui zelo verdadeiro volta-o principalmente contra os próprios pecados. Ainda há quem fin-ja aversão por seu coração pecaminoso e ao mesmo tempo faça pouco caso dos pecados praticados, que são cometidos, aparentemente, sem grande restrição ou remorso.

A vida dos hipócritas apresenta instabilidade e inconsistência. Os verdadeiros cristãos são os que “seguem o Cordeiro aonde quer que Ele vá”. O justo tem o coração firme, confiante em Deus (Salmo 112.7), tem o coração cheio da graça (Hebreus 13.9) e se mantém no caminho (Jó 17.9). Os que têm religião falsa agem por impulsos. De repente, se levantam, só para cair de novo, tornando-se bem descuidados e mundanos. São como a água abundante da chuva que engrossa o ribeirão por algum tempo. Depois que passa a chuva, o córrego quase seca. Com outra chuva, volta a se encher. Mas o verdadeiro santo é como uma corrente alimentada por uma fonte viva que, embora aumente muito com a chuva e diminua na seca, nunca pára de correr. “A água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (João 4.14). Ou é como a árvore plantada

ao lado da corrente, que recebe água constantemente nas raízes, de modo que está sempre verde, mesmo na seca mais severa (Jeremias 17.7,8). Os hipócritas, ao contrário, podem ser comparados a cometas que aparecem por

pouco tempo no Céu com um fulgor poderoso, e depois desaparecem (Judas 13). Os verdadeiros santos são como estrelas que se levantam e se põem e até são escondidas pelas nuvens, mas permanecem fixas em seu curso e brilham com luz constante.

Algumas pessoas são intensamente afetadas quando estão na companhia de outras, mas não têm as mesmas emoções quando oram sozinhas, em meditação, ou conversam com Deus separadas de todo o mundo.[6] O verdadeiro cristão, por sua vez, se deleita na comunhão e conversa religiosas, mas também sente prazer em se afastar de todos para conversar com Deus em solitude. Isso tem a vantagem especial de tratar o coração e equilibrar os afetos. A verdadeira religião leva as pessoas a buscarem solidão para meditação e oração santas. Foi assim com Isaque (Gênesis 24.63). Muito mais ainda aconteceu com Jesus Cristo. Com muita freqüência, Ele se retirava para as montanhas e lugares solitários para diálogos santos com Seu Pai. É difícil esconder grandes afetos, mas afetos da graça têm natureza muito mais silenciosa e secreta do que suas imitações.

Os santos sofrem por seus pecados. Fazem isso longe dos companheiros (Zacarias 12.12-14). A alegria da graça, também é como “maná escondido” (Apocalipse 2.17).

O salmista comenta sobre os consolos mais doces, os que recebia em secreto (Salmo 63.5,6). Cristo convida Sua esposa a se afastar do mundo com Ele para que possa lhe dar Seu amor mais profundo (Cantares 7.11,12). Na Bíblia, as maiores bênçãos que os santos receberam chegaram quando eles estavam sozinhos. Deus firmou aliança com Abraão quando ele estava sozinho. O mesmo aconteceu com Isaque quando recebeu

Rebeca como presente especial de Deus. Foi quando Jacó se retirou para uma oração secreta que o Senhor se aproximou e eles lutaram até que Jacó obteve a bênção. Deus se revelou a Moisés quando ele estava solitário no

deserto (Êxodo 3). Outra vez, mais tarde, Deus mostrou Sua glória a Moisés e o admitiu ao mais alto grau de comunhão de que ele já havia desfrutado. Isso aconteceu quando Moisés passou quarenta dias e quarenta noites sozinho no monte. Foi também quando estavam afastados de todos que Deus se manifestou aos destacados profetas Elias e Eliseu. Maria recebeu a visita do anjo Gabriel e o Espírito Santo desceu sobre ela com poder do alto quando ela estava sozinha, escondida do mundo. Então ela recebeu Cristo dentro de seu ser. A mulher que foi a primeira testemunha da ressurreição de Cristo estava sozinha com Ele no sepulcro (João 20). Tem sido sempre assim: os que estão afastados e em secreto conversam com Deus e recebem bênçãos especiais.

II. Afetos da graça intensificam anseios espirituais

Outra importante característica distintiva dos afetos da graça é que quanto mais intensos forem, maior será o apetite espiritual e o anseio da alma pelo crescimento das bênçãos espirituais. Os afetos falsos, pelo contrário, se satisfazem com eles mesmos.

Quanto mais o verdadeiro santo amar a Deus com amor da graça, mais desejará amar.[7] A inquietação pela falta de amor a Deus aumentará. Quanto mais ele odiar o pecado, mais irá querer odiá-lo. Arrepende-se de ainda sentir tanto amor por ele. Quanto mais seu coração for quebrantado, mais quebran-tamento irá querer. Quanto mais sede e anseio por Deus e por

Sua santidade, mais anseio terá e mais sua alma irá suspirar em anseio pelo Senhor. Como a chama acesa que, quanto mais ardente o fogo, mais alto se levantará, mais continuará a queimar. Ainda, o bebê que mama tem mais apetite quando sua saúde está perfeita. “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom” (I Pedro 2.2,3). Este é um princípio geral que encontramos em muitos outros textos (veja II Coríntios 1.22; Efésios 1.14; I Coríntios 13.10,11; Filipenses 3.13-15).

As razões que levam a isso são que quanto mais as pessoas tiverem afetos santos, mais apreciarão o paladar espiritual de que falei antes. Quanto mais perceberem a excelência de Deus e apreciarem a doçura divina da santidade, quanto mais graça tiverem, mais verão que precisam da graça.

Isso aumenta o desejo de ter mais. Assim, o clamor de todo verdadeiro crente é: “Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!” (Marcos 9.24). Quanto mais descobertas o cristão verdadeiro fizer e quanto mais afetos possuir, mais fervoroso se tornará na súplica por mais graça e fruto espiritual.

Podemos citar quatro motivos para explicar esse princípio de expansão. Primeiro, os deleites espirituais são de tal forma que os que os encontram entendem que nada se compara a eles. Por isso, deixam de se contentar com menos.

Segundo, os deleites espirituais satisfazem a expectativa do apetite. Quanto mais esperados, mais serão apreciados. Isso não se aplica aos prazeres deste mundo; com eles, só existe decepção. Os deleites espirituais, todavia, atendem e satisfazem a todas as expectativas.

Terceiro, ao contrário dos prazeres do mundo, a gratificação e o prazer dos deleites espirituais permanecem. Os prazeres do mundo saciam, mas quando o apetite está satisfeito, o prazer acaba. Uma vez que a satisfação acaba, o coração fica vazio e permanece insatisfeito.

Quarto, o bem espiritual sempre satisfaz porque sempre há o suficiente para satisfazer a alma em qualquer grau que ela for capaz de absorver. Há sempre espaço para a alma se expandir, até se tornar um oceano infinito. As pessoas não estão satisfeitas pelo simples motivo de não terem aberto a boca o suficiente para receber o que desejam. O bem espiritual traz tanta satisfação que quanto mais a alma prova e conhece sua natureza, mais deseja, mesmo quando já está satisfeita.

A natureza dos afetos espirituais é que quanto maiores forem, maiores serão o apetite e o anseio por graça e santidade.

Pelo contrário, alegrias e afetos religiosos falsos têm o efeito oposto. Quanto mais provocados, mais sufocam o anseio por graça e santidade. Assim, a pessoa pode acreditar que está rica, com muitos bens. Mal consegue imaginar alguma coisa melhor do que já tem materialmente. Torna-se presunçosa e satisfeita consigo mesma. Isso às vezes acontece logo depois da conversão. A princípio, havia afetos intensos que deixavam

o convertido confiante em seu desejo de conhecer Deus. Antes da conversão, ele buscara intensamente a Deus e orara com fervor pedindo a graça e se esforçando para alcançá-la. Mas agora já está satisfeito. Acomoda-se e deixa de buscar a Deus, que é a característica específica dos santos. Não é como os que o Salmo 24.6 descreve: “São assim aqueles que o buscam, que buscam a tua face, ó Deus de Jacó” (cf. Salmos 69.6,32; 70.4).

As Escrituras costumam apresentar principalmente a busca, luta e esforço que ocorrem com o cristão principalmente depois da conversão. Contudo, esta é apenas o início do seu trabalho. Daí em diante, ele terá de ficar firme, avançar, esforçar-se, continuar em oração fervorosa e clamar a Deus dia e noite, pois o Senhor “Encheu de coisas boas os famintos, mas despediu de mãos vazias os ricos” (Lucas 1.53).

Alguns pseudocristãos afirmam que não suportam as provas. Alegam que estão insatisfeitos com realizações passadas, desejam avançar e querem mais. Porém a verdade é que o desejo

deles não é a santidade por ela mesma, nem a excelência moral e a ternura de Deus. Essas coisas não passam de meios para atingirem o que realmente querem: discernimento claro que os ajude a ter mais satisfação para si mesmos, gratificação na auto-descoberta e exaltação acima das outras pessoas.

Tudo isso é muito diferente de um desejo espiritual por Deus. O anseio interior ardente do santo pela santidade é tão natural para a nova criatura quanto o calor é natural para o corpo. “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra” (João 4.34). Lemos nas Escrituras sobre os desejos, anseios e sede dos santos pela justiça de Deus e por Suas leis. Eles desejam o genuíno leite da Palavra, não tanto para testificar o amor de Deus por eles, mas para crescerem em santidade. Como mostrei antes, o verdadeiro paladar espiritual valoriza a santidade. A graça é o tesouro divino do ser humano (Isaías 33.6). O que ele deseja é piedade (I Timóteo 6.6). Mas o discernimento pelo qual o hipócrita anseia não tem influência santificadora. Ele não busca provar o amor de Deus, nem deseja estar no Céu, como fazem os santos que buscam a vida santa.

Passo agora à última característica distintiva dos afetos santos.

26/3/2007 11:37:09

Uma fé mais forte que as emoções.indd 202

1

“Eu não julgaria a entrega da alma a Cristo tanto pelos impulsos súbitos, mas sim pela inclinação interior. A alma inteira, em expressões e atos de afeição, pode ser levada a Cristo, mas sem a mudança de disposição e dos afetos a experiência é irreal.” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 203)

2

“Você acha que o Espírito Santo vai a um homem como Balaão, por uma contenda imediata, e depois o deixa sem que ele não tenha nada?” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 126)

3

O sr. Shepard comentou, sobre o aplauso afetado dos hipócritas: “Por isso homens abandonam os amigos e pisam nos filhos do mundo: possuem crédito em outro lugar. Para defender seus interesses no amor dos santos, terão de sofrer muito” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 180).

4

“Esses são hipócritas que crêem, que falham no tocante ao uso do Evangelho e do Senhor Jesus. Lemos sobre isso em Judas 4, quando pessoas transformaram a graça em malícia. É nisso que aparece o tremendo mal que habita no coração humano, em que não apenas a lei, mas até o Evangelho glorioso do Senhor Jesus opera nele de maneira iníqua. É muito comum as pessoas, na obra da conversão, clamarem pela graça e por Cristo e depois se tornarem licenciosas, vivendo nas brechas da lei, e usando como desculpa o próprio Evangelho!” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 126)

5

Em *Cases of Conscience (Casos da consciência)*, o dr. Ames comentou sobre a modéstia santa na adoração a Deus como sinal da verdadeira humildade (livro 3, capítulo 4, págs. 53-54).

6

“Têm um nome a defender e isso lhes basta, embora os corações estejam mortos” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 8). “O hipócrita não é para o gabinete, mas sim para a sinagoga” (Mateus 6:5,6) (Flavel, *Touchstone of Sincerity*, capítulo 7, seção 2). O dr. Ames comenta sobre sinceridade: “Como o caráter dos que obedecem na ausência, tanto quanto na presença de espectadores; tanto em secreto quanto, na verdade, ainda mais do que, em público” (Cases *of Conscience*, livro 3, capítulo 5).

7

“Na verdade, não existe obra de Cristo que esteja pronta, mas ela leva a alma a ansiar por mais.” (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 136)

Capítulo IX

Os afetos da graça são intensamente práticos

12. Afetos da graça são a prática diária do ministério cristão

Os afetos da graça levam o cristão a ser prático nas questões do dia-a-dia. Isso tem três implicações. Primeiro, seu comportamento e prática no mundo são totalmente moldados pelos princípios cristãos e dirigidos por eles. Segundo, ele coloca a vida santa acima de tudo mais. É sua principal preocupação, dedica-se a ela com a maior diligência e determinação. Pode-se dizer que ele faz da prática da verdadeira religião sua principal ocupação e empreendimento. Terceiro, ele persiste nela até o fim da vida. Nunca tira férias, nem limita a prática a determinadas ocasiões. É a ocupação constante de sua vida e ele persevera em meio a todas as vicissitudes e sob todas as provações durante toda a sua vida. A necessidade de cada uma dessas características em todos os verdadeiros cristãos é ensinada plenamente, com toda clareza, na Palavra de Deus.

Deve-se observar primeiro que todos precisam obedecer a isso. “Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro”, “Todo aquele que nele permanece não está no pecado”, “Aquele que pratica a justiça é

justo, assim como ele é justo" (1 João 3.3,6,7). "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado; aquele que nasceu de Deus o protege, e o Maligno não o atinge" (I João 5.18, cf. João 15.14). A hipocrisia de Naamã foi que, embora parecesse muito afetado com gratidão a Deus pela cura da lepra e apesar de ter prometido servi-lO, pediu que Deus lhe permitisse fazer uma coisa errada. Herodes temia João e o ouviu com atenção, mas condenou-o por uma única coisa com a qual não podia concordar - separar-se de sua amada Herodias. Mas se a mão direita ou o olho pecarem, será necessário resolver o problema. Não existem exceções.

Também é importante ressaltar que obediência completa envolve pecados de omissão assim como os de comissão. Se nos esquecermos disso, sofreremos a condenação que nosso Senhor declarou em Mateus 25: "Eu tive fome, e vocês não me deram de comer". O problema não é apenas que mantemos tabus e nos recusamos a avançar. É necessário ser muito sério, devoto, humilde, manso, perdoador, pacificador, respeitoso, benevolente e assim por diante.

Segundo, para sermos cristãos genuínos, é necessário levar a religião a sério e se dedicar com fervor e diligência a servir a Deus. Os santos não se limitam a realizar boas obras, mas dedicam-se a elas com grande zelo (Tito 2.14). Ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Assim, temos de servir a Deus de todo o coração, como Paulo fez, dizendo: "uma coisa faço" (Filipenses 3.13). Se for preciso lutar ou disputar uma corrida, então devemos nos dedicar com toda seriedade. Sem isso, não há como percorrer o caminho estreito que leva à vida. Diante disso, a preguiça é tão condenatória quanto a rebeldia aberta. O autor de Hebreus escreveu: "Queremos que cada um de vocês mostre essa mesma prontidão até o fim, para que tenham a plena certeza da esperança, de modo que vocês não se tornem negligentes, mas imitem aqueles que, por meio da fé e da paciência, recebem a herança prometida".

Todo cristão verdadeiro persevera nesse caminho de obediência total e serviço diligente e sincero a Deus. Faz isso através de todas as provações que encontra pela vida. Muitos textos bíblicos ensinam claramente isso. Por provações quero dizer aquelas coisas que acontecem para nos testar em

nossa obediência e fidelidade. Existem vários tipos de provações ou tentações, como as que tornam nossa tarefa difícil, ou as que provocam nossos desejos impuros e nos corrompem. Ou então aquelas que nos atraem e seduzem ao pecado. Algumas provações tornam difícil o cumprimento de nossos deveres. Existem sofrimentos como dor, inimizade, desprezo, reprovação, perda de bens e conforto material. Mas é propósito de Deus, em Sua providência, nos colocar em provações para aprofundar nossas convicções e nos testar.

Os verdadeiros santos podem sofrer certo tipo e grau de retrocesso e cair em pecado. Mesmo assim, não se afastam completamente. Enquanto continuarem comprometidos com Cristo, não haverá afastamento total. Os convertidos são novas criaturas, não apenas por dentro, mas também por fora, pois tiveram corpo, alma e espírito santificados.

Como já afirmei, afetos da graça são exercitados e fru-tificam na prática cristã. O motivo de terem essa tendência e efeito já foi apresentado: afetos da graça vêm de operações e influências verdadeiramente espirituais e participam da natureza divina. Cristo vive no coração e o Espírito Santo habita lá em união com as faculdades da alma como um princípio eterno e vital que manifesta a natureza do próprio Deus. É por isso que a verdadeira graça tem tanto poder ativo e eficácia. Se Deus habita no coração e está vitalmente unido a ele, mostrará que é Deus pela eficácia de Sua ação. Cristo não está morto, mas sim vivo. Então, quando agir no coração para salvar, viverá e se manifestará segundo o poder da vida infinita que recebeu na ressurreição. Assim, cada santo é objeto do benefício do sofrimento de Cristo e pode conhecer e experimentar o poder de

Sua ressurreição. É tudo poder e tudo ação e “demonstração do poder do Espírito” (I Coríntios 2.4). “O nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo” (I Tessalonicenses 1.5; cf. I Coríntios 4.20; II Coríntios 10.5).

Assim, temos evidência de que a piedade é efetiva na prática. O apóstolo pregou isso sobre o poder da piedade (II Timóteo 3.5). Esse poder se encontra no exercício prático dos afetos santos: vencer o mundo, superar a lascívia e as corrupções da natureza humana e levar as pessoas ao caminho da santidade apesar de tentações, dificuldades e oposição.

Os afetos da graça são eficazes, por causa da excelência transcendente das coisas divinas. Elas são intrínsecas a elas mesmas, e não têm qualquer relação com o ego ou com o interesse próprio. É isso que leva as pessoas a serem santas em todas as suas práticas. No fim, isso as ajuda a perseverar o tempo todo. A natureza da religião, invariavelmente, é sempre a mesma, em todos os tempos e através de todas as mudanças. Nunca se altera em nenhum aspecto.

O fundamento de todos os afetos santos reside na excelência moral e na beleza da santidade. Existe um amor pela santidade por ela mesma que leva as pessoas a praticarem-na. Assim, ela é o principal objeto que empolga, atrai e governa todos os afetos da graça. Não é de admirar, então, que todos os afetos se inclinem para a santidade, pois as pessoas se unem e são dominadas por aquilo que amam e desejam. E o que se observou da liderança e do ensino divinos do Espírito de Deus nos afetos da graça mostrará a tendência a uma prática universal e santa. O Espírito Santo dá à alma um prazer natural pela doçura do que é santo e por tudo que é santo na forma como se manifesta. Além disso, intensifica a aversão e repugnância por tudo que não é santo.

O mesmo se observa na natureza do conhecimento espiritual, que é o fundamento de todo afeto santo. Suas percepções e

visão da excelência das coisas divinas são supremas e transcendentes. Essas coisas lhe parecem mais valiosas do que todas as outras que se podem escolher e a que é possível dedicar-se. Pela visão da glória transcendente de Cristo, os verdadeiros cristãos percebem que vale a pena segui-lO, então se aproximam poderosamente dEle. Vendo que Ele é digno, estão prontos a renunciar a tudo por Sua causa. A visão do amor superlativo os deixa completamente dispostos a se sujeitarem a Ele. Estão preparados para trabalhar com toda seriedade e atividade em Seu serviço e dispostos a suportar dificuldades por amor a Ele. Essa descoberta os deixa constantes na lealdade a Ele. Ela causa impressão profunda na mente e eles nunca mais se esquecerão de Cristo. Irão segui-lO por onde Ele for; qualquer tentativa de afastá-los do caminho será em vão.

Outro motivo para essa tendência prática e conseqüência dos afetos da graça é que os que os possuem têm plena certeza do julgamento, realidade e

permanência das coisas divinas. Os que não estão convictos da realidade das coisas da religião jamais se esforçarão e trabalharão com determinação eficiente e perseverança através de todas as dificuldades, negação de si mesmo e sofrimentos. Mas os que têm certeza da verdade dessas coisas serão governados por elas em sua prática. Para eles, as realidades reveladas na Palavra de Deus são tão grandiosas e infinitamente mais importantes do que tudo o mais, que consideram inconsistente com a natureza humana não ser influenciada por elas na prática.

Outro motivo das conseqüências práticas dos afetos santos é a mudança de natureza que os acompanha. Sem tal mudança, os atos da pessoa continuariam os mesmos. E o fruto só pode ser bom se a árvore for boa. Ninguém colhe uvas dos espinhos, nem figos dos cardos. Mas, enquanto a natureza corrupta não morrer, o princípio da corrupção estará vivo e será inútil esperar conseguir controlá-lo. Não é natural a criatura natural negar sua luxúria e ter uma vida estritamente religiosa. Mas, quando

a velha natureza morre e uma nova e celestial toma seu lugar, então se pode muito esperar que a pessoa caminhe em novidade de vida e continue a fazer isso até o fim de seus dias.

Esse exercício prático e efeito dos afetos santos também podem ser vistos, em parte, pelo espírito de humildade que a eles se associa. Grande parte do espírito de obediência consiste em humildade. O espírito orgulhoso é rebelde, mas o humilde é dócil, submisso e obediente. Vemos que o servo obstinado provavelmente não será submisso e obediente à Palavra do Senhor. O oposto vale para o servo de espírito humilde. Já tratamos do espírito semelhante ao cordeiro e à pomba que acompanha todos os afetos da graça, como o apóstolo observa em Romanos 13.8-10 e Gálatas 5.14. A prática cristã consiste, em grande parte, então, na prática externa do cristianismo.

Vimos ainda que os afetos da graça são associados à obediência e a um espírito sensível que percebe a presença do mal moral. Ele tem horror a qualquer aparição do mal.

Uma importante razão para a prática cristã nascer dos afetos da graça é o fluxo penetrante, constante e perseverante dos próprios afetos. Eles são sempre consistentes e assim possuem simetria e equilíbrio atraentes. Vemos que nos afetos santos existe fervor, ação, compromisso, perseverança e prática santa, por causa do apetite espiritual e do anseio por mais realizações que sempre vêm relacionados aos verdadeiros afetos. Essas coisas nunca diminuem, mas aumentam à medida que os afetos crescem.

Assim, vemos que a tendência dos afetos santos se expressarem através da prática cristã ocorre como resultado de cada uma das características dos afetos santos que apresentamos.

Isso é ainda mais ilustrado e confirmado pela ênfase das Sagradas Escrituras para os cristãos escolherem Deus por completo, como único Senhor, e abrirem mão de tudo mais por amor a Ele. Assim, a importância está na determinação de fazer a vontade de Deus em Cristo a qualquer preço. Isso é descrito

como “fecho do coração” para obedecer em confiança absoluta a Jesus Cristo. A pessoa adota essa fé apesar de todas as dificuldades, já que está preparada para se entregar completamente a Ele. Isso é feito sem reservas, como grande obrigação de negar a si mesma por Cristo.[1]

Ter o coração pronto a abrir mão de tudo por Cristo certamente significa que estamos preparados para deixar tudo, de verdade, por causa dEle. É ter o coração pronto a negar a si mesmo por amor a Cristo. Isso implica negar a nós mesmos toda vez que nossos interesses entrarem em conflito com Cristo. Abrir mão de nós mesmos, sem reservas, leva a uma sujeição geral à Sua vontade e propósito. O compromisso total de nosso coração tem para Jesus sentido amplo, apesar de todas as dificuldades. Isso tende a promover ações e obras em paciência e perseverança.

Essa tendência da graça no coração de praticar a santidade é específica e natural. A verdadeira graça não é inerte. De fato, nada no Céu ou na terra possui natureza mais ativa, pois ela é a própria vida. E é o tipo mais ativo de vida, pois é espiritual e divina. Jamais será estéril, pois sua natureza tem mais tendência a produzir frutos do que tudo mais. Piedade no coração tem relação direta com a prática, assim como a fonte com a corrente de

água, a natureza luminosa do sol com os raios solares, a vida com a respiração, o bater do coração ou qualquer outro ato vital. A própria natureza e noção de graça é que ela é um princípio de ação e prática santas.

Regeneração, a obra em que Deus concede a graça, relaciona-se diretamente com a prática; na verdade, é seu propósito. Tudo isso é calculado e projetado para a mudança poderosa e múltipla operada no mundo. “Porque somos criação de Deus

realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras” (Efésios 2.10). Esse é o propósito da redenção operada por Cristo, que “se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras” (Tito 2.14). Veja também Efésios 1.4; 2.10; Mateus 3.10; 13.8,23,30,38; 21.19,33,34; Lucas 13.6; João 15.1,2,4-6,8; I Coríntios 3.9; Hebreus 6.7,8; Isaías 5.1-8; Cântico dos Cânticos 8.11,12 e Isaías 27.2,3.[2]

Portanto, tudo no cristão é calculado para esse fim. O fruto da prática santa é uma tendência direta que pertence à graça em toda experiência cristã.

Também se pode notar que o fruto da prática cristã que sempre se encontra nos verdadeiros santos só é encontrado neles. Só os verdadeiros santos são capazes de viver em tanta obediência ou tanta devoção aos deveres e entregues ao objetivo de ser cristão de verdade. Todos os ímpios são obreiros da iniqüidade e cultivam a lascívia de seus pais. “Toda árvore é reconhecida por seus frutos” (Lucas 6.44).

A Escritura ensina claramente que a prática é a melhor evidência da sinceridade da confissão dos cristãos. A razão aponta para a mesma conclusão. É razoável acreditar que os atos da pessoa interpretam melhor e com mais fidelidade o que há na mente dela do que simples palavras. Isso é senso comum. Toda a humanidade, por todas as eras, tem ensinado esse critério de julgamento dos corações. E assim, a melhor evidência da amizade a Cristo, por exemplo, encontra-se nas palavras de João 14.21: “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama”. É a prática, então, que torna a confissão confiável. Mas outras observações podem ser feitas para se entender isso melhor.

Em primeiro lugar, observe que quando a Escritura fala da prática cristã como a melhor evidência da sinceridade e verda-

de da graça, não exclui uma confissão do cristianismo. As regras que mencionamos foram dadas aos seguidores de Cristo para orientá-los na avaliação de cristãos confessos. Com isso, é possível julgar a verdade dos pretextos e a sinceridade da confissão de fé. Não se trata, então, de regras para os pagãos e os que não se apresentam como cristãos.

“Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras” (Tiago 2.18). É evidente aqui que os dois tipos de pessoas, apresentando evidências diferentes da fé, confessaram essa fé. A confissão não é a evidência principal, nem destacada, mas é exigida e necessária. Essas regras de Cristo não se aplicam a quem declara abertamente não ser cristão nem acreditar que Jesus é o Filho de Deus.

Então, quando se diz que a pessoa confessou o cristianismo? O que é isso? A resposta tem dois aspectos.

O primeiro é que qualquer pessoa que professa o cristianismo tem de ter a essência dele. Precisa ser capaz de declarar que possui a realidade essencial. Se escolhermos uma parte do cristianismo e deixarmos de fora o que é essencial para ele, então não podemos afirmar que fizemos uma confissão verdadeira dele. Por exemplo, para fazer uma confissão do cristianismo temos de afirmar que acreditamos que Jesus é o Messias, pois essa crença é vital. Também é essencial acreditar que temos de nos arrepender dos pecados para não sermos expostos à ira de Deus. Na realidade, temos de crer em todas as doutrinas principais do Evangelho. Precisamos nos convencer da necessidade de arrependimento. Temos de aceitar Cristo e confiar nEle de coração como nosso Salvador e permanecer com alegria em Seu Evangelho.

O segundo aspecto é que a confissão do que pertence à fé cristã e como isso se relaciona com a prática implica entendimento das conseqüências da confissão. Não quero dizer que temos de prestar contas de nossas experiências, mas que temos de experimentar de verdade por nós mesmos aquilo que profes-

samos. Assim, ao confessar solenemente convicção plena em nossa total pecaminosidade, miséria e impotência, em nosso merecimento justificado da completa rejeição e da ira eterna de Deus, assim como da total insuficiência de nossa própria justiça, isso significa que realmente experimentamos o que estamos confessando. Mas, se não dependermos inteiramente do Senhor Jesus Cristo e do preço que Ele pagou pelo pecado, então nossa confissão não terá nenhum significado. Apenas confessar o cristianismo, como hábito ou costume cultural, é falsificar o caráter que a fé exige de nós.

Isso não significa que precisamos fazer um relato detalhado da conversão, mas sim que temos de ser capazes de demonstrar que experimentamos aquilo de que estamos falando. É antibíblico insistir para darmos um relato particular do método e passos específicos que o Espírito de Deus usou para tratar conosco, para nos levar à salvação.

Também precisamos entender o que queremos dizer com prática cristã. Não é apenas afirmar que o cristão professo é o que se costuma chamar de pessoa honesta e correta. Isso não indica, necessariamente, nenhuma obra ou esforço de amor que se expressa no nome de Cristo, tal como a que persuadiu o apóstolo da sinceridade da confissão dos hebreus (Hebreus 6.9,10). É necessário também haver evidências fortes de santidade no comportamento visível. A vida precisa ser semelhante à dos servos de Deus. Temos de mostrar que seguimos o exemplo de Cristo e nos elevar a uma medida considerável das regras maravilhosas descritas nos capítulos cinco, seis e sete de Mateus e no capítulo doze de Romanos, assim como em outras partes do Novo Testamento. Precisamos demonstrar que caminhamos como cristãos em todo lugar e o tempo todo. Devemos mostrar evidência clara de um espírito de autonegação e disposição para sofrer por Cristo e por nossos irmãos.

Devemos ainda reconhecer que não existem evidências ou aparências exteriores como provas infalíveis da graça. As

evidências que já comentamos são apenas o melhor que o ser humano natural pode ter. Porém, aparência e imitação da graça não bastam para assegurar que a pessoa é mesmo filha de Deus.

Tendo considerado a prática cristã como a melhor evidência da sinceridade dos que confessam o cristianismo aos outros, passo agora a outra observação. A Escritura fala também que os cristãos possuem uma evidência certa e distintiva da graça em sua consciência. Isso fica bem claro em I João 2.3: “Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos”. Nossa consciência recebe segurança pelo testemunho das boas obras. “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade. Assim saberemos que somos da verdade; e tranqüilizaremos o nosso coração diante dele” (I João 3.18,19). Semelhantemente, em Hebreus 6.9, o apóstolo fala do trabalho e da labuta de amor que os cristãos hebreus haviam demonstrado (cf. Gálatas 6.4; Salmo 119.6; Mateus 7.19,20). Temos também palavras solenes de nosso Senhor: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!” (Mateus 7.21-23).

Mas, para esclarecer mais essa questão, gostaria de mostrar primeiro como a prática cristã é considerada nas Escrituras um sinal seguro de nossa consciência como verdadeiros cristãos. Segundo, mostraremos que essa é a principal evidência que a pessoa pode ter de sua própria piedade sincera.

Primeiro, então, observe que as Escrituras, ao falar sobre boas obras, ou bons frutos, ou observar os mandamentos de Cristo, não descreve apenas o que é exterior. Fala também sobre o entendimento ou vontade. Quando se refere a obediência e fruto, não trata apenas dos atos do corpo, mas também dos da

alma. Refere-se, então, a todo tipo de exercício interior da graça. Mas, além desses atos internos de obediência, está também implícita a decisão da vontade de obedecer.

Para entender com mais clareza o que estou dizendo, vejamos que existem dois tipos de exercício da graça. Primeiro, atos imanentes, ou exercícios da graça dentro da alma, sem evidência externa de sua prática. Esses são os que os santos contemplam quando o exercício é apenas dentro do coração.

O segundo tipo de ato da graça é um exercício mais prático ou eficaz. São manifestações da graça em resposta ao comando da vontade e se dirigem a ações exteriores. Assim, o santo que dá um copo d'água exercita a graça da caridade. Ou, quando suporta voluntariamente a perseguição no cumprimento de seu dever, exercita o supremo amor a Cristo. Nesses casos, o exercício da graça produz atos exteriores de maneira prática e produtiva. É assim o exercício adequado da graça no ato da vontade.

O Dr. Doddridge observou que as determinações da vontade são nossas próprias ações, desde que sejam mesmo nossas.[3] Os mártires experimentam esses exercícios efetivos da graça em alto grau. Mas todos os verdadeiros santos vivem em devoção. Isso é a obediência e o fruto que Deus procura quando olha para a alma. "Pois o Senhor não vê como o homem vê, pois ele olha para o coração" (I Samuel 16.7).

Assim, quando obediência, boas obras e bom fruto são tomados como evidência certa do princípio da graça, permanecem externos aos olhos dos outros. Mas, quando a prática também é evidência da realidade do cristianismo em nossa consciência, então a prática é visível internamente também, para nossa própria consciência. Vemos aí que não se trata apenas de esforços externos, do corpo, mas também de manifestações internas da alma, que dirige e comanda os atos. Essa é a intenção das Escrituras.

Na conclusão do Sermão do Monte, Cristo fala sobre fazer, ou praticar, o que ele tinha falado como sinal claro dos verdadeiros discípulos. Compara o santo a um homem que construiu sua casa sobre a rocha, em contraste com um que construiu na areia. Com essa ilustração, Ele abrange não apenas o comportamento exterior, mas também o exercício interior da mente. Assim, ele disse: "Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama" (João 14.21; cf. I João 2.3,7-11).

Assim, vemos nas Escrituras que muita evidência da sinceridade depende do que acontece no interior. Ao mesmo tempo, inclui também o que é externo, necessário como conexão prática do exercício da graça no mundo, dirigindo e controlando os atos do corpo. É necessário haver consistência entre o que é externo e o que é interno.

Uma fé mais forte que as emoções.indd 216

Capítulo X

Os afetos são a principal evidência da sinceridade salvadora na verdadeira religião

A prática cristã deve ser muito mais buscada como evidência da salvação do que conversão súbita, esclarecimento místico ou a mera experiência de conforto emocional que começa e termina com contemplação. A evidência disso aparecerá nos seis argumentos a seguir.[4]

ARGUMENTO I

A razão demonstra claramente que o teste adequado da preferência de uma pessoa é ver a que ela se apega e o que pratica quando tem oportunidade de escolher. Já se observou que a sinceridade na religião consiste em colocar Deus acima de tudo no coração, escolhê-lO acima de tudo mais e abrir mão de tudo por Cristo. Mas os atos são a prova adequada do coração quando, por exemplo, Deus e outras coisas, sejam interesses ou

prazeres do mundo, competem. O comportamento será testado pelo que a pessoa prefere, o que ela escolhe e o que rejeita. A sinceridade consiste, então, em rejeitar tudo por Cristo no coração e em abandonar tudo por Ele quando chamado. Fazer isso é o teste. Então a piedade não consiste apenas em ter o coração disposto a fazer a vontade de Deus, mas em ter um coração que realmente a faz. Em Deuteronômio 5.27-29, os israelitas tinham no coração a intenção de obedecer aos mandamentos de Deus. Mas Deus mostra que isso estava muito longe do que Ele queria, porque eles não obedeceram na prática.

É absurdo fingir ter um bom coração enquanto leva uma vida pecaminosa, pelo simples fato de que a experiência não pode ser contestada. “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba” (Gálatas 6.7). A palavra zombar é usada muitas vezes na Escritura para descrever esse fingimento que não resulta em prática. Dalila disse a Sansão: “Você me fez de boba; mentiu para mim!” (Juízes 16.10,13). Pessoas podem ser enganadas, mas o grande Juiz, cujos olhos são como chamas de fogo, não aceita zombaria nem se engana com fingimento. “Não há sombra densa o bastante, onde os que fazem o mal possam esconder-se” (Jó 34.22).

Argumento II

Na Escritura, a verdade da fé costuma ser testada pelo que é difícil de superar. Provações ou tentações[5] são provas vitais para determinar se a pessoa tem a disposição de coração correta para se apegar a Deus ou não. “Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não” (Deuteronômio 8.2; cf. Josué 2.21,22; Juízes 3.1,4; Êxodo 16.4).

Essas dificuldades da fé são chamadas de tentações ou provações na Escritura para testar a fé das pessoas. “Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança” (Tiago 1.2,3). “Agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo” (I Pedro 1.6,7). O apóstolo Paulo também fala de dar aos pobres como prova da sinceridade do amor dos cristãos (II Co-ríntios 8.8). Esses testes muitas vezes são ilustrados como ouro e prata refinados (Salmo 66.10,11; Zacarias 13.9; Apocalipse 3.17,18).

Deus provou Israel com as dificuldades no deserto e com os inimigos em Canaã para saber o que havia no coração do povo, se obedeceria ou não aos Seus mandamentos. Também quando Deus testou Abraão com uma ordem difícil para oferecer seu filho, falou: “Agora sei que você teme a Deus,

porque não me negou seu filho, o seu único filho". Cristo usou o mesmo teste com o jovem rico em Mateus 19.16.

As provações não são para beneficiar Deus, mas sim nós. Passar por provações é a maneira mais segura de discernir o julgamento correto por nós mesmos. Para saber se um prédio permanecerá firme, devemos observá-lo quando o vento soprar bem forte. Semelhantemente, podemos listar a realidade da prática cristã de uma pessoa quando ela está sob as provações que Deus manda.

Argumento III

A prática santa, no sentido em que explicamos, é a melhor evidência da realidade da graça na consciência do cristão. O apóstolo Tiago comentou sobre isso: "Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfei-

çoada pelas obras" (Tiago 2.22), ou como a palavra no original indica, "foi completada". Assim, o amor de Deus acaba, ou se completa, na obediência aos mandamentos. "Aquele que diz: "Eu o conheço", mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado" (I João 2.4,5).

A graça, ou amor a Deus, se aperfeiçoa na prática santa, como uma árvore se aperfeiçoa quando produz frutos. Ela não está perfeita quando é semente no solo nem quando produz folhas, nem mesmo quando tem brotos. Só quando produz fruto bom e maduro ela fica perfeita. Então é que alcançou o fim desejado. Assim também é a graça em seus exercícios práticos.

Argumento IV

A Escritura insiste na importância da prática santa como principal evidência para julgar tanto a nossa sinceridade quanto a dos outros. "Por isso conhecereis que vocês conhecem a Deus; por isso se manifestam os filhos de Deus, e os filhos do diabo; aquele que tem isso, constrói sobre uma boa fundação; aquele que não tem, constrói na areia; assim teremos segurança no coração". De todas as evidências da verdadeira piedade, a que é citada

mais vezes é ter amor aos outros. “Sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos” (I João 3.14; Romanos 13.8,10; Gálatas 5.14; Mateus 22.39,40).

Argumento v

A Palavra de Deus fala claramente na prática cristã como principal evidência da verdade da graça, não apenas para os outros, mas para nossa própria consciência. É a principal evidência para a própria pessoa. “Aquele que tem meus mandamentos, e os observa, é quem me ama” (João 14). A repetição dessa ênfase é notável,

pois o versículo 15 diz: “Se você me ama, obedeça a meus mandamentos”; versículo 23: “Se um homem me ama, ele guarda minhas palavras”; e o versículo 24: “Aquele que não me ama não guarda o que eu digo”. No capítulo seguinte ele repete a mesma ênfase várias vezes (João 15.2,8,14). Vemos a mesma coisa em I João.

Argumento vi

A grande evidência da prática santa será usada no julgamento diante do trono de Deus. O julgamento futuro dos crentes será aberto e as evidências serão usadas. Um julgamento tão declarativo revelará a justiça de Deus quanto à consciência das pessoas e ao mundo. Portanto, esse dia é chamado de “Dia da Revelação do Julgamento Justo de Deus” (Romanos 2.5; cf. Mateus 18.31; 20.8-15; 22.11-13; 25.19-30; Lucas 19.11-23).

As Escrituras nos ensinam abundantemente que a principal evidência do Juiz serão as obras ou prática das pessoas neste mundo (Apocalipse 20.12; II Coríntios 5.10; e muitas outras referências). “Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau” (Ecle-siastes 12.14).

Disso podemos inferir, sem dúvida, que as obras, no sentido em que explicamos, são a principal evidência para nos julgarmos agora. Nosso Juiz supremo as usará para nos julgar quando nos colocarmos diante dEle, se não fizermos o julgamento prévio por nós mesmos.[6] Se não tivesse sido revelada assim a evidência que o Juiz usará conosco, seria natural

perguntar como poderíamos saber o que Deus iria examinar e esquadrinhar no julgamento final. Mas Deus já revelou com clareza e abundância que evidências usará, então certamente é apropriado e muito importante julgarmos a nós mesmos agora.

A prática cristã é, assim, a evidência acima de todas as outras, que confirma e coroa uma prova de piedade. É também prova adequada da verdade e do conhecimento salvador de Deus: “Por isso sabemos que o conhecemos, por guardarmos seus mandamentos”. Se conhecemos Deus, mas não O glorificamos como Deus, então nosso conhecimento só servirá para nos condenar, e não para salvar (Romanos 1.21). “Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem” (João 13.17).

A prática santa é a evidência adequada do arrependimento. Quando os judeus se declararam arrependidos e confessaram os pecados a João, no batismo de arrependimento, ele ordenou logo: “Dêem fruto que mostre o arrependimento!” (Mateus 3.8).

A prática santa é a evidência adequada da fé que salva, como visto no exemplo que o apóstolo Tiago dá de Abraão (Tiago 2.21-24). A prática é a melhor evidência de uma crença salvadora na verdade. “Muito me alegrei ao receber a visita de alguns irmãos que falaram a respeito da sua fidelidade, de como você continua andando na verdade” (III João 3).

A prática santa é a melhor evidência da verdadeira entrega a Cristo e aceitação dEle. Na verdade, Cristo nos promete vida eterna na condição de nos entregarmos a Ele. A prática também é evidência da confiança em Cristo como salvador. Esse compromisso é uma realidade prática de dependência. “Por essa causa também sofro, mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia” (II Timóteo 1.12).

A prática santa também é evidência verdadeira de amor tanto a Deus quanto aos semelhantes. É evidência ainda de humildade e de temor a Deus. Mostra gratidão: “Como posso retribuir ao Senhor toda a sua bondade para comigo?” (Salmo 116.12). O salmista também diz: “Quem me oferece sua gratidão como sacrifício, honra-me, e eu mostrarei a salvação de Deus” (Salmo 50.23). Ainda, a prática é evidência real de desejos e

anseios da graça, de esperança, de fazer a vontade de Deus em amor santo, de coragem cristã e da verdade da graça.

Antes de concluir este trabalho, gostaria de responder rapidamente a duas objeções que questionam a prática cristã como a evidência suprema da graça salvadora.

A primeira objeção é que as experiências interiores e espirituais do cristão é que deveriam ser a principal evidência da verdadeira graça. Afinal, essa prática santa da mente governa e dirige as expressões do corpo. De fato, os exercícios interiores não são, de forma alguma, o menor aspecto da experiência cristã, já que o comportamento exterior está intimamente ligado a eles. Mas falar de experiência e prática cristãs como elementos diferentes é fazer uma distinção irracional. Claro que nem toda experiência é prática, mas toda prática é experiência. Separar as duas é antibíblico. Jeremias perguntou: “O seu pai não teve comida e bebida? Ele fez o que era justo e certo, e tudo ia bem com ele. Ele defendeu a causa do pobre e do necessitado, e, assim, tudo corria bem. Não é isso que significa conhecer-me?”, declara o Senhor” (Jeremias 22.15,16). Nosso conhecimento interior de Deus dominará nossa experiência religiosa, ou prática santa. Muitos textos poderiam ser citados para ilustrar isso. Por exemplo: I João 5.3; II João 6; Salmo 34.11 e grande parte do Salmo 119 e muitos outros.

Existe um tipo de prática religiosa externa destituída de experiência interior, que não vale nada para Deus. Não serve para nada. E também existe experiência sem prática, sem comportamento cristão. Isso é pior do que nada. Sempre que uma pessoa encontra dentro de si mesma o coração para se relacionar com Deus como Deus e é testada, encontrará sua disposição eficaz na experiência prática. Se, então, a religião consiste em larga escala de afeto santo, o que mais a caracteriza é o exercício prático do afeto. Amizade é constituída de muito afeto, mas é quando os laços fortes de afeto levam os amigos através de grandes dificuldades que eles têm a prova da verdadeira amizade.

Quando os teólogos afirmam que não existem evidências seguras da graça sem obras da graça, estão declarando o que vemos na experiência cotidiana. Um homem vê seu vizinho e tem a prova de sua existência. Mas, vendo-o todo dia e conversando com ele em várias circunstâncias, a evidência se

estabelece. Por exemplo, quando os discípulos viram Cristo pela primeira vez depois da ressurreição, tiveram uma boa evidência de que Ele estava vivo. Mas, depois de conversar com ele durante 40 dias, vendo muitas provas infalíveis de Sua identidade, eles tiveram evidências ainda mais fortes.[7] Assim também o testemunho ou selo do Espírito é visto no efeito do Espírito de Deus no coração. Assim como a graça é implantada e exercitada, assim a experiência cresce. A presença permanente do Espírito Santo é a maior evidência de nossa adoção como filhos de Deus.

Também se pode objetar que a insistência na prática cristã como principal evidência da realidade da graça é uma doutrina legalista. Dar tanta importância à prática exalta apenas o esforço próprio, deixando as pessoas darem muita importância aos atos, em detrimento da glória da graça gratuita. Como isso se encaixa com a maravilhosa doutrina da justificação pela fé?

Essa objeção é bem razoável. Como pode a prática santa como sinal da graça ser inconsistente com a liberalidade da graça de Deus? Seria irracional negociar nossas obras em troca do favor de Deus. Mas afirmar que o exercício delas é prova do dom da graça não é inconsistente. O que é importante enfatizar é a indignidade do ser humano para fazer qualquer coisa justa. Esse é o significado bíblico de justificação sem obras. Somos justificados apenas pela justiça de Cristo, não pela nossa. Quando

as obras se opõem à fé, é verdade afirmar que somos justificados pela fé e não pelas obras. Mas isso não é argumento contrário a dizer que a graça se expressa na prática santa. Certamente é inconsistente com o dom gratuito do Evangelho da graça que a pessoa só receba o direito à salvação se os benefícios de Cristo forem expressos em um coração renovado, santificado e celestial que ama a Deus e é semelhante a Ele, porque tem a experiência da alegria no Espírito Santo. Fazer pouco caso das obras porque não somos justificados por elas é o mesmo que fazer pouco caso de toda religião verdadeira, toda graça e santidade e toda experiência da graça.

Há grande prejuízo para a religião quando as pessoas menosprezam as obras e enfatizam pouco coisas que as Escrituras mostram ser as mais importantes. Assumir que essa noção enfatiza o legalismo e a velha aliança é tolice. Em vão procuraremos evidência melhor de piedade do que a que a

Escritura mostra e sobre a qual insiste com maior freqüência. Como Agur disse: “Cada palavra de Deus é comprovadamente pura; ele é um escudo para quem nele se refugia. Nada acrescente às palavras dele, do contrário, ele o repreenderá e mostrará que você é mentiroso” (Provérbios 30.5,6). Não podemos confiar em nosso próprio discernimento do coração alheio. Vemos pouco da realidade da alma e das profundezas do coração dos outros. Afetos pessoais podem se mover sem influência sobrenatural. Estão tão enterrados e escondidos e influenciados de tantas formas que não se deve confiar neles.

Em vez disso precisamos seguir à risca a indicação que Deus nos deu em Sua Palavra. Ele sabe por que insiste em determinados meios e os apresenta para nos testar por eles e não por outros. Talvez Ele saiba o que nos deixa menos perplexos e com menos possibilidade de engano. Ele conhece melhor nossa própria natureza. Conhece a natureza e o modo de operar. Sabe melhor qual o caminho para nossa segurança. Sabe que concessões fazer para as diferentes situações da igreja e os diferentes

temperamentos de cada pessoa. Por isso devemos ser sábios e não tirar a Sua Palavra das Suas mãos e segui-lO pelo caminho que Ele nos mostrou.

Não será de admirar se ficarmos perplexos, confusos e iludidos se agirmos de outra forma. Todavia, se adquirirmos o hábito de olhar principalmente para o que Cristo, os apóstolos e os profetas enfatizaram, e assim julgarmos a nós mesmos e aos outros pelos exercícios práticos e efeitos da graça, sem negligenciar outras coisas, então o resultado será bom e abençoado. Isso levará à convicção dos hipócritas enganados e impedirá a ilusão dos que estão apenas meio comprometidos com o caminho estreito que leva à vida. Isso ajudará a nos livrarmos de inúmeras perplexidades e de vários esquemas inconsistentes tão abundantes na experiência. Impedirá que os que confessam a fé negligenciem a retidão de vida e promoverá seriedade e compromisso na caminhada cristã deles.

Veremos, então, uma fé dinâmica em nossa geração. Cristãos que são amigos íntimos começarão a conversar sobre suas experiências e consolos de uma forma mais adequada à humildade e modéstia cristãs, e assim todos serão beneficiados. A língua deles não correrá na frente, mas irá atrás das mãos e dos pés, seguindo o exemplo prudente do apóstolo abençoado (II

Corín-tios 12.6). Com isso uma porta enorme se fechará para o diabo. Muitas das maiores pedras de tropeço contra a fé experimental e poderosa serão removidas.

A verdadeira religião, então, será declarada e revelada de uma forma que as pessoas se convencerão de que há realidade na religião, e não se tornarão espectadoras endurecidas, céticas ou atéias. Isso as desafiará e as conquistará, convencendo a consciência da importância e excelência da verdadeira religião. Com isso, a luz de tal testemunho brilhará sobre os seres humanos, e outros, vendo as boas obras, glorificarão ao Pai, que está no Céu

1

Mateus 4.18-22; 5.29,30; 6.24; 8.19-22; 10.37-39; 13.44-46; 16.24-26; 18.8,9; 19.21,27-29; Lucas 5.27,28; 10.42; 12.33,34; 14.16-20, 25-33; 16.13; Atos 4.34,35; 5.1-11; Romanos 6.3-8; Gálatas 2.20; 6.14; Filipenses 3.7.

2

"Afirmar que conhece é muito fácil; porém colocar seus afetos em sujeição, lutar contra a luxúria, passar sobre sua vontade e sobre vocês mesmos, em cada ocasião, isso é difícil." (Dr. John Preston, *In the Churctis Carriage*, págs. 101-102)

3

Philip Doddridge, "The Scripture Doctrine of Salvation", *Practical Discourses on Regenera-tion*, Philadelphia, 1796.

4

"Vejam João, discípulo amado de Cristo, companheiro do peito! Ele tinha recebido segurança de que conhecia aquele que é verdadeiro, e sabia que o conhecia" (I João 2.3). Mas como ele sabia disso? Poderia ter sido enganado, já que é espantoso o que uma imaginação melancólica faz e os efeitos que tem. Como homens sinceros são considerados fracos de inteligência e incapazes de ver as profundezas do segredo de Deus, o que dizer, então, da evidência perfeita de João! "Porque observamos seus mandamentos". (Shepard, *Parable of the Ten Virgins*, parte 1, pág. 131)

5

II Coríntios 8.2; Hebreus 11.36; I Pedro 1.7; 4.12, entre muitos outros.

6

“Aquilo que Deus tem como norma em Seu julgamento é o que usará para julgar toda pessoa, e é uma regra segura para cada um julgar a si mesmo. Por nossa obediência e nossas obras Ele nos julga. Dará a cada um segundo suas obras.” (Preston, *Church*s *Carriage*, pág. 99)

7

Quanto mais esses exercícios visíveis da graça se renovarem, mais certeza você terá. Quanto mais essas ações se renovarem com freqüência, mais permanente e confirmada será sua segurança. A pessoa que recebeu segurança desses exercícios visíveis da graça pode logo duvidar de estar certa. Mas, quando as práticas se renovam mais e mais, ela fica mais firme e segura quanto à sua condição... quanto mais a graça se multiplica, mais a paz se multiplica: “Graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo pleno conhecimento de Deus e de Jesus, o nosso Senhor” (II Pedro 1.2). (Stoddard, *The Way to Know Sincerity and Hypocrisy Cleared Up*, págs. 142-143)

Apêndice

Um guia para a leitura devocional

Amas tu a Deus, como ele ama a ti?! Então digere,

Minh'alma, toda esta meditação,

Como Deus, o Espírito aguardado por anjos No Céu, faz Seu templo em teu coração.

John Donne, *Soneto Santo 15*

Se alguém hoje lhe perguntasse se você é um "devocio-nalista", você seria perdoado por não saber o que isso significa. Se alguém conversasse sobre ser devocionalmente-orien-tado, você poderia erguer uma de suas sobrancelhas em sinal de surpresa.

O século que passou é possivelmente o primeiro no qual a ação foi mais enfatizada e valorizada que a contemplação. Hoje nós fazemos coisas. Achamos que a contemplação é perda de tempo, não produz coisa alguma e atrapalha de modo estabanado nossas agendas. A leitura devocional é uma prioridade questionável para a maioria das pessoas bem-sucedidas na atualidade.

Mas somos cristãos "de sucesso" se estamos tão ocupados organizando e promovendo a fé cristã a ponto de não conhecermos de fato a Deus pessoal ou intimamente? A leitura devocional cristã nos ajuda a encontrar união íntima com Deus. Qual é a sua motivação? Que amemos a Deus com todo o nosso coração, mente e vontade.

O escritor de Eclesiastes se deu conta de que Deus colocou a eternidade dentro de nossos corações.[1] Agostinho observou que Deus fez o homem para Si mesmo, e que nossos corações não encontram descanso até que descansem Nele. Esse anseio eterno forma a base da devoção.

Somos criados com anseios infinitos. Podemos tentar ocultá-los e escondê-los atrás de valores menores tais como a apreciação pelo belo ou o desejo pela verdade e pela autenticidade. Por outro lado, podemos nos desculpar pelos ideais adolescentes, pelo otimismo incurável ou pelo romantismo indulgente conectado aos nossos anseios. Mas uma vez tendo sido despertados para o Céu como uma possibilidade, nada mais trará satisfação senão conhecer mais sobre ele. Somos então como peregrinos que finalmente descobriram onde está localizado o Santo Graal. Ou talvez sejamos como crianças na escola. O mistério da matemática está diante de nós ao tentarmos entender os rudimentos da álgebra e da geometria, e temos de crer no entusiasmo do professor com o fato de que elas possuem uma beleza intrínseca.

Mais adiante descobrimos que os desejos de Deus não são diferentes de nossos próprios desejos mais verdadeiros e íntimos. No entanto, a conexão entre eles às vezes parece terrivelmente comprometida pelo egoísmo e pela vontade própria. Refletimos e começamos a observar que a forma mais profunda de saudade - a de ser amado, ou ser compreendido, ou de estar religado ao Infinito para além de todo o universo - não é “ilusão neurótica”, de acordo com C. S. Lewis. Ao contrário, ela é “o indicador mais verdadeiro de nossa real situação”.[2]

Em Cristo nós também descobrimos que não é a pessoalida-de de Deus que é vaga e intangível. São as nossas próprias personalidades que são incoerentes, fragmentadas e inadequadas. Assim, a realidade da oração em nome de Jesus é a busca por uma personalidade mais plena e rica, a personalidade que a maioria de nós profundamente anseia ter.

À luz disso, vemos a leitura devocional não apenas como uma opção piedosa de leitura comparada a um bom romance policial ou mesmo a uma obra séria. Ela se relaciona à natureza de

um despertamento, como o que o filho pródigo teve enquanto alimentava porcos. Nossa existência animal não é boa o suficiente quando descobrimos interiormente que temos um Pai que é rei e que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Os hábitos de leitura do chiqueiro não podem satisfazer a um filho e aos porcos ao mesmo tempo. Os hábitos de leitura dos “servos”, conduzidos pela mesmice dos livros do tipo “conselhos práticos”, que definem a vida pela ação e que compram a aceitação por meio da autoconquista, tampouco trarão satisfação. Pois um filho amado, embora pródigo, responde à sua aceitação em Cristo. É tudo o que podemos “fazer”. E isso tem mais a ver com amantes de mãos dadas do que com homens de negócio tomando decisões na sala de reunião.

Nós de fato percebemos que a vida consiste em um número de despertamentos progressivos. Quando estudamos com seriedade pela primeira vez, ficamos entusiasmados com o despertamento de nossa mente para a atividade de analisar e de compreender o nosso mundo. Nós despertamos de novo na experiência de assumir a responsabilidade de nossas vidas quando temos de decidir sobre atitudes e opções de importância. Despertamos também quando agimos em meio ao sofrimento. A dor é um grande despertador para as realidades que outrora estavam adormecidas em nossas vidas. Mas é o despertamento para o amor de Deus que transcende todas as outras formas de consciência humana.

Hoje, vivemos o grande perigo de politizar a nossa fé, organizá-la ao extremo e transformá-la em uma ideologia fria. Precisamos mais uma vez nos aquietar e ver a Deus. E então começaremos novamente a viver mais como um filho de Deus do que como um empreendedor diante dos homens. Emoções profundas serão revividas. Memórias começarão a ser curadas. A imaginação será redirecionada. E muitas e novas possibilidades se abrirão a partir dos becos sem saída das ruas, para nos mostrar paisagens de amor e alegria que nunca imaginamos poder visualizar. A esperança sucederá o desespero. A amizade substituirá a alienação. Acordaremos de manhã e descobriremos que estamos verdadeiramente livres para nos apaixonar por Deus.

Podemos então começar a compreender aquilo que João Cal-vino quis dizer quando chamou a fé de um firme reconhecimento

da benevolência de Deus, que está selado no coração. A afirmação de Calvino fez lembrar o coração inflamado de muitos homens na história: Jeremias, os discípulos no caminho de Emaús, Agostinho, Jonathan Edwards. É assim que Deus instila a percepção de que estamos na comunhão dos santos e simplesmente compartilhando aquilo que muitos outros antes de nós já experimentaram com grande alegria. Nós também, como eles, agora percebemos que o Céu é o nosso horizonte afinal.

A leitura devocional muda a história

Nada pode sobrepujar a prática da oração ou da leitura de-vocional da Escritura nas devoções diárias de uma pessoa. No entanto, essas práticas necessitam ambas de reforço e de orientação a partir do exemplo de outros, do partilhar de suas experiências. Talvez o uso devocional da Escritura esteja desaparecendo tão rapidamente que somente com a ajuda de outros livros ele possa ser redescoberto e se tornar uma prática comum hoje. Os resultados dessas leituras são, na maioria das vezes, bem abrangentes. Na verdade, os encontros acidentais com grandes clássicos de fé têm desencadeado toda uma série de reações inesperadas.

Foi assim com C. S. Lewis. Ele se deparou com clássicos como os escritos de Richard Hooker, George Herbert, Thomas Traherne, Jeremy Taylor e John Bunyan em conseqüência de seus estudos em Literatura Inglesa.[3]

Como estudante, Alexander Whyte - o pregador escocês do final do século XIX - começou a catalogar as obras de Thomas Goodwin, do século XVII. Mas ele ficou tão envolvido por elas que, mais tarde, em sua vida, escreveu sua obra *Spiritual Life* baseado nos ensinos de Goodwin. Ele confessou, “eu carregava seus livros comigo até suas capas originais começarem a se desprender, e até que meu encadernador as colocasse em seu melhor protetor de capas. Não li mais nenhum outro autor tanto e com tanta fre-qüência.”[4]

Quando John Bunyan se casou, seu sogro lhe deu um dote que consistia na obra de Arthur Dent, *The Plaine Man's Path-Way to Heaven* (1601), e de

Lewis Bayly, *The Practice of Pietie* (1613). Bunyan mais tarde reconheceu que essas duas obras “produziram

dentro de mim alguns desejos pela religião.”[5] A popularidade delas foi reiterada por muitos de seus contemporâneos.

Inácio de Loyola, um jovem e frívolo cavaleiro, foi ferido no cerco de Pamplona, em 1521. Ali ele foi forçado a passar sua convalescença com apenas dois livros em mãos, *Life of Jesus Christ*, de Ludolph Carthusian, e *Flower of the Saints*, de Jacobine Varagine. Essas obras deixaram uma impressão sobre ele que produziu uma mudança radical em sua vida.

Amigos cristãos apresentaram deliberadamente Agostinho à obra *Vida de Antônio*, de Atanásio. Ela não impactou Agostinho de imediato, embora seus amigos continuassem a dizer-lhe como em Trèves, na Gália, um oficial do estado “a leu, maravilhou-se com ela e foi incendiado por ela”. Enquanto o oficial a lia, começou a pensar em como poderia abraçar uma vida monástica no deserto egípcio. Ele pensou em abrir mão de seu trabalho para servir “A Ti [Deus] somente...; e o mundo passou a não mais fazer parte de sua mente...enquanto lia, e em seu coração, que agora batia em seu próprio ritmo, ele por fim caiu em prantos, viu o caminho melhor e decidiu por ele.”[6]

Agostinho acrescenta um comentário sobre o resultado de ter lido um exemplo como o de Antônio. Esse homem e sua companhia foram levados a edificar “uma torre espiritual ao único custo que é adequado, o custo de deixar tudo e seguir a Ti”.[7]

A influência dos autores místicos sobre Martinho Lutero foi fartamente documentada. Ele leu em profundidade os sermões de Johannes Tauler (1515-1516) e editou o tratado anônimo místico que intitulou de *Teologia Alemã* (1516, 1518). Quando defendeu as noventa e cinco teses, em 1518, ele confessou que havia mais boa teologia nos sermões de Tauler, mais “teologia pura e sólida” do que em todas as outras obras do escolasticismo. Acerca de *Teologia Alemã*, ele declarou que “somente a Bíblia e Agostinho o haviam ensinado mais sobre ‘Deus, Cristo, o homem, e todas as coisas.’”[8]

Às vezes, os escritos dos místicos podem prolongar as lutas no sentido de se conhecer a Deus pessoalmente. Os leitores ficaram então entretidos em seus exercícios e percepções espirituais ao invés de se encontrarem com o próprio Deus. Esse foi o caso de John Wesley. Com sua mãe, ele aprendera sobre obras devocionais,

especialmente quando foi para Oxford pela primeira vez como estudante. Ele achou os estudos ali "uma interrupção ociosa e inútil de estudos proveitosos, horrível e intensamente superficial."[9]

Mas Wesley ficou encantado com o *Discurso sobre a Simplicidade*, do Cardeal Fenélon; a obra deu a ele a percepção de que a simplicidade é "aquela graça que força a alma a deixar todas as reflexões desnecessárias e voltar-se para si mesma."[10] Em férias, sua amiga e guia espiritual, Sally, deu a ele uma cópia do livro de Jere-my Taylor, *Regra e Exercício do Santo Viver e Morrer.* Ele admite que essa obra "selou definitivamente minha prática diária de registrar minhas ações (que eu tenho fielmente continuado até o presente momento), e que me levou, mais tarde, a prefaciar aquele primeiro *Diário* com as regras e resoluções de Taylor. Isso me ajudou a desenvolver um estilo de introspecção que me manteria em constante contato com a maioria de meus sentimentos."[11] É de se questionar o quanto teriam Fenélon e Jeremy Taylor contestado as convicções de um jovem confuso.

Aproximadamente naquela mesma ocasião, Sally também encorajou Wesley a ler a obra de Thomas à Kempis, *Imitação de Cristo.* Essa obra também deixou sua marca nele, de modo a fazê-lo decidir-se por pertencer a Deus ou perecer. Essas obras, no entanto, em certo sentido, somente prolongaram por treze anos a necessidade de John Wesley de reconhecer que deveria "nascer de novo" e aceitar Deus como seu próprio Salvador. Elas, ao mesmo tempo, deixaram marcas indeléveis em seu caráter e ministério.

Finalmente, pensamos em C. H. Spurgeon e na profunda influência que os autores puritanos tiveram sobre toda a sua vida e ministério. Ele tinha uma coleção de 12.000 livros, aproximadamente 7.000 deles de escritores puritanos. Spurgeon leu por vezes incontáveis *Maçãs de Ouro*, de Thomas Brooks. Ele também dedicou muito tempo à obra de Brooks, *Remédios*

Preciosos Contra os Artifícios de Satanás. Ele tinha enorme prazer em todas as doces obras devocionais de Brooks.

Mas livros de Thomas Goodwin, John Owen, Richard Char-nock, William Gurnall, Richard Baxter, John Flavell, Thomas Watson, e, é claro, John Bunyan, também eram companheiros de Spurgeon.[12] Ele então confessa em seu *Conversa sobre Comentários* que a obra *Comentário de Matthew Henry sobre as Escrituras*

é sua primeira opção de companhia constante. Ele recomenda que todos os alunos a leiam nos primeiros doze meses após terem terminado a faculdade.[13]

A influência dos livros sobre os líderes cristãos e, por sua vez, seu impacto sobre os movimentos avivalistas da igreja são claros. Como Richard Baxter comentou em sua obra *Manual Cristão,* do século XVII, "há muitos que podem ter um bom livro a qualquer dia ou hora da semana, e que não podem ter um bom pregador".[14]

Às vezes o livro e o autor são totalmente desconhecidos na atualidade, embora suas conseqüências sejam evidentes e permanentes. Quem lê hoje *O Caminho Simples do Homem para o Céu?* No entanto, *O Peregrino* de John Bunyan foi traduzido em 198 línguas. Poucos hoje conhecem Florentino de Deventer; no entanto, seu discípulo, Thomas à Kempis, teve seu livro *Imitação de Cristo* editado mais de 2.000 vezes. Francisco de Osuna e sua obra *O Terceiro Alfabeto Espiritual* não significam coisa alguma para muitos cristãos na atualidade; no entanto, eles inspiraram os escritos de Teresa de Ávila sobre oração, escritos que ainda nos influenciam poderosamente. O livro *Combate Espiritual* (1589), de Nicholas Scupoli, foi, juntamente com a Bíblia, a leitura de cabeceira de Francisco de Sales por mais de dezesseis anos. No entanto, é a *Introdução à vida Devotada* de Sales que produziu um impacto profundo na vida de muitos.

A mensagem é, portanto, clara para todos nós. Abra as janelas de sua alma através da leitura meditativa, e o potencial da presença de Deus em sua vida

poderá ser, como Paulo ora, “infinitamente mais do que pedimos ou pensamos.”[15]

Não há leitores inocentes

Não existe algo como “apenas leitura”. A leitura é também um instrumento de nossas emoções e do nosso espírito, de nossas motivações e de nossos objetivos. A arte monástica da *lectio divina*, a prática de ler meditativamente e em atitude de oração, visando à nutrição e ao crescimento espirituais é pouco conhecida fora das tradições católicas de espiritualidade nos dias atuais. A perda dessa assimilação devocional das Escrituras se reflete na impaciência que muitos têm com as leituras espirituais dos grandes

mestres da fé cristã. Ou possivelmente revela uma pura negligência ou ignorância com relação a essas obras.

C. S. Lewis fala da “idéia estranha difundida de que em qualquer circunstância os livros antigos deveriam ser lidos por profissionais, e que os amadores deveriam se contentar com livros modernos... um constrangimento”, ele acrescenta, “em nenhum outro lugar mais rompante que na teologia.”[16] Mas teríamos uma grande confusão no cristianismo se sempre nos contentássemos com a superfície do que é dito sobre suas origens e nunca nos motivássemos a beber pessoalmente da fonte.

Também somos culpados quando não distinguimos leitura fundamental de leitura acidental, ou leitura edificante de leitura recreativa. Pois elas são todas distintas.[17] Leitura acidental é aquela que captura a nossa atenção para as táticas da vida, de modo a absorvermos uma enorme gama de conhecimento prático, trivial e significativo. Tudo que se exige desse tipo de leitura é maestria mental. Leitura fundamental, aquela que fazemos estrategicamente, como parte do treinamento em uma profissão ou disciplina, demanda docilidade e perseverança. A mudança do primeiro para o segundo tipo de leitura é de informação para formação, de modo que a atitude da mente também muda.

A leitura que relaxa é também tática, ainda que por vezes possa nos apanhar desarmados. Absorvermos as trivialidades que rotulamos de “recreacionais”

pode representar desperdício de tempo. Pior, pode tomar e desviar nossas mentes e espíritos dos caminhos da justiça e da pureza.

Uma leitura assim pode verdadeiramente testar nossos espíritos e ser evidência da falta de uma imaginação cristã em nossas vidas. A leitura estimulante depende muito das escolhas deliberadas que fazemos. Se quisermos ser mais carnais, nos entregaremos mais à pornografia pictórica com a qual nossa sociedade tem sido tão inundada ultimamente. Se quisermos respirar o ar mais limpo da autenticidade pessoal, desfrutaremos de uma boa biografia, seremos tocados pelas orações e diários de grandes guerreiros da fé ou mergulharemos nas parábolas de nosso Senhor. Ter em mãos autores favoritos, páginas inspiradoras e temas familiares para revigorar um espírito abatido torna-se um recurso extremo em tempos de depressão.

Não somos leitores inocentes, mesmo quando decidimos não ler coisa alguma! Nós nos tornamos culpados de fundir nossos pensamentos à cultura que tão prontamente aceitamos. O aparelho de TV, por exemplo, nos tenta com tendências profundamente manipulativas, uma vez que podemos, ao toque de um botão, nos transportar para uma dúzia de diferentes ambientes artificiais. Podemos literalmente escolher o ambiente onde queremos viver e do qual depender. Não seremos então tentados a manipular nossos anseios e necessidades espirituais? Submissão à vontade de Deus parece mais do que nunca ser um comportamento em desuso. Essa revolução de atitude aprofunda tanto o nosso egocentrismo que escutar escritores espirituais torna-se uma tarefa realmente difícil, embora a docilidade e não a maestria seja a essência da leitura espiritual e da vida meditativa.

Nós também possuímos uma abrangência muito limitada de atenção. Nosso estilo é desconjuntado: nossas frases são quebradas, nossas mensagens nem sempre têm significado. Vivemos a fim de sermos entretidos como espectadores, ao invés de estarmos envolvidos como participantes na vida. Nossos livros refletem o *staccato* da modernidade. Mensagens são dadas de forma precisa e em doses homeopáticas. Por semelhante modo, nossos estilos de vida se alteram porque o homem procusteano[1] muda ao sabor da moda e do entusiasmo do momento. É uma sociedade do divórcio, onde se troca de parceiro quando o humor também se altera. O alimento sólido da

Palavra, sobre o qual fala o apóstolo, é rejeitado não somente por leite, mas também por cola. Clássicos da fé e da devoção não são interessantes para uma geração que vive à base de pipoca e de goma de mascar.

Temos a tendência de viver do lado externo da vida. Tudo gira em torno de desempenho, de como podemos impressionar outras pessoas. Como cristãos, estamos mais preocupados com a promoção de nossa fé do que com a sua prática privada. Atividade é mais significativa que espiritualidade. Temos medo de ouvir a

Deus porque estamos mais preocupados com o que as outras pessoas vão pensar. A mentalidade de rebanho e a tirania do consenso - aquilo que Aldous Huxley certa vez chamou de “intoxicação de rebanho” - nos faz ter medo do isolamento, de encararmos a Deus sozinhos ou na verdade de encararmos nossos sentimentos interiores de culpa e de auto-traição.

A leitura devocional, no entanto, é uma questão muito íntima, interior. Ela requer a coragem moral da humildade, da abertura para perspectivas de mudança de vida e do respeito pelo seu próprio ser interior. Ela significa mudança de engrenagem, a fim de que operemos com o temor do Senhor, ao invés de estarmos preocupados com o medo do homem.

Nós também jogamos o jogo dos números. “Todo mundo está fazendo isso,” exclamamos. Como então eu poderia, ou deveria, ser o único a destoar?

Em resposta, Kierkegaard nos pediria que deliberássemos: “você agora vive de modo a estar consciente de si mesmo como individuo?”[18] Acima de tudo, você percebe o mais íntimo dos relacionamentos, “a saber, aquele no qual você, como indivíduo, está relacionado a si mesmo diante de Deus?”

Na natureza parece haver um enorme desperdício de luz do sol, de plantas, de animais menores e maiores na grande cadeia alimentar de nossos ecossistemas. Na violência do homem contra seus companheiros, fruto de sua insensibilidade, os números parecem ainda não fazer nenhuma diferença. Em nossa desobediência à voz da consciência, nossos hábitos pessoais de leitura, nossa vida de oração e a falta de progresso espiritual

também parecem não fazer diferença se observarmos o cristianismo como uma multidão.

Mas Deus não julga como julga a multidão. Ao contrário, como Pai, Ele sabe de cada pardal que cai; cada fio de cabelo de nossa cabeça é contado por Ele. “Na eternidade, você procurará em vão pela multidão... Na eternidade, você também será esquecido pela multidão.”[19] Isso é aterrorizante, a menos que nos preparemos para a eternidade, nos encontrando com Deus agora, com constância e desejo.

A leitura devocional nos ajuda, então, a termos uma consciência eterna, não uma consciência de rebanho; a consciência do homem diante de seu Criador e minha diante de meu Salvador.

“Na eternidade”, acrescenta Kierkegaard, “há câmaras suficientes de modo que cada um possa ser colocado sozinho em uma... uma prisão solitária, ou a câmara abençoada da salvação.”[20] Estaria então minha leitura espiritual e sua reflexão ajudando-me a ver a mim mesmo “no lugar”, na vontade e no amor de Deus? O verdadeiro individualismo não está seguindo a moda, mas seguindo a Deus.

O lugar da intimidade com Deus

Não é coincidência o fato de que o tema “seguir a Deus” para os israelitas no Êxodo fosse uma experiência no deserto. O nosso deserto não é normalmente o Saara ou o Gobi, ou mesmo o grande interior australiano. Nosso deserto é o espaço para refletirmos sobre nossos sonhos desfeitos, a alienação que nenhum toque pode conectar entre até mesmo pessoas que se amam, a incerteza sem rastros acerca do amanhã e a experiência da escuridão interior. Ali, Deus nos chama para Si, não a partir de nossa utilidade, mas a partir de nós mesmos.

Quando dizemos sim para Deus, Ele então nos leva para o deserto. Não há direções definidas, nada sistemático, nenhuma proposta concreta, nenhum projeto mirabolante, nenhuma oportunidade promissora; há somente a promessa do não ter medo de ser. É a entrega total. É a docilidade, qualquer que seja o custo. É a divina companhia, a despeito das conseqüências.

Carlos Carretto reconheceu que o grande presente que o deserto dá é a oração.[21] O deserto é o lugar do silêncio diante de Deus, onde a quietude faz com que o coração perceba a Sua presença mais próxima que a nossa própria respiração. Nesse silêncio de concentração, escutamos a Deus falando através de Sua Palavra. O silêncio é desinteressante sem a Palavra, mas a Palavra perde seu poder criativo sem o silêncio do deserto.

A experiência do deserto não é apenas um ambiente para o estoicismo. Ela é o lugar da intimidade com Deus. Ela necessita de um recolhimento silencioso - ao menos temporariamente - do mundo dos homens para se estar a sós com Deus. Ele é um taber-náculo reflexivo, onde é possível ver coisas à luz da eternidade e, portanto, em suas verdadeiras proporções. Ele é a remoção da

agitação, do alvoroço e da velocidade, para que as coisas sejam vistas na quietude. Ele é onde nós silenciamos nossas paixões e relaxamos nossas tensões. Assim como alguém que vagueia no deserto, nós aprendemos a descobrir o oásis onde a busca não é mais necessária. Ali nós descansamos, nos refrescamos e renovamos.

A vida do deserto tem um modo de reduzir as necessidades àquilo que é realmente essencial, como água, alimento e abrigo. No deserto, a sós com Deus, descobrimos que Ele é suficiente para satisfazer todas as necessidades. Nossa única necessidade restante é simplesmente a de precisarmos mais Dele. De todas as lições que o deserto ensina, nenhuma é maior do que encontrar a intimidade de Deus.

Não é de admirar, portanto, que algumas das literaturas de renovação espiritual mais importantes tenham vindo dos Pais do Deserto - Antônio, Atanásio, Orígenes, Pacomias, Evagrio, Ba-sil, Gregório de Nissa e muitos anônimos cujos ditados nós ainda conservamos na memória. Aquilo que mais tarde se tornou o “monasticismo” institucionalizado nada mais é que o reflexo da vida no deserto a sós com Deus. Somos lembrados de que, sem a experiência de auto-esvaziamento no deserto, de abandono da idolatria, de entrega compromissada a Deus e de nosso desperta-mento espiritual para Deus, a leitura devocional não tem nenhum papel significativo a desempenhar em nossas vidas. Esses são, pois, os motivos e desejos básicos necessários para a leitura devocional.

Espaço e tempo são exigidos para tornar real o desejo pelo deserto. “O tempo silencioso” é um espaço em branco para a piedade matinal ou é o espaço mais importante em nossas vidas diárias. Nossa leitura de cabeceira é outro tempo para nossas devocionais. Determinados momentos durante o dia dão veracidade à devoção espiritual.

Emocionalmente, também, nossas experiências de deserto não são apenas espaços que Deus deveria ser convidado a preencher; elas são lembretes daquilo que Ele realmente quer ocupar em nossas vidas. Na verdade, o nosso recolhimento é o espaço no qual estamos conscientes de nossa necessidade Dele. A literatura devocional nos auxiliará a ver qual espaço, de um universo sempre em expansão, Sua presença deve preencher. A medida através da qual observamos progresso espiritual é a nossa crescente necessi-

dade de Deus. Não se trata de fraqueza, mas do segredo de nossa maior força.

No entanto, uma jornada para dentro do deserto requer um guia, no caso de nos perdermos. Precisamos de direcionamento, a fim de não sucumbirmos diante de sua sequidão de desencora-jamento e de derrota. Do mesmo modo, nossa jornada espiritual necessita de um guia.

Temos o Espírito Santo como nosso Guia Supremo. Mas a Sua presença depende também da condição de que não O entristeçamos nem O extingamos. Nós, portanto, temos os conselheiros, exemplos inspiradores e as experiências espirituais do povo de Deus para nos ajudar no direcionamento. A história da igreja é a materialização da comunhão dos santos, cuja fé somos exortados a seguir.

A superficialidade de grande parte da vida cristã contemporânea é a sua modernidade. Nós necessitamos de todos os vinte séculos de vida de devoção para ajudar-nos a nos tornarmos mais dedicados a Cristo no início do século XXI.

Aprendamos a desfrutar da comunhão dos santos, revivendo suas vidas, repensando seus pensamentos e reexpressando o ardor e o fervor de seus desejos por Deus. Quando ficamos desanimados, esses exemplos do

passado nos mostram que, quando ideais cristãos são verdadeiramente testados, eles produzem um fruto muito rico. Seus escritos devocionais podem revitalizar nossas formalidades sem vida, assim como ossos secos nos lixos dos desertos podem ser revitalizados na visão de Ezequiel. Em outra metáfora, Paulo fala da nuvem de testemunhas que torcem pelo atleta na corrida. Obras devocionais fazem exatamente isso; elas nos encorajam a seguir até a linha de chegada.

Diretrizes de leitura que transformam a vida

A despeito da avalanche de novos livros e de reedições de literatura espiritual, há pouca orientação sendo oferecida acerca de como a arte da leitura espiritual pode e deve ser cultivada. Já mencionamos que a arte da leitura devocional não é exegética, nem informacional, nem literária em sua ênfase. A leitura espiritual é essencialmente formativa da alma diante de Deus. Precisamos, por-

tanto, lê-la de tal modo que ela nos ajude a estarmos inspirados e afinados com Deus no "homem interior". Pois é a escrita que nos coloca em sintonia com o Céu e molda o nosso caráter em Cristo.

1. A leitura espiritual requer uma ênfase primária no uso devocional da Escritura

Não permita que o primeiro entusiasmo gerado pelo contato com a literatura devocional o distraia da prioridade que você ainda deve dar ao estudo da Bíblia e à meditação. Lembre-se de que as Escrituras são o cânon da devoção do povo de Deus. Eles viam unicamente as Escrituras como a revelação final dos propósitos de Deus para o homem. Eles viam as Escrituras como guiadas pelo Espírito Santo.

No entanto, o que é necessário ser resgatado ou significativamente revisado nos exercícios espirituais de muitos cristãos é como usar e meditar na Bíblia devocionalmente. Pois desde a Reforma temos tido a tendência de nivelar a interpretação da Escritura no processo histórico crítico; queremos vê-la como cremos que o texto tenha sido originalmente escrito pelo autor. O mon-ge-estudioso medieval a via, no entanto, de maneira muito mais rica, como a seguinte rima hermenêutica resume seu quádruplo significado:

A letra nos mostra aquilo que Deus e os nossos pais fizeram;

A alegoria nos mostra onde a fé está oculta;

O significado moral nos dá regras da vida cotidiana;

A analogia nos mostra onde encerramos nossa luta.

Embora não procuremos sistematicamente por esses quatro níveis em cada versículo da Escritura, no entanto, o sentido literal ou simples do texto, conforme cremos que seja, requer também o uso do simbolismo para nos lembrar de seus mistérios. O uso da aplicação moral para o cristão individual é também requerido, bem como a percepção das realidades transcendentes da escato-logia que estão ocultas no texto. Esse tipo de tratamento é mais bem observado no Saltério, que sempre foi o mais popular livro da Bíblia nas leituras litúrgicas da igreja.

2. A arte da leitura devocional é menos uma questão de técnica e mais uma questão de atitude do coração

Observar as pressões e obstáculos de nossa cultura que negam e esterilizam os valores da leitura devocional é como desenvolver um “sexto sentido”. É um processo semelhante a desenvolver discernimento e desejo espirituais. É claramente diferente da curiosidade por mais informação ou do desafio intelectual de dominar a compreensão racional. A atitude se altera de um desejo por informação para uma disposição de ser reformado e um desejo de ser transformado. O mandamento, na criação, para termos domínio sobre a terra por meio da *imago Dei* é superado quando nos mudamos para o mandamento, na redenção, para sermos conformes à imagem de Cristo.

Isso envolve uma nova maneira de conhecer, com uma mentalidade diferente. A leitura informacional é mais uma busca por perguntas e respostas. A leitura devocional se concentra nas questões básicas da vida diante de Deus. A primeira busca transparência e entendimento; a segunda diz respeito a conviver satisfatoriamente com os mistérios, em apreciação e adoração. Novamente, leitura informacional é mais dialética e comparativa;

a lógica é importante. Mas a leitura devocional é mais dócil e receptiva, ao contrário de ser crítica e comparativa.

A leitura informacional tende a ser detalhista. Os dados são dissecados por meio de análise, a fim de aumentar a possibilidade do aprendizado de novas coisas em novas disposições. A leitura devocional, por sua vez, é caracterizada pela disposição de deixar toda a iniciativa nas mãos de Deus, recordar e refletir acerca daquilo que Deus já fez e estar unido com Ele de maneira viva e dinâmica. É como o capitão da embarcação convidando o piloto para assumir o comando. Por esse motivo, a leitura devocional é muito mais pessoal e envolve auto-entrega, docilidade e uma disposição de mudar o curso através de resoluções profundas e por meio de disciplinas interiores. A manutenção de um diário espiritual pode começar a sinalizar as mudanças de atitude e os desejos diante de Deus.

Uma leitura devocional assim, que encoraje as mudanças de caráter, pode se deparar com batalhas espirituais acirradas e lutas

emocionais profundas. Ela exigirá mansidão de espírito para evitar viagens de culpa, sustentar a alegria de espírito e evitar a rigidez exacerbada consigo mesmo. Ela exigirá paciência e uma visão ampla do controle de Cristo sobre nossas vidas.

3. A leitura devocional tem mais o caráter de um despertamento espiritual do sono cultural que o de melhora de atitudes existentes

Nós, de boa vontade, “dormimos” dentro de nossa cultura, até viajarmos para o exterior e nos surpreendermos com o modo diferente de viver e de se comportar de outras sociedades. O apóstolo destaca que precisamos despertar espiritualmente de nossas conformidades culturais, mentalidade e atitudes que compartilhamos com o mundo ao nosso redor; precisamos viver para Deus com frescor e honestidade (I Tessalonicenses 5:6). Isso, na maioria das vezes, requer um quebrantamento renovado de espírito, um novo ou aprofundado senso de pecado ou uma profunda reavaliação de nossas prioridades. Começamos então a descobrir dois cristãos que podem partilhar da mesma ortodoxia doutrinária e, no entanto, têm atitudes de espírito profundamente distintas.

Muito desgaste e confusão no seio da igreja na atualidade demandam discernimento de atitude entre cristãos para evitar aquilo que Bonhoeffer chamou de “graça barata” e exercitar a verdadeira devoção diante de Deus. Podemos precisar então “viajar para fora”, assim como fizeram os Pais do Deserto quando deixaram as cidades dos homens. Talvez tenhamos de explorar, assim como exploraram os místicos medievais, ou sofrer, como sofreram os puritanos, a fim de aprendermos quão secular foi o tipo de cristianismo de seu tempo, e como é o nosso hoje.

Confissão e arrependimento devem, portanto, ser as conseqüências da leitura devocional. Ela agita o coração de modo a deixá-lo desconfortável e confuso com relação à leitura de entretenimento. Ela é radical demais para nos manter a salvo, dentro da esfera do nosso próprio controle de novas informações. A patologia do coração se revela em seus enganos, seus ocultamentos de pecados e na inabilidade do pecado em ser controlado.[22]

A confissão, portanto, implica a necessidade do reconhecimento *(confiteri)* da santidade de Deus e em fazer confissão *(con-*

fessio) da culpa e do pecado.[23] Somente o sacrifício pode unir o pecador a Deus, e o único sacrifício que une o homem a Deus é o de Jesus Cristo. O valor de todos os outros sacrifícios é derivado deste. A confissão se torna então louvor, uma oferta de gratidão. Assim nos exorta Bernardo de Clairvaux, “por meio da confissão dos pecados e por meio da confissão de louvor, que toda a nossa vida confesse a Ele!”.[24] Com o louvor como veste, a confissão se torna o ato de alguém que recuperou uma beleza interior, o aperitivo da glória vindoura.

Se pensamos em alguns autores espirituais como Thomas à Kempis em seu *Imitação de Cristo* como sendo muito rigoroso e severo, não seria porque nossas próprias vidas não são confessionais o suficiente? Não seria porque estão carecendo de louvor adequado? O louvor flui da gratidão, e a gratidão brota da confissão do pecado na percepção de quem Deus é. A expressão teológica contemporânea da fé como um sistema de crença foi sendo formada ao longo de todo o século XX por homens como John de Fecamp, que considerava a teologia primariamente como uma tarefa de

louvor, adoração, executada em espírito de oração e desencadeada pela contemplação de Deus.[25]

É na confissão do pecado que descobrimos novas dimensões do eu e do auto-amor com as quais precisamos lidar. Um desperta-mento da consciência do pecado que habita o interior do cristão, como aquela vividamente exposta por John Owen, nos dá uma nova sensibilidade à realidade de Satanás e nos faz ficar de joelhos. A tentação se torna uma realidade mais profunda, que requer mais vigilância moral e mais leitura devocional.[26] O arrependimento se torna uma realidade vívida, que precisa do apoio e do conforto da comunhão dos santos.

Assim, um desejo de mudar o curso de nossa vida depois de um fracasso e da desonestidade para com a nossa própria alma intensificará a nossa busca por aprender de outros como lidar com essas questões. Ver a vida agora com um significado mais profundo demanda recursos espirituais maiores do que aqueles que anteriormente sequer imaginávamos que precisaríamos. Uma vez na peregrinação e fora do *status quo,* estamos em uma longa jornada. Despertamos de um sono profundo e apagado. Assim como o cristão de John Bunyan, necessitaremos de muitas companhias espirituais.

4. A leitura devocional tem seu próprio ritmo, um ritmo mais lento

Uma vez que comecemos a ver o discipulado como uma obediência a longo prazo, teremos então de resistir à impaciência de nossa “Sociedade Instantânea”. Se a nossa leitura devocional tiver como objetivos a mudança e a formação de vida, não podemos buscar resultados imediatos. É, portanto, fútil passar os olhos por cima de uma obra devocional com pressa. Diferente de um romance de Agatha Christie, não podemos lê-la por completo em uma noite.

Muita inautenticidade surge em nossa vida porque não diferenciamos velocidades; fazemos as coisas muito rapidamente. Como, de fato, eu penso mais rápido do que consigo falar, falo mais rápido do que posso agir e ajo mais rápido do que tenho caráter para muitas ações. Eu então tenho sempre a tendência de ser inautêntico.

Espiritualmente, precisamos diminuir a velocidade e gastar mais tempo na reflexão e no silêncio. Necessitamos do ritmo lento e pré-estabelecido de tempos regulares e determinados para leitura, mesmo que sejam somente quinze ou trinta minutos no dia. Absorver as poucas linhas de um autor no coração e através da corrente sanguínea das atitudes é muito mais eficaz que ansiosamente ler em alta velocidade, em nome da curiosidade. Se o problema de muitas igrejas é como a velocidade das decisões de gabinete pode ser comunicada em um espírito de comunidade, então, o problema da leitura devocional é como a impaciência da mente pode ser controlada, a fim de deter sua luxúria por mais informação.

O espaço, assim como o tempo, é necessário para a leitura devocional. Isso pode levar literalmente ao hábito do desenvolvimento de um ambiente particular, uma área em determinada sala, onde se localize um "altar" de devoção. Fisicamente, ele pode requerer uma postura confortável, talvez uma cadeira específica, onde seja possível relaxar de imediato e onde uma atmosfera seja criada especificamente para esses exercícios de devoção, como a oração e a contemplação. Talvez devêssemos primeiramente levar a leitura espiritual a sério em um dia de feriado ou em férias; nesse contexto, sentimos a atmosfera informal e relaxante com o espaço de que necessitamos para exercícios e disciplinas assim. Um car-

taz em tom de brincadeira em uma estrada de Los Angeles dizia: "Com sorvete, todo dia pode ser um *sundae* (tipo de sorvete cuja palavra é semelhante a *Sunday*, domingo em inglês)." A verdade é que se cada dia é alimentado pela leitura espiritual, todos os dias são domingos.

5. Escolha os clássicos de fé e de devoção a partir de uma vasta gama de obras do povo de Deus

Temos observado que a pobreza da cristandade hoje requer recursos de todos os vinte séculos de tradições espirituais, sejam eles ortodoxos, católicos ou protestantes. Teríamos então necessidade de sermos hesitantes quanto a receber uma enorme variedade católica de experiências que outros santos de Deus experimentaram através dos séculos e culturas da humanidade? Na verdade, aqueles que experimentam as maiores riquezas da graça de Deus são os que mais têm condições de serem ecléticos em suas leituras espirituais. E isso eles podem fazer sem perder de modo algum

sua firmeza de fé e doutrina, nem serem descuidados quanto à verdade essencial do Evangelho.

Um exemplo de como a variedade pode enriquecer um cristão é o da vida e ministério do Dr. Alexander Whyte, um membro influente da Igreja Livre da Escócia, uma igreja que não é conhecida por seus interesses católicos. Quando tinha cinqüenta e seis anos de idade (1892), Alexander Whyte começou a ler as obras selecionadas de William Law. Ele escreveu uma antologia sobre as obras de Law em seu livro *The Characters and Characteristics of William Law* (As *Personalidades e Características de William Law).* No prefácio, ele disse acerca desse anglicano, "o estudo desse autor incomparável tem sido um período extraordinário em minha vida."[27]

Whyte então foi conduzido ao estudo de Teresa de Ávila, a respeito de quem ele também escreveu. Ele fez tributos a Lance-lot Andrewes, Sir Thomas Browne, Samuel Rutherford e ao padre russo John de Cronstadt. Em um período de sete anos, Alexan-der Whyte teve contato com um vasto cenário de espiritualidade através de autores que nunca havia conhecido antes. Ele começou então a perceber que a admiração e o amor dos grandes santos de Deus é de fato um estudo de grande valor.

"Exercitem a caridade", Whyte costumava exortar, "que se alegra com a verdade", sempre que ela for encontrada e por mais estranho que possa ser seu traje. "Os verdadeiros católicos, como o próprio nome diz, são os evangélicos esclarecidos, de mente aberta, de bom coração e espiritualmente exercitados; pois ele pertence a todos as facções, e todas as facções pertencem a ele."[28]

6. Cultivem amizades espirituais com amigos de alma a fim de que possam mutuamente ser beneficiados por um grupo de estudo ou por um programa de leitura compartilhado

Um grupo assim pode se encontrar a cada duas ou quatro semanas para ouvir e discutir livros lidos sucessivamente por membros do grupo. Em princípio, uma leitura como essa pode intensificar desafios espirituais profundos e gerar todo um novo sentido de percepção de realidades. Trata-se de uma reação comum questionar se alguém está perdendo o equilíbrio

ou mesmo ficando louco por ter convicções e anseios como esses. Pois assim como a recuperação de uma doença grave, a ameaça da morte ou uma experiência de profundo quebrantamento pode abrir novas portas de percepção, o novo desafio de ler místicos cristãos pode produzir o mesmo. É, portanto, muito importante estar sendo encorajado e conduzido sabiamente por aqueles que são mais experientes. Além disso, reações divergentes podem dar um sentido de proporção ou impressões parciais corretas. O alvo comum de crescer em Cristo, argumenta o apóstolo Paulo, é alcançar uma maturidade corporativa (veja Ef. 4:13,14).

Um amigo espiritual, disse o autor do século XII Aelred de Rievaulx em *Spiritual Friendship (Amizade Espiritual),* é aquele que é leal e tem as motivações certas, a discrição e a paciência para ajudar seu amigo a conhecer melhor a Deus.[29] Uma vez que as possibilidades de enganar a mim mesmo são infinitas, eu necessito de um guia espiritual para me manter honesto. Além disso, o amor de Deus é efetivamente desenvolvido somente quando meu amigo me ajuda a sair de mim mesmo e me mostra como posso entrar em um círculo mais amplo de percepções, onde posso ser mais honesto comigo mesmo.

Desse modo, revelação e honestidade podem dar forma ao companheirismo espiritual. A vida espiritual se baseia na revelação: a revelação de Cristo, que continuamente nos chama, no poder do Espírito Santo, para um relacionamento com ele. Ela se baseia na honestidade: honestidade com respeito àquilo que existe para ser observado e considerado. O companheirismo espiritual é um processo de nutrição e de confrontação, quando ambos são auxiliados pela leitura e pela descoberta da literatura devocional juntos.

Um verdadeiro amigo em Cristo irá me acordar, me ajudar a crescer e aprofundar minha consciência acerca de Deus. Pois o amor de Deus é mediado por relacionamentos humanos, por aqueles que se importam comigo, me encorajam e desejam que minhas afeições se tornem centradas em Deus. Na verdade, diz Aelred, Deus é amizade, de modo que a amizade com aqueles que têm a mente voltada para a espiritualidade me levará em direção à piedade. Talvez poucos de nós hoje levemos a amizade espiritual tão a sério.

7. Reconheça que as leituras espirituais lidam com obstáculos que o desanimam, distraem ou dissuadem, para que você não persista em sua leitura

Na maioria das vezes, nós não estamos discernindo o suficiente para enxergar ou questionar por que um livro pode não capturar imediatamente a nossa atenção, ou por que nos parece tão irrelevante. Isso pode ser causado pelo nosso próprio desânimo ou pelo nosso estado espiritual, conforme já descrito anteriormente. O desânimo pode mostrar sua carranca mesmo quando há sinais claros de que estamos sendo abençoados. Aquilo que os Pais do Deserto chamam de acídia, tédio, inércia ou depressão pode também ser a nossa aflição, quando somos tentados a crer que não estamos fazendo nenhum progresso espiritual.

Também podemos nos distrair com a leitura dos Pais porque nunca aprendemos a viver de um livro; o livro tem representado somente entretenimento. Depois de um passeio casual pelos programas na TV, a leitura concentrada talvez seja uma disciplina nova. Ou talvez nunca tenhamos vivenciado a experiência da sur-

presa e da admiração na presença de Deus, tal como à que algumas leituras espirituais irão nos incitar. Essa atitude pode, portanto, necessitar de desenvolvimento antes que possamos apreciar alguns mestres espirituais.

Também podemos ser dissuadidos de ir a fundo nos clássicos espirituais por causa de sua estrutura cultural e teológica limitada pelo tempo. Por exemplo, os níveis quádruplos de exegese utilizados na Idade Média para interpretar a Escritura necessitam de alguma compreensão e de afinidade antes que os sermões de Bernardo de Clairvaux possam significar muito para nós hoje. Místicos medievais ingleses, tais como o autor anônimo de A *Nuvem do Desconhecido,* Richard Rolle, Margery Kempe, Walter Hilton ou outros tornam-se de difícil leitura para nós quando insistem em que coloquemos de lado todo o pensamento humano em nossa contemplação de Deus. Eles argumentam que é o amor, e não a razão, que nos dá o verdadeiro entendimento. Eles falam em “discrição”, um determinado ponto espiritual de graça, humildade, contrição e profunda contemplação de Deus que é verdadeiramente requerido.

Mesmo a literatura posterior, tal como a dos puritanos, pode nos confundir por causa de seu estilo latinizado ou sua "precisão" em tabular títulos e subtítulos maiores e menores.[30] É fácil entender seu apelido de "Precisos" pelo modo como freqüentemente categorizavam ponto após ponto. É por essa razão, relacionada a mudança de vocabulários, loquacidade, mudanças de estilo, etc, que assumimos reescrever em uma linguagem mais contemporânea alguns desses clássicos, uma tarefa que muitos outros editores estão agora assumindo. Assim, restam poucas desculpas hoje, ao leitor moderno, para classificar esse material como ininteligível ou impreciso.

É bem verdade, no entanto, que o imaginário literário dessas obras seja freqüentemente o de uma cultura antiga. Obras como as de Bernardo, Teresa ou Bunyan podem parecer símbolos ultrapassados. No entanto, elas também possuem princípios de batalha espiritual, entrega do eu à comunhão com Deus ou da vigilância em relação à tentação, que permanecem para além do tempo. A mortificação será sempre um exercício vital, ou uma série de exercícios, na vida cristã.

8. Busque, em sua leitura, um equilíbrio entre os escritos modernos e os antigos

Lembre-se de que o escrito moderno não é provado, carece de qualidade e importância reconhecidas e freqüentemente reflete as manias do mercado. C. S. Lewis disse:

Um novo livro ainda está sob julgamento, e o amador não está em posição de julgá-lo... A única segurança é ter um padrão de cristianismo claro, central ("cristianismo puro e simples" como Baxter o chamou), que coloque as controvérsias do momento em sua devida perspectiva.

Um padrão assim só pode ser obtido a partir dos livros antigos. É uma boa regra, depois de ter lido um livro novo, nunca começar a ler outro novo sem que tenha lido um antigo antes. Se isso é muito para você, deveria ler um antigo a cada três novos.[31]

A despeito dessa precaução, quando a revista *Christianity Today* fez uma pesquisa popular dos "100 Melhores Livros Devo-cionais" (25 de setembro

de 1961), menos de um terço deles tinha mais de cem anos. A maioria dos escolhidos eram obras contemporâneas. Apropriadamente excluídas estavam as obras de religiosidade geral, tais como os livros populares de K. Gibran, obras de misticismo especulativo, tais como as de Mestre Eckart ou Jacob Boheme, obras refletindo o pensamento positivo contemporâneo ou obras de doçura e luz, todas do tipo que tem uma visão irreal do pecado na vida humana.

Ao mesmo tempo, muitos de nós sentimos a necessidade do ingresso em uma experiência espiritual mais profunda por meio do uso de escritores modernos, que abrem caminho a fim de seguir para além da mente moderna e secular e de volta às verdades eternas do cristianismo. O próprio C. S. Lewis necessitou da sanidade e do humor de G. K. Chesterton e da imaginação cristã de Geor-ge MacDonald para alimentá-lo simbolicamente. Ele pôde então se reportar à obra de Boécio, *Sobre a Consolação da Filosofia,* que deu a Lewis uma firme consciência da solidez da eternidade, que era mais que tempo sem medida. Mas é característica da literatura

que molda a vida o fato de que poucos autores sejam capazes de produzir isso em nós. Lewis nos asseguraria, portanto, assim como tantos outros têm experimentado, que ler de tudo pode produzir pouco efeito em profundidade, embora nos torne pessoas muito informadas.

Para muitos, hoje, o livro de Michel Quoist, *Orações da Vida,* tem revolucionado suas vidas de oração e trazido vida e humanidade às suas devoções. Eu fui primeiramente impactado pelo desafio de *Pureza de Coração é Desejar uma Coisa Só,* de Soren Kierkegaard. Ele é demolidor no que tange ao relacionamento com o Todo-Poderoso. P. T. Forsythe, em *Alma em Oração,* nos lembra que “o pior pecado é a falta de oração”. Oswald Chambers, em *Tudo para Ele*, tem estimulado muitos à busca espiritual. Ao mesmo tempo, nenhum livro devocional, passado ou presente, pode fazer qualquer coisa decisiva se não estivermos já buscando uma vida espiritual mais profunda, e preparados para recebê-la. Assim como há Salmoss para todos os estados de humor e necessidades da vida, também deveria haver um equilíbrio em nossas leituras. Às vezes, tudo o de que necessitamos é leitura teológica sólida, como as *Institutas,* de Calvino. Outras vezes, a celebração de *Séculos*, de Thomas Traherne, ou os poemas

de *Templo,* de George Herbert, são mais apropriados. João da Cruz combina alguns dos melhores textos da literatura espanhola com expressões do mais intenso sofrimento e fervor por Deus em *Noite Escura da Alma*. Os hinos de John e Charles Wesley, ou o *Diário,* de George Whitefield, ou as *Cartas,* de Fènelon, ou o *Pensamentos,* de Pascal abrangem as mais variadas expressões da alma diante de Deus. A diversidade acrescenta equilíbrio à nossa dieta espiritual.

9. Acrescente à sua leitura espiritual a manutenção de um diário ou de um caderno de reflexões

Os puritanos costumavam argumentar que, assim como o capitão de uma embarcação mantinha seus registros, ou o médico anotava seus casos, ou um negociante controlava a sua contabilidade, os cristãos, do mesmo modo, devem manter registros de Deus, diários e curtos.

Na verdade, a partir dessa tradição de manter um diário, nós temos alguns dos maiores tesouros da literatura espiritual. Pensamos em John Bunyan e o seu *Graça Abundante para o Maior* dos *Pecadores,* nas *Memórias,* de David Brainerd, nos diários Quaker de homens como George Fox e John Woolman, nos diários de John Wesley e George Whitefield. Seus exemplos ainda nos encorajam não apenas a registrar sucessos espirituais, mas também a observar a bondade de Deus em nossos fracassos, depressões e restaurações. Eles também nos estimulam a considerar as pequenas coisas que podem parecer triviais e sem importância e que, no entanto, são também mantidas sob o cuidado atencioso de Deus. Do mesmo modo, haverá ocasiões quando a nossa aridez de espírito poderá sugerir que o nosso estudo e a nossa meditação devocionais são despropositados e inúteis. Nessas horas, o registro fiel e continuado, preservado como um trabalho de amor, se mostrará como algo oferecido para a honra de Deus em todas as circunstâncias.

Escrever é também um exercício útil e reflexivo. Ajuda-nos a esclarecer os pensamentos quando nossas emoções estão confusas ou inativas; ajuda-nos a manter as coisas dignas de nota e edificantes. Os frutos de nossa meditação também são preservados quando “pensamentos maravilhosos” poderiam muito facilmente se evaporar de novo.

Para alguns, manter um diário parece um exercício muito árduo e grandioso. Outros jamais irão adquirir esse hábito. No entanto, suas autobiografias espirituais são ainda vitais para eles, pois foram ensinados a ver cada evento que acontece desde a sua conversão como algo significativo. Em alguns círculos, isso pode gerar uma ênfase doentia em uma experiência definitiva que determina o passado, o presente e o futuro de tal modo que nenhum progresso espiritual é feito subseqüentemente. Tudo aconteceu de uma vez por todas. Não, se somos peregrinos, pois a vida então permanece em aberto diante de nós, de modo que a nossa autobiografia espiritual ainda está sendo elaborada. Tentativas prematuras de finalizar a "história", na conversão, ou na "segunda bênção", ou mediante a recepção de um dom ou percepção específicos devem ser rechaçadas.

Talvez, então, precisemos exercitar mais o senso de autobiografia espiritual em nossas vidas, quer por meio da manutenção de

um diário, pequenas anotações diárias, memórias ou apenas uma lista constante de gratidão pelas muitas circunstâncias que Deus tem transformado em nossas experiências. Mas precisamos evitar a expressão muito freqüente de testemunhos públicos que podem ser exagerados ou espiritualmente desperdiçados pela superexposição. O herói de Dostoievsky em *Notas do Subterrâneo* argumenta que "a consciência é uma doença."[32] O culto à auto-realização desta "Geração Eu" é certamente uma praga mortal entre nós hoje. Talvez o resgate da autobiografia nos ajude. Pois toda autobiografia é uma busca por um padrão significativo para a vida, e todas essas buscas estão fadadas à futilidade sem a referência de nosso Criador e Redentor. Pois a ausência de Deus em nossos pensamentos e decisões, desejos e deleites, é o que torna nosso desconforto tão freqüentemente demoníaco.

A manutenção de um diário juntamente com a nossa leitura devocional nos ajudará a fazer de nossa leitura uma dieta regular. Será também uma forma de autodirecionamento no cultivo da consciência, de um conhecimento de Deus, ao invés de um conhecimento próprio. Trata-se de uma maneira de viver que nos prepara para o Céu. O Bispo Joseph Hall, que registrou muitas de suas meditações, nos lembra que reflexões assim registradas são

“a atividade espiritual do cristão, pois, assim como não é possível viver sem um coração, do mesmo modo não é possível ser dedicado a Deus sem meditação”.[33] O registro das meditações nos lembrará constantemente da longa jornada da alma diante de Deus.

10. Escolha cuidadosamente a obra devocional que você deseja ler pensando nos benefícios transformadores para a sua alma. Ore com seriedade e busque alguém que o ajude em sua procura

Há tantos livros de caráter espiritual disponíveis que você pode se sentir desencorajado a começar, tamanha a variedade. Primeiro de tudo, portanto, faça distinção entre os clássicos “primários”, que são leitura básica, das fontes de apoio “secundárias”, que são apenas clássicos menores em importância. Podemos então chamar de “leitura terciária” os textos sobre a história da espiritualidade, biografias e outros materiais que ajudem a reforçar o

contexto dos clássicos primários. O “quarto” tipo de leitura é a vasta literatura devocional contemporânea, que ainda não se tornou permanente ou obteve interesse e valor perenes.

Não imite a escolha de outra pessoa por um clássico porque suas necessidades podem ser distintas. O conselho de um amigo espiritual pode se fazer necessário para ajudá-lo a descobrir o livro certo, que possa permanecer como seu companheiro para o resto da vida. Se você ainda não tem um guia espiritual, a sugestão a seguir pode ajudar.

Se você sente que seus piores inimigos ainda estão dentro de você - culpa, luxúria, uma vida cristã de constantes derrotas - então *Confissões* de Agostinho pode ser o livro certo para você. Muitos de nós nos identificaremos com o reconhecimento de Agostinho de que adiou sua exploração e submissão ao cristianismo porque realmente desejava que sua luxúria por sexo, beleza e sucesso o satisfizesse, ao invés da cura. “Senhor, torna-me puro, mas ainda não”. A honestidade e abertura de Agostinho diante de Deus são muito alentadoras, em se tratando de toda uma vida de acúmulo de coisas e do adiamento da catarse da alma, a qual muitos de nós desejamos tão intensamente.

Se você busca um relacionamento genuíno com Deus e tem sentido a ausência de um discipulado verdadeiro diante Dele, então A *Imitação de Cristo* de Thomas à Kempis pode ser o chamado incisivo que está procurando. A tradição que deu origem a essa pequena obra foi a das notas (ripiaria) ou coleção de frases das Escrituras e dos Pais que se tornaram um foco para meditação, não somente para Thomas à Kempis, como também para incontáveis gerações de "comprometidos". Por que não se juntar a esse grupo nobre de devotos?

Se você vê a vida como uma constante luta e se sente tentado a desistir por conta do desânimo e da fraqueza, então talvez *Combate Espiritual*, de Lorenzo Scupoli, seja o de que você precisa. Ele só perde para *Imitação de Cristo em* termos de influência, particularmente no leste da Europa, desde a sua publicação, em 1589. Francisco de Sales o manteve ao lado da cama por dezesseis anos, "o livro de ouro, querido" que lia todos os dias. Para aqueles que necessitam ser dóceis consigo mesmos em auto-rejeição, as meditações do próprio Francisco de Sales, *Introdução à Vida De-*

votada, são um doce buquê de alívio diário para muitos espíritos sensíveis.

Apaixonar-se por Deus parece algo temerário para muitos cristãos. Talvez seja possível viver essa experiência lendo o clássico de Jean Pierre de Caussade, *Abandono à Providência Divina.* Ele foi recentemente retraduzido para o inglês por Kitty Mug-geridge como *O Sacramento de Cada Momento* e tem o mesmo tema desta obra. O livro do irmão Lawrence, A *Prática da Presença de Deus,* pertence à mesma tradição da devoção francesa do século XVII.

Tudo isso pode encorajá-lo a retornar ao século XII que, a exemplo do nosso, estava muito preocupado com a descoberta do individual através do amor romântico. A resposta de Bernardo de Claurvaix e de seus amigos foi ver o amor de Deus como a fonte da verdadeira pessoalidade. O homem sendo chamado para o amor, e a fonte do amor é o próprio Deus. A nossa integridade e a profunda compreensão de nós mesmos se aprofundam quando nos apaixonamos por Deus como uma realidade permanente. Assim, pequenas obras como *Sobre o Amar a Deus, Amizade Espiritual* e meditações em *Cântico dos Cânticos* nos ajudam a entrar dentro dessa realidade.[34]

Se você sente a necessidade de nutrir a sua vida devocio-nal com estudo teológico sólido, as *Institutas* de Calvino, Parte 3, foram escritas com esse propósito, embora sejam freqüentemente negligenciadas. Antes de começar, talvez ache útil ler *Cristianismo Verdadeiro*, de William Wilberforce, um ataque corajoso à religião civil, feito por um líder abolicionista contra a escravidão. Se a sua teologia é clara, mas seus sentimentos estão confusos e fracos com relação a Deus, então o *Tratado Sobre as Afeições Religiosas* permanece único em se tratando dessa necessidade de desejos disciplinados para com Deus.[35] Esse é um livro que demanda a restauração do homem pós-moderno.

Talvez você também precise retornar aos livros da infância, tais como *O Peregrino*, de John Bunyan, para observar em níveis mais profundos aquilo que não tem idade e serve a todas as gerações. Reviver nossa infância com Deus pode ajudar-nos a redimir o passado visando ao enriquecimento do futuro, como C. S. Lewis fez com os contos de George MacDonald. Precon-

ceitos da infância às vezes necessitam ser descongelados, por meio da releitura de fontes que, no passado, bloqueavam o nosso progresso.

Em suas *Máximas*, João da Cruz resume aquilo que temos tentado dizer. “Busque, por meio da leitura, e você encontrará meditando; clame em oração, e a porta será aberta na contem-plação.”[36] Mas, ele admite, aqueles que são “peregrinos por diversão e não por devoção são muitos.” Ele então nos adverte, “nunca permita que entre em sua alma aquilo que não seja substancialmente espiritual, pois, se você assim o permitir, perderá a doçura da devoção e da recordação.” E ele acrescenta, “viva no mundo como se somente Deus e a sua alma estivessem nele; e que o seu coração não seja cativado por nada que seja terreno”.

James M. Houston

NOTAS

1. Eclesiastes 3:11.

2. C. S. Lewis, *Peso de Glória* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1993).

3. C. S. Lewis, *God in the Dock*, Walter Hooper, ed. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1970), 200-207.

4. Citado em G. F. Barbour, *The Life of Alexander White* (New York: George H. Doran Co., 1925), 117-118.

5. Citado em Richard L. Greeves, *John Bunyan* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1969), 16.

6. F. J. Sheed, ed., *The Confessions of St. Augustine* (New York: Sheed & Ward, 1949), 164.

7. Ibid.

8. Steven Ozment, *The Age of Reform, 1250-1550* (New Ha-ven, CT: Yale University Press, 1980), 239.

9. Robert G. Tuttle, *John Wesley: His Life and Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978), 58.

10. Ibid., 100.

11. Ibid., 65.

12. Earnes W. Bacon, *Spurgeon: Heir of the Puritans* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1968), 108.

13. C. H. Spurgeon, *Commenting and Commentaries* (Lon-don: Banner of Truth, 1969), 2-4.

14. Richard Baxter, *Practical Works*, William Orme, ed. (London: James Duncan, 1830), 4:266.

15. Efésios 3:20.

16. C. S. Lewis, *God in the Dock*, 200-201.

17. A. G. Sertillanges, *The Intellectual Life*, (Westminster, MD: Christian Classics, 1980), 152-154.

18. Soren Kierkegaard, *Purity of Heart Is to Will One Thing* (New York: Harper & Row, 1954), 184.

19. Ibid., 193.

20. Ibid.

21. Carlos Corretto, *Letters from the Desert* (London: Dar-ton, Longman, Todd, 1972), 32.

22. Veja John Owen, *Triunfo Sobre a Tentação*, James M. Houston, ed. (Brasília, Editora Palavra, 2007).

23. Jean Leclerc, *Contemplative Life* (Kalamazoo, MI: Cister-cian Publications, 1978), 109.

24. Citado por Leclerc, *Contemplative Life*, 117.

25. Ibid., 116.

26. John Owen, *Triunfo Sobre a Tentação*, James M. Houston, ed. (Brasília, Editora Palavra, 2007).

27. G. F. Barbour, *Life of Alexander Whyte*, 378.

28. Ibid., 389.

29. Bernardo de Clairvaux e seus amigos, *The Love of God*, James M. Houston, ed. (Portland, OR: Mutlnomah Press, 1983), 233-251.

30. Veja por exemplo Richard Baxter, *Watch Your Walk*, James M. Houston, ed. (Colorado Springs: Victor Books, 2004).

31. C. S. Lewis, *God in the Dock*, 201-202.

32. Citado por Roger Pooley, *Spiritual Autobiography* (Cam-bridge: Grove Books, Bramcote, Notts, 1983), 6.

33. Joseph Hall, *The Works* (London: M. Flesher, 1647), 114.

34. Bernardo de Clairvaux, *The Love of God*.

35. Jonathan Edwards, Uma *Fé Mais Forte que as Emoções*, James M. Houston, ed. (Brasília, Editora Palavra, 2007).

36. David Lewis, ed., *The Works of St. John of the Cross* (London: Thomas Baker, 1891).

[1]

N. T. termo cunhado a partir do personagem da mitologia grega Procusto, que convidava os viajantes a se hospedarem em sua casa, mas tinha uma cama muito grande e outra cama minúscula. Durante a noite, ele procurava adequar o viajante à cama escolhida, serrando os pés dos que optavam pela cama pequena ou esticando os que escolhessem a cama grande. Seu objetivo era colocar cada um na sua medida, ou melhor, no seu métron.

Table of Contents

UMA FÉ MAIS FORTE QUE AS EMOÇÕES
PARTE I
PARTE II
PARTE III
Capítulo V
Capítulo vii
Capítulo IX
Apêndice